ALMANACH LITTERARIO

DE

SÃO PAULO

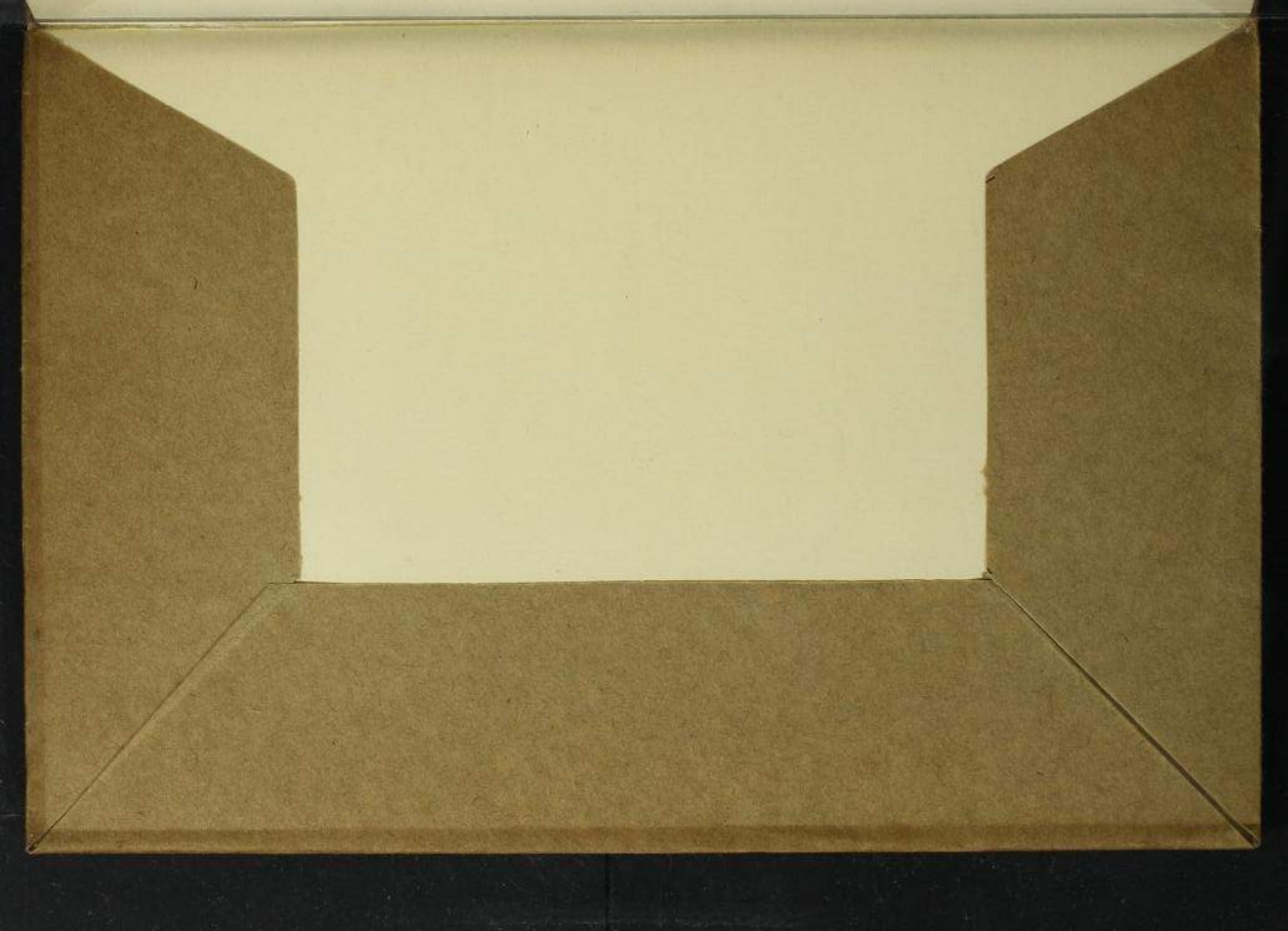
PARA O ANNO DE

1879

PUBLICADO
POR

JOSÉ MARIA LISBOA

4.º ANNO



ALMANACH LITTERARIO

DE

S. PAULO

PARA

1879

acompanhado de uma melodia para piano pelo maestro
Sant'Anna Gomes

PUBLICADO POR

José Maria Lisboa

IV ANNO

S. PAULO

TYP. DA «PROVINCIA», RUA DA IMPERATRIZ, 41

1878

AO LEITOR

Vae ser entregue á publicidade o *Almanach Litterario de S. Paulo* para 1879, completando o 4º anno de seu apparecimento.

Ainda desta vez temos a lamentar a ausencia de grande numero de escriptores paulistas, que aqui deviam figurar, mas de quem infelizmente cousa alguma se póde conseguir, apezar de todas as sollicitações.

O traçado que nos impozemos de fazer um livro paulista, publicando sómente artigos originaes e documentos historicos valiosos, é de quasi impossivel realisação, embora a melhor boa vontade e os maiores esforços.

Entretanto o leitor encontrará no correr desta modesta publicação um bom numero de composições, escriptas para ella especialmente, o que prova que nem todos são do mesmo accordo e que se encontram já muitos cavalheiros dispostos a cuidar de assumptos relativos a cousas da provincia, avigorando assim o nosso pensamento e tractando do que lhes é proprio.

Em quanto podermos continuaremos nesta tarefa e acreditamos que a repugnancia até hoje manifestada hade ir pouco a pouco desvanecendo-se e, em breve, as difficuldades serão menores, senão para

nós, para outros que emprehendam trabalhos desta ordem.

Parece-nos que na provincia não só abundam os talentos, como os assumptos, que poderão encher livros ricos de curiosidades e interesse para todos; o que falta sim, é o habito e boa vontade de escrever para a imprensa, excepção feita em favor da polemica politica, que tudo avassalla.

Approveitamos o ensejo para recommendar aos que de futuro nos houverem de honrar com seus escriptos, que devem ser elles o mais resumidos possivel, não só para maior variedade do livro, como ainda por ser essa a indole destas publicações.

Agradecendo deste logar a quantos nos hão obsequiado já com trabalhos litterarios, já com serviços de outra ordem, não podemos esquivar-nos a mencionar os nomes do illustrado medico o sr. dr. Luiz Pereira Barreto e do distincto maestro o sr. Sant'Anna Gomes.

O primeiro obsequiou-nos com o interessante Guia Medico, que o leitor encontrará no fim do presente volume e que, ao certo, será recebido com o maior acolhimento pelo merito real que tem em si e pelos serviços que irá a todos prestar.

O segundo acudiu de prompto ao nosso appello enviando-nos a excellente melodia para piano que vae enfeixada neste *Almanach*.

Ainda desejariamos mencionar o nome de duas illustres senhoras que para elle collaboraram se esse prazer nos não houvesse sido antecipadamente vedado.

S. Paulo, 25 de Setembro de 1878.

José Maria Lisboa.

NOMES

DAS

PESSOAS QUE ILLUSTRAM AS FOLHAS DESTE ALMANACH

Affonso Celso Junior
Alberto Sallus
Americo Braziliense (dr.)
Antonio Ferreira Garcez (dr.)
Azevedo Sampaio
A. Carlos de Almeida
Brazilio Machado (dr.)
Braziliana (campineira)
Carlos Ferreira
Carlos Ilidro da Silva (dr.)
Corrêa Junior
Diogo Antonio Feijó (senador)
Estevam Leão
Francisco de Assis Vieira Bueno (dr.)
F. A. Machado de Vasconcellos
F. I. X. d'Assis Moura
F. Diniz
F. Rangel Pestana (dr.)
Generino dos Santos (dr.)
Gonçalves Crespo
Hypolito de Camargo (dr.)
Hypolito da Silva

José Bonifacio (conselheiro)
José Maria Lisboa
João Tebiriçá Piratininga
João Kopke (dr.)
J. José Machado de Oliveira (brigadeiro)
J. R. de Campos Carvalho (dr.)
João Penha
Joaquim de Paula Souza (dr.)
Lucio de Mendonça (dr.)
Luiz de Andrade
Luiz Pereira Barreto (dr.)
M. F. Campos Salles (dr.)
M. E. de Azevedo Marques (major)
M. de Moraes Barros (dr.)
M. Monteiro de Godoy (dr.)
Prudente de Moraes (dr.)
Roberto M. d'Azevedo Marques
Ricardo G. Dauntre (dr.)
Saint Hilaire
Saxs-Souci (paulista)
Theophilo Dias
Tristão Mariano da Costa

———

COMPUTO ECCLESIASTICO

Periodo Juliano.	6593
Cyclo Solar	12
Aureo Numero	18
Epacta	XXVII
Indição Romana.	7
Lettra Dominical.	e
Lettra do Martyrologio	g

Festas moveis

Septuagesima	9 de Fevereiro
Dia de Cinzas	29 de Fevereiro
Paschoa	13 de Abril
Rogações *(Ladainhas)* . . .	19, 20, 21 de Maio
Ascenção	22 de Maio
Pentecoste (Espirito-Santo) . .	1 de Junho
Dominga da SS. Trindade . . .	8 de Junho
Corpo de Deus	12 de Junho
Sagrado Coração de Jesus . . .	20 de Junho
Primeira Dominga de Advento . .	30 de Novembro

Temporas

Primeiras	5, 7, 9 de Março
Segundas	4, 6, 7 de Junho
Terceiras	17, 19, 20 de Setembro
Quartas	17, 19, 20 de Dezembro

Nupcias

As Bençãos Nupciaes são prohibidas desde a 1ª Dominga do Advento (30 de Novembro) até o dia de Reis inclusivè (6 de Janeiro) e desde quarta-feira de Cinzas (26 de Fevereiro) até a Dominga *in Albis*, inclusivè (20 de Abril).

Estações do anno referidas ao hemispherio do sul

Outono	20 de Março
Inverno	21 de Junho
Primavera	23 de Setembro
Verão	22 de Dezembro

Eclipses

No anno de 1879, haverá dous eclipses do sol e da lua.

O primeiro eclipse do sol será annular e visivel para o Brazil, terá logar no dia 22 de Janeiro, principiando para a terra em geral ás 6 horas 6^{m} 56^{s} da m. (Tempo medio do Rio de Janeiro). na lat. 24° S. e na long. 7° 55' O. do Rio de Janeiro e terminando ás 11 h. 53^{m} 37^{s} da manhã, na lat. 11° 20' N., e na long. 90° 26' E. do Rio de Janeiro.

O segundo eclipse do sol será annular e invisivel para o Brazil, terá logar no dia 19 de Julho principiando para a terra em geral ás 3 h. 18^{m} 11^{s} da m. (tempo medio no Rio de Janeiro) na lat. 10° 32' N. e na long. 37° 55' E. do Rio de Janeiro, e terminando ás 9 h. 5^{m} 30^{s} da manhã, na lat. 20° 31' S., e na long. 126° 58' E. do Rio de Janeiro.

O eclipse da lua será parcial e invisivel para o Brazil. Terá logar a 28 de Dezembro, sendo-:

O 1° contacto com a penumbra, ás 10 h. 56^{m} 48" da m.

O 1° contacto com a sombra a 0 h. 44^{m} 53" da t.

Meio do eclipse, á 1 h. 33^{m} 36" da t.

Ultimo contacto com a sombra, ás 2 h. 22^{m} 18 da t.

Ultimo contacto com a penumbra ás 4 h. 7^{m} 23" da t.

JANEIRO

PHASES DA LUA

☉ Cheia, a 8 ás 8 h. 55' 17" da manhã
☾ Mingoante, a 15, ás 8 h. 9' 22" da manhã
● Nova, a 22, ás 8 h. 58' 16" da manhã
☽ Crescente, a 30, ás 8 h. 52' 16" da manhã

1 Quarta, Circumcisão de N. S. Jesus Christo.
2 Quinta, s. Isidoro, b.
3 Sexta, s. Antero, papa m.
4 Sabbado, s. Tito, b.
5 DOMINGO, s. Telesphoro, papa m.
6 Segunda, ✠ Dia de Reis.
7 Terça, o. b. Luciano, presb. m.
8 Quarta, ☉ s. Luciano, presb.
9 Quinta, s. Julião.
10 Sexta, s. Nicanor, diac.
11 Sabbado, s. Hygino, papa e m.
12 DOMINGO, s. Taciana, m.
13 Segunda, s. Potito, m.
14 Terça, s. Hilario, b. e d.
15 Quarta, ☾ s. Paulo
16 Quinta, s. Marcellino, papa e m.
17 Sexta, s. Antão, abb.
18 Sabbado, s. Prisca v. e m.
19 DOMINGO, o ss. nome de Jesus.
20 Segunda, ✠ s. Sebastião, m.
21 Terça, s. Ignez, m.
22 Quarta, ● s. Vicente, m.
23 Quinta, s. Raymundo de Penaforte.
24 Sexta, s. Timotheo, b. e m.
25 Sabbado, ✠ Conversão de s. Paulo.
26 DOMINGO, s. Policarpo. b. m.
27 Segunda, s. João Chrisostomo, b. e d.
28 Terça. s. Gonçalo de Amarante.
29 Quarta, s. Francisco de Salles, b. e d.
30 Quinta, ☽ s. Martinha, v. e m.
31 Sexta, s. Pedro Nolasco.

FEVEREIRO

PHASES DA LUA

● Cheia, a 6, ás 10 h. 48' 58" da tarde
☾ Mingoante, a 13, ás 4 h. 0' 52" da tarde
○ Nova, a 21, á 1 h. 10' 28" da manhã.

1 Sabbado, s. Ignacio, b. m.
2 DOMINGO, Purificação de Nossa Senhora.
3 Segunda, s. Braz.
4 Terça, s. André Cursino, b.
5 Quarta, s. Agueda, v. m.
6 Quinta ● s. Dorothéa, v. m.
7 Sexta, s. Romualdo.
8 Sabbado, s. João da Matta.
9 DOMINGO, da Septuagessima, s. Appolonia.
10 Segunda, s. Escolastica, v.
11 Terça, s. Saturnino.
12 Quarta, s. Eulalia.
13 Quinta, ☾ s. Catharina de Riccis, v.
14 Sexta, s. Valentim, m.
15 Sabbado, s. Faustino.
16 DOMINGO da Septuagessima o b. Onesino, b.
17 Segunda, s. Faustino.
18 Terça, Paixão de N. S. Jesus Christo.
19 Quarta, s. Conrado Placentino.
20 Quinta, s. Tyrannio.
21 Sexta, ○ s. Verulo.
22 Sabbado, o b. Papias, b.
23 DOMINGO, da Quinquagessima, s. Pedro Damião, b.
24 Segunda, s. Mathias; apostolo.
25 Terça, s. Victorino.
26 Quarta, Cinzas, o b. Nestor.
27 Quinta, s. Alexandre.
28 Sexta, s. Macario.

MARÇO

PHASES DA LUA

☽ Crescente, a 1, ás 5 h. 5' 46" da manhã
☉ Cheia, a 8, ás 10 h. 16' 46" da manhã
☾ Mingoante, a 15, a 0 h. 48' 16" da tarde
● Nova, a 22, ás 6 h. 11' 52" da tarde
☽ Crescente, a 30, ás 10 h. 12' 10" da tarde.

1 Sabbado, ☽ s. Donato.
2 DOMINGO, 1.ª da Quaresma, os ss. Jovino e Basilio, mm.
3 Segunda, s. Marino, soldado.
4 Terça, s. Casimiro.
5 Quarta, *(Temporas)* s. Phocas, m.
6 Quinta, s. Victor.
7 Sexta *(Temporas)* s. Thomaz de Aquino.
8 Sabbado ☉ *(Temporas)* s. João de Deus.
9 DOMINGO, 2ª da Quaresma, s. Francisca Romana, viuva.
10 Segunda, ss. Caio e Alexandre, mm.
11 Terça, s. Heraclio.
12 Quarta, s. Gregorio Magno, papa e doutor.
13 Quinta, s. Sancha, v.
14 Sexta, s. Pedro.
15 Sabbado, ☾ s. Longuinhos, soldado.
16 DOMINGO, 3ª da Quaresma, o b. Hilario.
17 Segunda, s. Patricio, b.
18 Terça, s. Gabriel, archanjo.
19 Quarta, s. José.
26 Quinta, s. Archippo.
21 Sexta, s. Bento, abb.
22 Sabbado, ● s. Emygdio, b. m.
23 DOMINGO, 4ª da Quaresma, s. Felix.
24 Segunda, s. Marcos.
25 Terça, ✠ Annunciação de Nossa Senhora.
26 Quarta, s. Castulo, m.
27 Quinta, s. Alexandre, soldado.
28 Sexta, s. Prisco.
29 Sabbado, s. Jonas.
30 ☽ DOMINGO da Paixão.
31 Segunda, s. Amós.

ABRIL

PHASES DA LUA

☉ Cheia, a 6, ás 7 h. 31' 52" da tarde.
☾ Mingoante, a 13, ás 11 h. 16' 28" da manhã
● Nova, a 21, ás 11 h. 2' 58" da manhã
☽ Crescente, a 29, ás 11 h. 23' 46" da manhã.

1 Terça, s. Theodora, m.
2 Quarta, s. Francisco de Paula.
3 Quinta, s. Pancracio, b. m.
4 Sexta, s. Isidoro.
5 Sabbado, s. Vicente Ferreira.
6 ☉ DOMINGO DE RAMOS.
7 Segunda, s. Epiphanio, b.
8 Terça, s. Edesio, m.
9 QUARTA FEIRA DE TREVAS.
10 QUINTA FEIRA SANTA.
11 SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO.
12 SABBADO DE ALLELUIA.
13 ☾ DOMINGO DE PASCHOA.
14 Segunda, s. Tiburcio.
15 Terça, ss. Basilissa e Anastacia, mm.
16 Quarta. s. Engracia, v. m.
17 Quinta, s. Aniceto, papa, m.
18 Sexta, o b. Apollonio, senador.
19 Sabbado, s. Timon, diac.
20 DOMINGO, s. Sulpicio.
21 ● Segunda, N. S. dos Prazeres.
22 Terça, s. Sotero, papa, m.
23 Quarta, s. Jorge, m.
24 Quinta, s. Fidelis de Sygmaringa, m.
25 Sexta, *Ladainhas*, s. Marcos.
26 Sabbado, s. Cleto, papa, m.
27 DOMINGO, N. S. do Desterro.
28 Segunda, s. Paulo da Cruz.
29 ☽ Terça, s. Pedro, m.
30 Quarta, s. Catharina de Sena.

MAIO

PHASES DA LUA

☉ Cheia, a 6, ás 3 h. 19' 16" da manhã
☾ Minguante, a 12, ás 11 h. 43' 10" da tarde
● Nova, a 21, ás 2 h. 57' 52" da manhã
☽ Crescente, a 28, ás 8 h. 44' 4" da tarde.

1 Quinta, s. Philippe.
2 Sexta, s. Athanasio, b. e d.
3 Sabbado, s. Alexandre, papa.
4 DOMINGO, s. Monica.
5 Segunda, s. Pio V.
6 ☉ Terça, s. João.
7 Quarta, s. Estanislau.
8 Quinta, apparição de s. Miguel Archanio.
9 Sexta, s. Gregorio.
10 Sabbado, s. Antonio, b.
11 DOMINGO, s. Francisco de Jeronymo.
12 ☾ Segunda, s. Nerêo.
13 Terça, s. Lucio, presb.
14 Quarta, s. Bonifacio, m.
15 Quinta, s. Isidoro Agricola.
16 Sexta, s. Ubaldo, b.
17 Sabbado, s. Paschoal Baylão.
18 DOMINGO, s. Venancio, m.
19 Segunda *(Ladainhas)* s. Pedro Celestino, papa.
20 Terça *(Ladainhas)*, s. Bernardino de Sena.
21 ● Quarta *(Ladainhas)*, s. Timotheo.
22 Quinta ✠ Ascenção de N. S. Jesus Christo.
23 Sexta, s. Epitacio, b.
24 Sabbado, s. Manahen, propheta.
25 DOMINGO, s. Gregorio VII, papa.
26 Segunda, s. Philippe Nery.
27 Terça, s Maria Magdalena.
28 ☽ Quarta, s. Emilio.
29 Quinta, s. Restituto, m.
30 Sexta, s. Felix, papa.
31 Sabbado, s. Angela Mericia, v.

JUNHO

PHASES DA LUA

☉ Cheia, a 4, ás 10 h. 43' 4" da manhã
☾ Mingoante, a 11, ás 2 h. 3' 28" da tarde
● Nova, a 19, ás 5 h. 26' 58" da tarde
☽ Crescente, a 27, ás 2 h. 3' 22" da manhã.

1 DOMINGO, s. Juvencio.
2 Segunda, s. Marcellino, presb.
3 Terça, os ss. Pergentino e Laurentino, irmãos.
4 ☉ Quarta, *(Temporas)* s. Francisco Caracciolo.
5 Quinta, s. Bonifacio, b m.
6 Sexta, *(Temporas)*, s. Norberto, b.
7 Sabbado, *(Temporas)* s. Paulo.
8 DOMINGO, da SS. Trindade.
9 Segunda, s. Primo.
10 Terça, s. Margarida, rainha d'Escossia.
11 ☾ Quarta, s. Barnabé, apostolo.
12 Quinta ✠ Corpus Christi.
13 Sexta, s. Antonio de Lisboa.
14 Sabbado, s. Basilio Magno, b.
15 DOMINGO, s. Vito.
16 Segunda, s. João Francisco Regis.
17 Terça, s. Thereza, viuva.
18 Quarta, s. Marcos.
19 ● Quinta, s. Juliana Falconeria, v.
20 Sexta, o Sagrado Coração de Jesus.
21 Sabbado, *(Jejum)* s. Luiz Gonzaga.
22 DOMINGO, s. Paulino, b.
23 Segunda, s. João, presb. m.
24 Terça, ✠ Nascimento de S. João Baptista.
25 Quarta, s. Sucipater.
26 Quinta, s. João e s. Paulo.
27 ☽ Sexta, s. Crescente.
28 Sabbado, s. Leão II, papa.
29 DOMINGO, os ss. apostolos Pedro e Paulo.
30 Segunda. commemoração de s. Paulo.

JULHO

PHASES DA LUA

☉ Cheia, a 3, ás 6 h. 45' 10" da tarde
☾ Mingoante, a 11, ás 6 h. 1' 40" da manhã.
● Nova, a 19, ás 6 h. 13' 22" da manhã
☽ Crescente, a 26, ás 7 h. 42' 58" da manhã.

1 Terça, s. Arão.
2 Quarta, a visitação de Nossa Senhora a Santa Isabel.
3 Quinta, ☉ s. Triphon, m.
4 Sexta, os ss. Ozeas e Aggeo.
5 Sabbado, s. Miguel dos Santos.
6 DOMINGO, s. Isaias.
7 Segunda, s. Pulcheria, v.
8 Terça, s. Izabel, rainha de Portugal.
9 Quarta, s. Veronica Juliana.
10 Quinta, s. Januario.
11 Sexta ☾ s. Pio, papa.
12 Sabbado, s. João Gualberto.
13 DOMINGO. s. Anacleto, papa.
14 Segunda, s. Boaventura.
15 Terça, s. Henrique.
16 Quarta, Nossa S. do Monte do Carmo.
17 Quinta, s. Aleixo.
18 Sexta, s. Simphorosa e seus sete filhos.
19 Sabbado, ● s. Vicente de Paulo.
20 DOMINGO, o Anjo Custodio do imperio, s. Julia.
21 Segunda, s. Praxedes.
22 Terça, s. Maria Magdalena.
23 Quarta, s. Apollinario, b. m.
24 Quinta, s. Christina, v. m.
25 Sexta, sant'Iago, apostolo.
26 Sabbado, ☽ Sant'Anna Mãe de Nossa Senhora.
27 DOMINGO, s. Pantaleão, medico.
28 Segunda, s. Victor, papa.
29 Terça, s. Martha, v.
30 Quarta, os ss. Abdon e Sennen.
31 Quinta, s. Ignacio de Loyola.

AGOSTO

PHASES DA LUA

☉ Cheia, a 2, ás 4 h. 19' 28" da manhã
☾ Mingoante, a 9, ás 11 h. 16' 10" da tarde
● Nova a 17, ás 5 h. 17' 58" da tarde
☽ Crescente a 24, a 0 h. 19' 10" da tarde
☉ Cheia a 31, ás 4 h. 5' 16" da tarde.

1 Sexta, s. Pedro.
2 Sabbado ☉ s. Affonso Maria de Ligorio, b.
3 DOMINGO, s. Hermelo.
4 Segunda, s. Domingos.
5 Terça, s. Afra, m.
6 Quarta, s. Xisto II, papa.
7 Quinta, s. Caetano.
8 Sexta, s. Cyriaco.
9 Sabbado ☾ s. Romão, soldado.
10 DOMINGO, s. Lourenço.
11 Segunda, s. Tiburcio.
12 Terça, s. Clara.
13 Quarta, s. Hyppolito.
14 Quinta, s. Eusebio.
15 Sexta ✠ Assumpção de Nossa Senhora.
16 Sabbado, s. Jacintho.
17 DOMINGO ● s. Joaquim.
18 Segunda, s. Agapito.
19 Terça, s. Luiz.
20 Quarta, s. Bernardo.
21 Quinta, s. Joanna Francisca.
22 Sexta, s. Timotheo.
23 Sabbado, s. Philippe Benicio.
24 DOMINGO ☽ Sagrado Coração de Maria
25 Segunda, s. Luiz.
26 Terça, s. Zepherino, papa.
27 Quarta, s. José de Calasans.
28 Quinta, s. Agostinho.
29 Sexta, degolação de s. João Baptista.
30 Sabbado, s. Rosa de Lima.
31 DOMINGO ☉ s. Raymundo Nonnato.

SETEMBRO

PHASES DA LUA

☾ Mingoante, a 8 ás 5 h. 11' 28" da tarde
● Nova, a 16 ás 3 h. 4' 10" da manhã
☽ Crescente, a 22 ás 6 h. 26' 52" da tarde
○ Cheia, a 30 ás 6 h. 24' 28" da manhã.

1 Segunda, s. Egydio.
2 Terça, s. Estevão, rei da Hungria.
3 Quarta, s. Serapia.
4 Quinta, s. Rosa de Viterbo.
5 Sexta, s. Lourenço Justiniano.
6 Sabbado, s. Zacarias.
7 DOMINGO, s. João.
8 Segunda ☾ ✠ Nascimento de Nossa Senhora.
9 Terça, o b. Pedro de Claver.
10 Quarta, s. Nicolau Tolentino.
11 Quinta, s. Proto e Jacintho.
12 Sexta, s. Hieronides.
13 Sabbado, s. Philippe.
14 DOMINGO, s. Crescenciano.
15 Segunda, s. Nicomedes.
16 Terça ● s. Cornelio, papa.
17 Quarta *(Temporas)* s. Pedro de Arbues.
18 Quinta, s. José Cupertino.
19 Sexta *(Temporas)* s. Januario.
20 Sabbado (*Temporas*) s. Eustachio e sua mulher Theopistes.
21 DOMINGO, s. Matheus.
22 Segunda, ☽ s. Thomaz de Villa Nova.
23 Terça, s. Lino.
24 Quarta, Nossa Senhora das Mercês.
25 Quinta, s. Herculano.
26 Sexta, s. Cypriano.
27 Sabbado, ss. Cosme e Damião.
28 DOMINGO, s. Wenceslau Duque.
29 Segunda, s. Eutychio.
30 Terça ○ s. Jeronymo.

OUTUBRO

PHASES DA LUA

☾ Mingoante, a 8 ás 10 h. 50' 40" da manhã
● Nova, a 15 a 0 h. 16' 22" da tarde
☽ Crescento, a 22 ás 3 h. 25' 28" da manhã
○ Cheia, a 29 ás 11 h. 16' 58" da tarde.

1 Quarta, s. Remigio.
2 Quinta, s. Eleuterio.
3 Sexta, s. Candido.
4 Sabbado, s. Francisco de Assis.
5 DOMINGO, N. Senhora do Rosario.
6 Segunda, s. Bruno.
7 Terça, s. Marcos.
8 Quarta, ☾ s. Brigitta.
9 Quinta, s. Dionysio.
10 Sexta, s. Francisco de Borgia.
11 Sabbado, s. Tharaco.
12 DOMINGO, s. Evagrio.
13 Segunda, s. Eduardo.
14 Terça, s. Calixto.
15 Quarta ● s. Thereza de Jesus.
16 Quinta, s. Martiniano.
17 Sexta, s. Hedwiges.
18 Sabbado, s. Lucas.
19 DOMINGO, s. Pedro de Alcantara.
20 Segunda, s. João de Cancio.
21 Terça, s. Hilario.
22 Quarta ☽ s. Philippe.
23 Quinta, s. Servando.
24 Sexta. s. Raphael Archanjo.
25 Sabbado, s. Chrysauto.
26 DOMINGO, s. Evaristo.
27 Segunda, s. Vicente.
28 Terça, s. Simão.
29 Quarta, ○ s. Jacintho.
30 Quinta, s. Marcello.
31 Sexta, s. Wolfgango.

NOVEMBRO

PHASES DA LUA

☾ Mingoante, a 7 ás 3 h. 2' 46" da manhã
● Nova, a 13 ás 9 h. 45' 52" da tarde
☽ Crescente, a 20 ás 4 h. 2' 28" da tarde
○ Cheia, a 28 ás 6 h. 4' 52" da tarde.

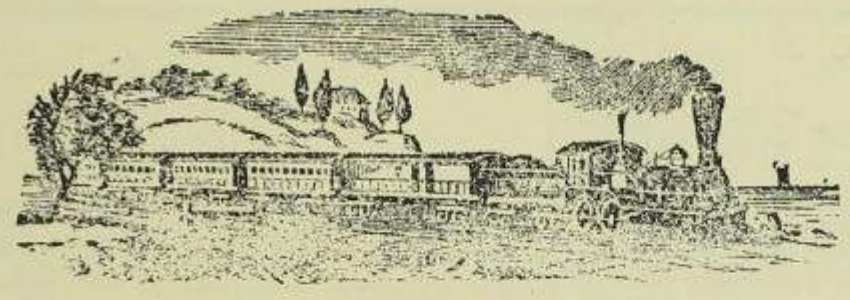
1 Sabbado ✠ Festa de Todos os Santos, s. Cesario.
2 DOMINGO, Commemoração de todos os fieis defunctos.
3 Segunda, s. Germano.
4 Terça, s. Carlos Borromêo.
5 Quarta, s. Zacharias.
6 Quinta, s. Felix.
7 Sexta ☾ s. Prosdocimo.
8 Sabbado, s. Severo.
9 DOMINGO, s. Theodoro.
10 Segunda, s. André Avelino.
11 Terça, s. Martinho.
12 Quarta, s. Martinho, papa.
13 Quinta ● s. Diogo.
14 Sexta, s. Clementino.
15 Sabbado, s. Gertrudes.
16 DOMINGO, s. Gonzalo de Lagos.
17 Segunda, s. Gregorio.
18 Terça, s. Barulo.
19 Quarta, s. Isabel
20 Quinta, ☽ s. Felix de Valois.
21 Sexta, s. Celso.
22 Sabbado, s. Cecilia.
23 DOMINGO, s. Clemente.
24 Segunda, s. João da Cruz.
25 Terça, s. Catharina.
26 Quarta, s. Pedro Alexandrino.
27 Quinta, s. Leonardo.
28 Sexta, ○ s. Rufo.
29 Sabbado, s. Braz.
30 DOMINGO (1.ª *do Advento*) s. André.

DEZEMBRO

PHASES DA LUA

☾ Mingoante, a 6 ás 4 h. 50' 28" da tarde
● Nova, a 13 ás 8 h. 11' 34" da manhã
☽ Crescente, a 20 ás 8 h. 23' 10" da manhã
○ Cheia, a 28 á 1 h. 22' 58" da tarde.

1 Segunda, s. Diodoro.
2 Terça, s. Bibiana.
3 Quarta, s. Francisco Xavier.
4 Quinta, s. Pedro Chrisologo.
5 Sexta, (*Jejum*) s. Sabba.
6 Sabbado ☾ (*Jejum*), s. Nicolau.
7 DOMINGO (2ª *do Advento*) s. Ambrosio.
8 Segunda ✠ A immaculada Conceição de Nossa Senhora.
9 Terça, s. Leocadia.
10 Quarta, s. Melchiades.
11 Quinta, s. Damaso, papa.
12 Sexta (*Jejum*) s. Synesio.
13 Sabbado ● (*Jejum*) s. Luzia.
14 DOMINGO, (3ª *do Advento*) s. Heron.
15 Segunda, s. Irenêo.
16 Terça, s. Valentim.
17 Quarta (*Temporas, Jejum*) s. Lazaro.
18 Quinta, s. Basiliano.
19 Sexta, (*Temporas, jejum*) s. Bario.
20 Sabbado, ☽ (*Temporas, jejum*) s. Liberato.
21 DOMINGO (4ª *do Advvnto*) s. Thomé.
22 Segunda, s. Flaviano.
23 Terça, s. Servulo.
24 Quarta, s. Gregorio.
25 Quinta ✠ Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo.
26 Sexta, s. Estevão.
27 Sabbado, s. João.
28 DOMINGO ○ s. Castor.
29 Segunda, s. Thomaz de Cantuaria.
30 Terça, s. Sabino.
31 Quarta, s. Silvestre.



PREÇOS DAS PASSAGENS

DAS DIVERSAS

LINHAS FERREAS DA PROVINCIA

COMPANHIA INGLEZA	1ª CLASSE	2ª CLASSE	IDA E VOLTA
DE S. PAULO A			
Braz	550	220	830
S. Bernardo	1$980	770	2$970
Rio Grande	3$850	1$650	5$780
Alto da Serra	4$840	2$200	7$260
Raiz da Serra	5$830	2$750	8$760
Cubatão	6$600	2$860	9$900
Santos	7$700	3$300	11$550
DE S. PAULO A			
Agua Branca	660	220	1$000
Perús	2$310	1$100	3$480
Bethlem	3$850	1$650	5$780
Jundiahy	6$600	2$750	9$900
COMPANHIA PAULISTA			
DE JUNDIAHY A			
Louveira	1$562	660	2$343
Cachoeira (Rocinha)	2$310	1$100	3$465
Vallinhos	3$102	1$430	4$653
Campinas	4$400	1$980	6$600

DE CAMPINAS A	1ª CLASSE	2ª CLESSE	IDA E VOLTA
Boa-Vista	880	440	1$320
Rebouças.	2$530	1$100	3$806
Santa Barbara	3$762	1$700	5$654
Tatú	4$950	2$200	7$425
Limeira	6$138	2$750	9$207
Cordeiro	7$227	3$300	10$846
Rio Claro	8$910	3$960	13$365
Araras	9$757	4$400	14$696
Goabiroba	11$077	5$060	16$616
Manoel Leme	13$607	6$160	20$416
COMPANHIA MOGYANA			
DE CAMPINAS A			
Anhumas.	1$000	500	1$500
Tanquinho	2$000	1$000	3$000
Jaguary (entr.)	3$200	1$600	4$800
Resaca	4$640	2$300	6$900
Mogymirim	6$200	3$100	9$300
Mogy-guassú	6$800	3$400	10$200
Matto-secco	9$200	4$600	13$800
Caldas	10$400	5$200	15$600
Sertão-sinho	11$000	5$500	16$500
Casa-Branca	13$000	6$500	19$500
DE CAMPINAS A			
Jaguary (entr.)	3$200	1$600	4$800
Pedreira	4$000	2$000	6$000
Coqueiros	4$800	2$400	7$200
Amparo	5$400	2$700	8$100
COMPANHIA YTUANA			
DE JUNDIAHY A			
Itupeva	2$200	1$540	3$300
Quilombo	3$300	2$200	4$950
Itaicy (entr.)	4$400	2$860	6$600
Salto	5$940	3$850	8$910
Itú	6$600	4$400	9$900

DE JUNDIAHY A	1ª CLASSE	2ª CLASSE	IDA E VOLTA
Itaicy (entr.)	4$400	2$860	6$600
Indaiatuba	5$060	3$300	7$590
Monte-mór	7$480	4$620	11$220
Capivary	9$350	5$720	14$025
Mombuca	11$000	6$600	16$500
Rio das Pedras	12$540	7$590	18$810
Piracicaba	14$300	8$800	21$450

COMP. SOROCABANA

DE S. PAULO A			
Baruery	3$080	2$200	4$620
São João.	5$390	3$850	8$085
São Roque	6$600	4$620	9$900
Piragibú	8$800	6$160	13$200
Sorocaba.	11$000	7$700	16$500
Ypanema	12$650	8$800	18$980

ESTRADA DO NORTE

DE S. PAULO A			
Penha	900	500	1$400
Lageado	2$200	1$100	3$300
Mogy das Cruzes	4$400	2$200	6$600
Guararema	6$100	3$100	9$200
Jacarehy	7$700	3$900	11$600
S. José dos Campos	8$800	4$400	13$200
Caçapava	10$500	5$300	15$800
Taubaté	12$100	6$100	18$200
Pindamonhangaba	13$200	6$600	19$800
Roseira	13$800	7$000	20$700
Apparecida	14$300	7$200	21$500
Guaratinguetá	14$900	7$500	22$400
Lorena	15$400	7$700	23$100
Cachoeira	16$500	8$300	24$800
Rio de Janeiro	29$000	14$800	44$200

Observação

Os bilhetes de primeira classe dão direito a 50 kilogrammas de bagagem gratis.

Os de segunda 30 kilogrammas.

Bilhetes de ida e volta valem por 48 horas e não dão direito a bagagem gratis.

As crianças até 3 annos têm passagem gratis, de 3 a menos de 12 pagam meia passagem.

Os bilhetes de ida e volta para a Côrte valem por 30 dias.

De outras estações á Côrte e do Norte á Cachoeira por 8 dias.

Entre as estações da estrada de ferro do norte por 3 dias.

Os passageiros que quizerem seguir para o Rio de Janeiro no mesmo dia devem partir de S. Paulo no expresso das 5 horas da manhã, que chega á Cachoeira ás 12 h. e 16' da tarde.

Ha nesta estação uma demora de 32 minutos que dá para os viajantes tomarem sua refeição. A's 12 e 48' parte o trem da estrada de ferro de Pedro II, chegando á Côrte ás 8 e 11' da noite.

Os passageiros que forem no trem mixto, que sáe de S. Paulo ás 7 h. e 20' da manhã e chega á Cachoeira ás 5 h. e 20', pernoitam neste ponto, e seguem a viagem no trem que parte d'ahi ás 7 h. e 20' da manhã, chegando á Côrte ás 6 h. e 9' da tarde.

XXV

HORARIO

DAS

LINHAS FERREAS DA PROVINCIA

Variam constantemente os horarios. Actualmente a hora da partida dos trens das principaes estações, é a seguinte :

De S. Paulo para Santos ás 7 e 30 minutos da manhã e 12 horas e 15 minutos da tarde.

De S. Paulo para Jundiahy ás 6 horas e 15 minutos da manhã e 12 da tarde.

De Jundiahy para Campinas ás 9 e 10 minutos da manhã e 1 hora e 25 minutos da tarde.

De Campinas para o Rio Claro ás 2 horas e 55 minutos da tarde.

De Campinas para o Amparo e Mogy-mirim ás 3 horas e 15 minutos da tarde.

De Jundiahy para Ytú e Piracicaba á 1 hora e 30 minutos da tarde.

De S. Paulo para Sorocaba á 1 hora da tarde.

Aos domingos e dias santos ha um trem mixto entre São Paulo e Jundiahy, partindo de São Paulo ás 9 horas e 30 minutos da manhã.

Tabella dos preços dos carros de aluguel nas ruas e praças da capital

---

CARROS DE QUATRO RODAS

DAS 6 HORAS DA MANHÃ ÁS 10 DA NOITE

Estação da estrada do Norte no Braz ; egreja da Luz e Consolação, Riacho, Lavapés, Arouche, Campo Redondo, Morro do Telegrapho, chacara do conselheiro Falcão, na Moóca, chacara do capitão Benjamim, estrada de Santo Amaro.

Para largar o passageiro . . .	2$000
Pela primeira hora	2$000
Cada uma das que se seguirem .	1$500

Marco de meia legua, estrada do Braz, depois da estação da estrada do Norte, Ponte Grande, na Luz, Cemiterio da Consolação, Gloria, Palmeira, Carvalho, Encruzilhada de Santo Amaro, Caminho de ferro, na Moóca, varzea de Santo Amaro.

Para largar o passageiro . . .	2$500
Pela primeira hora	3$000
Cada uma das que se seguirem .	1$500

Antes das 6 horas da manhã e depois das 10 da noite, o preço é ajustado, vigorando o da tabella na falta de ajuste.

Fóra dos pontos de aluguel o preço é ajustado.

Nas noites de espectaculos ou qualquer divertimento publico os preços são os da tabella para os carros que ahi se acharem.

A hora principiada é contada como inteira.

O conductor de vehiculo estacionado, não se póde recusar ao serviço de quem o fôr alugar.

O passageiro é rigorosamente obrigado ao preço da tabella ou do ajuste, salvo se por culpa do cocheiro houver inconveniente na viagem.

INDICE

	PAG.
A canôa branca	35
A belleza, o espirito, a virtude na mulher . .	46
A rua das Casinhas	48
A Bachante, soneto	65
A linguagem das luvas	67
Antonio-creoulo . , . . .	69
A musica	78
As tres missas do dia de finados . . .	87
A uma menina que repete minhas palavras, soneto.	93
A estalagem do Bexiga	100
A instrucção publica nos Estados-Unidos e no Brazil	152
A uma pulga, poesia	170
A musica, poesia	191
A destruição das mattas	217
Barcarola, poesia	139
Cultura do café	66
Comparação entre brazileiros e parizienses . .	92
Convento de Santa Clara em Taubaté . .	94
Charadas, 142	
Casas da Moeda	143
Contraste do Brazil com os Estados-Unidos. .	195
De S. Paulo á Faxina	109
Do Céo á Terra	171
Espirito de iniciativa em Campinas . . .	1
Esperança, poesia :	63
Estradas de ferro de S. Paulo . . .	85

PAG.

Estancias, poesia 226
Francisco Glycerio 211
Francisco Quirino dos Santos, traços biographicos . 119
Geadas na provincia de S. Paulo . . . 22
Governo absoluto 221
Hydrologia 59
Itabira 86
Jatyr e Coema, soneto 144
Libertação de escravos 62
Minas de Ouro Preto 14
Manoel Ferraz de Campos Salles (dr.) biographia . 51
Maxima arabe 138
Mentira graciosa 178
Na caça, soneto 85
Nocturno, poesia 150
Os avós, soneto 21
O solitario 64
O bicho da taquara 66
O antigo theatro de S. Paulo . . . 76
O novo culto, soneto 97
O novo dogma, soneto 98
O novo regimen, soneto 99
O exm. e rvdm. sr. Bispo Diocesano, biographia . 101
Os historiadores 117
Orpham, soneto 118
Origem do appellido Mesquita . . . 138
O vinho 149
Ode 192
Os primeiros bachareis 207
O cravo e a rosa, poesia 210
Primeiro amor (o) poesia 33
Paulista notavel 86
Prece, poesia 142
Poços de Caldas 145
População de S. Paulo em 1592 . . . 208
Primus inter pares, poesia 233
Queimada (a) poesia. 13
Questões de honra 230
Retrato de José Bonifacio 45

PAG.

Reminiscencias do districto de Campinas, em bairro, freguezia e villa 179
Saudades da patria, soneto 77
Sete palavras com tres lettras 207
Typo do antigo Paulista 15
Trovas populares 42, 64, 65, 87, 92, 170
Transições, sonetos 49
Theophilo Dias 88
Um jogo innocente 12
Uma caçada 37
Um noivado, poesia 43
Um soneto 75
Um edital 141
Uma curiosidade dos bons tempos . . . 193
Uma lenda do arraial de Ouro Preto . . 228

DECIFRAÇÃO

DAS

Charadas e enigmas ou logogriphos do « Almanach » de 1878

FAGS.		
22	. .	Marica
29	. .	Leopardo
50	. .	Azafama
82	. .	Amor Mano Annil Rola
86	. .	Palmatoada
138	. .	Emanação
186	. .	Santos—Iguape

PARTE LITTERARIA

ALMANACH LITTERARIO DE SÃO PAULO

O espirito de iniciativa em Campinas

Ainda que mais para condemnar do que para curar o mal, é certo que hoje todos os espiritos affeitos á observação e ao estudo do nosso regimen administrativo reconhecem que a seiva, a vitalidade nacional consome-se, opprimida debaixo do formidavel peso de uma centralisação compressora.

A energia do cidadão, que é o caracteristico da sua personalidade, deixa de intervir como um valioso agente de propulsão no mechanismo do Estado, porque o systhema adoptado atrophia e mata as extremidades, suppondo que attrahe para o centro o vigor e a força.

O poder municipal que se avigora e cresce na razão directa das prerogativas que constituem a sua existencia autonomica e dão a medida da sua responsabilidade no jogo de uma organisação bem concebida, annulla-se e desapparece como uma entidade sem prestimo, porque um poder superior, que sobre elle exerce tutella pesada e despotica, o distróe completamente, tolhendo-lhe os movimentos.

A provincia, que devia concretisar as forças dos municipios, que a seu turno consubstanciariam a ac-

ção individual, revertendo-as todas em proveito do Estado, a provincia entretanto nem uma quantidade representa na arithmetica governamental, porque o molde unitario e symetrico impõe a cada uma a mesma esphera de acção, restricta e acanhada, os mesmos encargos, a mesma responsabilidade, sem comtudo ter em vista a diversidade das suas aspirações, das suas tendencias, dos seus elementos de força e riqueza, da grandeza ou da exiguidade dos seus recursos. A provincia não possue uma administração propria, que possa ser fecunda e benefica, nem apta para dar expansão ás suas forças, porque á frente dos seus destinos está collocado um agente do poder central, que é mais um commissario politico do que mesmo um administrador.

Não ha, pois, no systhema este conjuncto de garantias, de direitos e obrigações reciprocas, que ligam entre si os membros do corpo social por meio de uma combinação racional, justa e equitativa, que faz a felicidade dos povos que têm sabiamente confiado sua sorte ao influxo benefico dos principios de liberdade.

Os elementos de vida e de actividade não se distribuem por escala ascendente do individuo ao municipio, do municipio á provincia e da provincia á nação : ao contrario, quer-se que a acção proceda exclusivamente do centro do governo, sempre propenso a tudo absorver.

Dahi este funesto resultado :

A nação que pudéra ser grande, forte e poderosa, porque para tanto bastaria que se deixasse expandir livremente a immensa riqueza com que a dotára a mais explendida natureza, vive no emtanto debaixo da influencia perniciosa de uma crize permanente, que embaraça o seu desenvolvimento na dupla ordem dos progressos moraes e materiaes.

Estas verdades são muito sabidas dos *politicos*, é

certo, mas nem por isso nos parece que será demais repeti-las ao povo. Aquelles cuidam de si, este cuidará um dia da prosperidade nacional.

Uma das peiores consequencias desta defeituosa organisação é que o cidadão, o municipio e a provincia nada fazem por si, esperando tudo do governo central.

Sem civismo nem abnegação, sem estimulos nem recursos que abram estrada franca para os emprehendimentos, sem uma esphera de acção ampla e extensa dentro da qual possa actuar livremente a actividade humana, as vontades individuaes se isolam, as forças parciaes segregam-se, e o espirito de iniciativa, aniquillado e morto, deixa fatalmente de operar seus prodigios.

E' d'ahi principalmente que vem este estado de quasi prostração em que se acha o paiz, estado tristissimo que não póde ser observado senão com extremo abatimento pelos sinceros patriotas e pelos devotados amigos da liberdade, que ainda cogitam do seu futuro.

Se o povo presentisse, em um lampejo da consciencia, que é no seu proprio seio que reside a verdadeira soberania, e que em suas mãos estão depositados o direito e a força, ao certo elle saberia erguer-se á altura da lucta para se oppôr com efficaz tenacidade a todos aquelles que procuram abafar suas liberdades.

Infelizmente, porém, falta-nos ainda essa virilidade, e a nação continúa a ser o ludibrio das phantasias de intitulados estadistas.

Não existe, portanto, nem jámais poderá existir sob o dominio de uma tal legislação a acção benefica da actividade individual ; e porisso o governo prose-

gue sem obices no seu curso temerario, deixando entretanto que o paiz fique estacionario, como testemunha inerte e impassivel dos progressos do tempo!

Eis porque a provincia de S. Paulo chegou a constituir-se no vasto imperio americano uma excepção verdadeiramente sorpreendente, que a todos pasma e admira.

A sua riquissima lavoura e o seu importante commercio servidos por uma extensa rêde de estradas de ferro já em trafego, medindo um desenvolvimento superior a mil kilometros, além de outras em construcção ou exploradas; as emprezas de navegação fluvial que se organisam, abrindo novas vias de communicação; a introducção de colonos europeus em substituição ao elemento servil no trabalho agricola; em geral o desenvolvimento mais ou menos vigoroso das suas industrias; tudo isto, como producto directo da iniciativa particular, bem demonstra que na realidade ha aqui uma excepção, que abre-se como um phenomeno social, a despeito das pêas e dos embaraços creados pela lei.

Sim; o espirito de iniciativa jámais poderá ser contestado aos paulistas, porque para attesta-lo bastaria invocar a eloquencia dos factos, que ahi estão assignalando os seus grandiosos effeitos.

E de entre os municipios da provincia seja-nos permittido, não obstante a nossa suspeição, destacar o de Campinas para colloca-lo no logar proeminente que lhe compete como aquelle que mais se tem avantajado nos commettimentos da iniciativa particular.

A exposição que vae seguir-se mostrará que a nossa asserção não envolve uma injustiça. O nosso

julgamento repousa, pura e simplesmente, na solida verdade dos factos.

———

A população de Campinas comprehendeu desde a sua fundação que a ella propria competia prover a todas as suas necessidades, se quizesse auferir as vantagens e o bem estar que devia esperar da immensa riqueza que já então presagiava a fertilidade excepcional do seu solo.

Assim, fundada a freguezia em 1773, póde-se dizer que a vida de seus habitantes se acha ligada, por tradicções cuidadosamente guardadas em uma cadêa ininterrompida de continuos actos de extrema virilidade, desde aquelles tempos até a geração actual.

As egrejas, o paço municipal, a cadêa e todas as obras de que necessita o municipio foram os trabalhos que successivamente occuparam os seus primeiros cuidados, sem que para isso concorresse o erario publico, que aliás é tão avaro quando se trata dos legitimos interesses da communidade, quanto é prodigo toda vez que se lhe acena com alguma *urgencia* de ordem partidaria.

Habituaram-se portanto estes audazes municipes a não contar com o governo, e a nada esperar delle. Resolveram-se a cuidar de si.

Uma vez tomada esta altiva e nobre resolução, á medida que suas forças expandiam-se iam elles sem hesitar atirando-se a todos os commettimentos, de que pudessem colher os indispensaveis meios para uma existencia fecunda e activa, compativel com o adiantamento da época, tanto quanto era permittido dentro da esphera municipal.

Os esforços combinados e as vontades congregadas em torno de uma idéa util, iniciada por quem

quer que fosse, produziram sempre os fins desejados. Foi deste modo que se conseguiu ver hoje na cidade de Campinas mais ou menos satisfeitas todas as necessidades publicas, sem que para isso fosse necessario mendigar os regateados e escassos favores da alta administração.

A instrucção, a religião, a caridade e até os meios de diversão, tudo emfim tem sido proporcionado ao municipio pelo proprio municipio.

No que respeita aos orçamentos geral e provincial, o seu destino tem sido—concorrer muito para a receita e nada para a despesa.

Para comprovar o que deixamos dito apontaremos as obras mais importantes que têm sido feitas pelo esforço da iniciativa particular de 1870 a 1878, visto ser este o periodo de tempo em que maiores e mais importantes commettimentos se realisaram.

Antes disso, porém, abrindo um parenthesis, remontaremos a uma data muito anterior para nos referirmos a uma obra que pela sua importancia merece ser mencionada.

Em 1847 constituiu-se a sociedade que edificou o *Theatro S. Carlos* com o capital de 35:000$000. Este capital foi obtido por contribuição expontanea e á vontade de cada socio, sem quantitativo certo e taxado. Contribuiram aquelles que quizeram, em proporção relativa aos seus recursos e sem vistas lucrativas, até mesmo porque naquella época seria absurdo suppôr-se que o aluguel de um theatro em Campinas podesse proporcionar lucros.

Mas em 1876 esta sociedade reorganisou-se, reformando seus primitivos estatutos sobre bases mais regulares. Ficou estipulado que o fundo social

(35:000$000) seria representado por 1,400 acções de 25$000.

Para se poder calcular a frequencia que ultimamente tem tido o *Theatro S. Carlos* bastará saber-se que no dividendo correspondente ao anno de 1877 recebeu cada socio dez por cento de renda sobre o seu capital.

Fechamos aqui o parenthesis e voltamos ao periodo de 1870 a 1878.

1870—Encorporou-se a sociedade *Club Semanal* com o capital de 26:750$000 representado por 535 acções de 50$000.

Possue ella uma *bailante*, que fez construir com todas as accommodações e dependencias necessarias. Merece especial mensão a sua sala principal, vasta, imponente e adornada com apurado gosto.

Mobilias, ornatos, etc., emfim tudo quanto se faz mister em uma casa desta ordem, alli se encontra apropriado para os bailes, desde os mais modestos até os de maior explendor.

1872—Organisou-se a *Companhia Campineira de illuminação a gaz*, com o capital realisado de 396 contos, representado por 1,980 acções de 200$000. Estas acções ficaram distribuidas sómente entre dez fazendeiros e capitalistas do municipio.

Corre a cargo da empreza a illuminação publica da cidade, que consta de 660 lampeões. Ha tambem 270 casas illuminadas a gaz.

1874—A 12 de Janeiro inaugurou-se o collegio *Culto á Sciencia* de ensino primario e secundario para o sexo masculino.

Este estabelecimento foi fundado e é mantido por uma associação composta de 125 socios, representando o capital de 86:817$785 réis, empregado em um

edificio especialmente construido para os fins a que é destinado, contendo todos os accessorios necessarios moveis, etc.

Para se fazer uma idéa dos sentimentos patrioticos que presidiram á organisação desta sociedade, transcreveremos a seguinte disposição dos respectivos estatutos :

« Art. 2.°—A sociedade não tem direito á distribuição de dividendos, ou lucros pecuniarios, sob qualquer denominação, dos fundos que actualmente possue e das acquisições futuras, ficando os bens sociaes e seus rendimentos unica e exclusivamente destinados ao fim de que trata o artigo 1.° (instrucção primaria e secundaria) e conforme as disposições destes estatutos. »

Dispõe ainda o art. 61 que no caso de dissolução da sociedade, o seu patrimonio ficará pertencendo á municipalidade de Campinas, em beneficio da instrucção.

O collegio dá ensino gratuito a 20 alumnos pobres.

— A 30 de Janeiro do mesmo anno (1874) inaugurou-se o templo maçonico, que a Loj.·. cap.·. Independencia fez construir. A edificação importou em 18:500$000 obtidos por acções entre os socios.

A Loj.·. mantém, em uma das salas do seu edificio, uma aula nocturna de ensino primario, que é actualmente frequentada por 125 discipulos.

Além do professor que é bem remunerado, a Loj.·. toma a seu cargo fornecer, gratuitamente livros, papel, etc.. tudo quanto se torna necessario para o ensino.

O quadro compõe-se de 225 irmãos. Na mesma casa funcciona tambem a Loj.·. Regeneração 3.ª com 75 irmãos.

1876—Ficaram concluidas as obras da casa de misericordia, cuja importancia eleva-se á avultada somma de 284:267$000, comprehendendo-se a respectiva capella e o asylo das orphãs, que fazem parte do mesmo edificio.

O capital foi levantado por subscripções, donativos, legados, etc., avultando entre estes o do finado capitalista Antonio Francisco Guimarães na importancia de 138:935$732.

E' digno de nota que, tendo sido lançada a primeira pedra do edificio a 19 de Novembro de 1871, já no dia 15 de Agosto de 1876 se achavam concluidos os trabalhos, que sem duvida constituem a mais importante casa desta ordem que existe nesta provincia, sobresahindo as suas vastas proporções e o seu elevado custo.

Existem accommodações para 100 doentes pobres, além de diversos quartos reservados e especiaes para pessoas de ambos os sexos até o numero de 24.

No asylo podem ser recolhidas até 60 orphãs.

—Ainda no mesmo anno (1876) ficou concluido e foi entregue á municipalidade o *Lazareto* para variolosos, construido em logar conveniente e apropriado, fóra das raias da cidade, com o producto de uma subscripção popular que attingiu a 21:500$, preço em que ficou a obra.

A casa, edificada segundo as exigencias da hygiene, contém accommodações para mais de cincoenta doentes, e além disso possue as divisões e compartimentos adequados para todo o serviço.

1878—Fez-se o hospital para morpheticos com o producto de uma subscripção popular na importancia de 15:000$000.

As accommodações convenientemente dispostas dão logares para trinta doentes.

O local escolhido é excellente.

—No mesmo anno (1878) inaugurou-se o *Passeio Publico* feito por iniciativa de alguns municipes, que para esse fim obtiveram por subscripção a quantia de 7:509$510, além de valiosos donativos de plantas, serviços, etc.

O *Passeio* possue, além das arvores de madeira de lei, da provincia, plantas raras de diversos paizes e um exemplar de páo-Brazil.

No centro construiu-se um *Kiosque* de fórma elegante, destinado para botequim. Esta obra foi realisada por uma associação que constituiu-se com o capital de 5:000$000 representado por 100 acções de 50$000.

—Neste mesmo anno de 1878 fez-se o *Hyppodromo Campineiro* por meio de uma associação que organisou-se com o capital realisado de 40:000$000.

Identica pelos fins a outras que existem no paiz, tem tambem egual organisação áquellas.

—Ainda em 1878 ficou concluido o hospital da sociedade de Beneficencia Portugueza na importancia de 45:000$000, e com accommodações para mais de sessenta doentes.

E' um edificio de fórma elegante e de solida construcção.

A sociedade compõe-se de 347 socios.

Não hesitamos em mencionar aqui esta instituição, não obstante pertencer ella a estrangeiros, não só porque concorreu o auxilio dos nacionaes, como principalmente porque é uma obra que honra o municipio.

As diversas parcellas que ficam mencionadas dão a somma total de 981:344$295, despendida no periodo de menos de oito annos. Deduzida a quantia de 396:000$000, pertencente á companhia de illu-

minação a gaz, por ser a unica destinada a fim exclusivamente especulativo, temos que só nesse periodo foram empregados em obras puramente de utilidade municipal, sem fins lucrativos, ou de proveito particular—585:344$295—por contribuição voluntaria.

Outros factos existem que realmente revelam o espirito de iniciativa e de associação ; deixamos entretanto de menciona-los, uns por serem de menor importancia, e outros porque pela sua natureza mais geral escapam á esphera propriamente municipal, a que nos temos restringido.

Assim é que os capitaes de Campinas têm affluido em grande escala para as emprezas de estradas de ferro organisadas na provincia, entre as quaes sobresahe a Companhia Mogyana, para a qual este municipio concorreu com quasi metade do capital. Esta empreza emittiu 23.789 acções representando 4.028:000$000 : em Campinas foram tomadas 10,014 acções representanda 2:028:000$000.

Uma outra circumstancia que bem merece ser assignalada para que melhor se possa aquilatar o genio activo e emprehendedor desta população, é que ella nunca sentiu-se alliviada do pesadissimo encargo dos impostos, este terrivel flagello das industrias. Ao contrario, além da commum contribuição para o thesouro geral e provincial, concorre o municipio com uma verba superior a 80:000$000 para o seu orçamento.

———

E agora seja-nos licito perguntar :

Ha por ahi algum municipio que mais tenha feito?

Precisamos da resposta para resalvar nossa suspeição.

Entretanto sempre diremos que, exaltando a in-

dole um tanto excepcional dos habitantes de Campinas, e appresentando-os á publica apreciação por esta face caracteristica, não o fazemos por mera jactancia, como a muitos possa parecer. Leva-nos a isto um unico intuito :—appresentar o exemplo para que outros o sigam

E' deste modo que o MUNICIPIO poderá achar-se um dia preparado para vencer a CENTRALISAÇÃO.

Pela educação e pelo trabalho chega-se á liberdade.

Campinas—1878.

CAMPOS SALLES.

Um jogo innocente

Os principes de Galles pozeram em moda nos salões de Pariz, um novo jogo muito divertido. Denomina-se—*A carruagem de familia*.

Joga-se do modo seguinte : cada pessoa adopta o nome de uma parte da carruagem, dos cavallos ou das guarnições ; assim denomina-se, eixo, lança, redea, etc. Ha tambem o tio F... e a tia S... que se suppõem viajando em carruagem. Tira-se a sorte, e a pessoa da sociedade escolhida narra os episodios comicos ou burlescos que occorreram durante a viagem, e é necessario ter muito espirito para sair airoso desta empreza. O nome que cada pessoa escolheu menciona-se na narração e cada vez que se pronuncia levanta-se o nomeado, e se o não faz paga uma prenda. Quando as palavras *carruagem de familia* se pronunciam levanta-se a sociedade toda. As prendas juntam-se, e ao terminar o jogo, tem quem as perdeu de cantar, recitar versos, contar uma historia, etc.

A QUEIMADA

(FRAGMENTO)

Daquelle dia a aurora
dourou morta a campina :
ðescêra da collina
o fogo que devóra.

E onde a espiga loura
abria ao vento a pluma
ao pé da flôr de espuma
do algodoeiro, estoura

das chammas o furor
que, mais que o chão, devasta
a esp'rança já tão gasta
do velho lavrador.

E rubro o fogo passa.
Ao ver morta a seara
sereno o velho apára
o golpe da desgraça...

Nos filhos cráva os olhos,
os olhos lacrimosos...
Ai ! passaros mimosos,
da vida entre os abrolhos

sorrís, pobres crianças,
aos fogos que se elevam
em vosso campo e levam
as sêccas esperanças !

Depois... a fome, o frio,
a mão que humilde pede,
desgraça que se méde
por lagrimas a fio...

1876

B. M.

Minas de Ouro Preto

As riquissimas minas de Ouro Preto devem o seu descobrimento ao taubateano Antonio Dias ; ao padre João de Faria Fialho, natural da ilha de S. Sebastião, que perlustrára os sertões de Minas, como capellão das bandeiras de Taubaté ; a Thomaz Lopes de Camargos, que se estabeleceu nas Lavras, que ao depois vieram a ser de Pascoal da Silva ; e a Francisco Bueno da Silva, ambos paulistas, e este primo de Bartholomeu Bueno, o descobridor de Itaverava, e cunhado de Arzão, intrepido bandeirante, de quem Claudio da Costa disséra :

Arzão é este : é este o temerario
Que da casca os sertões tentou primeiro ;
Vê, qual despreza o nobre aventureiro,
Os laços e as traições que lhe prepara
Do cruento gentio a fome avára.

M.

Typo do antigo paulista

Antonio da Silveira Peixoto

Este corajoso sertanista naseeu na villa, hoje cidade de Paranaguá, na primeira metade do seculo XVIII, oriundo das primeiras familias do logar.

Homem de espirito aventureiro e genio audaz, como quasi todos os paulistas daquella épocha, Silveira Peixoto não foi esquecido pelos capitães generaes, que o distinguiram logo com postos militares, embora subalternos, meio infallivel posto em acção pelos governadores para chamarem a seus planos de conquista aquelles admiraveis e dedicados servidores, dignos de melhor causa.

Era pelos annos de 1765 a 1770; governava a heroica, mas infeliz capitania de S. Paulo o capitão general d. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, morgado de Matheus, que de Portugal viera mandado pelo poderoso ministro marquez de Pombal, com instrucções secretas para procurar alargar os dominios portuguezes, explorando os sertões dos rios Tibagy e Ivahy, e fundando o desgraçado presidio de Iguatemy, de tão ephemera duração, porém tanta quanto bastou para a perda de milhares de vidas.

Estimulando os brios paulistas, avivando-lhes na memoria o renome de seus antepassados nessas explorações e conquistas que fizeram dos naturaes da capitania de S. Vicente o povo-rei das aventuras e dos grandes commettimentos nos dous seculos anteriores, o capitão general d. Luiz Antonio de Souza

começou logo por ordenar quatro ou cinco expedições, que tiveram por objectivo a exploração das regiões occidentaes do grande rio Paraná.

Os commandos dessas expedições couberam aos paulistas André Dias de Almeida, Bento Cardoso de Siqueira, João Martins de Barros, Bruno da Costa Filgueiras, Francisco Nunes Pereira e Antonio da Silveira Peixoto, que uns após outros, e tomando rumos diversos, partiram acompanhados de maior ou menor sequito, animados de lisongeiras promessas de recompensas, que não se verificaram jamais, e que ao contrario, foram convertidas em soffrimentos, abandono e morte.

« Em Setembro de 1760 (1) partiu o capitão Antonio da Silveira Peixoto, embarcando no rio Iguassú, diz o erudito brigadeiro Machado de Oliveira em seu *Quadro historico da provincia de S. Paulo*, pag. 161, com sete canôas tripoladas, embarcando no porto da Conceição, e depois de uma navegação de 80 leguas, interceptada por vezes por obstaculos que encontrou, sahiu a terra, e traçou d'alli um caminho até á barra do rio no Paraná, em parallelo ao seu curso, e na extensão de 400 leguas, no que gastou um anno.

Depois de construir canôas embarcou no Paraná, e ao quarto dia de navegação achou-se em frente de uma força paraguaya de 100 homens destacada de Comguaty, que o aprisionou e a seus companheiros, levando-os ao seu goveruo, e este, pondo-os presos em ferros, mandou-os para Buenos-Ayres, onde jazeram por muitos annos, esmolando recursos para sua subsistencia, sem que o governo tivesse o cuidado de prove-los e de reclamar sua liberdade. Vol-

---

(1) Ha engano nesta data assignalada por Machado de Oliveira. Foi em Setembro de 1769.

tou Silveira a S. Paulo gasto e valetudinario, tendo por unico brazão o haver servido á sua patria emquanto fôra auxiliado por suas forças : eis ahi o premio que tinham os bons servidores do paiz ! »

Mas da representação que este infeliz paulista dirigiu ao governador de Buenos-Ayres, cinco mezes depois de sua prisão, e que nós deparamos registrada em um dos livros antigos da secretaria do governo, acompanhando a uma representação que o dito governador dirigiu ao capitão general de S. Paulo, é que póde-se fazer mais perfeita idéa da coragem e soffrimentos de que deu provas e supportou aquelle heroico servidor.

Transcrevemos aqui sómente a parte dessa representação que julgamos mais curiosa para os leitores, por ser aquella que constitue propriamente o relatorio dessa expedição fatal, a que o capricho dos governos levou mais uma vez dando a morte a tantas vidas preciosas.

« Tive ordem para entrar pelo rio do *Registro*, de Curitiba, com 100 homens e marchar por agua ou por terra até chegar á barra que faz com o Paraná, e na dita barra fazer uma povoação. Depois de ter marchado 80 leguas, achei graves difficuldades no rio, por onde me não foi possivel passar, e me foi necessario fazer casa para recolher a gente e munições que trazia, onde deixei toda a gente e marchei com 18 homens, pelos montes, a ver se podia romper, e ao fim de quinze dias, depois de passar gravissimas serras, cheguei ao rio e não o achei navegavel, sendo-me preciso marchar por terra tres mezes, e, depois de cançado de fazer caminho, tomei a resolução de fazer novas canôas, e marchei por muitas e muito arriscadas caxoeiras, e depois de haver marchado cousa de sessenta leguas achei outros saltos onde fiz ranchos e deixei as canôas, e perdi um homem afogado.

« Ao depois tornei a entrar por terra, por montes e grandes serras, e tornei a buscar o rio, e achando-o manso fiz outra vez canôas e marchei cêrca de trinta leguas, e achei outro salto ; ahi fiz ranchos e deixei as canôas, e isto me succedeu por sete vezes, pelos saltos que encontrei no rio, passando a palmitos e limitada caça.

« Ultimamente, depois de me haver encontrado com os indios, cheguei á barra do rio com dez mezes de viagem, depois de me haver apartado da companhia, e em todo este tempo marchei tresentas e quarenta leguas, sem ver campos e sómente serras, montanhas e rios caudalosos.

« Chegando á barra, como não trazia guia ou vaqueano, fiz canôas como costumava, marchando cousa de quinze leguas, até encontrar uma porção de indios *tapas*, em uma paragem chamada *hervaes*, onde estavam fazendo *herva*, e perguntando como se chamava aquelle rio, responderam-me que—*Rio-Grande*, e como o que se tinha navegado tinha o mesmo nome, fiquei certo de que estava no *Rio do Registro*, e a barra que eu tinha deixado era o braço do mesmo rio ; perguntei-lhes pelo *Paraná*, responderam-me que era muito mais abaixo, e perguntando-lhes pela sua aldêa, responderam-me que era d'ahi a nove dias de viagem, pelo que suppuz que os indios estavam em terras de Portugal.

« Daqui quatro dias de viagem encontrei com tres botes e varias canôas com 100 homens hespanhóes e indios com uma ordem de seu governador para eu lhes fazer entrega dos indios que trazia, e que me retirasse das terras de seu commando. Foi isto grande novidade para mim, que pensava estar nas terras do *Rio do Registro*.

« Depois de ter voltado cousa de uma legua, fizemos pouso, e o homem chamado commandante, muito acobardado, dizendo que eu tinha o corpo de

gente perto, a tempo que succedeu cahir um páo de noite no monte proximo, deu a sentinella hespanhola parte que ouvira um tiro de fuzil, motivo este para o commandante dar-me uma ordem para que o acompanhassemos todos á presença do governador daquella provincia, e como me achasse com o capitulo das minhas instrucções, que dizia : que se eu por acaso me encontrasse com alguns hespanhoes, com elles não tivesse duvidas, rasão porque não quiz deixar de obedecer, e juntamente porque havia mais de seis mezes que não comiamos cousa de povoado, e a gente que eu trazia já estava desesperada por falta de caça...

« Cheguei á presença do governador no dia 2 de Outubro de 1770, o qual me perguntou, depois de me receber civilmente, como tinha eu vindo parar áquelles logares, respondi que o motivo foi ter-me enganado...

« No dia seguinte mandou-me botar dois pares de grilhões aos pés, ao alferes que eu levava o mesmo, e tambem aos soldados, e fez-se senhor de nossas armas e munições ; poz-me sentinella á vista, sem admittir protestos nem requerimentos verbaes ou por escripto.

« No fim de oito dias ordenou-me que montasse a cavallo com toda a minha gente, e nos remetteu escoltados para Buenos-Ayres, com os grilhões, marchando cento e oitenta leguas até o salto de *Uruguay* onde foram os soldados atacados de bexigas, ficando cinco em perigo de vida. Aqui estivemos quarenta dias, sem nunca nos tirarem os grilhões, e embarcamos, chegando aqui em Buenos-Ayres a 29 de Dezembro de 1770. Eu e o alferes fomos encarcerados em um forte, e os soldados em um carcere, até hoje com sentinella á vista. O alferes deu-lhe uma maligna e falleceu no dia 11 de Março de 1771, ficando eu só sem ter ao menos com quem fallar. Como nos

furtaram a pouca roupa que traziamos, estamos nús; os soldados tapam as partes com pedaços de baetas, e eu estou quasi no mesmo estado...»

Este martyr paulista sómente depois de quasi tres annos de prisão e de maus tratos foi que conseguiu fazer chegar ás mãos do capitão general d. Luiz Antonio de Souza a sua petição para que se reclamasse do governador de Buenos-Ayres ; porém a reclamação só depois de alguns annos é que foi feita, pois ainda em 1774 é que aquelle capitão general, em officio ao vice-rei marquez de Lavradio, datado a 4 de Agosto do mesmo anno, expôz que :

« era de muito mau effeito para a organisação dos corpos mandados crear em S. Paulo, para acudir ás fronteiras do sul, o facto de achar-se até agora preso em Buenos-Ayres o capitão Antonio da Silveira Peixoto, e que os naturaes da terra já allegavam o facto de não ter sido elle até agora reclamado... »

Tal era o procedimento da metropole e de seus delegados para com os grandes servidores paulistas !

Aos que sacrificavam liberdade, vida, fortuna em prol dos interesses do governo, aos poucos felizes pelo patronato e por desprezivel subserviencia, dava-se um habito de Christo com tença de 50$000 annuaes, que nunca se pagava ; mas aos nobres caracteres como o capitão Antonio da Silveira Peixoto —o esquecimento, o abandono calculado, a miseria emfim...

Finalmente, depois de sete annos de prisão e de martyrios voltou o capitão Antonio da Silveira Peixoto á sua patria, velho e enfermo, sobrevivendo apenas pouco tempo a tantos sacrificios e ingratidões, pois não lhe foi possivel nem receber os vencimentos que lhe haviam sido designados como com-

mandante da mallograda expedição, e os legou em seu testamento para obras pias!

(Secretaria do governo, livro de registro de 1769 a 1775.—Cartorio da extincta Ouvidoria, testamento de Antonio da Silveira Peixoto).

S. Paulo—Agosto de 1877.

M. E. de Azevedo Marques.

Os Avós

A GODOFREDO FURTADO — ENGENHEIRO, POSITIVISTA

Justice aux morts! Mais faisons mieux...
Hippolite Stupuy—*L'anarchie morale*

Foram grandes, de certo, aquelles que, ligados
Ao preconceito e ao dogma, á ignorancia e ao erro,
Conseguiram romper o circulo de ferro
E dar-nos ao porvir já quasi emancipados.

A fecunda lição dos seculos passados
Nos diz com quanto amor e soffrimento e aferro
Laboraram por nós na noite do desterro
Os homens da utopia, os grandes condemnados.

Honra, pois, aos avós! Vem delles, bem o sinto,
—Embora a escravidão, e o rei, e o artigo quinto (*)
Toda a luz que hoje em dia irrompe com fulgor.

Leguemo-la mais pura á nossa descendencia:
Elles tinham a fé, nós temos a sciencia;
—Fizeram elles bem, façamos nós melhor.

S. Paulo, 1877 Generino dos Santos.

(*) Constituição do Imperio.

Das geadas na provincia de S. Paulo

Vou tentar nestas linhas explicar a causa de um phenomeno que assás frequentemente nos visita, deixando funestos signaes de sua apparição.

Se pudesse indicar remedio a tamanho mal seria grande felicidade ; infelizmente assim não póde ser, e devemos nos contentar de conhecer as causas para, observando a marcha do tempo, algumas vezes podermos previnir os seus estragos.

A geada não é mais que o orvalho gelado ; suas causas são varias, e é do estudo dellas que nos vamos occupar.

Todos sabem que nas frias manhãs dos nossos invernos encontra-se sempre o capim e outras plantas de faces reluzentes, principalmente, cheias de agua em gottas esphericas de variados tamanhos. São ellas o resultado dos vapores aquosos da atmosphera condensados pelo esfriamento das longas noites do inverno. Quando pelo concurso das causas do esfriamento da atmosphera a temperatura desce abaixo de zero centigrado ou 32 Farenheit, o orvalho gela e temos a geada.

As causas do esfriamento são : 1.° a Radiação ; 2.° a Evaporação da agua ; 3.° os Ventos frios, e principalmente os frios e sêccos, como o nosso sueste ; 4.° as Chuvas. Além destas são conhecidas as influencias das latitudes, e altitude, ou elevação

acima do nivel do mar, das quaes não precisamos nos occupar.

A radiação, ou irradiação, é a emissão dos raios calorificos da terra para os espaços celestes. E' principalmente a esta causa que é devido o esfriamento da terra durante a noite, e é porisso que este phenomeno se torna tanto maior quanto mais longas são as noites. A terra recebendo o calor solar durante o dia e perdendo-o durante a noite, é claro que, quanto mais longas forem as noites, mais curtos serão os dias, a perda do calor nas noites do inverno irá em augmento ao contrario do aquecimento que inversamente diminuirá. Mas, se é esta a marcha regular do aquecimento e esfriamento da terra, nem sempre ella tem logar contrariada, como é, por diversas causas. Para que ella seja regular é preciso a ausencia das causas perturbadoras, isto é, que não intervenham ventos, céus nublados de dia ou de noite, e nem maior ou menor quantidade de vapores na atmosphera ; é preciso que o céu esteja limpido, não haja vento e o ar esteja sêcco. Nestas condições que se realisam em alguns pontos do Sahara, este phenomeno tem logar de uma maneira quasi incrivel: o calôr é de dia intoleravel e as noites gelam.

Para citar outro exemplo bem conhecido de nós todos basta lembrar as tardes que precedem as nossas geadas ; depois da acção mais ou menos prolongada dos ventos frios, e sobretudo de chuva sufficiente para ensopar a terra, vem uma tarde limpida e tranquilla, e a radiação que se segue com toda a força, por se achar a atmosphera nas condições proprias ajudada pelo esfriamento devido á evaporação da terra, traz copiosa geada que tanto nos atribula.

A 2.ª causa do esfriamento da terra—a evaporação—é devida á mudança do estado da agua para vapor, o que constitue a evaporação, quando ella se

exerce brandamente e a uma temperatura abaixo do ponto de ebulição ou fervura da agua. Como não ha supprimento de calôr para esta mudança de estado, a agua o toma á terra, e portanto ella perdendo-o esfria e este phenomeno é tanto mais intenso quanto o ar se acha em estado sêcco em maior ou menor gráo ; o que entre outras occasiões sempre tem logar depois de chuvas, que além da condensação dos vapores das alturas da atmosphera na sua quéda acarretam as das suas camadas inferiores, tornando-se assim a atmosphera sêcca e fria pelo transporte pelas chuvas da temperatura das regiões elevadas sempre mais frias que a superficie terrestre, como já longamente expliquei no artigo que publiquei neste *Almanack* sobre as sêccas do Ceará.

As nossas collinas e outeiros são livres de geadas precisamente porque são menos humidas que as baixadas, e sobretudo que os brejos tanto baixos como altos ; e tanto é assim, que os logares altos humidos são tão subjeitos ás geadas como os baixos, e nas geadas que vêm depois de muitos dias de chuva pesada, tão forte quasi é este flagello nos altos como nas baixadas, como aconteceu o anno passado a 24 de Maio e a 18 do mesmo mez este anno, e creio eu nos annos anteriores de 70 e 71, de triste lembrança.

Apesar de nestas condições gear sempre mais nas baixadas que nas alturas, não ha rasão que infirme a theoria, e o motivo é que as alturas recebem calôr do sol mais tempo durante o dia que as baixas, e portanto o perdem pela irradiação menos tempo durante a noite. As duas causas reunidas explicam a sua immunidade relativa de tão desastroso flagello.

As causas que favorecem a evaporação são a seccura da atmosphera, porque o ar tende sempre a conservar certo gráo de humidade, conforme a tem-

peratura, e proporcional a ellas ; isto é, maior quando a temperatura é mais elevada ; os ventos sêccos que operam com força, porque á medida que vão recebendo a humidade se affastam e são renovados constantemente, o que torna sua acção muito intensa.

Entre nós reinam geralmente os ventos sueste e noroeste ; o primeiro frio e sêcco por ter depositado toda a sua humidade desde a serra do mar até á do Japy, e provindo de um planalto mais frio chega-nos com baixa temperatura ; o segundo é quente e humido, vindo de regiões baixas, quentes e humidas. Porisso o sueste além do frio que nos traz de outras regiões provoca ainda grande evaporação pela necessidade de absorver os vapores aquosos, e é portanto um dos causadores dos frios dos nossos invernos (os das regiões áquem do Japy, limite do nosso oeste do planalto de S. Paulo, ou zona entre a serra do mar e a do Japy).

Se á seccura do ar reune-se uma alta temperatura, então a evaporação attinge seu mais alto gráo de intensidade. Este caso, porém, não se dá entre nós, porque o vento quente é precisamente o mais humido, apesar de algumas vezes depois de chuvas continuas e pesadas elle nos chegar sêcco e relativamente quente, e então provocar uma evaporação tão intensa, que tem trazido geadas ; mas este caso como se vê pelas circumstancias que o precedem é excepcional.

A natureza do solo, quer por sua côr que influe sobre a absorpção do calôr que provoca a evaporação, quer pela faculdade de reter a humidade, que fornece elementos á evaporação, quer por sua inclinação, que dá facil escoamento ás aguas pluviaes, tem uma influencia bastante pronunciada sobre a temperatura, que nestas condições abaixa-se.

E' por isso que nossas terras argilosas e brancas

(pissarras) são tão subjeitas ás geadas; absorvem pouco calôr pela sua côr, e o perdem com intensidade pelos elementos que fornecem á evaporação. As massapés e rôxas pelo contrario absorvem muito calôr pela sua côr e não conservam humidade excessiva pelas suas inclinações fortes, sobretudo as massapés, que retendo mais humidade que as rôxas, em compensação são mais montuosas.

Os pedregulhos, ou salmorões (terras graniticas), reunem todas as vantagens a este respeito: absorvem o calôr pela sua côr preta devida ao humus que contém em quantidade; não retem a humidade á superficie e são geralmente muito inclinadas; são portanto as mais livres de nossos terrenos em egualdade de condições.

A terceira causa do esfriamento—os ventos frios—é poderosissima e pelo menos egual ás duas primeiras. Quem não conhece o sueste e sobretudo o sul? este ultimo soprando uma tarde inteira no inverno traz geada na manhã seguinte. A geada de 18 do corrente mez de Maio sobreveio a um dia inteiro de vento sul.

O vento que mais esfria nossos invernos é o sueste, porque reina quasi todo o inverno nos annos mais ou menos regulares; elle nos vem do mar, e atravessando o grande taboleiro de S. Paulo muito mais frio que o oeste da provincia, e nelle depositando toda a sua humidade não só nos chega frio como por sua seccura provoca tal evaporação depois das chuvas, que faz descer a nossa temperatura até abaixo de zero, e traz pequenas geadas, quando não augmentadas por outras causas, como por exemplo, quando elle reina de dia, nublando a atmosphera, e desapparecendo á noite, provocando assim forte irradiação, a qual se tem logar durante mais de um dia traz notavel abaixamento de temperatura e produz geadas fortes, sem comtudo ser das maiores.

Este vento nos chega frio não só por atravessar regiões mais altas que as nossas, como por vir-nos de latitudes mais polares ; e como todos os ventos que sopram por muito tempo vêm-nos de regiões longinquas, neste caso cada vez mais frias.

Se o sueste é pela sua constancia o vento que mais esfria nossa provincia não é comtudo o vento mais frio que nos açoita. O sul e susueste são os que têm este triste privilegio, e segundo a sua duração póde se prever seus effeitos.

O sueste é frio por nos vir do mar e atravessar regiões altas ; ora, a esta causa reune-se nos ventos de que tratamos o provirem de uma latitude mais alta ; são, portanto mais frios, e não ha muitos dias que durante um dia inteiro (17) regelou-nos com força e deu-nos geada em épocha do anno em que quasi nunca apparece semelhante flagello.

O sudoeste raramente apparece e sempre trazendo-nos as nossas maiores tempestades, felizmente passageiras. Pela sua pouca duração não nos traz frio.

O nordeste que nos vem das montanhas de Minas é bastante frio no inverno, e algumas vezes é acompanhado de geadas assaz fortes, como aconteceu em 1861 sobretudo para as circumvisinhanças de Mogy-mirim.

O norte, e mais ainda o noroeste são os nossos ventos beneficos ; a elles devemos pelo calôr e humidade que nos trazem quasi toda a nossa riqueza, como ninguem nesta provincia ignora, e assim deve ser, vindo elles de terras baixas, mais ou menos a trezentos metros acima do mar, ao passo que a parte cultivada acha-se de 500 a 900 metros de elevação sobre o mar, e portanto quentes.

Além disto a latitude donde nos vem é mais equatorial como o nome indica e a região inteiramente continental. Ora, nos ensinam os meteorologistas

que os climas são tanto mais quentes no verão quanto mais terra a dentro são, e pela rasão que a terra absorve muito mais calôr que as aguas. Além de quentes são estas regiões abundantemente regadas por grandes rios e por numerosos pantanaes. O calôr que nos vem dellas, carregado de vapor, reunido ao calôr latente desprendido em nossas regiões pela condensação dos vapores em copiosas chuvas, nos aquecem a um ponto, que contrasta singularmente com o frio dos ventos oppostos.

O calôr que nos vem do nosso noroeste central é tal que nos aquece mesmo no meio do inverno, e se elle não fosse tão abundante d'agua, cuja evaporação relativamente a refresca, sua acção sobre nossas paragens seria desoladora no mais alto gráo. Vê-se claramente, á vista do que acabo de expôr, quanto o estudo da topographia reunido ao dos ventos reinantes é indispensavel para conhecer o clima de cada região do nosso globo.

A quarta causa do esfriamento—as chuvas—, é bem conhecida. Depois de calôr abrasador que precede as chuvas, trazidas principalmente pelo vento noroeste, e causado em grande parte pelo desprendimento do calôr latente dos vapores aquosos, em sua mudança para o de agua (chuva), e que nos é tão incommodo, succede depois da chuva uma temperatura fresca tão agradavel que nos faz immediatamente mudar de humor.

As chuvas não só trazem-nos a temperatura das regiões altas sempre mais baixa, como molhando a terra, sempre mais quente, produz abundante evaporação que refresca a atmosphera.

Não só como phenomeno directo, mas como indirectamente fornecendo elementos á acção de outras causas, as chuvas são um poderoso elemento de frigoração.

No inverno, principalmente, ella favorece o es-

friamento cahindo de dia e cessando á noite, porque neste caso impede o sol de aquecer a terra e favorece pela evaporação e irradiação o esfriamento durante a noite. Basta mesmo que nuble de dia e limpe o tempo á noite, para a temperatura descer extraordinariamente.

As chuvas obram sobre a temperatura não só nas regiões em que cáem, como indirectamente esfriando as regiões d'onde nos vêm os ventos frios ; é assim que chuvas pesadas na proxima provincia do Paraná nos tornaram os ventos que de lá vieram nos recentes dias passados tão frios, que nos mimosearam com um frio desusado em Maio, como mesmo com uma pequena geada, que não deixou de fazer seu mal aos generos alimenticios.

Um inverno chuvoso nas nossas provincias visinhas, do lado do sul, será sempre seguido de um inverno frio senão geento em S. Paulo.

Se levarmos mais longe nossa analyse das ligações dos phenomenos terrestres, veremos que os nossos invernos são influenciados directamente pela abundante fusão dos gelos do polo sul, e indirectamente pela acção da mesma causa sobre os invernos do sul do nosso continente.

Vemos mais uma vez quão complicados são os phenomenos da natureza, e quanto estudo, é ainda preciso para saber-se com alguma antecedencia, sempre tão util á lavoura, a marcha do tempo. Felizmente vivemos na época da electricidade dynamica, e da difusão dos conhecimentas positivos, e podemos, portanto, esperar pelo dia, que não deve estar longe, em que a sciencia com sufficiente antecedencia fará conhecer ao homem o perigo que o ameaça, habilitando-o a resguardar-se dos seus maus effeitos quanto possivel, e approveitando com mais força dos felizes intervallos que a sciencia nos predisser.

Foi a meu ver, com profundo espirito de observação, que Babinet disse no seu celebre livro sobre as « Sciencias de Observação », que a meteorologia muitas conquistas tinha a fazer com o estudo dos gelos do polo do sul; estes gelos, segundo refere Lyell, têm algumas vezes chegado até á vista do Cabo da Boa Esperança.

Esta immensa fabrica do frio influe poderosamente sobre a economia do globo em nosso hemispherio todo ; e porisso seus effeitos devem ser cuidadosamente estudados pelos Estados sul-americanos, que muito lucrarão com o seu conhecimento, como é facil de conhecer-se. Este estudo não me parece offerecer difficuldades insuperaveis. Combinando a marcha do tempo na Australia e ilhas adjacentes com a da America do sul, poderiamos n'um lapso de tempo não muito longo conhecer as relações de uma para outra, e portanto seus resultados nocivos ou beneficos. Mais tarde outros paizes, á medida que forem recebendo o influxo da civilisação moderna, irão a seu turno fornecendo seu contingente para uma sciencia eminentemente humanitaria.

Como se vê diversas são as causas das geadas, que são o pesadello de todos os lavradores desta provincia. Vamos ver como reunem seus effeitos para esfriar um paiz tropical ao ponto de nelle fazer apparecer geadas tão fortes, que nos supporiamos por momentos transportados muitos gráos para qualquer dos polos.

Uma só das causas apontadas não produz grandes geadas ; é quasi sempre preciso o concurso pelo menos de duas ; diz-se quasi sempre, porque o vento sul só soprando por mais de um dia é capaz de o fazer. Creio mesmo, que nem uma das grandes gea-

das que nos tem flagellado nestes ultimos vinte annos, tem deixado de ser causada por este maldito vento, se me não falha a memoria.

As mais recentes, as de 70 para cá o foram sem duvida ; e se consultarmos as excellentes observações do Seminario Episcopal da nossa capital, veremos a lettra S" (sul) sempre nas vesperas destas geadas.

Nellas se deram o concurso de tres causas, que agiram mais ou menos prolongadamente chuva, vento e irradiação, e mesmo podemos accrescentar que um ou mais dias conservaram-se nublados e seguidos de noites limpidas, impedindo a terra de aquecer-se, e favorecendo pelo contrario a irradiação nocturna.

O nosso espirito é rebelde ás abstracções, porisso nas causas da geada procurei sempre faze-las seguir de exemplos que bem a fizessem esclarecer. Creio, portanto, desnecessario entrar em longos desenvolvimentos da theoria exposta, creio eu, com sufficiente extensão.

Todos sabem que um inverno sêcco é um inverno frio : porque inverno sêcco quer dizer, inverno em que reina quasi constantemente o sueste. Se nestes invernos ha chuvas occasionaes, ha quasi sempre geadas por unir-se a uma causa de esfriamento—os ventos, a evaporação quasi sempre seguida de irradiação. Por isso « que inverno sêcco inverno geento. » Entretanto, como algumas vezes acontece, se o inverno é todo sêcco e frio não é geento. Egualmente é sabido que inverno chuvoso não é geento, porque inverno chuvoso é inverno de noroeste, isto é, de um vento essencialmente quente. Entretanto maior parte das grandes geadas destes ultimos tempos cahiram em invernos chuvosos ; mas as chuvas que as causaram foram trazidas pelo vento sul, e, quasi sempre reinando por mais de um dia.

Agora que conhecemos as causas podemos nós perguntar se não haverá remedio para tamanho flagello?

Infelizmente a resposta, como se póde prever, é negativa. Só poderemos, depois de aturado estudo, prever com tempo de nos acautellar. E' verdade que o derrubamento das mattas diminue o esfriamento, mas infelizmente este facto interfere com outro egualmente importante—tende a diminuir e regularisar as chuvas. Elle ha de se dar em razão do nosso systhema de lavoura, mas então não faremos mais que trocar um flagello por outro flagello. Deveriamos cultivar os altos e preservar as mattas dos logares baixos.

Ainda mais uma vez se poderá ter visto, que só pelo aturado trabalho em busca do conhecimento das leis naturaes é que conseguimos o bem, e evitamos o mal; e se estas linhas conseguirem encaminhar alguns espiritos selectos no bom caminho, não terá sido ingrata minha pequena tarefa.

Fazenda da Resaca, 1 de Junho de 1878.

João Tebiriçá Piratininga.

Um tyranno da antiguidade tinha um leito de ferro sobre o qual fazia estender as suas victimas, mutilando as que eram maiores que o leito, distendendo dolorosamente as que eram menores para as fazer chegar ao nivel! Este tyranno amava a egualdade.

E' esta a egualdade dos tyrannos que destroem com os seus furores.

———

O PRIMEIRO AMOR

São ambas pallidas, louras,
Pequeninas e nervosas ;
Olhos tristes, mãos mimosas,
De resto, provocadoras.

Uma diz : « Tu, que namoras
Ha dez annos, e que gozas
De fama entre as mais famosas,
Dize-me : é certo que choras

Os teus tempos de menina ?
Costumam dizer vocês
Que o amor que mais desatina

E' o primeiro. Tu crês ? »
« Sei lá disso, Carolina !
Comecei logo por tres ! »

Serra do Sambé, 1878.

LUCIO DE MENDONÇA.

Ha uma cousa no mundo que vale mais que os gosos materiaes, mais que a fortuna, mais que a propria saude, é o sacrificio pela sciencia.

MOGY-MIRIM

Pharmacia e drogaria Mogyana

DE

AXEL E. SEVERIN

O pharmaceutico Axel E. Severin participa aos seus amigos e antigos freguezes, tanto desta provincia como das visinhas, que de novo tomou conta da sua antiga e bem conhecida— **Pharmacia Mogyana**—em Mogy-mirim, pedindo por isso continuação da mesma valiosa protecção de que sempre gosou, tanto dos senhores medicos como do illustrado publico.

Recebendo mensalmente do Rio de Janeiro e da Europa drogas frescas e **garantidas**, especialidades nacionaes e estrangeiras, medicamentos homœopathicos legitimos, bixas hamburguezas, aguas mineraes naturaes, productos pharmaceuticos e chimicos, e muitos outros artigos que pertencem a uma pharmacia bem sortida, está sempre no caso de bem servir os freguezes, como tambem fornecer drogas ás pharmacias no interior. Todos os medicamentos da sua pharmacia são garantidos e os preços rasoaveis.

Junto á pharmacia Mogyana continúa a funccionar — **A Enfermaria Mogyana**—dirigida pelo mesmo pharmaceutico Axel E. Severin, onde recebe-se doentes a tratamento pelo preco de 3$000 por dia, inclusivè medico, medicamentos e trato, mas exclusivè operações cirurgicas, que serão feitas pelo preço convencionado e mais modico possivel.

O medico desta enfermaria é o distincto facultativo e operador dr. Antonio Pinheiro d'Ulhôa Cintra ou na ausencia deste outro facultativo do logar.

Mogy-mirim, 1 de Julho de 1878.

O pharmaceutico,

AXEL E. SEVERIN.

A canôa branca

(LENDA DO NIAGARA)

Era ainda no tempo em que só o ligeiro pé do selvagem mal irrompia o morno silencio das soidões do Oeste. Os guerreiros da floresta virgem costumavam reunir-se na *Grande Cataracta* para offerecer sacrificio ao Espirito das Quédas. A oblação consistia de uma canôa branca, como a garça, cheia dos melhores fructos e adornada das flôres mais lindas e perfumosas, que a matta produzisse.

Guiava a canôa branca até se despenhar no abysmo a mais bella e vistosa filha da tribu, que houvesse chegado á edade de mulher.

E grande era a honra tributada a quem tocasse a sorte de dirigir a canôa branca.

* * *

Uma vez aconteceu ser escolhida a filha unica do chefe dos Senecas.

A mãe cahira sob imigas armas.

Dos mais bravos na guerra era o pae, que só á vista da moça—derradeira esperança na vida – desannuviava a fronte carregada de saudade e odio.

O indio escutou impassivel a sentença : nem resaibo de dôr passou-lhe apercebido no rosto escuro. Afogou no imo d'alma a agonia funda, que o roia, e, emquanto se aprestava a barbara festa, ninguem lhe vio lagrima nos olhos negros sem luz !

* * *

Ao dia triste e calmo succedeu uma noite oriental, clareada pela cheia, que esplendida reverberava no dorso tremulo e nervoso do Niagara.

Acoutados por detraz dos troncos, trepados nos topos das arvores, os selvagens applaudem com o riso alvar e infernal vozeria o manso deslisar da canôa branca pela margem opposta.

A amazona, com a calma e denodo de quem myriade de vezes teve deante de si o espectro da morte no troar lugubre do combate, lucta com a torrente para mais ao largo tirar o fragil lenho em que vae. E' terrivel o combate braço a braço da creatura com o elemento raivoso, da mocidade com a desesperança!

* * *

De subito reina silencio de tumulo.

Outra canôa, veloz como a setta, remada pelo braço possante do chefe, por cuja falta ninguem dera, segue a espumante listra deixada n'agua pela canôa branca...

E' que ainda no coração frio e estoico do homem primitivo sentimentos ha muito ternos para serem calcados no olvido, cordas demais fracas para não estalarem quando rudemente estiradas.

A um esforço estremo vão a par, em ultimo olhar ainda se encontram pae e filha, e apar seguidos de um grito de pavôr, esquecidos no estrondo da Grande Cataracta, precipitam-se da voragem na eternidade!

Era o tempo em que a lua se occultava...

* * *

Foi a ultima canôa branca que se offertou ao Espirito das Quédas.

F. Bueno.

Uma caçada

Meu caro sr. Lisboa.—Pede-me v. que eu diga, para o seu *Almanach*, alguma cousa sobre as caçadas aqui desta terra, em que ellas não são um simples divertimento, mas sim uma verdadeira paixão, uma monomania, uma loucura, como talvez em parte alguma do Brazil se note .... pois bem! Vou satisfazer-lhe o desejo, mas unicamente para mostrar-lhe o que somos, nós os homens, e... e v. por consequencia. Se lhe não agradar a conclusão a que vou chegar, tenha paciencia; mal de muitos consolo é; lembre-se de que fallo contra mim proprio.

Ora ouça:

Apaixonadissimo, como todo o santista, pela caça, nesta explendida floresta que, como um gigantesco manto de verdura, envolve a serra do mar, de sul a norte, e por sob a qual hei tantas vezes caminhado em busca dos pobres e innoffensivos animaes que povôam o sertão,—tem-me isto sido, no entanto, motivo para profundas meditações ácêrca da *animalidade* do homem, que a civilisação, a sciencia, e a philosophia, isto é, a razão, não conseguiram ainda abafar de todo!

Que Nemrod, o famoso filho de Cham, o poderoso e valente fundador de Babylonia, fosse admirado por seus contemporaneos e até appellidado—*o intrepido e esforçado caçador ante o Senhor*, como dil-o a Biblia, não ha ahi motivo para grandes reparos, visto como a época em que viveu este celebre conquistador (2640 annos antes de Christo) pouco se distanciava, ao que parece, da edade da pedra polida,

quanto ao estado intellectual. Pelo menos, somos auctorisados a assim pensar á vista das tradicções que nos legaram os hebreus, as quaes, seja dito de passagem, não abonam muito o seu desenvolvimento intellectual, e menos ainda o seu gráo de moralidade.

O que, porém, é para admirar, em que pese aos partidarios do christianismo como origem e causa da nossa tão decantada civilisação actual,—é que hoje, quando já ninguem se crê agradavel aos olhos do Senhor, por mais insigne caçador que se ostente, exista ainda no coração do homem o desejo, a gana, esse como que instincto selvagem de destruir *unicamente por prazer*, creaturas que têm, pelo menos, tanto direito á vida como nós, e o que é mais,—que nos não prejudicam, que nos não incommodam por maneira alguma !

Este instincto da raça felina que predomina em o nosso organismo, é pois evidente, não obstante a nosso semelhança com o Creador, segundo affirmam as sagradas Escripturas, de onde podemos deduzir que, se o Creador deu-nos a sua imagem, quanto á fórma externa, deu-nos egualmente os figados dos leopardos e pantheras, quanto á fórma interna !

Como quer que seja, estas reflexões cahem-me dos bicos da penna, ao recordar uma caçada a que fui, uma vez, e mais dois, como eu, feitos á imagem de Deus !

Eramos, pois, tres almas, e das mais bem formadas que a este mundo tem descido. Nenhum de nós, em seu estado ordinario, rodeado pelos objectos do lar domestico, e no ambiente da sua vida commum é capaz de matar, a sangue frio, uma pulga, siquer, tal é a brandura de nosso caracter, a nossa predisposição para a complacencia, o predominio da nossa razão, emfim.

Partimos pois.

O dia estava magnifico, os passarinhos cantavam saudando o explendor do rei da creação que começava a elevar-se no horisonte, e a floresta, cheia ainda de vapores balsamicos, como que predispunha á ternura e ao bem.

As nossas almas estavam no estado mais beatifico e no de paz a mais perfeita.

Caminhavamos a um de fundo pela estreita vereda a que os caçadores chamam *picada*.

Ouvia-se, ao longe, o ronco solemne, magestoso, grave de uma cachoeira que se despenhava de grande altura. O espectaculo que nos offerecia a floresta, a essa hora, era pois arrebatador, grandioso, fantastico!

Parece que tudo quanto nos rodeava devia induzir-nos a só praticarmos acções nobres e grandes!

Em breve, porém o companheiro que ia na frente estacou, e voltando-se fez-nos com a mão espalmada o signal de—alto!

O seu olhar tornara-se brilhante, afogueando-se-lhe as faces rapidamente; suas pupilas despediam chammas de um prazer satanico!

—Os monos *estão fallando* alli na barroca!

Disse, e precipitou-se na direcção que indicára.

Seguimo-lo, mas já com a respiração curta pela emoção, e com as carotidas a baterem-nos com violencia!

Teriamos caminhado uns cincoenta passos, quando avistamos alguns monos, a que os indios chamavam *burikys*, que fugiam apressadamente pela barroca abaixo, pulando de galho em galho. Ia por derradeiro uma macaca, amparando com uma das mãos um filhinho ainda mui tenro, que se lhe dependurava ao pescoço, o que lhe difficultava visivelmente a marcha.

A esta vista, a nossa *animalidade*, isto é, esse outro ser, essa individualidado feroz, intransigente,

selvagem que em nós existe, dispertára de subito, e exercendo o seu irresistivel e fatal predominio sobre a nossa razão, transformára-nos em tres animaes ferozes, estupidos e sedentos de sangue!

A infeliz macaca, transida de susto, e no auge da afflicção, por se ver perseguida, fugia soltando gritos lamentosos que exprimiam um terror indizivel, mas nem porisso se descuidava de amparar o filhinho prestes a cahir daquella immensa altura em que se achavam! E esta scena que em qualquer outra circumstancia seria bastante para commover-nos até ás lagrimas, era, pelo contrario, agora, no seio da floresta, e rodeados dos elementos em que a *animalidade* melhor se exerce, um incentivo de furor, um como aguilhão a espicaçar-nos o desejo, já então irresistivel, de tirar a vida a esses pobres entes, que não sabiam, nem podiam defender-se!...

A mim me quer parecer, meu caro sr. Lisboa, que este estranho phenomeno psychologico nada mais é do que o despertar do selvagem instincto dos nossos pelludos antepassados, instincto que se acha adormecido por tantos milhões de annos gastos na elaboração da civilisação, isto é, na elaboração da perfectibilidade social, e na conquista da razão.

De tres homens compassivos e relativamente intelligentes, que eramos, estavamos agora transformados em tres verdadeiros animaes carniceiros, ferozes, terriveis!

Soffregos, allucinados, com os olhares incendidos, disparamos nossas espingardas, e vimos, *cheios de prazer*, despenhar-se daquella enorme altura a misera macaca, sempre abraçada ao filhinho, e procurando resguarda-lo ainda com as mãos!...

Quando o seu corpo tocou o chão, produzindo esse ruido surdo e abafado, que em qualquer outra occasião dar-nos-hia calafrios, precipitamo-nos sobre o seu cadaver *como tigres esfaimados!*

Dos seus olhos corriam lagrimas que traduziam as mais acerbas e cruciantes dôres, o mais profundo desespero e talvez a penosissima idéa de deixar o filho em poder de tão terriveis e cynicos verdugos!

D'ahi a pouco começou a arfar com violencia, apertando com uma das mãos a ferida e com a outra o macaquinho, e a olhar de modo tão dorido e pungente para os seus assassinos, que parecia implorar-lhes a commiseração para o filho. Depois, um estertor convulso percorreu-lhe o corpo, e expirou!

O animalsinho aconchegou-se-lhe como querendo procurar-lhe o seio para aquecer-se, e fechou os olhinhos, para não ver, talvez, os assassinos de sua mãe! O coitadinho!... Estava orphão, e em poder daquelles que, não obstante se crêrem possessores de uma alma, *que é scentelha divina*, são entretanto os mais crueis devastadores das inoffensivas raças que povoam e animam as florestas, pois que *matam unicamente pelo prazer de destruir, de anniquillar!...*

Quando levantamos o cadaver, que jazia por terra, o macaquinho agarrou-se-lhe ainda ao pescoço, mas estava por tal fórma pisado e moribundo, que resvallou para o chão, expirando pouco depois!

Então, alguma cousa de penoso passou-se em o nosso ser; era o despertar da razão, que, expellindo a besta feroz que em nós predominára, fazia-nos ver agora toda a hediondez do nosso acto!

Sem que dissessemos uma unica palavra uns aos outros, e como de commum accôrdo, voltamos sobre os nossos passos. Vinhamos desgostosos e sem animo de encararmo-nos mutuamente. Experimentavamos o que quer que é de doloroso, que nos vexava, que nos envergonhava aos nossos proprios olhos.

Caminhavamos calados, pensativos, tristes.

Ao chegarmos á entrada da matta, isto é, ao sahirmos ao aceiro de uma roça, levantaram o vôo al-

guns jacús, que espanejavam-se no chão, e foram pousar sobre os gallhos de uma grande arvore proxima.

Novo eclipse da razão!... Novo predominio da besta!... A pungente scena de ha pouco desapparecera para dar logar ao indomito desejo de *matar!* Cahiramos de novo na feroz allucinação do animal sedento de sangue! O nosso empenho, a nossa ambição era, outra vez, matar, matar até o ultimo jacú!....

. . . . . .

Eis aqui, meu caro sr. Lisboa, o que é o homem, o que somos eu e v., o que é a razão, a alma, a scentelha divina infundida na carcassa feita á imagem do Creador! Eis, emfim, o que são as emoções da caça, pela qual tanta gente é doudamente apaixonada!

Já vê, pois, meu caro editor que o eminente auctor da *Origem das especies* tem carradas e carradas de razão para affirmar a sua theoria!

Santos—Maio de 1878.

Roberto M.

TROVA POPULAR

Abaixae-vos, Serra-Negra,
Quero vêr Mogy-mirim;
Quero vêr se aquella ingrata
Ainda se lembra de mim.

UM NOIVADO

A * * *

Da egreja na extensa nave
Lêdo o cortejo se estende :
—Em todo o rosto, suave,
Meiga alegria resplende.
Repica o sino. No espaço
Pendura a noite pingentes
Como faceiro atavio ;
E as sombras soltam-se a passo
Tal como as franjas pendentos
D'um reposteiro sombrio.

Envolta em véus de noivado
A moça do noivo ao lado,
Em scisma incerta revôa
Do regosijo ao temôr ;
E o moço ao ver-lhe a corôa
Que cinge á coma os negrumes
Quasi que sente ciumes
Dos aconchegos da flôr.

Abrem os olhos os cirios,
Vaga a malicia nos ares,
A noiva deita uns olhares
Que põem o noivo em delirios.
O padre emfim se approxima
Latinas resas murmura
E pondo a estola por cima,

Nas suas as mãos segura
Do par anciosо e contricto :
A da noiva prende o moço
E ella em doce alvoroco
Repete as phrases do rito.

Chega-se a turba ao altar
Para á porfia saudar
Do par ditoso o futuro :
Sómente n'um canto occulto,
Sinistro, immovel, escuro,
Fica de pé negro vulto...

Ouve-se alguem soluçar.

Soam vivos comprimentos
O noivo louco, fremente,
Póde abraçar finalmente
O sol dos seus pensamentos.

Folgae, creanças, folgae :
Quanta doirada promessa,
Cedo morta no passado,
No existir que hoje começa
Nascer-vos risonha vae ?...
A vida marcha depressa :
Gosae, pois, vosso noivado :
Folgae, creanças, folgae.

E' tarde... Ha muito da festa
Na treva o brilho afogou-se :
Só uma luz peregrina
Que em zelos talvez se mova
Da janella pela fresta
Côa um luar calmo e doce...

Era a luz da lamparina
Dos desposados n'alcova.

Dentro na paz do descanço
Havia um tenue rumor,
Que silvava manso... manso...
Como um segredo de amor

Mas ai ! nessa hora encantada
Na rua, sobre a calçada,
Alguem jazia de bruços...
E inerte como na egreja
O vulto negro forceja
Para abafar uns soluços...

S. Paulo—1878.

AFFONSO CELSO JUNIOR.

Retrato de José Bonifacio

José Bonifacio de Andrada era de estatura menos que ordinaria, de figura regular, branco e louro na sua mocidade, de olhos pequenos e vivos, que descobriam a delicadeza de suas sensações e finura de seu espirito. Sua conversação era amena e jovial e recheiada de labaredas. Os seus costumes eram doces; sua bondade, quasi angelica, estava pintada no seu rosto; sua paciencia era estoica; sua toleraucia evangelica; sua caridade verdadeiramente christã; elle nunca conservou rancor, nunca esqueceu beneficio, nunca recusou soccorro a quem lh'o pedia. Não procurou inimisades senão por bem do Brazil; se as difficuldades das circumstancias em que se achou collocado o fizeram desviar da senda do estricto direito, o seu coração não teve parte no que a cabeça prescrevia.

A belleza, o espirito, a virtude, na mulher

A belleza attrahe, o espirito encanta, e a virtude se ama; eis um proverbio cuja exactidão, desde o principio até á consumação dos seculos se verá verificado.

A belleza para a mulher é um *dom* primoroso, e nos paizes pagãos, quasi que é o unico a que se dá valor. Os orientaes que seguem a religião de Mahomet, contemplam na esposa a sua mais bella alfaia. Desde que nasce uma menina, os musulmanos, se desvelam tanto em aperfeiçoar-lhe o phisico quanto os christãos em cultivar-lhe o espirito, e educar-lhe o coração.

Ha profissionaes que se empregam em polir-lhes as feições do rosto. A belleza dos olhos, é sobre todas muito apreciada entre ellas, e quando a natureza lhes foi mesquinha nesta partilha, as meninas soffrem durante alguns mezes uma operação diaria, que consiste em puchar-lhes as palpebras para os lados, de um modo particular, e conseguem emendar a falta da natureza, e dar aos olhos a fórma de amendoas, que é julgada a mais formosa.

O nariz e mais partes do rosto, são tambem melhoradas, quando lhes fallece primitivamente a perfeição.

Não é comtudo para a felicidade individual da mulher que tomam esse trabalho; o egoismo masculino, nesses povos sensuaes, quer aperfeiçoar a sua machina de prazer. Entre os povos mais cultos, poeticos e espiritualistas, a mulher occupa o logar

que lhe compete, como Ente dotado de alma, intelligencia e coração. Sendo nellas a formosura apreciada como mais um attractivo, e não como seu unico merecimento.

Assim nos tempos modernos vemos Lord Byron, referindo-se a uma joven, destituida dos encantos do espirito, exclamar, fugindo della :—E' linda como um anjo, e tola como um balaio. Vemos Catharina, pobre moça, mulher de um soldado, que foi pelas tropas invasoras de Pedro o Grande da Russia, encontrada escondida dentro de um forno, pela sua belleza agradar ao imperador, pelo seu espirito ajuda-lo, e salva-lo em Pruth, e pela sua virtude ganhar-lhe tantos affectos, que elle a fez sua esposa e por sua morte foi acclamada Catharina 1.ª imperatriz de todas as Russias.

Nos tempos antiquissimos, vemos Helena de tão maravilhosa formosura, que se a dizia—filha de um Deus, attrahir os reis e os heróes, inspirando-lhes a mais violenta paixão amorosa, ser causa da mais cruenta e desastrosa guerra, e afinal ir acabar miseravelmente em uma forca, porque foi uma mulher sem virtudes, sem coração e sem fé.

Vemos nos tempos antigos Poppéa, mulher bellissima e de talentos, mas de indole perversa inspirar a Nero uma viva paixão, porém não se fazer amar por elle, que depois de saciar essa paixão matou-a com um ponta-pé, como se fôra um cão. E' que os maus se associam, mas não se amam, como disse o sabio Marquez de Maricá.

Vemos Santa Joanna, de França, completamente destituida de belleza phisica, adquirir sómente por suas virtudes um nome immortal, e a veneração de toda a christandade, ao passo que Agrippina, cheia de prendas, de intelligencia e de belleza, morreu assassinada por seu proprio filho, e deixou um nome execrado até hoje, tantos seculos depois de sua mor-

te. Faltava-lhe a virtude, o imponente, o immorredouro, o supremo attractivo da mulher, aquelle que a faz amada até o ultimo instante de sua vida.

A virtude impõe-se, infunde respeito, mesmo ao crime.

Campinas—1878.

BRAZILIANA.

A rua das Casinhas

Da obra de *Saint-Hilaire* extractamos o seguinte:

« Os legumes e as quitandas são vendidas por negras que estão acocoradas em uma rua a que este genero de commercio faz dar o nome de *Rua da Quitanda*.

« Quanto aos comestiveis indispensaveis, taes como farinha, toucinho, arroz, milho e carne secca os individuos que os vendem estão pela maior parte reunidos em uma rua chamada—*das Casinhas*, porque cada quitanda fórma uma casinha separada. Nestas quitandas não ha nem limpeza nem ordem; são escuras e enfumaçadas. O toucinho, os legumes e a carne tudo está misturado.

« Não ha em S. Paulo rua tão frequentada como a das Casinhas.

« A gente da roça ahi vende os seus generos aos negociantes, que a seu turno os vendem aos consumidores. Todo o dia está a rua cheia de negros, caipiras, bestas e camaradas; ao anoitecer muda a scena: as bestas de carga e os compradores cedem o logar a chusmas de mulheres á tôa, da mais baixa extracção, attrahidas pelos camaradas e caipiras a quem vão offerecer-se. »

Como tudo está mudado! Nem siquer a rua conserva mais o seu antigo nome!

TRANSIÇÕES

I

Quando ella outr'ora entrava empallecida e bella
Na alcôva em que jazia o misero doente,
Na dextra a scintilar a foice omnipotente,
Aos labios debuxando aquelle rir que gela...

E impassivel ouvia a supplica plangente
D'um coração de irmã, de mãe que se desvela...
Emquanto a estalitar a frouxa luz da vela,
De chęio ia bater no rosto quasi algente...

N'aquelle instante acerbo, enorme, da agonia,
Mais firme então brilhava a luz da Theologia,
Da eterna salvação, no meigo olhar da Fé !

Depois... offerecendo o pobre agonisante,
Ao enviado de Deus seu derradeiro instante...
—Fitava a Redempção na Morte alli de pé !

II

Porém, não foste eterna, oh velha Theologia,
Tu que embalaste outr'ora o berço á humanidade !
—Os homens sempre vão em busca da verdade,
E a Lei da Evolução deixou-te muda e fria !

Então veio a Razão trazendo um novo dia
Que álmo esplandeceu n'aquella escuridade :
—O homem deparava em ti, Philosophia,
As bazes da moderna e livre sociedade !

Na indagação febril, porém, a ferrea logica
Lá foste espedaçar na *esphera teleologica*,
Comtigo naufragando a intrepida Razão !

E quando tu oh Morte, então mais um buscavas,
Não era a antiga Fé que junto ao morto achavas...
—A Duvida, só ella, atroz, sem compaixão !

III

Porém, agora, oh Morte, agora nesta edade,
—Dominio da Razão *que pensa, mas não sonha*—
Em ti já não mais vê a grande humanidade,
—De tragica ceifeira a apparição medonha !

Não tens a foice atroz, a eterna impiedade,
O beijo que resfria, a pallidez tristonha !
—Agora és uma Lei, e quem de ti disponha,
—Já não ha como outr'ora, oh falsa divindade !

Sim, hoje tu só és um meio transitorio ;
E a cóva não é mais do que um laboratorio !
—Lá dentro e de outro modo a Vida principia !

Um mundo te bemdiz, oh Morte, lá no abysmo,
Da valla nas entranhas aonde o transformismo,
Potente como um Deus labora noite e dia !

S. Paulo—Julho de 1878.

H. de Camargo.

DR. M. F. DE CAMPOS SALLES

O nome que corôa esta pagina, e que ha de brilhar gloriosamente na historia politica de nossa patria, não é sómente o de um jornalista vigoroso, de um distincto advogado, de um contemporaneo que honra a nossa geração, pois não é sómente o nome de um individuo, — é o nome de um typo, do mais characterisado representante dessa altiva democracia paulista que, pelo seu elevado character, pela sua energia civica, pelo trabalho constante e convicto, é a melhor porção da raça brazileira, os eleitos deste povo de israelitas curvados em adoração indecente ao bezerro... não, á vacca de ouro da monarchia.

A cabeça do mais rico municipio da provincia de S. Paulo, a formosa cidade de Campinas, tornou-se, ha alguns annos, o fóco mais animado e brilhante do espirito livre naquella terra que parece destinada para ser o oriente da liberdade politica, que para nós, retardados americanos, agora apenas amanhece. Em 1869, um esforçado grupo de moços democratas levantou alli a *Gazeta de Campinas*, uma das melhores folhas da imprensa nacional. O dr. Francisco Quirino dos Santos, poeta encantador, os drs. Campos Salles, Jorge de Miranda e Francisco Glycerio, todos elles advogados de nota, ha nove annos desde então, têm prestado ás idéas novas, pela *Gazeta de Campinas*, a luminosa contribuição de grandes espiritos valorosos e scintillantes.

Quem, como o que isto escreve, tem acompanhado a vida publica daquelle jornal paulista, se admi-

ra enlevado o estylo finamente litterario e vernaculo do poeta das *Estrellas Errantes*; se présa o alto senso practico dos artigos de Jorge de Miranda e F. Glycerio, não póde deixar de reconhecer que alli o consummado jornalista politico é Campos Salles: sua penna vigorosa é nitida, certeira, cortante como uma espada; tem os lampejos do aço e os seus botes mortaes. Possue o ponto de vista claro e firme, e, no seu caminho para elle, não ha duvida nem fraqueza que o embarace: corta para a frente, desassombrado e sereno, como quem sabe que vae certo. Na polemica, não esperem delle misericordia nem tréguas, porque tambem não as quer do adversario. E' inexoravel porque é irreprehensivel.

Manoel Ferraz de Campos Salles, nascido em Campinas, a 13 de Fevereiro de 1841, formado em direito pela Faculdade de sua provincia a 10 de Dezembro de 1863, desde os tempos academicos adestrou a palavra e o espirito nos embates da discussão: começou a apparecer nas associações litterarias que pejavam de luctas ruidosas, de fecundas hostilidades a bella academia, hoje tão outra, tão decahida, tão caturra e decrépita que já tem club ultramontano. Pensador como já então era, e affeiçoado ao estudo dos graves problemas que encerra o destino social, empenhava-se particularmente na discussão de theses scientificas, em que já se demonstrava, em esplendidos annuncios, o seu poderoso entendimento.

Em 1862, época em que o espirito politico agitou mais vivamente a mocidade academica de S. Paulo, redigiu Campos Salles a *Razão*, ao lado de Quirino dos Santos, Jorge de Miranda, Quirino do Nascimento e Belfort Duarte, defendendo com o fervoroso enthusiasmo dos primeiros annos, e tambem com a sua generosa cegueira, os principios da eschola liberal, que era então a mais adeantada do

paiz e satisfazia os votos dos jovens publicistas. Alli fez as suas primeiras armas no jornalismo politico.

Quatro annos depois de graduar-se em direito, em 1867, appresentou-se Campos Salles candidato á assembléa provincial pelo 3.º districto eleitoral de S. Paulo. Estava então no poder o gabinete de 3 de Agosto, o ultimo da esteril situação progressista. Em sua circular ao eleitorado, o moço democrata declarou-se francamente em opposição ao governo, dizendo que « tomava por guia a bandeira sob a qual militavam os *liberaes historicos*, porque nella via inscripta a bella legenda que sempre conduzira o velho partido liberal ás luctas heroicas de outros tempos ». O candidato presentia que o partido liberal não poderia readquirir as forças e a grandeza perdidas nas infructiferas luctas passadas, senão quando houvesse restaurado o glorioso programma de 31, que o proprio partido havia covardemente repudiado, em homenagem ao imperialismo, desde o dia 23 de Julho de 1840, data ominosa da proclamação da maioridade do sr. d. Pedro II,—bajulação que ha de ficar perpetuamente como uma nódoa indelevel nas tradicções do partido liberal brazileiro. O *quero já* só tinha uma resposta constitucional e condigna :—*Pois vá querendo.*

Não obstante, porém, a aberta declaração de ser opposicionista, a candidatura de Campos Salles foi bem acolhida pelo corpo eleitoral e afinal corôada de triumpho.

Deu-se nessa eleição uma occurrencia que deve aqui ficar encravada como brilhante exemplo da probidade do illustre republicano paulista. Haviam os chefes liberaes da capital deliberado organisar a lista dos candidatos por meio de consulta prévia ao eleitorado de cada districto ; apezar, porém, deste compromisso, tres dos candidatos indicados pelos eleitores do 3.º districto foram deslealmente exclui-

dos da chapa afinal confeccionada por aquelles chefes, e substituidos por outros, que não haviam sido recommendados pela eleição prévia. Poucos dias antes da eleição, e apezar de estar a chapa conservada em completo sigillo para ser emittida á ultima hora, Campos Salles, quasi fortuitamente, teve della conhecimento em Campinas, e, posto que o seu nome estivesse contemplado nessa organisação, manifestou-se desde logo em contrario ao procedimento dos chefes liberaes, que assim violava o compromisso e menospresava a opinião do eleitorado. Sem perda de tempo, denuncia aos eleitores a traição; leva-a egualmente ao conhecimento dos candidatos preteridos; dá, com os seus amigos de Campinas, as providencias que ainda são possiveis; e, com grande sorpresa do directorio, são eleitos os tres candidatos por elle postos á margem e, conseguintemente, derrotados os tres intrusos.

Esta hombridade, que não podia falhar no character de Campos Salles, desagradou aos chefes; um delles chegou a censurá-lo em uma reunião politica —por haver guerreado uma combinação em que não fôra esquecido o seu nome. A isto respondeu elle nobremente que trabalhava no interesse do partido, e não no seu proprio; que o direito daquelles tres correligionarios era egual ao seu; e, finalmente, que seu nome fôra incluido na chapa por indicação do eleitorado e não por favor dos chefes.

Na primeira sessão dessa legislatura, em 1868, de collaboração com o seu digno e illustrado amigo dr. Jorge de Miranda, com quem fraternisava em completa solidariedade de idéas e de coração, appresentou um projecto de reforma de instrucção publica, estabelecendo o ensino livre e a aprendizagem obrigatoria. O projecto foi vigorosamente combatido pelos liberaes, que o qualificaram de *presente funesto!*

Sobreveio o 16 de Julho de 1868, o *estellionato po-*

litico, que para maior gloria da monarchia e do monarcha, teve, este anno, a sua respondencia no 15 de Janeiro. Viu-se então na provincia de S. Paulo a memoravel sessão da assembléa provincial de 1869, que deixou de si cópia immorredoura naquelles vergonhosos tempos do barão palaciano, o Sejano do Tiberio de S. Christovam. Fundiram-se na adversidade commum as dissensões intestinas que retalhavam o partido liberal ; congrassaram-se os animos, e historicos e progressistas fraternisaram á sombra da mesma bandeira ultrajada. Estava, porém, escripta a desgraça do velho partido monarchico—escripta não nos destinos da Providencia, que não existe, mas na incorruptivel justiça da consciencia popular, que entrava a illuminar-se :—foi nessa época que surgiu o partido radical, primeira feição com que assomou em nossa historia politica o partido republicano.

Campos Salles foi dos primeiros que se desligaram do denominado partido liberal para abraçar-se ao estandarte dos livres ; comprehendeu que não podia bem servir ás suas idéas sem repudiar os preconceitos, os erros, as incoherencias, as ambições inconfessaveis, e, digamos tudo, a covardia, que ainda hoje acorrentam a um throno caduco a energia do grande partido verdadeiramente digno de mais nobre destino do que carregar aos hombros o cadaver de uma monarchia.

Nessa historica sessão de 1869, verberou Campos Salles, com toda a eloquencia da convicção e da honra, a exorbitante influencia da corôa, a sua abusiva interferencia na politica do paiz ; censurou a attitude vacillante e medrosa do partido liberal deante da usurpação monarchica ; criticou o deficiente programma que o directorio liberal da Côrte lançára á publicidade, com o celebre, e depois irrisorio, epilogo—*Reforma ou Revolução ;* e proclamou a ne-

cessidade e a legitimidade do novo partido redemptor. « Em politica, disse elle, parar é recuar ».

Quando, em 3 de Dezembro de 1870, definiu-se claramente á nação o partido republicano, com o glorioso manifesto publicado na *Republica* do Rio de Janeiro, e redigido por Bocayuva, Salvador de Mendonça e Saldanha Marinho, já era Campos Salles republicano declarado e conhecido.

De então para cá, o seu nome está indissoluvelmente ligado a todos os actos da vida do partido republicano paulista, de que elle é viva encarnação. Desde que o partido organisou-se e instituiu um congresso na capital da provincia, Campos Salles tem sido membro da sua commissão permanente ; e na *Gazeta de Campinas* e na *Provincia de São Paulo*, poderoso baluarte das idéas livres, tem servido á sua causa com valor inquebrantavel, com extremos de filho.

Em 1872, no rico e adeantado municipio de Campinas, ficou bem patente o grande apreço em que é tido alli o nome de Campos Salles. Ia eleger-se a camara municipal ; conhecendo que liberaes e conservadores alliavam-se nesse pleito para excluir da vereança qualquer candidato republicano, o novo partido, ainda nascente mas já bastante forte para a lucta, appresentou Campos Salles como seu unico candidato. Foi eleito, apezar das forças colligadas dos dous partidos monarchicos. Foi essa a primeira eleição pleiteada pelo partido republicano naquella provincia. Durante esse quatriennio, teve o vereador republicano que sustentar lucta renhida com os seus collegas da camara, obrigando-os constantemente á discussão. Por occasião de um destes debates, geralmente considerado como o mais importante que naquella corporação se tem travado, Campos Salles foi alvo de uma manifestação popular, que

elle justamente considera como um de seus melhores triumphos.

Em 1877, foi um dos seis candidatos republicanos á assembléa provincial, e apenas uma differença de cerca de 20 votos impediu que tomasse assento ao lado da trindade illustre formada por Prudente de Moraes, Martinho Prado Junior e Cesario Nazianzeno.

Ainda ha poucos mezes, deante da opposição que os lavradores de sua terra levantaram contra o projecto que creava o imposto de 1:000$000 por averbação de escravo que, vindo de outra provincia, fosse alli vendido, foi Campos Salles o unico que, em uma reunião do *Club da Lavoura*, combateu as idéas de seus conterraneos, com vigor e eloquencia que abalaram profundamente o animo do auditorio.

Manoel Ferraz de Campos Salles, cuja vida publica ahi fica esboçada em amplos traços, rapidos e incompletos, foi, em todos os sentidos, pródigamente dotado pela natureza: sua robustez physica rivalisa quasi com a pujança do seu espirito: é em tudo um athleta,—corpo e alma de batalhador.

Filha de D. Anna Candida de Salles e Francisco de Paula Salles, casado, a 8 de Julho de 1865, com D. Anna Gabriella de Campos Salles, membro de uma das mais importantes familias de Campinas e largamente relacionado na provincia, que póde orgulhar-se de o ter por filho, aguarda-o, ainda mesmo como representante das idéas adeantadas, um futuro dos mais vastos na politica de sua patria. Se, como tudo auctorisa a crêr, a Republica instituir-se ainda em seus dias, teremos em Campos Salles, republicano austéro, pensador illuminado, politico sensato, calmo e resoluto, o Gambeta brazileiro.

Itaborahy, 22 de Maio de 1878.

Lucio de Mendonça.

H.que LUIZ LEVY

COM DEPOSITO DE PIANOS E MUSICAS

Rua da Imperatriz N. Paulo

Instrumentos de madeira e metal para banda e orchestra, musicas, objectos á phantasia, perfumaria, charutos de Havana, cachimbos, piteiras, fumo de todas as qualidades, papel de musica pautado de todos os formatos, etc., etc.

HYDROLOGIA

As mattas augmentam ou diminuem o volume das aguas correntes?

Apesar da epigraphe scientifica, que leva este artigo, convém começar dizendo que não é um homem de sciencia que o escreve: é um lavrador, que publica as observações que fez no só intento de satisfazer sua curiosidade e interesses de sua lavoura, sem pensar em fazer sciencia.

Dado este *cavaco*. entremos em materia.

Diz a sciencia, que as mattas *chamam* chuvas, e porisso aconselha a arborisação da provincia do Ceará para evitar as sêccas, que de tempos a tempos a flagellam. E' possivel e não duvidamos crêr que as mattas tenham essa virtude de formar vapores aquosos, nuvens e chuvas, e que assim augmentem o volume das aguas, indirectamente.

Mas o que para nós é certo é que a acção directa das mattas sobre os mananciaes concorre e muito para diminui-los.

Restringimos nossa observação sobre os mananciaes ou pequenos regatos, porque é ahi mais clara e visivel, mas apprehende-se logo o seu caracter geral lembrando que os maiores rios não são mais que a reunião de muitos regatos. Dos rios é que, com propriedade, se póde dizer que não nascem feitos.

1.º argumento, racional.

E' enorme o consumo de agua, que faz a vegetação. O botanico saberá bem computa-lo. Ha vege-

taes, como a bananeira, jaracatia, paineira, mandacarú, etc., que consistem mais em agua que em madeira, e que postos a seccar desfazem-se em vapores, deixando pequeno residuo. A perobeira, em certa época do anno, goteja de suas folhas tão abundantes lagrimas, que até chega a criar lama embaixo. A *arvore das lagrimas*, descoberta no Perú, se não nos falha a memoria, não sabe chorar melhor. Um grosso jequitibá faz amarellecer e definhar as plantas miudas, que lhe nascem ao pé, ainda quando não falta a estas ar, calor e luz—observação esta feita as mais das vezes sobre pés de café, que têm a desgraça de ficar proximos de tão poderoso visinho.

Por isto calcule-se quanta agua não consumirá de um regato uma matta frondosa existente em suas margens.

Derrube-se a matta, e o grande consumidor desapparecerá, e toda agua, que d'antes era assim gasta, procurará o leito do regato para ahi correr.

E' porisso que barrócas, que, emquanto estavam cobertas de mattas, eram sêccas, ou só davam agua na estação chuvosa, passaram a dá-la perennemente desde que foram descortinadas.

Em 1866 com a agulha em punho e acompanhado de alguns picadores mediamos uma matta para uma derrubada; sequiosos, descemos por uma barróca em busca de agua, nem gota encontramos. Hoje, e desde muito corre perennemente por essa barróca agua sufficiente para, sem prisão, tocar um monjollo. E' que as enormes figueiras e jequitibás, que ahi se alteavam, foram convertidas no pequeno e mimoso café—uma das plantas que menos agua consomem.

E' por isso ainda que os regatos, que correm sobre campos, nas maiores sêccas pouca differença soffrem no volume de suas aguas: ao passo que os que

correm debaixo de mattas chegam a cortar-se inteiramente ou ficam muito diminuidos, como acontece aos deste municipio.

Em uma occasião dessas vimos os ribeirões do Congonhal e do Piracicá-mirim, neste municipio, quasi cortados ; entretanto que os do Tuaú e Burú, no municipio de Ytú, rodeados de campos, pouco sensiveis se mostravam á sêcca.

Nem se diga que a matta defende o regato dos raios do sol, e assim evita a evaporação de suas aguas. O contrario é que acontece. As arvores da matta por suas raizes sugam a agua do regato para o seu tronco, ramos e folhas, e assim espalhando-as —subjeitam-nas á acção do sol em maior extensão; de sorte que, em vez de diminuirem, augmentam a evaporação.

E' a evaporação que torna o ar mais insalubre, e o ar é mais insalubre nas mattas do que nos campos —signal de que é maior naquellas do que nestes.

2° argumento :

Tem-se observado que as primeiras trovoadas, as que cahem em Agosto, Setembro e Outubro, quando os cursos d'agua estão em seu minimo, em vez de augmenta-los, mais os diminuem. E' então—depois dessas trovoadas—que os corregos, que até ahi têm resistido á sêcca, cortam-se de todo. Qual será a rasão deste facto incontestavel, posto que apparentemente tão anomalo? Não é outra senão o desenvolvimento da vegetação, que tem estado contida pelo frio e pela sêcca, e que com essas trovoadas toma novo e forte impulso, consome a agua dessas chuvas passageiras, e passa a consumir a agua dos corregos.

Estes não se cortam quando chove menos, em Junho e Julho, mas sim quando já cahem algumas chuvas em Setembro e Outubro. E' que n'aquelles mezes a vegetação está paralysada pelo frio e pela

falta de chuvas, e nestes o calor e as poucas chuvas desenvolvem-na com vigor, e ella, sequiosa, esgota os corregos.

Outro facto.

Attesta a observação, que depois das geadas augmentam-se as aguas dos corregos. Porque? Por que as geadas matam a vegetação, o grande consumidor de agua.

Os outros lavradores fazem differença entre os terrenos argilosos e arenosos para dizerem que o descortinamento dos mananciaes naquelles augmenta-os, nestes diminue-os. Ha realmente alguma differença, mas parece-nos que o resultado della não é esse da diminuição, e que o descortinamento deve produzir augmento das aguas mesmo nas terras arenosas. Nestas, além da vegetação, existe outro grande consumidor de agua—é a propria terra pela filtração ahi mais facil e prompta; rasão porque os cursos d'agua são menos abundantes e chegam a faltar inteiramente nas terras de arêa, exemplo, o Sahara. Mas, nessas terras o descortinamento importa a reducção dos dois consumidores—terra e vegetação a um só—a terra, e por isso tambem ahi deve produzir diminuição no consumo, e augmento nas aguas.

Piracicaba.

M. de Moraes Barros.

Libertação de escravos

Em 69 municipios da provincia já teve plena execução o artigo 3.° da lei n. 2.040, libertando-se 319 pela quantia de 299:916$828, sendo 283:937$067 do fundo de emancipação e 15:979$761 proveniente de peculio. O termo médio das libertações foi 940.178.

ESPERANÇA

——

Raivoso bate o vento no arvoredo,
E de atra cerração no manto frio
Volve-se o dia pluvioso e tredo.

Corre á folhagem tremulo arrepio,
E as folhas amarellas despegadas
Revoltas rolam no pomar sombrio.

Mas, rangendo as raizes estaladas,
Inda resiste a planta combatida
Da ventania ás lugubres rajadas.

Eis a imagem fiel da minha vida!
Em vão lucta-me presa ao pensamento
Do passado a memoria entristecida.

Debalde reviver meus sonhos tento!
Fenece, morre tudo!—e da esperança
Gela-me a fronte o frio passamento.

Meu pobre coração, em paz descansa!
Por traz do nevoeiro o sol,—mais puro,
Brilha, e promette limpida bonança.

Indifferente a mão do fado escuro
Derrama riso e dôr da vida ao manto:
—Quem não sentiu negrores no futuro,
Nem a face uma vez molhar-lhe o pranto?

THEOPHILO DIAS.

O Solitario

Com aquelle titulo, vimos a collecção de um pequeno jornal de opposição publicado em São Paulo em 1840. Mede vinte centimetros de comprimento, sobre quinze de largura ; impresso em duas columnas na typographia Imparcial de Silva Cabral. A serie dos treze numeros, unicos publicados, começou a 2 de Maio, e cessou a 29 de Setembro.

A principio attribuiram a direcção do *Solitario* ao conego Joaquim Anselmo de Oliveira, de illustre memoria. (*)

Esse jornal, escripto em linguagem fogosa, atirou-se em campo para combater especialmente o então presidente da provincia, Machado Nunes, e o bispo da Diocese, d. Manoel, que na linguagem do periodico—tornára-se o *genio tutelar das cabalas, em redor do qual giravam e disputavam preferencia os pequeninos chefes da arribação estrangeira*, que então dominavam a provincia.

M.

Trova popular

Os campos de mim tem pena,
As arv'res de mim tem dó
Os campos, por vêr-me triste,
As arv'res por vêr-me só.

(*) Foi redactor deste jornal o conselheiro Campos Mello.

A Bacchante

Era moça e formosa. O seio avelludado
O cofre devia ser das illusões divinas...
Era a—deusa da orgia—e tinham-n'a acclamado
Os pallidos *galants* e as doidas heroinas.

Se ao férvido *cliquot* das taças crystalinas
Tinha a cabeça em fogo e o cerebro turbado,
Dançava esse *kankan* febril, desenfreado,
Que o fumo da embriaguez inspira ás messalinas.

Depois, quando os Romeus, os lubricos amantes,
Atiravam-lhe ao cóllo as bolsas infamantes,
Havia em seu olhar explendoroso brilho...

Ficava pensativa, triste, irresoluta,
E um dia houve quem visse—a ebria, a dissoluta—
Beijar uma medalha e murmurar—«MEU FILHO ! »

Campinas—1878.

HYPOLITO DA SILVA.

Trova popular

Amar e saber amar
São pontinhos delicados :
Os que amam são sem conta
Os que sabem são contados.

O bicho da taquara

Este insecto, da classe dos lepidopteros, é avidamente comido pelos indios Malalís. Como o *murichi*, do Orenoco e os *cogumellos* do pólo arctico, este insecto contem na cabeça e no tubo intestinal maravilhosa propriedade narcotica. Delle costumam aquelles indios tirar um oleo delicado, com que condimentam os alimentos ; se, porém, comem-n'o sem tirar primeiramente o tubo intestinal, uma embriaguez, por vezes duradoura e perigosa, se bem que agradabilissima, se apodera daquelles selvagens.

Passado esse estado voluptuoso, como o produzido pelo opio, os sentidos ficam entorpecidos, os membros cansados, e um mal estar indefinivel agita todo o corpo.

M.

Cultura do café

Um hectare, 2.066,1 braças quadradas, póde conter 918 cafeseiros que em terras inferiores produzem 45,9 arrobas, 674 kilogr., nas de segunda sorte 1.384 kilogr., 94,2 arrobas, e nas superiores 2.022 kilogr., 137,65 arrobas.

Um homem activo, trabalhando regularmente, póde tratar de 2 hectares, 4.132,2 braças quadradas, plantados de café, sendo, portanto, seu rendimento annual, no primeiro caso, de 404$400, no segundo, de 830$400, e no terceiro, de 1:213$200,

calculando-se pelo preço inferior de 300 réis o kilgr., 2,2 libras.

Em uma fazenda regular de café a producção media por trabalhador, qualquer que seja o sexo e a edade, é de 600$000.

A linguagem das luvas

Nas altas classes inglezas as moças têm menos liberdade do que as da classe media. Entre *loveis* (namorados) recorre-se á linguagem das luvas, para fallar sem perigo á vista da mais austera governanta.

Um *sim* diz-se deixando cahir uma das luvas.

Se se quer exprimir a indifferença descalça-se meia luva da mão esquerda.

Para indicar que se deseja ser seguida, bate-se no hombro esquerdo com as luvas.

« Não te amo mais » diz-se batendo com os dedos da luva no queixo.

« Odeio-te » voltam-se as luvas do avêsso.

« Desejava estar perto de ti » alisam-se gentilmente as luvas com os dedos.

Para perguntar se se é amado, calça-se a luva esquerda, deixando de fóra o pollegar.

« Amo-te » deixam-se cahir ambas as luvas ao mesmo tempo.

Enrolar as luvas nos dedos quer dizer «Attenção! somos observados ».

A provincia de S. Paulo tem 71 termos, sendo 56 com juizes letrados.

JACAREHY

A PHARMACIA HUMANITARIA

DE

A. Gomes d'Azevedo Sampaio

Tem sempre o mais completo sortimento possivel, tanto de productos chimicos, pharmaceuticos e officinaes, como preparados seus, que, na practica diaria sempre têem satisfeito a espectativa.

Tem, por consequencia o mais consciencioso *Espirito de Sylvius* e o *Elixir Digestivo* do mesmo auctor.

O proprietario deste estabelecimento não se poupa a dispendios para manter a sua officina na altura das mais acreditadas, protestando a mais rigorosa fidelidade e aceio.

JACAREHY

Antonio---creoulo

Na enxovia da cadêa de Piracicaba, ás 11 horas da noite de 2 de Maio de 1876, expirava um preso.

Esse preso era um escravo condemnado por homicidio :—chamava-se Antonio creoulo.

A sua morte não era natural ; mas, resultado de uma resolução suprema e desesperada, sustentada com uma tenacidade sem egual atravez de uma agonia lenta, de muitos dias !

O condemnado morria para evitar a execução da pena infamante de 200 açoutes !

O escravo morria para não ser restituido ao dominio do seu senhor !

Morria para demonstrar por essa fórma a verdade d'aquillo, que tantas vezes repetira diante de seus juizes — *que seu senhor havia comprado seu corpo, mas não seu coração !*

Antonio creoulo morria para separar o seu espirito—livre do corpo—escravo, protestando, por fórma tão solemne, contra a instituição monstruosa do homem - cousa !

Antonio creoulo tinha 35 annos de edade, era natural de Arêas, nesta provincia, filho dos escravos Manoel e Felicidade.

Tendo fallecido seu primitivo senhor, a viuva deste desistiu de mètade do valor de Antonio em beneficio de sua liberdade ; mas, os herdeiros, para não ficarem prejudicados, arrancaram-lhe das mãos

o documento que provava essa concessão e o mandaram vender no oeste da provincia, onde foi comprado pelo vigario de S. João da Boa-Vista.

Ouvi Antonio creoulo referir este facto por occasião de um de seus interrogatorios a que assisti.

A firmeza com que fallava elle attestava a verdade do que então dizia. E póde-se acaso duvidar desse facto quando a historia da escravidão em nosso paiz, para vergonha nossa, registra tantos outros de egual natureza ?

O vigario da Boa-Vista fez Antonio casar-se com a sua escrava Thereza. Em 1861, Antonio creoulo, armado de uma faca, aggrediu e feriu gravemente aquelle vigario, seu senhor. Ignoro qual fosse o motivo desse crime ; mas, o certo é que, instaurado o processo ex-officio, o senhor offendido, em vez de entregar o escravo delinquente á acção da justiça, mandou vende-lo separado da mulher, que o vigario conservou em sua casa.

Antonio creoulo foi então comprado pelo sr. J. R Caldeira, fazendeiro neste municipio, um dos senhores mais humanos para tratar seus escravos.

Na fazenda do sr. Caldeira havia uma creoula de nome Sophia, com quem Antonio travou relações amorosas. Requestada pelo administrador, a escrava despresou Antonio para entregar-se ao delegado de seu senhor, que, como era natural, começou a maltratar o escravo em quem via um rival, sendo a isso instigado pela amante—, até que um dia, a 17 de Setembro de 1868, o ciúme converteu o escravo em féra e Antonio creoulo, munido da fouce com que trabalhava, dentro da propria casa de seu senhor e em presença de diversas pessôas, precipitou-se sobre Sophia e só a abandonou quando viu-a transformada em um cadaver horrivelmente mutilado, tendo os braços separados do corpo !

Consummado o crime, Antonio fugiu em direcção

a S. João da Boa-Vista, em procura de sua mulher, que fôra forçado a deixar em casa do vigario, seu ex-senhor, porém, antes de lá chegar foi preso na freguezia do Espirito Santo do Pinhal.

Interrogado, confessou narrando circumstanciadamente o crime, que motivára sua fuga.

Em Maio de 1869 foi Antonio creoulo julgado pelos ferimentos feitos em seu ex-senhor, o vigario de S. João da Boa-Vista e condemnado a açoutes. Depois de executada a sentença, apezar de algemado, encorrentado e mettido no tronco, conseguiu evadir-se da cadêa daquella villa.

Passados alguns mezes foi preso e a 8 de Novembro do mesmo anno, o jury desta cidade, julgando-o pelo assassinato de Sophia, condemnou-o a soffrer 200 açoutes e a trazer ferro ao pescoço durante um anno.

Cumprida essa segunda sentença, Antonio creoulo fugiu de novo e dirigiu-se então á provincia de Minas;—ahi residiu alguns annos na cidade da Campanha, passando por liberto.

Em Maio de 1875 voltava preso para a fazenda de seu senhor, sendo conduzido pelo camarada Joaquim Miguel. No dia 9 desse mez, antes de chegarem ao pouso, que era o ultimo da viagem, visto que no dia seguinte deviam chegar á fazenda, occorreu, entre Antonio creoulo e seu conductor, o seguinte, narrado por elle mesmo:

Assim contava elle:

« Nesse dia, o camarada, que por diversas vezes me havia fallado nos castigos que eu soffreria logo que chegassemos á fazenda, disse-me:—*Vossê é tão escravo como os outros, mas é muito prosa.* Respondi-lhe: — *E' verdade que meu senhor comprou meu corpo, mas não meu coração.* Accrescentou o camarada: *Amanhã chegaremos cedo á fazenda, lá conversaremos. lá te almoçarei.* A isto respondi: *Almoçará*

ou não. E tomando aquellas palavras do camarada como ameaça dos castigos que me faria soffrer no dia seguinte logo que chegassemos á fazenda, resolvi *cea-lo* naquella mesma noite. »

Chegados ao logar do pouso, que era uma venda á beira da estrada da Limeira a esta cidade, o camarada Joaquim Miguel, usando das precauções tomadas nas noites anteriores, além de conservar Antonio creoulo algemado, prendeu-o em um *viramundo* junto com outro escravo de nome Sebastião, que tambem trazia preso por andar fugido ; mas commetteu a imprudencia fatal de dormir no mesmo quarto em que estavam os presos.

A's 10 horas da noite, o camarada Joaquim Miguel dormia e Antonio creoulo, que velava, entendeu ser chegada a occasião propria para a realisação de seu projecto criminoso ; entendeu que era chegada a hora em que devia *cear* o camarada para não ser por elle *almoçado* no dia seguinte, e, firme em sua resolução, metteu mãos á obra.

Desprendeu-se das algemas, que eram largas.

« A essa hora, dizia elle depois a seus juizes, estando o quarto ás escuras, eu, que já tinha commigo uma faca e uma agulha de atalhar, que havia tirado de um dos jacás da bagagem, obriguei meu parceiro Sebastião a arrastar-se commigo até á cama onde dormia Joaquim Miguel ; ao chegar junto a esta, percebi que o camarada accordava-se com o nosso movimento e ia sentar-se, então eu subjeitando-o na cama com o braço esquerdo, dei-lhe uma facada sobre o peito ; o camarada, gritando por soccorro, atirou-se da cama e veio cahir sobre Sebastião ; agarrei-o pelos cabellos e, tendo perdido a faca, *sovelei-o* por diversas vezes com a agulha de tropeiro e só o larguei quando verifiquei que estava morto. »

Perpetrado o crime, Antonio creoulo tirou da bol-

sa de viagem do camarada as chaves do *vira-mundo* e da porta do quarto, soltou-se daquelle, abriu esta e ás pessoas, que haviam acudido aos gritos de soccorro de sua victima, narrou minuciosamente a tragedia de que fôra theatro aquelle quarto e da qual fôra elle o protogonista.

Não tentou fugir.

Submettido a processo, confessou sempre o crime cuja historia minuciosa expunha sem a menor discrepancia, na formação da culpa e perante o jury.

Em sessão do jury, desta cidade, de 28 de Setembro de 1875, foi julgado e condemnado a galés perpetuas. Mostrou-se satisfeito com a condemnação, porque os escravos consideram as galés um estado preferivel ao captiveiro,—tal é a sua misera condição!

E quantos crimes, praticados por escravos, não têm outra explicação, outro motivo além do desejo de trocar o captiveiro pelas galés?

O assassinato de Joaquim Miguel teve esse como motivo principal, senão unico: — Antonio creoulo preferia as galés ao captiveiro, embora fosse elle escravo de um bom senhor.

Mas, no segundo julgamento, que, em virtude de protesto de seu curador, teve logar a 15 de Dezembro de 1875, foi Antonio creoulo condemnado a soffrer 200 açoites e a trazer ferro ao pescoço por um anno.

Então elle, que mostrava-se satisfeito com a condemnação a galés perpetuas, elle, que, nas vesperas do segundo julgamento, chegára a pedir ao promotor da comarca o favor de accusa-lo de modo a que fosse confirmada pelo jury sua primeira condemnação, resolveu não soffrer os açoutes, resolveu não voltar ao poder do senhor; mas, como, porque meio? O unico meio, porém esse—certo, infallivel, que lhe deparava sua triste sorte—era a morte. Antonio

creoulo resolveu empregar esse meio extremo e desesperado, mas unico; resolveu morrer e morreu! Morreu para não soffrer açoutes, morreu para não continuar escravo.

E que morte soffreu o misero escravo!...

Obteve, não se sabe como, um pouco de veneno; envenenou-se, porém o veneno, que produziu uma grande desordem em seu organismo, levou-o até ás portas da morte, mas fel-o parar ahi por muitos dias, e sentindo que os antidotos empregados faziam-n'o retroceder, resolveu ainda dar á acção do veneno um auxiliar poderoso, mas lento em seus effeitos—a fome: não ingeriu mais alimento algum, e conseguiu morrer depois de uma longa agonia de muitos dias!

Assim foi que morreu um infeliz escravo, na cadêa desta cidade ás 11 horas da noite de 2 de Maio de 1876.

Se Antonio creoulo não fosse privado á força de sua liberdade, como elle referia, não é certo que se teria evitado esta serie de crimes, que terminou com o suicidio horrivel de seu auctor?

Se Antonio creoulo fosse livre, não é provavel que fosse um bom homem, em vez de ter sido um assassino, como foi?

E foi elle realmente um assassino perverso, ou antes verdadeira victima martyrisada pela escravidão?

Estes e tantos outros factos, filhos da mesma instituição absurda, hão de constituir a pagina negra da nossa historia, aquella que descrever a historia da escravidão no Brazil e que fará córar os nossos descendentes.

Piracicaba, 15 de Julho de 1878.

Prudente de Moraes.

UM SONETO

Poucos conhecem o mimoso soneto, que abaixo publicamos, devido á inspiração do illustre general Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella.

Mimoso pintasilgo, flôr vivente !
Sonoro ribeirinho, alma do prado !
Não cantes, lisongêa um desgraçado ;
Não corras, acompanha um descontente.

Se ahi nesse raminho alegremente
Cantando, zombas de meu triste fado,
Se aqui por entre seixos debruçado
Murmuras, rindo de quem chora ausente.

Ah ! tem lastima de mim, e em breve espaço
Vôa, corre a saber do bem que adóro,
Sem que os longes te sirvam de embaraço.

Para o que, doce Orpheu, christal sonóro,
Vôa tu com as penas, que aqui passo,
Corre tu com as lagrimas, que aqui chóro !

Tem a provincia de S. Paulo 103 municipios, sendo as sédes 45 cidades e 58 villas. Os districtos de paz são 159.

O antigo theatro de S. Paulo

Um dia, que eu jantava com o general, diz Saint-Hilaire, convidou-me elle para assistir, de seu camarote, ao espectaculo, e ás oito horas da noite dirigi-me a palacio. Este edificio ficava fronteiro á sala do theatro. Seu exterior não indicava cousa alguma ; apenas se via uma pequena casa de um só andar, estreita, sem qualquer ornamento, pintada de vermelho, com tres largas janellas de portas pretas : as casas particulares, ainda as menos importantes, tinham melhor apparencia. O interior, embora mais ataviado, era extremamente pequeno.

Entrava-se primeiro em um vestibulo estreito para depois penetrar nos camarotes e platéa. A sala, elegante e com tres ordens de camarotes, era illuminada por um bello lustre, e por arandellas collocadas entre os camarotes ; quanto ás pinturas do tecto, panno de bocca e scenario, viam-se melhores nas casas particulares. Na platéa só estavam homens, todos sentados em bancos. Ao centro da 2.ª ordem de camarotes, e em frente ao palco, ficava o do general ; era estreito e fundo.

Entrava-se ahi por uma pequena e bonita sala, ornada de cadeiras em volta.

Quando chegamos o publico estava já reunido. O general comprimentou á direita e á esquerda : no mesmo instante os homens que estavam na platéa levantaram-se e voltaram-se para seu lado ; porém logo que começou a representação sentaram-se, conservando-se de pé em todos os intervallos.

Representou-se o *Avaro* e uma pequena farça. Os

actores eram operarios, a maior parte mulatos ; as actrizes, mulheres publicas. O talento destas estava de perfeita harmonia com sua moralidade ; pareciam authomatos movidos a barbante. Os homens, em sua maioria não eram melhores comicos ; entretanto é força confessar que alguns haviam nascido com disposições naturaes para a scena.

Este theatro foi demolido ha poucos annos.

SAUDADES DA PATRIA

SONETO

Com duro mando o barbaro destino
Longe da cara patria me desterra,
Para os concavos antros desta serra
Onde lagrimas verto de continuo.

Aqui armado de rancor ferino
A tristeza ás entranhas se me aferra ;
De vêa em vêa ardendo em chammas erra
O seu lethal veneno viperino.

Para allivio do mal que me devora
Em vão de mil queixumes namorados
Encho o deserto onde a tristeza mora.

Volto outra vez aos cantos despresados;
Em vez de cantos minha musa chora,
E só murmura na frauta sons magoados.

Francisco Alvares Machado de Vasconcellos.

A Musica

Das bellas artes é sem duvida a musica a mais nobre, sublime e poderosa, porque em execução não affecta sómente nossos ouvidos, mas por seu magico poder representa todos os sentimentos da nossa alma, excita por sua influencia magnetica as paixões humanas, desenvolvendo-as por differentes e variados modos, segundo a imaginação mais ou menos viva do compositor, e segundo a sensibilidade e penetração do executor.

A musica commove um auditorio suscitando-lhe a seu bel-prazer impressões de tristeza, de alegria, de amor, de saudades e recordações vivas do passado, ou tambem deixando-o immerso na mais doce melancolia.

Arte sublime, como diz Rousseau, que submette o universo inteiro, pinta todos os quadros por meio dos sons e faz fallar o proprio silencio !

A musica, filha da natureza, é tão antiga quanto é o homem, e a época a que foi reduzida a methodo perde-se no vasto oceano da antiguidade.

Linguagem mysteriosa por muitos fallada, e por poucos entendida !

A èsta arte muito devem a civilisação, os bons costumes e o heroismo militar.

Quando empregada na educação da mocidade é um poderoso meio de moralidade : e a educação moral e intellectual, despertando em nosso coração sentimentos de benevolencia e de amor, dá á intelligencia mais movimento e vivacidade. E' a companheira fiel do homem, que embelleza sua existencia

enchendo-lhe a alma de impressões doces, variadas, e profundas, que multiplica seus prazeres na felicidade, e o consola na desgraça !

As ceremonias religiosas é ella quem reveste de pompa e magestade imponente, elevando a nossa alma até aos céus, ou baixando a Divindade sobre a terra ; e essa poderosa influencia sobre nossa alma é innegavel, assim como a facilidade com que dispõe-nos o animo para os prazeres mundanos, e por consequencia arrasta-nos para alli o pensamento ; a musica verdadeiramente religiosa, pelo contrario, faz-nos cahir em meditação e facilmente nos conduz a pensar em o nada que somos nesta vida, e d'ahi o pensamento é forçado a elevar-se á Eternidade.

Os povos antigos faziam della um mysterio, em cujos segredos só penetravam os poetas, os philosophos, os oradores de primeira ordem, os bardos, os sabios e semi-deuzes, taes como Jubal, Orpheu, Terpandro, Stesichore, Pittagoras, Platão, Diodoro, Durante, Vicente Galileu, e assim outros.

Pela historia sagrada e profana tambem sabemos os maravilhosos effeitos da musica : que David acalmou com os sons de sua harpa os furores do rei Saul ; que Tirtheo excitou com seu canto os Spartanos á victoria; que Timotheo accendeu Alexandre Magno em cholera com o *modo frigio*, e depois com o *sotto frigio* o remetteu ao seu estado natural. Homero nos conta que os medicos adormeceram por meio da musica a dôr cruel que experimentava Ulysses da mordedura de um javali. Alberto, duque da Baviera, filho de Frederico, acalmava os accessos de gotta por uma musica suave e sustentada ; Gessner cita um italiano que se achava no mesmo caso.

No correr dos seculos XV e XVI, reinava uma cruel epidemia entre a população da Italia, cujo fim era ordinariamente tragico ; esta enfermidade attribuia-se á mordedura da tarantula, e o unico re-

medio consistia no toque de alguns instrumentos que excitassem movimentos dançantes.

Chateaubriand, quando em 1791 viajava no alto Canadá, presenciou uma cobra enfurecida pelos sons agudos de uma flauta, que tocava um canadez, e logo que passava dos sons agudos aos graves serenava toda a furia do reptil, que ora caminhava sobre as pegadas do musico que a fascinava, ora parava se elle demorava os passos.

Sir Hom, estudou os effeitos do piano sobre o leão e o elephante, e reconheceu que a attenção destes animaes se concentrava toda para as notas agudas deste instrumento, e que se enfureciam desde o instante que se fazia resoar os sons graves do piano.

A musica muito tem concorrido para a catechese dos selvagens, pois aquelles que reagiram aos dogmas, succumbiram ás harmonias.

Santo Agostinho fallando da musica diz: deixae fallar a musica, porque os seus cultivadores são os predestinados; e confessa esse grande santo, dever em grande parte sua conversão aos canticos religiosos, que muitas vezes ouviu na cathedral de Milão.

A historia musical conta tres épochas até o presente:

A 1.ª desde que foi elevada a systhema na Grecia por Pittagoras e outros; a musica desta edade chama-se musica antiga dos gregos, cuja épocha se estende até a invenção do contra-ponto nos principios do seculo XI da era vulgar.

A 2.ª comprehende todo o tempo desde a invenção do contra-ponto até aos fins do seculo XVI, e as obras deste tempo se denominam—musica da edade media—, tendo-se aperfeiçoado muito o systhema da escripturação pelo invento das notas.

A 3.ª épocha data do fim do seculo XVI aos principios do seculo XIX, em cujo periodo os trabalhos

do conservatorio de Pariz e Milão, e os famosos compositores deste tempo têm elevado esta arte ao maior gráu de perfeição, e a musica desta época chama-se musica moderna.

Fallando da musica o coração não consente passar em silencio o quanto ella deve ao Christianismo, assim como suas irmãs, a poesia, a esculptura e a architectura tambem devem a essa religião de paz um grande tributo de gratidão.

Platão diz : « Não se deve julgar da musica pelo gôso, nem procurar aquella cujo objecto unico seja o deleite, mas sim a que encerra em si semelhanças com o bello. »

Muito hão errado os philosophos, que têm feito consistir a felicidade no prazer sensivel, ou intelligivel, quando só o prazer moral, isto é, que nasce das acções moraes, é o que póde constituir o verdadeiro estado de felicidade, de que o homem é capaz nesta vida, e na futura. Nestas acções é unicamente onde o homem desenvolve todas as faculdades, é onde sente, conhece e escolhe.

Na acção boa reina naturalmente a variedade e unidade, que fazem o bello moral, e á proporção que a acção é mais composta de idéas e relações, cresce tambem a belleza moral.

Na verdade, considerada como arte, a musica é uma imitação da natureza : consiste, portanto, a sua perfeição em representar a mais bella natureza possivel ; e se ella é religiosa possue duas condições essenciaes—o bello e o mysterioso.

O musico que quizer acompanhar a religião em suas relações deve estudar a natureza que narra sem cessar as glorias do Creador ; é obrigado a imitar as harmonias do ermo, o cantar das aves, a conhecer os sons que resoam nas arvores e nas aguas; escutar o zunido do vento nos claustros, e os mur-

murios que ciciam nos templos, nas relvas dos cemiterios e nas catacumbas dos mortos.

O Paganismo tinha divinisado a vida, a alegria, e o prazer mesmo. O Christianismo tem divinisado as lagrimas, a dôr, a humilhação voluntaria e a morte !... e é nos cantos de tristeza que brilha com todo seu poder o genio da nossa musica religiosa.

Foi o Christianismo que salvou do poder dos barbaros, e transmittiu até nós a musica, porque depois de muitos seculos d'uma lucta incessantemente renovada contra os barbaros do Norte, o imperio do Occidente foi vencido e desmantelado ; as artes pereceram com elle, e apenas ficou uma luz vaga que pouco a pouco foi escasseando até ao seculo VIII, em que de todo se extinguiu.

A musica sobretudo, isto é, a musica dos gregos, que tinha sido o encanto de Roma e de toda a Italia ficou em total esquecimento, á excepção d'aquella que Santo Ambrosio e S. Gregorio haviam conservado para o officio divino, cujas melodias tão simples eram que poucos signaes bastavam para as escrever, e estes mesmos não passavam além das primeiras sete lettras do alphabeto.

Como quer que seja, o systhema das notas do canto-chão, tal qual o vemos nos livros da egreja, afinal prevaleceu, e veio a servir de base á notação que agora está adoptada por todas as nações cultas.

A musica deve tambem a Guido d'Arezzo a maneira de denominar as notas—ut, re, mi, fá, sol, lá; a Franco de Colonia o fundamento da musica figurada, ou musica de notas de differente valor entre si; e ao dr. João de Mures, conego de uma egreja de Pariz, a addicção da syllaba—si—que veio completar o systhema Guidoniano, e foi certamente d'uma vantagem muito grande para o progresso da arte.

A historia nos aponta como grandes mestres na

musica religiosa Vinci, Leo, Harse, Galuppi, Durant, Palestrina, Pergolese e outros.

Na musica profana, dentre muitos, destacaremos Mozart, esse meteoro lucido que veio, admirando, encantar a Europa musical; novo Protheo, todas as fórmas lhe são familiares; esse grande pintor tem sob a palheta todas as côres e todas as tintas. Em suas admiraveis concepções tem a expressão de Raphael para o desenho, a energia de Poussin e o colorido de Rubens; foi e é o Miguel Angelo da musica; Rossini, esse artista immortal, que fazendo uma revolução espantosa na musica, complicando extraordinariamente a harmonia, enchendo-a de um luxo estupendo, e esgotando, por assim dizer, todos os meios de effeito de que era susceptivel, quasi, póde affirmar-se que fechou aos successores a carreira das innovações, tomando um vôo mais audacioso, que seus predecessores; Bellini, o pae da melodia italiana, legando-nos a divina *Norma;* Donizetti deixando-nos a *Lucia*, esse padrão de sua immorredoura gloria; Verdi, que tendo passado toda a aurora de sua existencia em composições profanas, e agora quando já vê o sol da gloria declinar para o occaso da vida, escreve *O Requiem Manzoni*, esse cantico funebre da morte, que faz-nos crêr o quanto tão grande maestro está desenganado das glorias deste mundo, e prepara-se para em notas sentidas ir descançar no seio do Eterno; Carlos Gomes, o nosso patricio e festejado maestro, que levou em notas do *Guarany* além do Atlantico o sibilar das settas dos nossos selvagens, para arrancar no theatro do Scala, em Milão, immensos e delirantes applausos.

Oh! poderosa arte, que estendes os braços carinhosos aos mais desfavorecidos da fortuna! eu vos saudo, e quero levar teu nome, ainda depois de morto, gravado em meu coração.

Ytú, Julho—78. Tristão Mariano da Costa.

PLANTAS NOVAS E RARAS

NACIONAES E ESTRANGEIRAS

Deposito em Campinas---Rua da Misericordia, portão n. 4

Remette-se para toda parte mudas de fructos, flores e arvores de ornamentação.

RECEBE-SE ENCOMMENDAS PARA A CÔRTE.

Informações e pedidos a A. B. de Cerqueira Leite

Na mesma casa recebem-se assignaturas para a—Revista de Horticultura.

NA CAÇA

Na matta. Chove em torrente ;
O sitio é ermo e sombrio ;
Desce um crepusculo frio
Que enregela a alma á gente.

A noitinha já vem rente
E este macuco bravio
Não pousa, por mais que espio !
Mas, deliciosamente,

Scismo na sala fechada
Da pacifica morada
Da creança que eu adoro...

Vejo-a d'aqui, pensativa,
Acordando a alma captiva
Do seu piano sonoro.

Serra do Sambê, 1878.

LUCIO DE MENDONÇA.

Estradas de ferro de São Paulo

Estão construidas na provincia 1.047,k. 700m.

Da companhia Ingleza . . .	139 k. 200m
Da companhia Paulista . . .	185 k. 500m
Da companhia Mogyana . .	210 k.
Da companhia Ituana . . .	158 k.
Da companhia Sorocabana . .	128 k.

Um paulista notavel

No primeiro volume dos *Musicos Portuguezes*, por Joaquim de Vasconcellos, encontramos o seguinte:

D. Frei João de Seixas da Fonseca—Natural de S. Sebastião (Brazil). Nasceu a 6 de Maio de 1681 e vestiu o habito benedictino a 16 de Julho de 1713.

Foram seus paes Francisco de Seixas da Fonseca e Maria da Rocha Fiuza.

Em Roma captou a benevolencia de Clemente XIII que o fez bispo de Areopoli no consistorio de 28 de Setembro de 1733, sendo sagrado na egreja de Santo Antonio dos Portuguezes pelo cardeal Giovani Antonio Guadanhi, sobrinho do pontifice.

Indo a Florença n'uma das suas excursões pela peninsula italica, imprimiu ahi o seguinte livro:

Sonatas de cravo, compostas por Ludovico Justino de Pistoya—Florença 1732, com uma dedicatoria ao infante d. Antonio.

ITABIRA

Em 1720, Francisco de Faria Ilbernaz e seus irmãos, todos paulistas de alentado animo, partiram de Itambé, e se internaram pelo sertão de dez leguas que circulava a montanha de Itabira, cujo vertice pyramidal lhes servira de rumo. Dobrando a cordilheira, pararam á fralda do morro, e alli descobriram a celebre fonte do Prata, assim chamada por ser de côr argentea o ouro então apanhado. Logo alli erigiram uma capella. Foi essa a origem de Itabira.

M.

As tres missas do dia de finados

Até o reinado de d. João V diziam os padres uma só missa no dia de finados.

Este rei, porém, que tinha tal mania de mandar dizer missas por alma dos defuntos a ponto de, sómente nos ultimos annos de sua vida, ter mandado celebrar para mais de *setecentas mil*, pagando por ellas cêrca de 340 contos de réis, entendeu que uma missa de cada vez era pouco para tirar *almas do purgatorio*, virtude em que elle era muito entendido.

Impetrou, pois, do papa Benedicto XIV licença para, no dia 2 de Novembro, commemoração dos fieis defuntos, todos os padres portuguezes, regulares e seculares, poderem dizer tres missas em vez de uma só, como até então.

Esta licença foi concedida pela bulla *Quod expensis omnium*, de 26 de Agosto de 1748.

Quanto custou a concessão não resam as chronicas, mas com certeza estão no ceu muitas almas que se viram livres das penas do purgatorio por obra e graça... das minas de ouro do Brazil.

A.

Trova popular

Eu metti a mão na vossa,
E vós a vossa na minha ;
Ficou uma coisa justa,
Como a faca na baínha.

THEOPHILO DIAS

E' já um poeta que não envergonha o tio, o inspirado Gonçalves Dias, incontestavelmente o nosso primeiro poeta, cujo passamento o Brazil ainda chora.

Cada poesia de Theophilo é um mimo, cada estrophe um primor, cada verso um suave accento de musica distante.

Quem disser o contrario ou não tem ouvidos ou então é idiota.

Theophilo é espontaneo e sincero. Canta porque nasceu poeta. Não procura a inspiração, é ella que o procura. E' por isso que a sua musa é essencialmente singela, desaffectada, natural. E' como que mulher meiga, terna, affectuosa que murmura phrases de amor. Não provoca o enthusiasmo, excita a commoção; não é banal como um copo d'agua, é eloquente como a paixão. Não se embrenha tambem na solidão dos cemiterios, nem anda a massar a lua com as suas confidencias. Crédo! Um poeta, salvo os poetastros de elegias, não tem por missão offerecer a immortalidade dos seus versos á casta Diana, muito menos presentear a atmosphera com vinte mil dóses de suspiros.

Theophilo canta suavemente, ternamente, tudo o que no caminho encontra, como de Gœthe dizia Merck. Agora uns olhos. Serão formosos? O leitor que o julgue:

Não ha luz, nem ha luar
que tenha tanta harmonia,

como o brilho que irradia
teu languido, humido olhar.

. . . . . .
. . . . . .

O olhar te prende aos espaços,
os astros prendem-te aos céus :
—para eu chegar junto a Deus
basta que eu siga teus passos !

Quem escreve d'isto, é poeta, e devéras. Ha nestas quadras pequeninas uma impressionabilidade imaginativa, sem duvida uma das mais brilhantes qualidades do talento de Theophilo. A ultima estrophe é formosissima de naturalidade. Mais parece um arrulho do que um canto.

Sente-se pela leitura desta poesia que o auctor dos *Primeiros Cantos* é o poeta dilecto de Theophilo. A suavidade das rimas, a doçura das expressões, a harmonia cadenciosa dos versos, o colorido sobrio e acertado, a ternura tocante e, especialmente, o alticismo da fórma, tudo, sem ser imitação, faz lembrar Gonçalves Dias.

Ou eu me engano muito, ou Theophilo ha de ser, para o futuro, o legitimo representante da poesia individual, em que pese aos que desejam que a poesia se concentre no mundo estreito dos fins sociaes, como se alguem podesse oppôr diques ao pensamento.

Os iconoclastas do individualismo que se vão embora. Supprimir o lyrismo pessoal é o mesmo que supprimir o coração humano.

Mas entenda-se bem ; dizer que supprimir o lyrismo pessoal é o mesmo que supprimir o coração humano, é dizer apenas que a poesia lyrica é o individuo affirmando-se na collectividade. Porque, comprehendida assim, tem ella um grande alcance,

transforma os sentimentos individuaes em sentimentos geraes.

Como, se bem me lembro, diz Janin, o que não vem do coração está fóra do dominio da arte ; é *une contrefaçon grossière*.

Effectivamente, só nos commove, só nos impressiona, só nos arrasta quem penetra nos refolhos da nossa alma, quem reproduz os affectos e sentimentos de modo tal que nós julguemos poder exprimilos com a mesma facilidade e correnteza. E' exactamente na reproducção desses affectos e sentimentos, que folgam as faculdades altamente poeticas de Theophilo.

Vejamos por exemplo estes versos :

Lembras-te, Mila ? Uma vez,
á sombra de um arvoredo,
jovens, ardentes, sem medo
nos encontramos a sós ;
em roda tudo socego,
tudo silencio profundo !
Nós ambos—longe do mundo,
e o mundo—longe de nós.

. . . . . .

Mas de repente agitando
a negra, gentil cabeça,
partiste, linda e travêssa,
pelas ruas do rosal ;
e eu murmurava, tremendo :
—phalena de meus amores,
não vás quebrar entre as flores
as azas côr de coral.

Não ha nada mais gracioso, mais natural, mais singelo, mais facil ! A gente chega a enlevar-se com a melodia d'aquelles versos que parecem feitos

de caricias, tal é a suavidade com que nos vem affagar o ouvido. Algumas estrophes mais :

Dize, formosa, essa brisa
que nas tranças se te enreda,
acaso te não segreda
murmurios do peito meu !
Quando medrosa te passa
por sobre a roupa dos seios,
não te acorda devaneios,
—desejos de um outro céu ?

Pois não te diz a louquinha
que,—de affeições erma e nua,
não é esta a patria tua,
nem teus estes ceus e mares !
E' tão mimoso o teu corpo,
e as tuas fórmas tão leves
que eu temo que tu te eleves,
e mais não desças dos ares !

Isto é bom e não sei quem faça melhores versos do que esses. O que ahi ha, brotou viçoso do coração. E' doce como um sorriso de criança, ou um beijo de noiva no seu querido. Ainda cedo á tentação de transcrever esta estrophe da mesma poesia :

Paraste ? que foi ? que sentes ?
rendeu-te acaso o cansaço ?
Olha, apoia-te a meu braço,
vou á sombra te levar ;
o penteado desfez-se ;
como tremes offegante !
E como escuto anhelante
teu coração palpitar !

Bravo, poeta! Não sei, nem me importa, se fallaste assim á tua Mila; sei que são magnificos esses versos. Mais lindos não os ha.

A proposito: porque não collige Theophilo as suas poesias em volume? E' mais que tempo de engastar num livro essas joias preciosissimas que ahi andam, dispersas pelos jornaes, a ferir-nos os olhos. E' um serviço prestado ás patrias lettras.

Pindamonhangaba—Julho de 1878.

A. Carlos de Almeida.

Comparação entre brasileiros e parisienses

« Sem querer firmar esta these que os brazileiros são mais preguiçosos que os parisienses, eu noto que a preguiça, que não é senão aversão para a contenção de espirito, existe entre uns e outros; a unica differença eil-a aqui:

O parisiense preguiçoso está em movimento todo o dia; despresa seus negocios para deixar vagar o espirito sobre as futilidades do *jornal* e conversações de café; prefere vegetar antes que occupar um emprego; e vegetar, para elle, é levantar-se ás dez horas, perder o tempo em uma *toilette* sem cuidado, em um passeio sem fim, em a novidade do dia, que pergunta e que altera, sem querer, referindo-a. A rapidez das impressões ligeiras o dispensa das reflexões que evita.

O brazileiro preguiçoso levanta-se com o sol. Não faz *toilette* porque não se despe; fica em ceroulas a fumar na porta que não abandona senão para ir balançar-se na rede. Perguntae-lhe onde mora qualquer sujeito, seu visinho, elle nada sabe. O fallar fatiga-o tanto como pensar.

Ambos são tão inuteis um como outro.» (Extr.)

A uma menina que repete minhas palavras

A causa da tristeza que me opprime,
Não são molestias, e nem é pobreza,
Nem tambem do futuro a incerteza,
Nem os remorsos de ignoto crime.

Do rei a mão potente não deprime
As minhas crenças, e sua realeza,
Pequenina qual sou, em sua grandeza
Decerto nem me vê, nem me supprime,

O que semeia em meu caminho abrolhos
—Sombra fatal, que sempre está commigo!
E' até nos mares faz surgir escolhos!!!

A desgraça maior, a que eu maldigo,
E' ter sempre diante de meus olhos
A parodia de tudo quanto eu digo.

S. Paulo—1878.

SANS-SOUCI.

Trova popular

Duas coisas ha no mundo
Que o meu coração não quer:
São piolhos de gallinha
E ciumes de mulher.

Convento de Santa Clara em Taubaté

Copia da escriptura de doação para fundação deste Convento, extrahida de um antiquissimo livro de notas (1)

«Escriptura de obrigação que fazem os officiaes da camara, nobreza, e povo desta villa aos religiosos de S. Francisco para fazerem nella convento.»

« Saibam quantos este publico instrumento de escriptura e obrigação virem, que no anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1674 aos 25 dias do mez de Março do dito mez, nesta villa de S. Francisco das Chagas de Taubaté da capitania de N. Senhora de Itanhaem do Estado do Brazil e etc. Nesta villa fui eu tabellião chamado á presença dos officiaes da camara a saber : juizes, vereadores e procurador do concelho e bem assim dos homens da nobreza e povo que presentes estavam e sendo ahi junto com o reverendo padre guardião frei Jeronymo de S. Braz, religioso de S. Francisco, que á petição deste povo vem a fundar convento nesta dita villa, foi dito pelos ditos officiaes da camara, nobreza e povo, que elles se obrigavam a fazer egreja e convento á sua custa conforme a capacidade da terra, para que os religiosos de S. Francisco vives-

(1) Veja *Almanach* de 1875—pag. 23.

sem nelle, a qual obra se faria com toda a suavidade, e commodidade do povo na paragem e sitio que escolhessem o dito padre guardião frei Jeronymo de S. Braz fundador delle, e pelo dito padre frei Jeronymo de S. Braz foi dito que logo em começando a pôr mão em obra poria de assistencia tres religiosos a saber dous sacerdotes e um irmão leigo para ajudarem, e assistirem com sua diligencia; pelos officiaes da camara, nobreza e povo, que elles dariam 200$000 em dinheiro de contado para principio de paramentos do culto divino de que logo entregaram 100$000 que ficaram depositados na mão do capitão Sebastião de Freitas, óra syndico eleito para essa e mais esmolas, e assim mais se obrigavam a dar doze pessoas dos gentios da terra e a fazerem o sitio escolhido bom e de paz pacifica para o dito convento, cêrca e mais serventia com toda a capacidade necessaria, declarando que os cem mil réis que estão por dar os dariam por dia de S. Francisco, que embora vem deste presente anno, e desta maneira se obrigavam unanimes e conformes os ditos officiaes da camara que óra são e ao diante servirem os taes cargos com a dita nobreza e povo a fazerem o dito convento como dito é, e ao dito reverendo padre guardião promettem cumprir e guardar o que acima dito tem e pediram que por devoção do dito povo fizessem a egreja por invocação á Senhora Santa Clara, em fé de que mandaram fazer este instrumento, que pediram e acceitaram, eu tabellião acceito como estipulante e acceitante em nome das pessoas a quem tocar possa e são presentes e se assignaram os que presentes estavam e delle mandaram dar os traslados necessarios, sendo presentes por tastemunhas Gonçalo de Oliveira e Antonio de Alvarenga e o capitão Jeronymo Teixeira de Mello, todas pessoas de mim tabellião conhecidas que assignaram com os ditos outorgantes. Eu Sebastião Martim Teixeira,

tabellião do publico e notas o escrevi. Jeronymo Teixeira de Mello—Antonio de Alvarenga—Gonçalo de Oliveira—Henrique Vieira da Cunha—Domingos Rodrigues do Prado—Salvador da Silva Martins—Salvador Pires Bicudo—Antonio Delgado de Oliveira—Frei Jeronymo de S. Braz—Francisco Alves Corrêa—Bento Gil de Siqueira—João Delgado de Novaes — Domingos do Prado Martins—Sebastião Cordeiro—Pascoal Gil—José Martins do Prado—Manoel Rodrigues de Miranda—Domingo Sanches Pimenta—Antonio do Prado Martins—João de Castilho—Jeronymo Corrêa—Francisco Borges—Antonio Pires de Mendonça—José Velho—Salvador Pires de Medeiros — Domingos Vieira Cordeiro — Izidro da Costa—Manoel de Figueiredo—Simão da Cunha—Angelo Gil—Sebastião Gil Cortez—João Vaz da Cunha—Manoel Pedrozo—Salvador Vaz da Cunha—Bartholomeu de Souza—Manoel Góes de Souza—Sebastião de Freitas, syndico eleito.

. . . . . .

M. S. existente no 1º cartorio da cidade de Taubaté e encontrado devido ao zelo do escrivão M. I. de Camargo.

S. Paulo, 25 de Julho de 1878.

F. I. X. d'Assis Moura.

F. Diniz, Spix e Martius, elogiando a belleza das antigas paulistas, reproduzem o seguinte proverbio: na Bahia *elles* (os homens) e não *ellas* (as mulheres); em Pernambuco *ellas* e não *elles*; em S. Paulo *ellas* e sempre *ellas*.

O novo culto

« Ordre et progrés.
« Vivre pour autrui.
« Vivre au grand jour. »

Como crear ficticias entidades ! ?...
—Deixae de parte as infantis chimeras ;
Que este bem-estar e felicidades
E' o producto dos homens d'outras éras.

Quereis mais descobertas, mais milagres
De Archimedes, Huyghens e Lavoisier ?
Destas sagradas concretas divindades :
Volta, Richat, Newton, Gall, e Broussais ?

De Descartes, Kepler, Bradley, Galêno,
De Galileu, Selso, Solon, e Thucidides,
Pythagoras, Platon e Antisthêno ?

De Herophilo, Hippocrates e Euclides,
De Hiparco, Theophrasto e Avicênno,
De Heraclito, Sofocles e Aristides ?

Pois bem ! filhos da nova geração,
Na maior convergencia das vontades,
Vinde protestar-lhes vossa gratidão
A esses filhos de todas as idades.

Estudae-os ! sabei que o pensamento
Sobre a energia deve se elevar.
Estudae-os ! sabei que o sentimento
Deve sobre a intelligencia dominar.

E esses filhos de todos os paizes,
E essa sua imponente auctoridade,
Vos guiarão soberbos e felizes.

E atravessando toda a eternidade.
Sereis hoje—juizes de juizes,
Reunidos n'um *Sêr—Humanidade.*

Jacarehy—C. Magno—90.

AZEVEDO SAMPAIO.

O novo dogma

« ..... ils s'apercevront que sour le nom de dogme il y a une science que tout le monde accepte.»

(DUBUISSON.)

Um dogma só existe e definivel
Que acceita toda a clara intelligencia,
Pois que não aspira ao que é incrivel,
Mas ao licito, real :—é a SCIENCIA.

Acceita-o todo mundo, como vêmos,
E de toda a parte lhe dirige votos,
Dos pontos do universo os mais extrêmos,
Dos povos mais ignaros e remotos.

Reformador do mundo, ei-lo ahi vem,
As forças condensando—redivivas
De toda a *Humanidade* que em si tem !...

Derrocando doutrinas ostensivas...
As leis que d'elle emanam, para o bem,
Serão leis comparadas—*positivas*.

C. Magno—90.

AZEVEDO SAMPAIO.

O novo regimen

« Sentir, pensar, obrar »
« Familia, patria, humanidade. »

Vêde que o dogma, culto, ensinamento
—Consequencia do *facto* positivo—
Serão tres abstracções do pensamento,
Presas ao mesmo fim, mesmo motivo !

Mas este encadeamento de verdades
Que a novissima lei consagra e encerra,
Não quer, de modo algum, que nossa terra
Maus fructos só produza e iniquidades...

Quer reconstruir o que se arrase
Desse mundo do êrro, sem juizo,
Que já cedeu á luz da nova phase.

Quer que todos conheçam que é preciso :
O *Amor por principio*, *Ordem por base*,
O *Progresso por fim*, e o paraizo.

C. Magno—90.

AZEVEDO SAMPAIO.

A estalagem do Bexiga

Em sua viagem á provincia de São Paulo, refere Saint Hilaire o seguinte a proposito das estalagens da época :

« Haviam-me indicado a estalagem de um certo *Bexiga* que tinha a um lado da cidade grandes pastos. Foi para este hotel que me dirigi. Entramos na povoação (a 29 de Outubro de 1819) por uma rua larga ladeada de pequenas casas, porém de boa apparencia, e depois de ter passado por uma linda fonte e haver atravessado a ponte de *Lorena*, construida de pedra sobre o regato Inhangabahú, chegamos a casa do honrado Bexiga.

« Fizemos entrar os nossos animaes em um pateo lamacento, cercado ao lado por um vallo e de dous outros, por pequenos quartos cujas numerosas portas abriam para o mesmo pateo. Eram antes pequenos compartimentos destinados aos viajantes. *Bexiga* dava aos passageiros permissão de collocarem os animaes nos seus pastos mediante 20 réis por noute por animal e o viajante era hospedado gratuitamente.

« Quando se não paga não se póde ser exigente, entretanto não pude deixar de estremecer quando me vi em um quarto humido e infecto d'uma immundicie repugnante, sem fôrro, sem janella e tão estreito que, comquanto empilhassemos as malas umas sobre as outras não nos restava espaço para nos voltarmos. »

Basta cotejar a descripção da *estalagem do honrado Bexiga* com o *Grande Hotel do sr. Glette*, para se avaliar o gráo de progresso a que ultimamente attingiu S. Paulo.

O Exm. e Revm. Sr. Bispo Diocesano

Entranha-se-me n'alma verdadeiro gaudio ao travar da penna para, em traços largos, descrever a biographia do nosso mui amado bispo diocesano, satisfazendo dest'arte o pedido que me formulára ha tempos o honrado editor deste *Almanach*.

Physionomias ha, nas quaes apraz ao espirito pousar, descansando das longas e crueis perigrinações atravez das cousas humanas. E é uma dessas physionomias, que só respiram a bondade, moldadas nos preceitos do Evangelho, o vulto do exm. e revm. sr. D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho.

Nestas minhas apreciações, sou movido exclusivamente pela verdade. E torna-se-me facil a tarefa que emprehendi, porquanto outra cousa não sou do que o écho da voz popular.

* * *

D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, 9.º bispo de S. Paulo, nasceu na cidade de S. Bernardo das Russas, da provincia do Ceará, a 23 de Setembro de 1826, dia de S. Lino.

Foi ordenado presbytero na capella do palacio episcopal da Soledade, diocese de Pernambuco, a que então pertencia o Ceará, a 25 de Julho de 1850, pelo bispo diocesano D. João da Purificação Marques Perdigão.

Parochiou por alguns annos a sua terra natal, sendo duas vezes chamado pelo venerando doutor D. Luiz Antonio dos Santos, que hoje rege a diocese,

para servir interinamente o cargo de secretario do bispado, que exerceu por espaço de cinco annos.

Em um desses periodos acompanhou como secretario ao exm. bispo do Ceará na viagem que fez ao Pará, juntamente com o bispo Medeiros, para assistirem á sagração do exm. sr. Bispo de Goyaz, D. Joaquim Gonçalves de Azevedo, hoje arcebispo da Bahia, Metropolita e Primaz do Brazil; solemnidade que realisou-se em 1866, e na qual tomaram parte como sagrante o exm. diocesano sr. D. Antonio de Macedo Costa, e como assistentes os srs. Bispos do Ceará e Pernambuco.

Em fins do anno de 1870, e quando se fallava de ser D. Lino nomeado bispo para alguma das dioceses vagas, obteve elle escusa do cargo de secretario e retirou-se para a sua parochia, distante da capital quarenta leguas.

*
* *

Alli se achava, quando foi nomeado bispo de S. Paulo por decreto de 21 de Maio de 1871, conjunctamente com o inclyto confessor da fé, de saudosissima memoria, o sr. D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira.

Foi preconisado em consistorio de 29 de Julho de 1872.

Tomou posse por procuração a 6 de Janeiro de 1873.

A 9 de Março do mesmo anno foi sagrado na cathedral do Ceará pelo exm. diocesano D. Luiz Antonio dos Santos.

Chegou á cidade de Santos a 22 de Junho de 1873.

E a 29 do mesmo mez, dia em que se celebrava a festa dos padroeiros da cathedral, os apostolos S. Pedro e S. Paulo, fez s. exc. a sua entrada solemne

por entre as ovações de immenso concurso de povo e as galas de que se revestira a capital para receber condignamente o pastor que lhe enviára o Senhor.

***

Incansavel em seu sagrado ministerio, s. exc. revm. tem multiplicado as visitas pastoraes ás cidades e villas do interior da provincia, reerguendo o espirito catholico das povoações e alentando-as a trilharem a senda do bem, que reside na religião de Christo.

Foi secundado maravilhosamente, em 1875, por um illustre varão apostolico, Frei Caetano de Messina, cuja passagem deixou traços luminosos e indeleveis pelo Norte da provincia, por cujas cidades elle evangelisou, implantando costumes salutares e extirpando os vicios oriundos da ignorancia e da má comprehensão dos preceitos divinos.

A grita infrene que se levantou contra as missões do santo capuchinho, grita que achou échos prolongados na imprensa livre-pensadora, é o testemunho mais poderoso da grande victoria alcançada por Frei Caetano de Messina sobre as potestades do erro.

***

Effectuou, em 1876, sua visita *ad limina apostolorum*, visitando naquella occasião varias cidades da França.

Assistiu, em Lourdes, ás festas explendidas da coroação de Nossa Senhora e da Consagração da Basilica, nos dias 1, 2 e 3 de Julho, reunindo-se então ao pé da gruta miraculosa 40 bispos, 3,000 padres e mais de 100,000 fieis, para commungar junctamente e atirar um solemne cartel de desafio á impiedade do seculo, á revolução.

No numero dos prelados, os quaes lavraram uma mensagem de adhesão absoluta aos ensinos da cadeira infallivel de Pedro, estava D. Lino, ao lado do heroico bispo de Olinda ; e, coincidencia notavel ! ambos esses representantes dos catholicos brazileiros naquella homenagem á Virgem Mãe de Deus, á Maria Immaculada apparecida a Bernardette, ambos haviam sido nomeados por decreto do mesmo dia.

O illustre prelado Olindense não mais devia tornar a vêr as plagas americanas. E a grande victima da maçonaria imperial exhalou seu derradeiro suspiro longe da patria que elle tanto estremecêra, da patria por cujo engrandecimento, por cuja liberdade moral arrostou todos os sacrificios, feriu todas as batalhas, desafiou o carcere, o martyrio !

* * *

Tão sublime exemplo de abnegação, de patriotismo não será perdido. Immorredoura será a lição dada por Frei Vital, e o corpo inteiro do episcopado brazileiro, seguindo as pisadas dos Athanazios que foram arrastados pelo despotismo extulto do poder civil até á barra de iniquo tribunal, saberá resistir, quando as circumstancias assim o exigirem, ás invasões do cesarismo terrorista, proferindo o seu *Non possumus* ante os golpes sacrilegos da revolução, quer esta se chame 7 de Março, 25 de Junho ou 5 de Janeiro !

Na quadra actual, grande e variada illustração, estudo aturado, implacabilidade na defesa dos direitos inalienaveis da esposa do Cordeiro, devem ser os caracteres dos pastores das almas. E deve-se felicitar ao clero paulistano, porquanto á frente delle acha-se um digno chefe.

* * *

Diligite homines, interficite errores. Esta maxima de Santo Agostinho comprehende-a perfeitamente o exm. sr. D. Lino.

Outro pensamento não posso deprehender da leitura de suas Cartas Pastoraes. Nellas á firmeza do raciocinio, á elegancia da fórma, á pureza da doutrina allia-se a caridade. *In omnibus charitas...*

A linguagem de s. exc. é clara, fluente, correcta. Ignora certamente o segredo dos grandes oradores sagrados, porém sabe fallar á alma do auditorio, arranca-lhe as lagrimas do coração; e onde, pergunto eu, a verdadeira eloquencia christã, senão nessas espontaneas inspiraçõcs cuja fonte está nas fibras mais intimas do ser humano?

Por vezes, prefiro a um Bossuet um padre Bridaine, e sempre um Ravignan a um Massillon.

*
* *

S. exc. revma. faz timbre em não se constituir o chanceller da politica nesta provincia.

Por mais de uma vez tenho externado francamente o meu modo de pensar sobre o perigo da abstenção e da indifferença do episcopado e do clero brazileiros nos pleitos eleitoraes.

Mas é certo que os grupos politicos que se degladiam actualmente pela posse do poder não offerecem nem sombra de garantias á independencia da egreja, e os partidos velhos, tão impropriamente denominados *constitucionaes* tendem visivelmente a desapparecer: conservadores que nada conservam, liberaes que não amam a liberdade.

Faz-se, pois, mister a reconstrucção de novos partidos, que inoculem um sangue novo nas veias do nosso organismo politico, para remoçarem o paiz com instituições mais adequadas á indole da raça

latina e ás aspirações religiosas das modernas gerações.

Emquanto os nossos estadistas não tomarem a Belgica como ideal, deixando de uma vez para sempre as tão perigosas utopias de bastardo parlamentarismo ; emquanto não se compenetrarem da necessidade imprescindivel da formação de um *partido catholico*, que lucte para arrancar o poder ás garras do *partido revolucionario*, devemos olhar com pungente tristeza para o aviltamento dos caracteres, para a decadencia dos homens e das cousas, porquanto, não destruida a causa, perduram os effeitos. E cumpre aniquilar o *constitucionalismo*.

No dia em que o *partido catholico* se erguer pujante nesta provincia, como em todo o paiz, nesse dia não procuremos os nossos chefes nem nos arraiaes conservadores, nem nos arraiaes liberaes, e sim nas fileiras do clero, e sim nos solios episcopaes.

O episcopado,—eis a cabeça da lucta ! Os padres, —eis os nossos chefes !

E eis porque um catholico sincero, que repelle as ligas hybridas, as allianças impossiveis, não póde deixar de congratular-se com os corações puros pelo facto de declarar o nosso bispo diocesano não querer constituir-se chanceller da politica, isto é, instrumento, e nada mais, deste ou daquelle grupo de politicos fantasiados, afinal de contas, pelo interesse pessoal e pelo regalismo.

*
* *

Quando a 16 de Abril de 1876, fundaram os academicos de S. Paulo uma associação reaccionaria foi o sr. D. Lino escolhido, naturalmente, presidente honorario do *Circulo dos Estudantes Catholicos*.

Nesta qualidade, presidiu á installação da dita sociedade, no dia 6 de Maio, proferindo palavras cheias de bondade, e com phrases cheias de uncção

e piedade lembrou a todos os seus deveres, e dissertou largamente sobre a firmeza da fé.

Desde então, nunca tem deixado s. exc. de dar provas de sua paternal solicitude ao *Circulo dos Estudantes Catholicos*, cujos membros têm em subido apreço e muitissima consideração as acrysoladas virtudes que formam uma aureola brilhante na fronte do sr. D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho.

Teve a felicidade de, a 30 de Março do corrente anno, sagrar bispo do Maranhão um dos mais conspicuos vultos de seu cabido, o virtuoso sr. D. Antonio Candido de Alvarenga.

*
* *

O limitado espaço e o apoucado tempo de que disponho me não permittem dar a esta biographia todo o desenvolvimento que ella requer, e que eu desejara offerecer aos admiradores de s. exc.

Cingindo-me a estes ligeiros apontamentos, deixo a uma penna mais auctorisada o suave encargo de desempenhar tão doce tarefa.

Pelo que fica dito, creio ter desenhado, se bem que mui deficientemente, as feições caracteristicas de nosso bispo diocesano.

Querido, como é, de seu numeroso rebanho, o pastor saberá resguarda-lo dos ataques nocturnos dos lobos vorazes, constituindo-se a atalaya vigilante da egreja paulopolitana contra quem ameaçar a securidade das consciencias, a orthodoxia da fé.

Concluindo, faço votos ao Senhor pela conservação dos preciosos dias de s. exc. revm. o sr. D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, diante de cuja figura moral eu me inclino cheio de respeito e acatamento, pedindo-lhe apenas lance a sua bençam sobre o mais humilde dos soldados da Cruz.

S. Paulo, 25 de Junho de 1878.

Estevam Leão.

LIÇÕES DE HISTORIA PATRIA

PELO

Dr. Americo Braziliense

Socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro

2.ª EDIÇÃO

AUGMENTADA DE NOTAS E DOCUMENTOS

PUBLICADAS POR

JOSÉ' MARIA LISBOA

A' venda no escriptorio da Provincia de S. Paulo

Preço—1$000

Remette-se pelo correio a quem enviar 1$500.

Um dos importantes jornaes do paiz referindo-se ao presente livro, diz :

As *Lições de Historia Patria* valeram ao seu auctor logo na 1.ª edição os maiores gabos da imprensa e uma significativa demonstração de apreço por parte do Instituto Historico Brazileiro, que o galardoou com o titulo de um dos seus membros correspondentes, além dos pareceres altamente lisongeiros que para isso foram dados no meio daquella corporação.

As *Lições de Historia Patria* estão hoje adoptadas como compendio nos collegios Culto á Sciencia e Internacional, de Campinas ; Rangel Pestana, Escola Normal de S. Paulo e n'outras casas de educação.

Sobre serem ellas um optimo auxiliar para o *ensino da mocidade* e talvez o *melhor que possuimos actualmente*— são ainda de grande proveito e de *interessantissima leitura para todos em geral.*

Trata-se nellas largamente da nossa provincia e narra-se até os ultimos successos com uma minuciosidade extraordinaria, de sorte que todas as occurrencias contemporaneas alli estão estampadas com toda a sua *feição especial.*

De São Paulo á Faxina

——

Meu caro Lisboa.

Ha de você ter ainda em lembrança o dia 31 de Outubro de 1875.

Importou-lhe elle a quebra de alguns bellos pratos, e a mim a perda dos deliciosos doces, que enviava a festejar o meu gráo—louvores á tibieza de pernas d'aquelle celebre Geraldo, hoje tão vantajosamente substituido pelo seu impagavel Chico.

N'esse dia, de que guardo como preciosissima lembrança duas fitas, uma verde e outra escarlate, esta com o nome de Leonor, e aquella com o de Marianna, fui eliminado da esperançosa mocidade academica, e, na bolsa das cotações estudantescas, deixei de ter a minima parcella de valor.

Nasceu-me então um desejo.

Distanciado da pasta de ministro que a minha fatuidade de caloiro avisinhava á obtenção do pergaminho, lembrei-me de ser promotor.

Fiz subir o meu pedido as escadas de palacio, e no dia 7 de Novembro os jornaes da capital unisonamente annunciaram aos povos, que eu fôra nomeado promotor publico da comarca de Itapeva da Faxina.

Lendo a noticia, confesso-lhe que me pareceu ter um rei na barriga; e, com a maior alegria, comecei de aviar-me para a viagem não sem munir-me, no Garraux, de um revolver, tal era a descripção, que me faziam dos sertões, em que ia viver.

Aos 27 de Dezembro, depois de haver dito os ultimos adeuses aos amigos, soltei o away, ou antes,

soltou-o o silvo da locomotiva e, dentro de algumas horas, achei-me em Sorocaba.

Ahi, depois de uma demora de dous dias, tomei um trolly (sem calembourg). Iamos a mulher, uma filha e eu.

Deixando a calma feliz da risonha cidade, que se recosta á gentil collina com uma volupia verdadeiramente poetica, seguimos a larga e sinuosa estrada que, qual turgida serpente rubra, galgando a offegar os morros sem numero, e arrastando-se indolente ao longo dos campos macegosos, se estende até Tatuhy—pequena agglomeração de casas, cortada de diversas ruas, algumas providas de lampeões, dos quaes um apenas vi espalhar amoravel claridade, devida ao cuidado patriotico do alli popularissimo Chico Taques, em cuja casa fomos obsequiosamente recebidos.

O ajuste de um novo trolly e a molestia de minha companheirinha de jornada, detiveram-nos quatro dias.

Ao cabo d'elles, mandei atrelar os animaes e puzemo-nos em marcha para Itapetininga.

Quando partimos, ainda o sol se não erguera acima do horisonte. As gottas de orvalho nas folhas cobriam-se do matiz rubro das nuvens, que precedem a aurora; o dorso longinquo das serranias começava a desprender nos ares os anileos mantos de tenuissima neblina; a espaços, se ouvia o pio monotono das perdizes na macega, e, de vez em quando, o berrar prolongado dos terneiros nas mangueiras dos sitios, que beiram a estrada.

O caminho, como o anterior, e na phrase expressivas dos caipiras, é muito dobrado.

A curtas distancias revesavamos as parelhas, suarentas e picadas das terriveis butucas, que as perseguiam.

Por volta de meio-dia, chegamos á fazenda do ca-

pitão Manoel Theodoro de Camargo. Hospitaleiro e chão, o velho recebeu os desconhecidos com o riso nos labios, e deleitou-os pela delicadesa do seu tratamento. Fartas tigelas de pingue leite mataram-nos o calor do sol ardente de Janeiro, e confesso que me atirei a ellas com uma furia verdadeiramente barbara. Jantámos após, fizemos o chylo em molle embalo de frescas alvissimas redes, e ás tres horas e meia deixámos com saudade o sitio em que tão poucos momentos foram muitos para arraigar-nos sympathias profundas no coração.

Com o cahir das sombras, tambem nossas frontes se ensombraram. Lembranças dos que atraz ficavam !... Recordações vivas da Pauliceia querida, rolavam grossas lagrimas tumultuosas pelas faces de minha companheira, e, do desfilar das serras—do murmurio das cascatas longinquas, do farfalhar da folhagem das mattas—eu via erguer-se, languida, perfumada, e explendidamente bella, a minha dilecta Petropolis !

Ao cabo de algum tempo, vasta planicie.

O azul dos ceus carregára-se—o verde dos bosques se ennegrecera—as vozes dos passaros se calaram—levantou-se o grito estridulo do grilo, e o éco repetiu o chio do carro a recolher-se ao descanso. A estrada descia mansamente—aqui uns ranchos, acolá outros ;—bestas a espojarem-se—arreios empilhados, ao clarão avermelhado das fogueiras, um vulto de cocaras a mecher um caldeirão suspenso, e, sobre os ligaes, de barriga ao ar, tropeiros que repousavam, emquanto um outro, sentado sobre os calcanhares e com as costas á parede, casava ao som da viola as notas rudes de sua trova sertaneja :

Dizem que o cigarro tira
As magoas do coração;
Pitado, o cigarro acaba ;
As magoas nunca se vão.

A cidade approxima-se. E' Itapetininga: já nos Pinheirinhos nos haviam dito: E' ali. (E, de passagem, registre-se que o *ali* do interior nunca é para menos de legua).

Luzes disseminadas, como estrellas dispersas, indicaram-nos o termo da viagem do dia.

Entramos no povoado. Ruas quasi desertas—altas massas perfiladas; muros de taipa ou casas; á porta de uma botica, um grupo; rotulas, que o rolar do trolly despertara, o ruido surdo de um tambaque a festejar os Reis, eis as primeiras impressões.

Pela manhã, abrimos anciosos a janella.

Uma cidade pequena se desenrolou a nossos olhos; construcção soffrivel, ruas descuidadas; matriz vasta, mas não concluida; theatro disforme no exterior, cadeia vergonhosa, alguma animação, devida, talvez, ás solemnidades da Epiphania, foi o que verificamos ao sahir mais tarde.

Tres dias depois, proseguimos. Da cidade fomos ao Constantino, no Porto, a pouco mais de legua de distancia. Comemos, refrescámos os animaes e ganhámos caminho. O trolleyro, marujo de primeira viagem, calculou mal a jornada, e só ás oito horas e meia chegamos ao *Capivaryzinho*, depois de muitos solavancos e sustos, encontrando de jantar—nada, e por pouso um miseravel quarto com um velho catre tecido de couro—nú—duro e insupportavel. Valha, porém, a verdade, nesse leito de Procusto dormimos como pedras.

Ahi, pela primeira vez entrei no conhecimento do que é uma candeia:—torcida de cêra da terra com um pavio de algodão, que se gruda á parede e vae se levantando á proporção que se consome.

Do Capivaryzinho fomos ao alto da Pescaria, subida ingreme, escalvada, e aberta por milhares de regos cavados pelas chuvas, por onde ascende a es-

trada, penosamente, entre despenhadeiros de um lado e fundas bussurocas do outro.

Estavamos no ponto culminante d'aquellas paragens, onde medra o café ao abrigo das geadas.

Os raios perpendiculares do sol esmagavam-nos. Fizemos abrir, á esquerda, uma porteira, que rangeu ruidosa, e descemos por uma picada emmaranhada, que, em alguns logares, foi preciso desbastar a golpes de facão. D'ahi a momentos, transpondo milharaes immoveis pelo excesso de calma e ausencia de brisa, beirando algodoaes extensos, que penduravam suas folhas estrelladas, vimos erguer-se ao longe, n'um baixo, um tenue fio de fumo a desenrolar-se mollemente, e, depois, a palissada de um terreiro, a que se acostavam, aqui e acolá, enormes capados, e magras porcas cercadas de uma turba multa de leitões, que, grunhiam avidos, cabeceando as tetas verrugosas. Era a vivenda do tenente coronel José Carneiro da Silva Lobo.

Alto, moreno, olhos vivos, querendo esconder-se sob uns oculos, que os trahem, o distincto paranaense, liberal *quand même*, e partidista extremado, acolheu-nos de braços abertos, e, no seu lar, passamos dous dias, que nos arrastaram a procura-lo sempre que, em viagem, houvemos de passar na direcção do seu sitio.

O leite sem rival, o pingue queijo, o saboroso carneiro, e as guabirobas apanhadas no campo, nada faltou a entremeiar a prosa renhida, que se travou entre o nosso amphytrião, sua extremosa senhora, seu sobrinho, o major Licinio, e nós.

Quando nos pozemos outra vez em marcha, iamos pesarosos de deixar a Pescaria. Acompanhados até ao Porto de Paranapanema, transpozemos na balsa o tristonho e negro rio, e, sentados sobre as raizes das arvores da outra margem, depois de breve palestra, dissemo-nos compridos adeuses.

Uma hora depois, avistámos, ao longe, as paredes brancas e o telhado pardo-escuro do Paranapitanga. A apparição da casa enorme, que, pelo seu vulto e posição, faz-se crêr proxima quando remota está, despertou-nos no espirito recordações historicas, e, figurou-se-nos vêr, com a avisinhação, recostada ao parapeito de uma das janellas, a effigie veneranda do velho Raphael Tobias.

Apeámos para *sestear*, o major Licinio, actual proprietario, sua senhora e nós : engulimos um virado sumptuoso com o appetite invariavel dos caminheiros, dormimos uma boa hora, e estrada novamente.

Começou, então, a medonha chapada do Paranapitanga—o horror dos viajantes ás horas de sol. Chão sem declive, interminavel, a perder de vista —nem uma arvore—nem uma sombra. Das barbas de bode, desprende-se um som metallico, produzido por uma especie de gafanhotos verdes, semelhantes ao que vulgarmente se chama esperanças. Da terra abrasada levanta-se tremula uma ondulação enfebrecida. A espaços uma aldeiola de cupis, e, ou a rirem sobre elles os irrequietos bicos-chanchans, ou a cynicarem silenciosas as corujinhas do campo. A monotonia do solo é apenas cortada pela recta immensa de algum vallo, continuado por cerca vedatoria, que se atira pela superficie verde-clara do lagoão a dentro. Disseminadas, algumas rezes ; e, a desfilarem n'um passo desanimado as tropas cansadas, de cabeça pendurada e flancos arquejantes, que os conductores em bica instigam com sua voz stentorica. Não ha nem passaros a trinar, nem arroio a correr melodiosamente, nem folhas a estrugir.

Mudez e calor.

Duas leguas e meia! Parecia que aquella vastidão não mais se findava ; porém, alfim, o major tomou á direita, em busca de S. Raphel, sua fazenda, e, d'ahi a uma legua, chegámos ao Porto do Apiahy.

Desde o Paranapanema que nos achavamos em terras da Faxina.

Um esquecimento levou-nos longe. Haviam nos fallado em Theodorinho, como o pouso que deviamos tomar ; mas olvidando esse nome, fomos, pelas informações colhidas na estrada, levados á Escaramuça, a legua e meia d'elle, e a cinco da Faxina.

Plana até esse logar, desde o rio Apiahy, profundo e cheio d'agua, que, onde o atravessa a ponte, tem de 20 a 25 metros, ahi começa a estrada a subir e a descer por fortes declives, sendo o mais notavel um de cujo cimo avistamos a vivenda do estimavel fazendeiro capitão José Aleixo Ferreira de Barros, com sua capellinha guapa e branca a um lado.

Novos campos a perder de vista; d'ahi a pouco um pequeno bosque, que atravessamos de permeio—o Capão do Inferno ; após o Tocunduva; ao longe, em um alto, a habitação do fallecido tenente coronel Honorato Carneiro da Silva Lobo e do actual tenente coronel Honorato Carneiro de Camargo ; além, o Passo da Faxina—feudo de um senhorio nervoso, franzino, feio, mas bom rapaz ás deveras,—o sr. Martinho Carneiro de Camargo.

Como que soffrega por alcançar a cidade, a estrada corre por um chão parado e facil, até que, chegando-lhe ás proximidades, rola por alguns declives, salta por sobre morros suaves, transpõe o Ribeirão Fundo, saúda o capitão Fructuoso, e, de repente, esbarra, cara a cara, com a Faxina. Doida por abraça-la, atira-se cegamente por umas ladeiras pedregosas abaixo, corre com tanta difficuldade quanto afan, torna a subir, e perde-se no meio das ruas do povoado.

A Faxina está situada do meio para o sopé meridional de um outeiro de mansa inclinação. Cercam-n'a elevações achatadas de uma pedra molle, a que vulgarmente chamam piçarra, formando como que

as ameias de denegridos baluartes. D'ellas procede, talvez, o nome de Itapeva, que significa—pedra chata.

De quatrocentos a quinhentos fogos, mais ou menos, encerra o seu recinto abrigo de uma população de 2,500 almas. Pequenas casas na maior parte. Notam-se, todavia, entre ellas algumas edificações regulares, prevalecendo a construcção de madeira. As ruas, quatorze mais ou menos em numero, cortadas quasi de N. a S. e de L. a O., são, no geral, estreitas e mal cuidadas. A matriz, vasta, mas excessivamente descurada no exterior, tem uma fachada sem torre e sem a minima sombra de architectura. A cadeia é um sobrado regular, mas que carece de urgentes reparos. Além da matriz existem a egreja de Santo Antonio e as capellas de N. S. das Dores e da Guia. Dois pequenos jazigos são sustentados pelas irmandades do Santíssimo Sacramento e N. S. do Carmo, erradamente collocados justamente na direcção para onde a cidade tem espaço para estender-se. O cemiterio municipal é uma lastima ; o mercado é rachitico, e de monstruoso tem o portão, maior do que tudo o mais junto. Notam-se ainda o theatro de Sant'Anna, construido por accionistas, o Gabinete de Leitura, numerosas casas de fazendas em ponto pequeno, de sêccos e molhados, a que os caipiras chamam *ladroeirinhas*, duas pharmacias, um bilhar, quasi sempre applicado ao infame jogo de estrada de ferro, ferrarias, barbeiros e cabelleireiros (um de cada um) marceneiros, fogueteiros, ourives, dentistas, sapateiros, alfaiate francez, ferradores e até um productor de medicamentos homœopathicos—o sr. Irineo de Faria e Mello. Padarias não ha—o pão que se consome é feito por familias, que o fabricam conforme podem. A agua, excellente, é provida por dous mananciaes : o do Callixto, e o vulgarmente denominado Olho do Padre Miguel.

Illuminação não se vê : dizem que outr'ora os particulares a faziam á sua custa em algumas ruas, mas pouco a pouco deixaram esse louvavel empenho até morrer de todo.

A cidade assim descripta, produz, força é confessa-lo, no viajante, que a avista do alto do Vieira (ponto da estrada), uma impressão nada agradavel. Mal collocada, silenciosa e tristonha, não tem nem a graça selvagem das bellezas do sertão, nem os affectados encantos das formosuras cortezãs. E' uma burgueza chata, insipida e macambusia, sem passado e sem futuro, com quem, entretanto, passei dous annos, dos quaes conservo muitas e muitas saudades.

S. Paulo—1878.

JOÃO KOPKE.

Os historiadores

O historiador deve ter sempre ante si a imagem augusta da candida verdade; só a ella sacrificar para que o auxilie constantemente, e o subtraia a paixões ignobeis, a injustos preconceitos. O seu primeiro cuidado, o seu primeiro dever é expellir de sua alma todo o temor, toda a esperança... Sobranceiro deve ser elle a todas as considerações humanas, para que possa planar sobre as aspirações mesquinhas dos que com offensa da verdade procuram inverter os factos e formula-los á guiza dos seus seus desejos, ou á satisfação de malignas suggestões.

BRIGADEIRO MACHADO DE OLIVEIRA.

ORPHAN

Descae a tarde. Sósinha
sentada á porta da rua,
ella triste, seminúa,
pôz-se a chorar, pobresinha...

Um panno negro fluctúa.
Do interior da casinha,
como voz de ladainha
ao triste clarão da lua,

sôam cantos magoados ;
alguem reza por finados...
Diz-me filha, quem morreu ?

—Minha mãe !—soluçou ella...
Rompia a luz de uma estrella
a tunica azul do céu.

S. Paulo—1877.

B. M.

Segundo um calculo do barão de Eschwege, em 1833, o ouro extrahido da provincia de São Paulo, desde 1600 até 1820, orça por 4,650 arrobas.

No dialecto dos indigenas Macunis, a palavra *meio-dia* traduz-se por esta perifraze :—*apucaaiinhaicalenhiacubapa*, que significa sol no meio do céu.

O Dr. F. QUIRINO DOS SANTOS

(TRAÇOS BIOGRAPHICOS)

I

Quem haverá ahi que não goste de saber minuciosamente da vida dos homens de talento, maximè quando se trata de poetas?

Supponho que ninguem, se em semelhante assumpto abalanço-me a julgar de todos os gostos pelo meu.

Digam o que quizerem, mas ha sempre um certo encanto na pagina que nos revela as particularidades da existencia de certos homens, cujo espirito deleita-nos com as suas producções; interessa-nos a maneira pela qual esse espirito começou a desenvolver-se, a ganhar vulto e a trabalhar.

Confesso que a mim nunca passaram desapercebidas essas interessantes historias que trazem para o dominio do publico o intimo viver dos escriptores e dos poetas, historias sublimes em que ha luctas titanicas, vôos prodigiosos, inauditos desalentos, sombras de indecifravel tristesa e clarões de venturas, auroras de glorias e noites de martyrios, um mundo de aspirações, de sonhos e de esperanças finalmente!

Em que desconhecido Jordão baptisaram-se as frontes dessas creanças que mais tarde ergueram-se acima do nivel das frontes vulgares, circumdadas de scintillações inexplicaveis?

De que lucidas crysálidas costumam sair essas borboletas que resvalam pelo oceano da vida, attraindo todos os olhares e merecendo todas as admirações?

Eis ahi o que o meu espirito pergunta quando,

acompanhando o revolutear das imaginações possantes, comprehende que a natureza humana tem mysterios cuja decifração escapa aos olhos das pobres creaturas.

Assalta-me então o espirito profunda e invencivel curiosidade :

Tudo o que diz respeito a esses homens superiores interessa-me ; uma pagina de sua vida, um episodio, a certidão de edade, uma anecdota, a descripção dos habitos de sua existencia, tudo isto, finalmente, tem um attractivo a que se não póde resistir com facilidade.

Como foi, como é a vida d'elles ?

Soffrem ou gosam mais que os outros homens ?

Porque não naufragaram nas ondas de desalento em que tantos succumbiram, e vencendo todos os tedios e todas as miserias da terra, todas as contrariedades e indifferenças, sairam vencedores da cruenta batalha da vida ?

Porque ?

Almas de rigida tempera !

A Providencia disse-lhes : ide, sois ricos e fortes; luctae e vencei ! trabalhae e glorificae-vos !

E d'esse brilhante itinerario cumprido á risca, resultou tudo o que o homem póde desejar para o complemento de sua felicidade—o prestigio e a aureola de respeito para a sua fronte...

A popularidade, a fama, o nome, finalmente !...

E o nome sympathico que acima deixei escripto, é hoje vantajosamente conhecido, com especialidade, porém, na provincia de S. Paulo, uma das mais opulentas e prosperas do Brazil.

O humilde auctor destes traços biographicos, antes de proseguir em tão aprasivel trabalho, sente uma tal ou qual necessidade de declarar, (e com orgulho o faz) que pertence ao numero dos amigos mais chegados do conhecido poeta.

Accedendo ao honroso convite dos laboriosos editores deste livro, (1) entendeu que não obstante a circumstancia apontada, a qual poderia ser tida como suspeita ante espiritos mal intencionados, podia e devia, tanto quanto possivel na orbita de suas forças, corresponder á amavel lembrança daquelles cavalheiros escrevendo o que soubesse da vida do conceituado poeta das *Estrellas Errantes*.

Dir-me-hão que a tarefa de escrever a biographia de um homem de lettras da ordem do dr. Francisco Quirino dos Santos requer, em todos os sentidos, talento mais provado que o meu para ser desempenhada cabalmente.

Em vista desta observação devo lembrar que seria aqui talvez o logar mais proprio para eu fazer sentir a condemnavel indifferença com que a maioria dos nossos contemporaneos folhea as obras litterarias dos talentos nacionaes, e com especialidade dos talentos poeticos.

D'ahi o passarem estes quasi desapercebidos por entre a turba multa dos positivistas modernos que fazem garbo de fechar os ouvidos ás melodiosas harmonias dos corações privilegiados.

Os homens de grandes recursos, os que poderiam com o desejavel lustre e galhardia tomar a si a iniciativa de estimular as vocações notaveis, por amor do paiz e em honra de sua nascente litteratura, esses vão se deixando levar pela onda turbulenta das paixões politicas, de maneira que não ha distrair para os assumptos amenos da poesia seus espiritos pesadamente preoccupados.

Entretanto, é forçoso não esquecermos que os creditos de uma nação muito dependem do brilho de sua litteratura, e que os nomes dos nossos homens

---

(1) Este trabalho foi escripto para um «Almanach de Campinas».

d'aquella supposição, e os quaes são de todos os tempos e de todos os paizes.

A sciencia nunca affastou de si a poesia.

Para convencer de uma vez os mais incredulos, por não dizer aos mais ignorantes, basta recordar que Gœthe, Schiller, Ulhand e Harl Simrock foram bachareis em direito e nem por isto deixaram de ser os grandes poetas que o mundo não cessa de admirar, com especialidade os tres primeiros.

Pois sem embargo da vida laboriosissima que pesa sobre os hombros deste outro advogado, o poeta apparece-nos sempre em todo o esplendor de sua vocação, inspirado, facil, elegante...

Não me abalançarei a expender aqui juizo critico sobre os versos de Quirino dos Santos, senão simplesmente a dar uma idéa ligeira do seu talento poetico, antes de entrar nas minuciosidades de sua vida publica e particular.

Gœthe disse, não me lembro a que proposito, que quem quizesse comprehender um poeta tinha necessidade de ir ao paiz em que o poeta habitasse.

Parodiando mais ou menos esta phrase, digo eu por meu turno que, para conhecerem-se cabalmente os dotes da musa de Quirino dos Santos, é de mister viver em sua intimidade, estudar o seu genio, saber de sua vida, ouvir os seus planos e as suas esperanças, admirar as suas crenças e acompanhar os esplendidos vôos de sua alma.

Quem o vê de relance, frio, polido, com o seu leve sorriso de desdem para os enfatuados, quasi sempre reservado e sério, sem expansões á primeira vista, não fará de certo uma idéa dos brilhantes predicados de sua lyra, hoje reconhecida e acatada por todos os que prezam as boas lettras.

Quaes são os principaes meritos do poeta?

Abstenho-me de aponta-los e o mesmo digo a respeito de um ou outro defeito leve de suas produc-

ções, já porque seria fóra de proposito dar aqui conta minuciosa do juizo que formo dellas, já mesmo para não tornar-me imprudente alongando demasiadamante este despretencioso esboço biographico.

Do auctor das *Estrellas Errantes* póde-se dizer o que um biographo escreveu com referencia ao poeta allemão Martim Opitz :—« Um dos grandes meritos deste poeta repousa na poesia descriptiva. »

Effectivamente ha paginas descriptivas de Quirino dos Santos que revelam desde logo a sua pronunciada tendencia para aquelle difficilimo genero.

Seu modo de dizer tem um encanto penetrante que falla immediatamente ao coração.

Rarissimas vezes suas imagens são arrojadas como as de Victor Hugo ou Castro Alves, mas as suas estrophes têem, em compensação, o lyrismo bucolico de Kleist, e de Gessner por vezes, e as melodias de Lamartine e de Schubart quasi sempre.

A sua imaginação ostenta o que quer que é do fogo do Oriente, e o verso sae-lhe da penna a maior parte das vezes, vigoroso e persuasivo, seja qual fôr o assumpto de que trate.

Como prosador seu talento tem sido egualmente festejado...

Quirino dos Santos é redactor da *Gazeta de Campinas* ha seis annos, e durante este tempo o escriptor politico tem dado sobejas provas da notavel rectidão de seu espirito...

Porém, tempo é já de volver um olhar para o passado e acompanhar desde a mais tenra infancia até hoje, esse bello talento que tudo deve a seus proprios esforços e inquebrantavel vontade no desenvolvimento de suas notaveis tendencias.

Seguindo, pois, a necessaria ordem chronologica, vejamos a rapida porém interessante biographia do poeta.

II

Francisco Quirino dos Santos nasceu na formosa cidade de Campinas, (hoje uma das mais florescentes da provincia de S. Paulo) a 14 de Julho de 1841. Conta, portanto, 34 annos de edade.

Seus paes foram : o major Joaquim Quirino dos Santos, cujo caracter de fina tempera mereceu sempre o mais profundo respeito, e D. Maria Francisca de Paula Santos, senhora de grandes virtudes.

Ambos falleceram ha bastante tempo, legando a seus filhos o inapreciavel thesouro de uma educação austéra e social.

Tendo já nove annos de edade, Francisco Quirino dos Santos entrou para uma escóla de primeiras lettras, em a qual se conservou por espaço de oito mezes sómente.

Da escóla passou a ir viver na fazenda onde tinha sido creado até áquella edade, e ahi permaneceu por muito tempo.

Essa fazenda, cortada pelo rio Atibaia, era, como ainda hoje é, uma das mais pittorescas do rico municipio de Campinas.

E' facil de imaginar portanto, a poderosa influencia que o formoso local exerceu desde logo sobre a organisação delicada do menino.

Ahi entregou-se elle á leitura dos primeiros livros que encontrou, com essa gentil soffreguidão que é o primeiro symptoma de talento litterario nas creanças.

Com o pouco tempo que esteve na escóla sahiu lendo perfeitamente, de modo que desenvolveu-se-lhe rapidamente immenso gosto pelas leituras amenas, assim de obras em proza como em verso.

O primeiro livro que lhe cahiu nas mãos, depois de muito ter saboreado as velhas historias de Carlos

Magno, Princeza Magalona e outras deste jaez, foi uma mimosa e escolhida collecção de versos em que sobresahiam os de Gonçalves Dias, Amorim, João de Aboim e outros não menos notaveis poetas nacionaes e portuguezes, chegando mesmo a decorar a collecção inteira.

Seu espirito como que se sentiu nadar em um mar de inexprimiveis delicias; raiára em sua imaginação uma especie de phenomeno maravilhoso que foi deixando após si o disco radiante de um desejo vago, ou antes de uma anciedade até então desconhecida para o juvenil scismador.

Seu pensamento, como um passaro que desperta de chofre, agitou as debeis azas e foi aos poucos se levantando ás alturas seductoras das idealidades sublimes.

A aurora de sua vocação começava de despedir os primeiros rebérberos cambiantes, e seu gosto pelas mysteriosas revelações dos espiritos privilegiados nunca mais descansou.

A leitura de livros poeticos e romanescos tornou-se-lhe, desde essa época, necessidade imperiosa.

Assim foi que, depois da collecção mencionada passou a ler outros livros abeberados de attrahente e perigoso sentimentalismo, e entre elles o celebre romance de Gœthe denominado *Werther*, que produziu em sua imaginação nimiamente impressionavel, extraordinario effeito, segundo os apontamentos que a muito custo pude obter.

Esgotados os livros que tinha á mão, restava-lhe ainda o recurso dos folhetins do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, que elle lia com o mesmo inalteravel e profundo interesse, alimentando, desta arte, o seu amor pela litteratura.

Affirma o biographado, que esse tempo foi aquelle em que sentiu-se verdadeiramente poeta, poeta sem a necessidade de materialisar sobre o papel as

suas apraziveis impressões ; sem a convencional affectação do artificio, sem cuidados pela fórma do verso ; poeta unicamente pela concentração e pela contemplação, expontaneo, natural e arrebatado em doces enlevos.

Poeta pastoril, sem conhecer ainda o diabolico veneno da poesia social !

Os dias inteiros de formosa primavera passava-os elle a divagar pelas florestas, de espingarda ao hombro, ora caçando (unico peccado seu que conheço e que aqui posso assignalar), ora descansando á sombra de frondosa arvore e escutando no harmonioso harpejo da brisa campestre o écho mysterioso das aspirações infinitas !

Contava então doze annos de edade.

Era tal o seu culto por esse bello e saudavel systhema de vida que não havia arranca-lo d'ahi, nem mesmo as seducções do viver das cidades.

A's seis horas da manhã, quando o sol tocava as montanhas verdes com as suas primeiras palhetas de ouro, o novo Nemrod ia pelas estradas além, ancioso por fazer levantar no espaço alguma nova Babylonia... de sonhos innocentemente pueris e de illusões estrondosas e radiantes !

E por essas excursões andava até ao cahir da noite, que era quando se recolhia, sem se lembrar do prosaismo chato do almoço e do jantar, o que lhe valeu muitas reprehensões de sua boa avó e do marido da mesma, que aliás amavam profundamente o neto.

Algum tempo depois cahiram-lhe do bico da penna os seus primeiros versos, mas... cousa estranha ! —Foi uma satyra !

Ignoro qual a victima que teve a honra de servir de alvo para a estréa do novo Juvenal, mas o que é inegavel é que a satyra tinha a sua boa pitada de sal e revelava cuidados de metrificação muito para

merecerem elogios, maximè tendo o poeta doze annos apenas.

Depois de completar os quatorze, veio para esta capital com o firme proposito de estudar preparatorios, e em pouco tempo teve a felicidade de vêr realisados os seus louvaveis intentos, de maneira que concluindo aquelles estudos, (anno de 1859) matriculou-se immediatamente no curso juridico da Faculdade.

Como academico Quirino dos Santos distinguiu-se muito.

Estudou e trabalhou.

N'essa bella quadra de sua mocidade escreveu muito e leu pouquissimo.

Aconteceu-lhe o mesmo que costuma acontecer a todos os neophitos das lettras : tomou-o de assalto a irrequieta ambição de nomeada, o natural desejo de apparecer e distinguir-se da turba dos ineptos que de tudo criticam e nada fazem.

Levado por tal impulso collaborou em quasi todos os jornaes academicos, e não eram poucos, que existiam n'esse tempo em que tambem as associações litterarias estiveram muito em voga na tradicional Paulicéa.

O novel escriptor era membro de quasi todas essas associações.

Em companhia de Francisco Rangel Pestana, academico distinctissimo e hoje escriptor politico de vasta nomeada, redigiu Quirino dos Santos o *Lyrio*, jornal litterario dedicado ao sexo fragil, e depois a *Rasão*, folha politica na qual escreviam tambem alguns seus amigos e companheiros de trabalho taes como – Belfort Duarte, Campos Salles, Jorge de Miranda, e seu irmão, hoje fallecido, João Quirino do Nascimento.

Sustentou lutas renhidas quer no terreno da politica, quer no da litteratura, pugnando desde en-

tão pelos principios da democracia adiantada, comquanto nesse tempo não se prégasse ainda a theoria republicana como hoje.

Ao deixar os bancos academicos, em 1863, depois de formado, quando o seu talento poetico estava em pleno viço, applaudido por pouquissimos collegas mais intimos, desdenhado por muitos e desconhecido pela maior parte delles, publicou nesta capital a sua primeira collecção de versos lyricos sob o titulo *Estrellas Errantes*, volume de umas setenta e tantas paginas, editado pelo respeitavel proprietario do *Correio Paulistano*, sr. capitão Joaquim Roberto de Azevedo Marques.

Este livro teve a mais sympathica recepção por parte do publico, mas começou a ser devidamente conhecido e apreciado quando do Rio de Janeiro e de Portugal vieram pelos jornaes os juizos criticos firmados por auctoridades competentes.

Os indifferentes e os invejosos, esses terriveis e abominaveis espantalhos dos obreiros do espirito, assustaram-se com a victoria do *ousado* principiante, mas tiveram de curvar a cabeça ante a evidencia do facto confirmado por opiniões de mór valia.

Na capital do imperio um folhetim do *Correio Mercantil*, assignado por J. C. (João Carlos de Souza Ferreira, jornalista distincto) pronunciou-se de modo o mais encomiastico possivel; Luiz Guimarães Junior, no *Diario do Rio*; Pessanha Póvoa nos *Annos academicos* que publicou mais tarde, e assim outros muitos escriptores conceituados, foram concordes em expender opinião altamente favoravel aos creditos do novo poeta.

Em Lisboa, o afamado escriptor sr. Manoel Pinheiro Chagas, cujas obras tão applaudidas são no Brazil, escrevendo no *Archivo Pittoresco* (1865) uma apreciação das *Estrellas Errantes*, enviou amistosas saudações ao poeta e com ellas o mais animador elo-

gio que um litterato que começa póde desejar em seus brilhantes sonhos de glorias!

O *Conimbricense*, acreditada folha de Coimbra, apressou-se tambem em tecer ao inspirado moço brazileiro os mais decididos e insuspeitos louvores.

Estava, por consequencia firmada a sua reputação de poeta, contra a qual nada mais pôde fazer a critica das mediocridades pretenciosas que em todos os tempos tão desgraçada cópia costuma dar de suas faculdades mancas.

Desde então o nome do dr. Francisco Quirino dos Santos foi-se tornando conhecido de dia em dia...

III

E desde então começou elle a trabalhar no jornalismo politico.

O poeta cedeu por algum tempo o logar ao pensador severo, ao jornalista incansavel, ao folhetinista energico.

Ligado por laços de cordial amisade ao digno proprietario do *Correio Paulistano*, tomou a si a redacção dessa importante folha desde Janeiro de 1864 até Outubro de 1865, e casou-se em Abril d'aquelle anno (64) com uma interessante e virtuosa filha do dito proprietario, em honra da qual os nobres sentimentos do poeta impelliram-n'o a produzir as mais delicadas e maviosas poesias do livro que publicára.

Desejando, porém, mais tarde, affastar-se dos labores arduos e improbos do jornalismo, conseguiu ser nomeado, em fins de 1865, promotor publico da cidade de Santos, cargo de que foi demittido—« por conveniencia do serviço publico » segundo resa uma portaria do ex-presidente desta provincia, dr. Tavares Bastos, sendo aquella portaria de 10 de Setembro de 1867.

Este cargo serviu-o elle com o juiz de direito dr.

Araujo da Cunha, verdadeiro typo do magistrado integro, do qual mereceu sempre os maiores elogios, pelo que vê-se desde logo que tal demissão foi um reprovado capricho, um acinte deploravel d'aquella auctoridade, em consequencia de se ter declarado hostil ao *Correio Paulistano* d'onde retirou as publicações officiaes, e cujo proprietario era, como acima ficou visto, sogro do demittido.

O sr. Tavares Bastos procurava vingar-se a todo o transe, compromettendo de tal arte as prescripções austéras de prudencia que elle, como cavalheiro, devia considerar acima de seus despeitos.

Semelhante acto de precipitação por parte de s. exc. causou vivos clamores da imprensa, e mesmo dos adversarios politicos do dr. Quirino dos Santos.

Para se ajuisar da offensiva injustiça basta dizer, que ainda a 3 de Outubro do anno em que se deu tão desagradavel episodio, isto é, um mez depois da demissão, o demittido recebia do procurador da corôa, D. Francisco Balthasar da Silveira, hoje membro do Supremo Tribunal de Justiça, um honroso officio que concluia com as seguintes linhas :

« Não posso deixar de, em nome da justiça, agradecer, e com louvor, o seu cuidado e zelo no desempenho de seus deveres. »

Mas o sr. Tavares Bastos precisava, para completar a sua vingança, demittir o funccionario publico honrado !

Entretanto, manda a verdade que se diga que, essa demissão foi uma verdadeira felicidade para o poeta, porque sendo de pouco rendimento o fôro de Santos, protestou renunciar a todos os cargos publicos, retirando-se immediatamente para a sua cidade natal onde, associando-se na advocacia ao seu illustrado irmão dr. João Quirino, soube ganhar as sympathias dos seus conterraneos e firmar-se n'aquelle importantissimo ramo de trabalhos.

Desgraçadamente, porém, tinha já o poeta dois filhos, duas lindissimas creanças em as quaes concentrava todos os affectos de seu coração, e passou pelo horrivel desgosto de perde-las logo depois da mudança, causando-lhe este cruel acontecimento uma prostração enorme!

Quanto porém, á sua carreira na advocacia continuou em prosperidade, e de dia em dia seus creditos mais se firmaram perante o publico.

Em 1869 fundou a *Gazeta de Campinas* de accordo com seu respeitavel sogro, a quem pertencia a propriedade do estabelecimento typographico, e desde então redigiu assiduamente essa folha até hoje, passando, ultimamente, a propriedade do dito estabelecimento a pertencer-lhe.

Nessa importante tarefa da redacção de um jornal, que firmára os seus creditos propugnando pelas mais generosas e adiantadas idéas, o incansavel escriptor foi, e tem sido, quasi sempre coadjuvado por muitos dos melhores talentos da cidade de Campinas.

Como advogado, Quirino dos Santos tem sabido conquistar invejavel conceito, alcançando em diversas épocas esplendidos triumphos na tribuna judiciaria, assim pela firmeza e brilho de suas idéas como pela arrebatadora eloquencia de sua palavra inspirada nas occasiões em que vem de molde o jogo dos sentimentos elevados.

Dentre os seus melhores triumphos na tribuna judiciaria, o mais saliente foi, por certo, o que derivou da defeza de um réo accusado por crime que importava a ameaça de ruina de todo o opulento municipio de Campinas, nada menos que uma insurreição...

Os leitores devem ainda lembrar-se desse facto que importava crime de tanta gravidade, e que, por isso mesmo, provocando a indignação do povo, chamava

sobre o réo uma odiosidade espantosa, de maneira a não encontrar um só advogado que o quizesse defender!

Nomeado ex-officio e de momento para a melindrosa defesa, Quirino dos Santos declarou que acceitava tal incumbencia porque a sua profissão era um sacerdocio que lhe impunha deveres irrecusaveis, pelo que mereceu os applausos de todos os circumstantes, inclusivè os dos proprios que estavam indignados contra o réo.

Erguendo-se então diante do imponente auditorio pronunciou um vigoroso improviso, que valeu a absolvição do accusado contra a geral espectativa, absolvição essa que fez, portanto, honra aos integerrimos juizes que a proferiram.

Em cargos de eleição popular foi o illustre advogado eleitor em Santos, e tem sido juiz de paz desde que mudou-se para Campinas até a presente data, justamente dois quatriennios, não obstante a sua rélutancia na acceitação desses cargos de honrosa confiança.

Quirino dos Santos vive rodeado de geral estima e verdadeira consideração. No lar domestico, entre os abençoados affectos da familia, é um dos homens mais felizes que eu conheço.

Entretanto, o céo dessa sua invejavel felicidade, tem sido uma ou outra vez obscurecido pela passagem de nuvens negras, dessas com que o sôpro impiedoso da fatalidade costuma turbar os mais claros e tranquillos firmamentos.

A morte prematura da joven e presada irmã do poeta, D. Thereza Quirino dos Santos; a de seu talentoso e illustrado irmão dr. João Quirino e a de seus tres filhos, sendo o ultimo uma linda menina de pouco mais de um anno, foram golpes por demais rudes para a organisação altamente sensivel do poeta, que entretanto soube, como homem de profundas

e elevadas crenças religiosas, luctar contra esse infortunio e sahir victorioso em honra de seus deveres sociaes e da nobilissima missão que a Providencia lhe marcou sobre a terra.

O escriptor nunca se deixou tomar de desanimo em face ás adversidades, trabalha muito e sempre, quer como poeta, quer como advogado ou jornalista.

Actualmente trata elle de fazer imprimir a segunda edição das suas poesias sob o titulo *Estrellas Errantes*, correcta e muitissimo augmentada, sendo que a impressão do livro feita debaixo de todos os preceitos do bom gosto, acha-se prestes a concluir-se.

Não obstante o seu immenso trabalho na advocacia, de dia em dia dobra de esforços como jornalista, cujo unico e louvavel scôpo é sempre a victoria do direito e da rasão, com os olhos voltados continuamente para a bandeira da democracia, a causa popular e o progresso do seu vasto e futuroso paiz.

No meio do assustador embate das paixões politicas, que vão pervertendo os caracteres, e abalando a segurança das convicções ; no meio desse oceano voraz em que vão naufragando as crenças e as esperanças do povo atordoado pela famelica celeuma dos partidos, Quirino dos Santos, sem temer o diluvio das anomalias, salva-se como o Deucalião da mythologia, sempre de pé no seu posto !

Eis ahi o que é de justiça dizer-se de tão incansavel lidador.

Não me consta que alguem tenha escripto a biographia desse notavel paulista, mesmo remontando ao tempo em que elle frequentava a academia.

Tudo o que conheço escripto ácêrca de sua vida e de seu talento litterario, consta das honrosas palavras do notabilissimo escriptor portuguez, sr. Innocencio Francisco da Silva, impressas em um dos volumes do seu Diccionario bibliographico, palavras aquellas que importam para o dr. Quirino dos San-

tos uma invejavel garantia de nomeada, pelos louvores que aquelle auctorisado bibliographo lhe tributa.

O auctor das *Estrellas Errantes* é um dos maiores apreciadores dos bons litteratos portuguezes, com cujas obras vive em perfeita familiaridade.

A sua bibliotheca é escolhida e abundante, e della vive o fecundo estylista haurindo sem cessar novos e uteis conhecimentos para o seu já não pequeno cabedal de illustração.

Finalisando este rapido e desalinhado trabalho, não sei se seria de bom tom descrever em dois traços apenas o physico do illustre biographado, uma vez que outro tanto fiz com a physiognomia moral e litteraria desse generoso e altivo caracter.

Como quer que seja, esquivo-me á difficil tarefa, asseverando apenas que: se o poeta das *Estrellas Errantes* não prima nem pela estatura e nem pela rigidez da compleição, possue sem duvida alguma, porte airoso, fronte elevada, e no semblante esse mysterioso toque de sympathia indicativo das inexgotaveis riquezas do coração.

Faltar-lhe-hia por ventura um pouco desse assombroso *aplomb* peculiar a insolentes vaidosos, se a sua natureza não fosse, como é, tão refractaria á mentira e á frivolidade.

Em conclusão:

Do dr. Francisco Quirino dos Santos como escriptor e como poeta póde-se dizer o mesmo que o biographo Del Rio disse de Espronceda:

—Esplendorosa phantasia, intonação robusta, ousado na fórma, elegante nas locuções...

Não sou eu só que o digo, é tambem a opinião publica.

S. Paulo, 17 de Setembro de 1875.

Carlos Ferreira.

BIBLIOTHECA ECONOMICA

INSTRUCÇÃO E RECREIO

EMPREZA EDITORA

DE

SCIENCIAS, ARTES E LETTRAS

57—Rua de Gonçalves Dias—57

RIO DE JANEIRO

VIANNA, RIBEIRO & C.ª

Publica-se invariavelmente ás terças-feiras, quintas-feiras e sabbados, no formato da *Bibliotheca Nacional de França* e EM VOLUMES DE 64 PAGINAS PELO BARATISSIMO PREÇO DE 100 rs.!!! os melhores romances nacionaes e estrangeiros e todas as obras importantes sobre *sciencias, artes e lettras.*

Vende-se em todas as livrarias, kiosques, charutarias e mais casas onde se acham affixados os cartazes de agencia da *Empreza*.

A *Empreza* offerece os seguintes brindes aos srs. assignantes de anno, que serão distribuidos annualmente pelo sorteio da primeira loteria da Côrte do mez de Janeiro de cada anno; a saber:

10 brindes em dinheiro

1	Brinde de	. . . .	200$000
1	dito »	. . . .	100$000
1	dito »	. . . .	40$000
1	dito »	. . . .	20$000
2	ditos »	. . . .	10$000
4	ditos »	. . . .	5$000

Condições e preços das assignaturas

Côrte e Nyctheroy		Provincias	
Trimestre	3$500	Trimestre . .	4$500
Semestre	6$500	Semestre . .	8$500
Anno	12$000	Anno	15$000

As assignaturas são pagas adiantadas e exclusivamente no escriptorio da *Empreza*.

ROMANCES PUBLICADOS

O homem das multidões por P. Zaccone. **As mulheres de gelo** por P. de Leoni,—no prelo

A Historia de um crime

por Victor Hugo

AS MEMORIAS DE UM ANJO

por E. Gonzalès

Em via de publicação todos os romances nacionaes e estrangeiros de reconhecido merito.

N. B. O romance **As mulheres de gelo**, que custa 2$000 em francez, ficou editado por 400 réis!!!

Descontos e condições de venda para os srs. agentes

De 10 a 20	exemplares	de cada	numero	20 °/₀
» 20 a 50	»	»	»	25 °/₀
» 50 a 100	»	»	»	30 °/₀
» 100 a 200	»	»	»	35 °/₀
» 200 a 500	»	»	»	40 °/₀
» 500 a 1000	»	»	»	45 °/₀
Mais de 1000	»	»	»	50 °/₀

Os pagamentos são feitos no acto da entrega.

As despezas de remessa das publicações para as provincias serão feitas por conta e risco dos srs. agentes.

Avisamos que, qualquer pessoa que nos enviar ao escriptorio da Empreza uma lista com 10 assignaturas e sua importancia será considerado nosso assignante pago pelo tempo das assignaturas enviadas.

RUA DE GONÇALVES DIAS—57

Origem do appellido--Mesquita

Entre os cavalleiros que acompanharam Affonso V á conquista de Arzila iam cinco irmãos de appellido *Pimenteis*.

A cidade foi entrada apezar de tenaz resistencia. Os mouros, porém, não desanimaram com o ver o inimigo dentro da praça. Accolheram-se a uma mesquita e, fazendo della fortaleza, oppunham aos portuguezes resistencia desesperada.

Então os cinco irmãos, tirando os cintos e atando-os uns aos outros, lançaram-os a uma ameia e subiram por elles, executando tudo isto com summa rapidez.

O exemplo foi seguido por outros e a mesquita tomada.

Para perpetuar a memoria deste feito, além de outras graças, quiz o rei que os cinco irmãos tomassem o appellido de—*Mesquita*.

Maxima arabe

Quando vires uma mulher de edade avançada correr o risco de se afogar, acode-lhe promptamente porque póde ser tua mãe; quando vires uma creança correr o mesmo perigo, acode-lhe tambem porque póde ser tua filha: mas se a mulher que es tiver proximo a afogar-se fôr ainda nova, abandona-a á sua sorte—póde ser tua esposa.

Barcaróla

Constella-se o céu de luz...
A terra brilha de amôr...
No lago manso transluz
Do lume o tibio fulgôr...
Remae... remae canoeiros,
Pelas planuras de anil,
Entre a sombra dos jambeiros,
Ao baço clarão gentil.

Dormem as aves nas ramas...
Dentro das alvas cortinas,
Do amôr em fulgidas flammas
Scismam imagens divinas...
E' tarde... a lua retrata,
No rio em prismas ligeiros,
Lucida côma de prata...
Remae... remae, canoeiros !

No seu triclineo de perolas
Os sonhos saltam fulgindo,
Alegres baladas cerulas
Da manhã que vem sorrindo...
Remae... remae canoeiros
Deixae a diva funcção,
Os ventos sopram fagueiros
Como a nocturna canção.

A vida passa n'um sonho.
As crenças walsam no azul,
O canto vôa risonho,
Como as phalenas do sul...

E nas opalas do rio
Brilham do céu os luzeiros...
Da mocidade o delirio
Cantae canções, canoeiros !

Amar... o mote saudoso
Que a verde onda proclama...
Viver... o hymno choroso
Que a serenata derrama...
E nos turbidos anhelos
Passam folgando os pampeiros,
Modulando os versos bellos
De seu cantar... canoeiros !

Do vosso barco na espuma
Correm doidos pensamentos,
Como entre as gazes da bruma
Palpitam leves tormentos...
Remae... remae canoeiros,
Pelas planuras de anil
Entre as sombras dos jambeiros,
Ao baço clarão gentil.

S. Paulo—Outubro de 1871.

J. R. de Campos Carvalho.

A 8 de Janeiro de 1829 deu-se em S. Paulo o primeiro julgamento pelo jury sobre abuso de liberdade de imprensa, sendo julgado com criminalidade um artigo do periodico *Pharol Paulistano*.

Um edital

Antonio Moreira de Oliveira, republicano, juiz ordinario, presidente da camara, os mais officiaes e o procurador della que actualmente servimos este presente anno nesta villa de São Sebastião, etc.

Fazemos saber a todos os moradores desta villa e seu termo e districto, que da publicação deste em deante, nenhum se atreva a temerariamente impedir que os moradores pesquem em seus portos e praias largando redes de fundo, por ser o mar e ditas praias realengo e poderem todos, onde mais commodamente lhes parecer, buscar a vida e pescarem de fundo com suas redas; comtanto que os que forem pescar não passem das praias e não façam damno aos moradores. Com a pena de todo aquelle que impedir os lanços ser condemnado em 3$000 para as despezas desta camara, na fórma dos capitulos da proxima passada correição, e trinta dias de cadêa, ou nosso arbitrio

E todo aquelle que causar prejuizo aos moradores e donos dos portos serão condemnados na mesma quantia de 3$000 e prisão; além de pagarem pelos seus bens e da cadêa o damno e prejuizo, em sendo provado verbalmente com duas testemunhas de fé, perante qualquer juiz ordinario ou Almotacé, que estiver presidindo, etc., etc.

E para que chegue á noticia de todos e não possam allegar ignorancia, mandamos lavrar o presente, que depois de registrado, será publicado pelas ruas desta villa e fixado no logar publico della. Dado e passado sob nosso signal nesta villa de São Sebastião em camara de 22 de Setembro de 1784.

(Extrahido de um velho livro existente no archivo da camara municipal de São Sebastião.)

PRECE

Sobre um degrau do altar
Piedoso e contristado,
Resava, ajoelhado,
O cura do logar.

Parece vacillar
Nas garras de um peccado ;
O peito alvoroçado,
Nos céus o triste olhar !

Prestei-lhe o ouvido, attento :
De envolta em ladainhas
Ouvi-lhe, n'um lamento :

—Escuta as preces minhas !
Do mal de nome odiento,
Senhor, liberta as vinhas !

LUIZ DE ANDRADE.

Charada

1—1 Tira a terra do buraco este passaro.

S. Paulo.

J. P.

Casas da Moeda

A primeira casa de moeda no Brazil foi fundada em 1694 na cidade de S. Salvador na Bahia, e d'alli transferida para a do Rio de Janeiro, na qual começou a trabalhar em 1699, passando depois para Pernambuco, onde conservou-se até 1702.

Todos esses estabelecimentos eram destinados a fabricar moeda que então se chamava provincial, por ter curso somente no Brazil.

Cunharam em ouro 3.200:000$000 e em prata 800:000$000.

Em 1702 mandou o governo que a casa da moeda voltasse para o Rio de Janeiro, e assim aconteceu, sendo definitivamente estabelecida nessa cidade em Janeiro de 1703.

Começou-se então a cunhar no Brazil moeda geral, isto é, que circulava em todo o reino de Portugal. Em consequencia, porém, dos avultados productos obtidos na lavra das minas de ouro, abriu-se novamente casa da moeda na Bahia, e posteriormente outra em Minas Geraes; mas esta foi fechada em 1735 e aquella em 1830.

A do Rio de Janeiro desde seu estabelecimento definitivo em 1703 até 1833, cunhou 216,257:629$929 em ouro, e em prata 16.460:866$319; de 1833 a 1849 pelo padrão vigente 950:684$000 em ouro e 67:390$680 em prata; de 1850 a 1870, pelo mesmo padrão, 43.195:250$ em ouro e 16.812:613$400 em prata.

Jatyr e Coema

—Despreso-te, Coema ; a velha usança
Das nossas velhas tribus despresaste :
O bemvindo estrangeiro abandonaste,
Que sósinho, na rede, alli descança.

Esqueço os tempos em que tu, creança,
Em meus braços de ferro te embalaste ;
Que tenebroso espirito escutaste ?
Como te veio essa fatal lembrança ?

—Senhor das mattas, meu Jatyr valente,
Tu desconheces este amor ardente,
Choro embalde a teus pés, misera louca !

Afoga-me em teus braços musculosos,
Mas que eu não sinta os beijos asquerosos
D'esse vil estrangeiro em minha bocca.

GONÇALVES CRESPO.

Um sujeito que tinha a barba branca e os cabellos pretos, foi perguntar a um medico a causa dessa differença.

—E' porque o senhor tem trabalhado mais com os queixos do que com a cabeça, respondeu-lhe o medico.

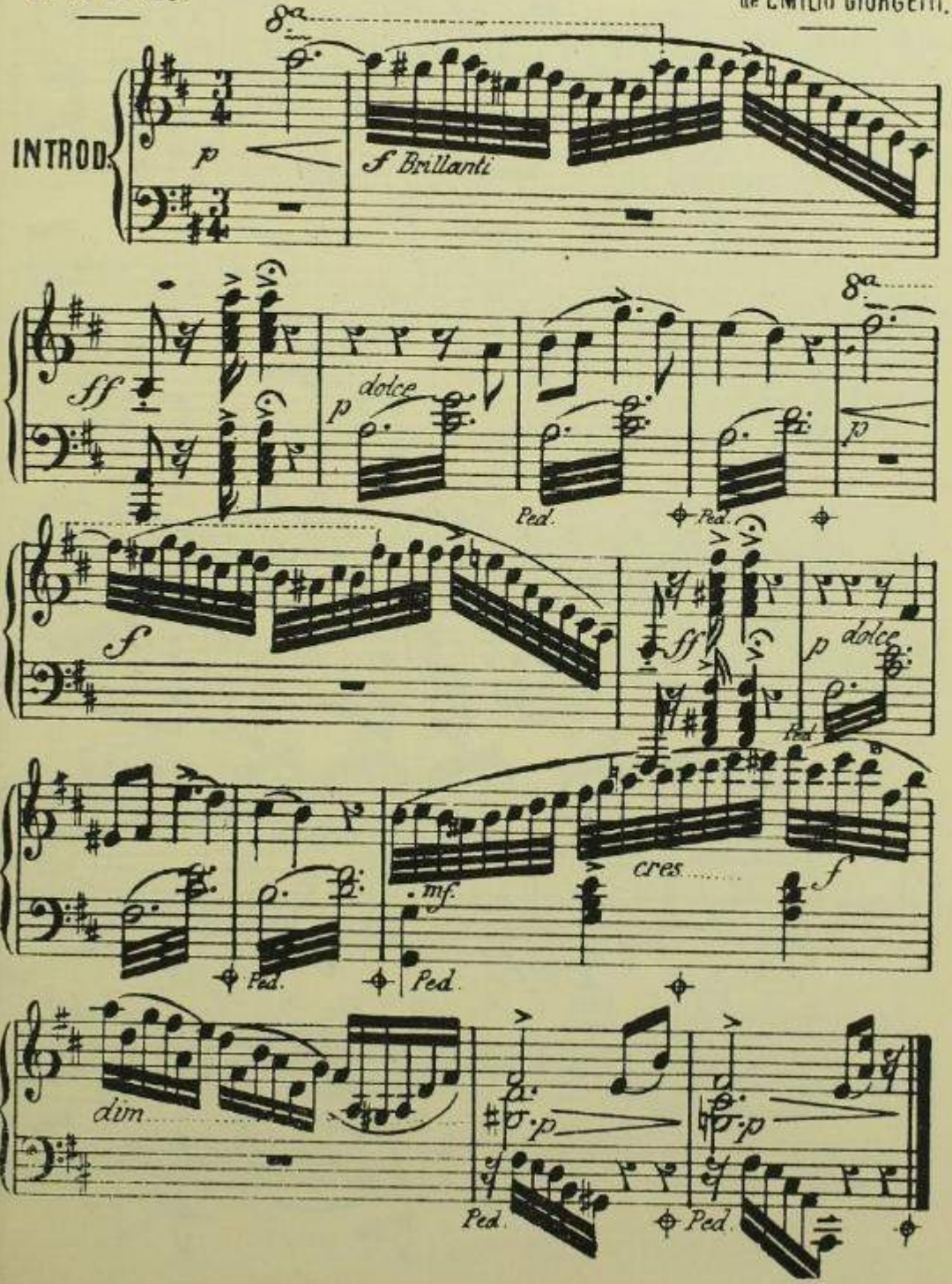
A SAUDADE

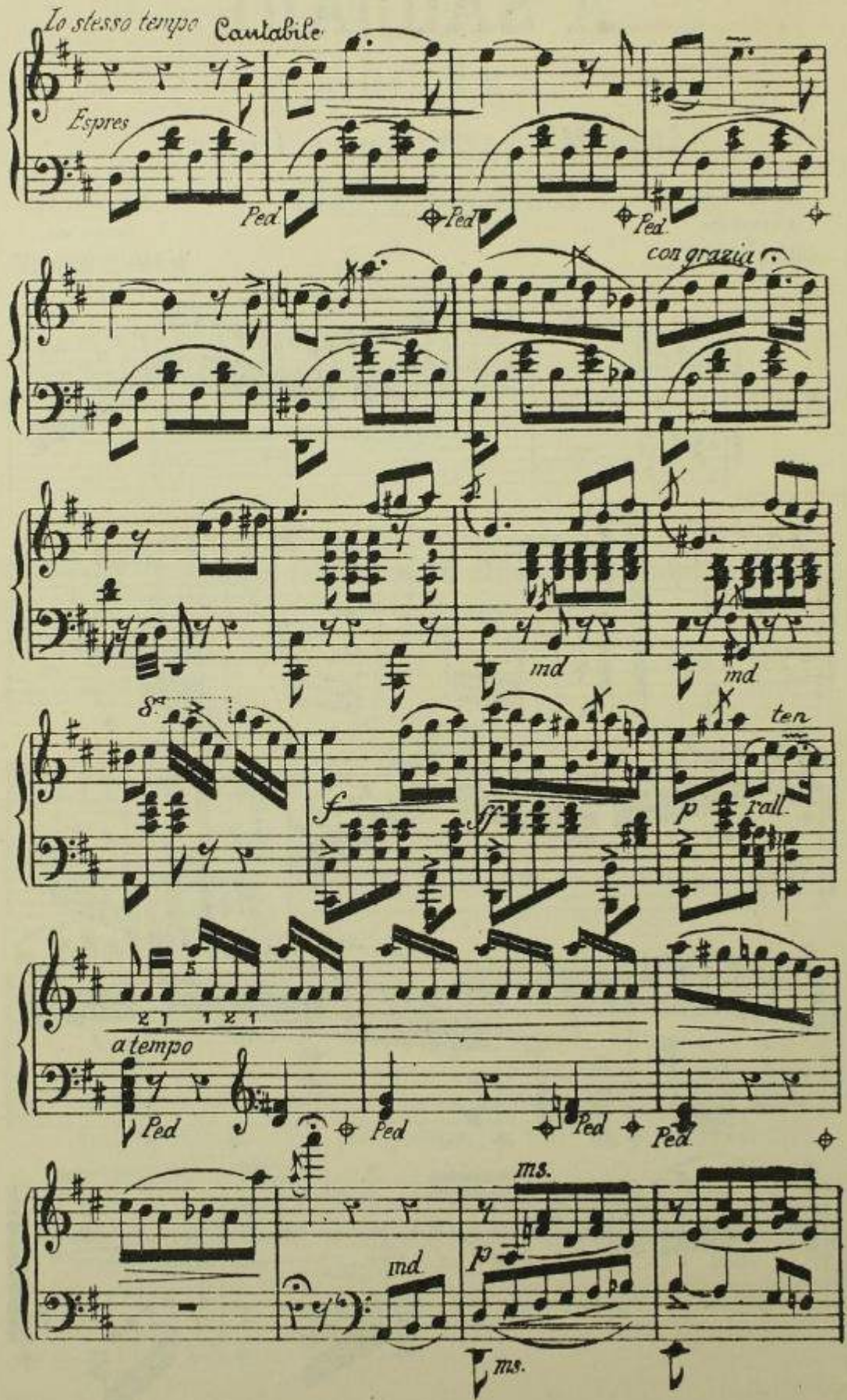
MELODIA

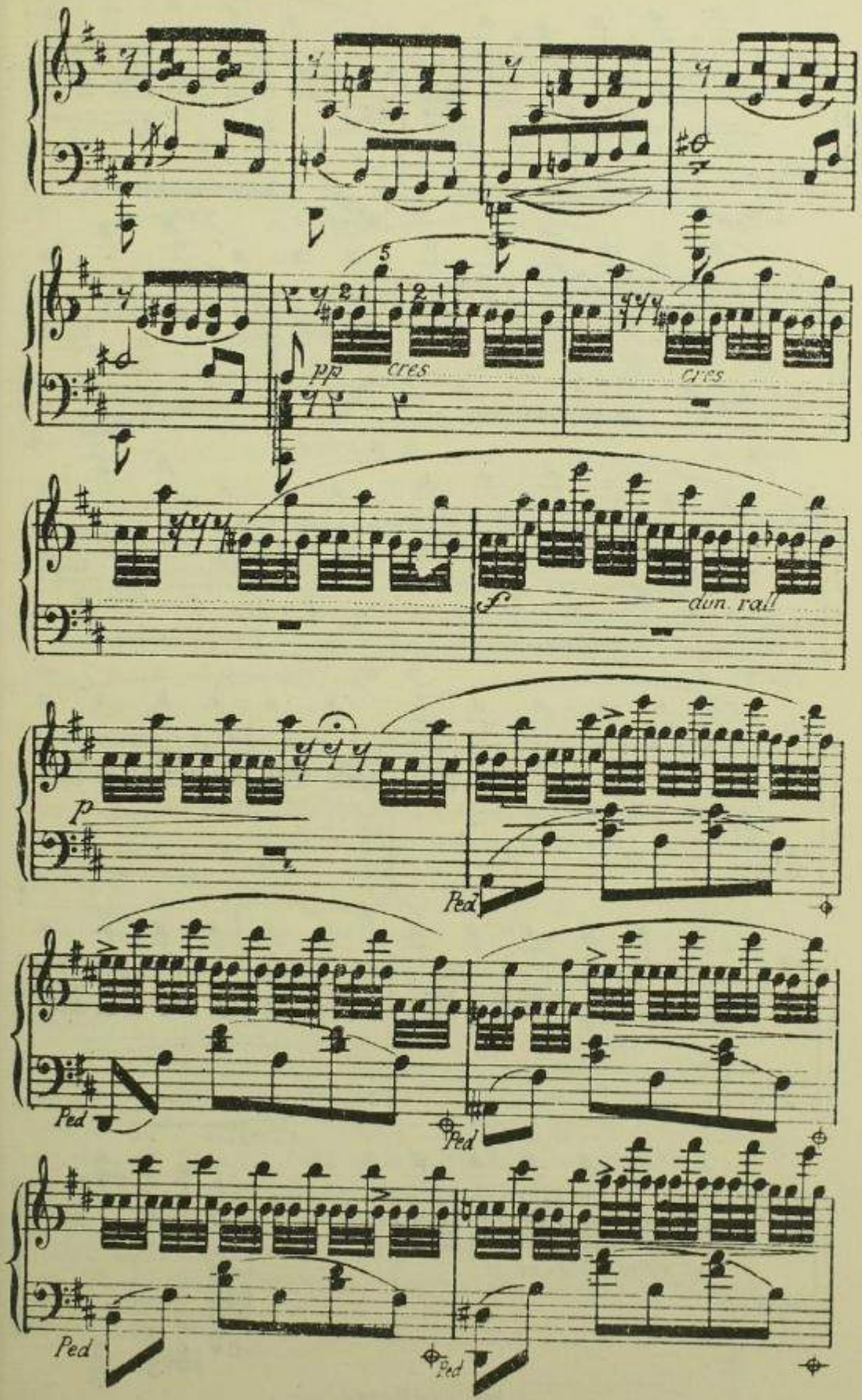
DEL Mº SANT'ANNA GOMES.

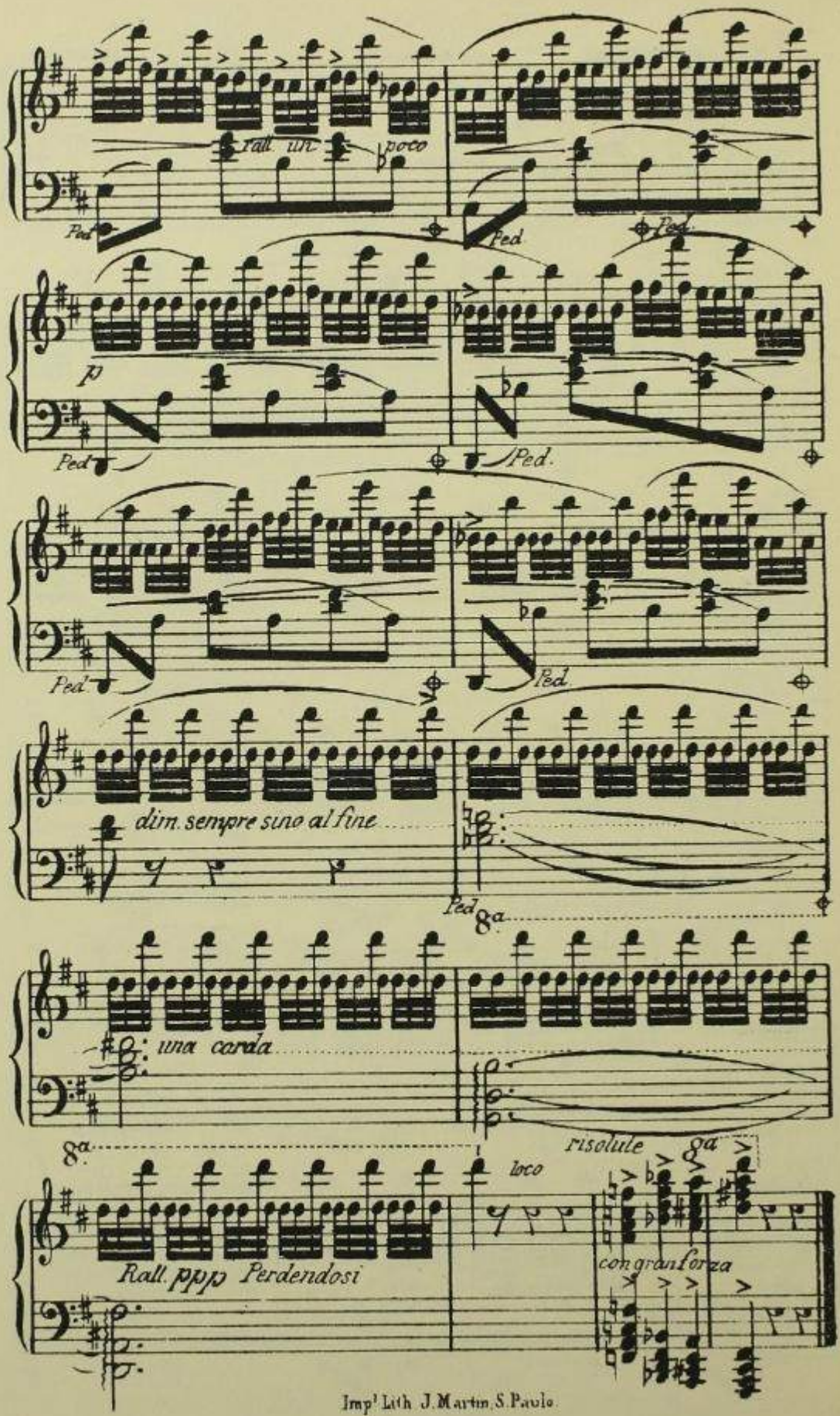
Dedicada
A MEU IRMÃO
CARLOS GOMES.

Reducção
PARA PIANO
de EMILIO GIORGETTI.




Lo stesso tempo
Cantabile
Espres
Ped
Ped
Ped
con grazia
md
md
8va
f
ff
ten
p
rall.
2 1 1 2 1
a tempo
Ped
Ped
Ped
Ped
ms.
md
p
ms.


pp
cres.
cres.
f
dim. rall.
p
Ped.
Ped.
Ped.
Ped.
Ped.



Imp^t Lith. J. Martin, S. Paulo.

Poços de Caldas

Fui este anno, pela terceira vez, aos banhos de Caldas, e como nas outras, vi novas provas da sua bondade.

Em outros artigos que escrevi sobre estas aguas santas, notei sua composição, modo de usa-las, tanto internamente, como em banhos de fazer suar, e em banhos simples, incommodos em que aproveitam, tempo em que mais convêm, etc., etc.

Aqui vou accrescentar novas observações que fiz, especialisando alguns curativos, que mostram suas maravilhosas virtudes.

A muitas pessoas, e ha muitos annos, aconselho o uso destas aguas; e não vi um só caso em que não fosse favoravel o seu uso.

As aguas são reputadas infalliveis nos rheumatismos musculares chronicos, e molestias escamosas da pelle.

Approveitam muito nas dispepsias, nevralgias, asthmas humidas, irritações antigas do estomago, baço, figado, intestinos, bexiga, utero, arthrite, syphilis, febres intermittentes, mal de engasgo, escrofulas, paralysias incipientes.

Vi agora um caso de syphilide escamosa, que datava do nascimento, e resistira a todos os curativos: entretanto, com a terceira viagem que fez a Caldas, o doente alcançou completo restabelecimento.

Vi um doente de nervoza, que é molestia brazileira, que consiste em desanimo, tristeza, melhorar muito com o uso das aguas interna e externamente.

Vi empregarem-a na gonorrhéa chronica, não só

em banhos, como em injecções no canal da urethra, com bons resultados.

Vi em um doente de paralysia das extremidades inferiores, que julgava ser uma gonorrhéa supprimida a causa della, com os primeiros banhos reapparecer a gonorrhéa, e melhorar dos incommodos.

Dizem os doentes que de facto a agua é tão milagrosa, que faz apparecer a causa dos incommodos, facilitando assim o seu curativo

E' certo que em alguns casos eu vi isso, como naquelles em que o rheumatismo era a causa do mal, e nos casos de syphilis, em que se vê brotarem feridinhas, tumores, e erupções, que limpam o corpo.

Vi um moço que soffria de tuberculos mesentericos, e ao qual o barão da Villa da Barra aconselhára as aguas de Caldas, voltar quasi bom, tendo reapparecido o appetite, sumido-se os tuberculos, e a pelle, de secca, se tornado humida, relaxando-se o ventre que era prezo.

Não vi um diabetico nas aguas, que entretanto devem approveitar, por conter os medicamentos que os medicos receitam, sobretudo nos casos em que houver um estado geral mau.

Tambem nos calculos biliares, renaes, e da bexiga, devem ser uteis, e eu vi alguns em que de facto o foram, não alcançando de todo o curativo, talvez pela pouca estada nas aguas.

Nas lesões do coração, paralysias antigas, tysicas, e morphêa fazem muito mal.

Quando ha começo de paralysia, principio de incommodo do coração, sem lesão organica, fazem bem as aguas : quando estas molestias já produziram graves estragos, então só mal fazem.

A morphêa em poucos banhos, toma uma gravidade que levaria annos para attingir.

Todas as vezes que é preciso robustecer o corpo,

dar força ao estomago, e vida ao organismo debilitado, as aguas fazem milagres.

Dão vida nova. Conhece-se todos os dias ganhar forças e robustez.

Não enfraquece, como erradamente pensam alguns. Debilita no instante do banho; mas d'ahi a pouco, conhece-se estar mais forte; e a força augmenta com o desenvolvimento do appetite e da alimentação.

Não vi o menor inconveniente em tomar-se diariamente um banho demorado, dos que fazem suar. Mesmo nos casos em que convem o banho ligeiro, dos que se toma em instantes, e sáe-se antes de provocar o suor, e nos casos em que se usa das aguas, trazendo-as em bacias para a casa, e tomando banhos em que se demora horas, como meio de absorver os compostos da agua, convem de quatro em quatro dias um banho sudorifico, para expellir impurezas do corpo, e reconstitui-lo.

Limpam muito o corpo.

Hoje é de uso lá irem os noivos se purificar antes de tomar estado, uso que entendo muito conveniente estabelecer-se de todo, visto terem os rapazes no Brazil uma vida solta em demasia, enchendo-se de molestias, de que serão os unicos introductores na familia, pois que as moças têm a vida que é um contraste da dos moços, pela pureza e recato.

As aguas fazem muito suar, salivar, ourinar, e operar. Ao começo, escandecem. Com um purgativo, e o uzo das aguas, relaxa-se o ventre.

Convem enxugar o corpo, ao sahir do banho, e ao entrar na cama de suador, agasalhar-se bem, pelo que convem dous cobertores, um para collocar-se em cima do colchão, outro para cobrir-nos; e precisa-se tres lençóes, um para enxugar ao sahir do banho, outro para servir de forro do cobertor, e um terceiro

que deve ficar guardado, para servir no fim, quando se precisa enxugar o suor, e o fazer parar.

Não convém pôr a cabeça dentro d'agua, quando se toma o banho, em primeiro logar porque os cabellos conservam-se humidos, por mais que se enxuguem, e está o corpo suando, e a cabeça resfriada, humida; em segundo logar, porque a quentura de 45 graus centigrados, que tem o poço mais brando, que é o dos Macacos, e a de 49 que tem o mais forte, que é o de Pedro Botelho, entendo faz mal aos bulbos capillares.

Os cabellos cahem muito, pondo-se a cabeça na agua. Limpa a cabeça de caspas, mas estas voltam.

O calor de Pedro Botelho é tão excessivo, faz bater tanto o coração, mesmo naquelles que não soffrem deste orgam, que a poucos se deve aconselhar. As outras fontes approveitam mais, podendo nellas demorar-se, e ter resultados bons.

Mora mesmo nos Poços o distincto medico dr. Pedro Sanchez, que dirige os doentes no seu uso das aguas. E' medico tão notavel pelos conhecimentos e intelligencia, como pelas excellentes qualidades que o ornam.

Hoje Poços de Caldas é povoação importante. Tem 40 casas boas, grandes, de telha, e mais de 80 ordinarias. Tem hoteis que podem hombrear com os do Rio de Janeiro em commodidades e boa cozinha; muito superiores, porém, em tamanho e commodo preço.

No Hotel do Nhonhô paga 4$000 a pessoa branca, e 1$000 o escravo, e tem-se todo o conforto possivel, creados, lençóes, cobertores, etc., etc.

Creio que este logar ha de ser importante cidade, pois além de ter os melhores banhos do Brazil, tem o clima mais ameno, e saudavel, sobretudo nos mezes de Setembro a Dezembro. As aguas sempre approveitam, porém nos mezes quentes, com muito

maior rapidez. Mezes depois de ter-se sahido dellas apparecem ainda seus beneficos effeitos.

Hão de ser mais procuradas quando forem melhor conhecidas.

Tem augmentado muito. De quatro ranchos que vi ha onze annos, é hoje povoação de mais de cem casas. De cem a duzentos banhistas que tinha por anno, tem hoje muitos mil, que alli acodem por todos os mezes do anno.

Eu um pouco concorri para o seu augmento, porém o que tudo fez foram as sorprehendentes curas que alli estão-se vendo todos os dias, de doentes desenganados pelos medicos, e que alli recobram a saude.

E' uma mina de saude, uma fonte de mocidade.

A provincia de Minas não é rica sómente em minas de ouro e diamantes. Tem minas de saude, que approveitam mais á humanidade doente do que todas as outras.

São Paulo—1878.

Dr. Joaquim de Paula Souzà.

O vinho

Terencio Varão, n'uma das occasiões de seu bom humor e cheio de enthusiasmo pela gastronomia e bom vinho, dizia deste o seguinte :

—O tinto fortifica, o branco é diuretico, o amarello digestivo, o roxo refresca e o velho aquenta.

NOCTURNO

E' noite ! A lua formosa
Vem rompendo radiosa
Da superficie do mar,
E as flores do éther, no espaço
O brilho pallido, escasso,
Mergulham traço por traço
No vivo, morno luar.

O globo tranquillo, immenso,
Por fio ignoto suspenso,
Rasga as alturas do céu,
Tudo é calmo !—fugidias
As horas humidas, frias,
Vôam com azas sombrias
Batendo o nocturno véo.

Dormes, creança ? Desperta !
As leves roupas aperta
Sobre os seios seminús !
Vem vêr as ondas que saltam
Como de espumas se esmaltam
E enlouquecidas se exaltam
A's orvalhadas da luz !

Vem ver como brilha a areia
Onde o luar se recreia
Solto em liquidos cristaes :
Ver como os mares se calam,
Onde as ondinas se embalam
E suspendidas resvalam
Sobre as pomas sensuaes !

Vem, acorda ! A noite é queda !
A brisa branda se enreda
Nas moitas de manakás ;
E as flores enamoradas,
Sobre as hastes inclinadas
Interrogam-se agitadas
Se acaso tu não virás.

Acorda, oh anjo, depressa !
Já dubia a aurora começa
No horisonte a apparecer !
Trajando roupas doiradas
Já desce a lua a escada
Dos seus paços de alvoradas
Para no mar se esconder.

Ah ! vem ! Da aurora no manto
Côa-se um molle quebranto,
Tão doce que se não diz,
Quando os labios que se adoram
Tocados tremem, descoram
E os olhos o ardor lhes roram
Com pranto amigo e feliz.

Abre as cortinas risonhas
Do leito, e os sonhos que sonhas
Vem no meu peito acabar !
Vês ? – As nuvens que vagueiam
São alvos sonhos que ondeiam
E palpitantes se enleiam
Nas vibrações do luar.

THEOPHILO DIAS.

Sem probidade não á eizecusão de lei ; sem eizecusão de lei não a justisa : sem justisa não á liberdade legal ; e sem esta não se dá felicidade publica.

FEIJÓ.

A instrucção publica nos Estados-Unidos e no Brazil

I

Fazendo a apologia da fórma democratica como a mais consentanea com as nobres e elevadas aspirações dos povos modernos, proferiu o grande orador do seculo, da tribuna hespanhola, estas memoraveis palavras :—Vi frente a frente um povo monarchico e um povo republicano ; vi a Suissa e a Saboya : a Suissa rica e a Saboya pobre ; a Suissa com uma eschola, uma bibliotheca a cada passo ; e a Saboya a cada passo com um convento : a Suissa, onde todos os cidadãos sabem ler e escrever—e a Saboya sumida na ignorancia.

E' que, sem duvida, na educação popular encontra o grandioso edificio da republica seus mais solidos fundamentos, assim como na organisação systhematica do intellecto nacional reside por certo sua força, sua vida e seu futuro.

Rompendo seriamente com as pesadas tradições dos seculos e arvorando cheia de enthusiasmo e de fé a bandeira fluctuante da liberdade ; ninguem contesta que a civilisação moderna acabava de contrahir um compromisso sublime perante a voz julgadora do futuro e o dever sagrado de defende-la em face dos mais serios e poderosos obstaculos.

Estava realisada a previsão do poeta :—o rosto do passado, que era a superstição, fôra denunciado ; e a sua mascara, que era a hypocrisia, fôra arrancada.

Não bastava, porém, desvendar á face da luz se-

rena do progresso esse terrivel e acabrunhador mysterio; era necessario que á denuncia seguisse a condemnação, a lucta, o combate, o delirio, o furor, e que a mascara fosse arrojada para sempre aos ventos do esquecimento.

Apagar de uma vez o fogo sinistro da superstição, que nas entranhas da humanidade ardia com infernal violencia, e rasgar sem compaixão nem magoa a entretelada mascara da hypocrisia; tornava-se então sua mais urgente missão, seu mais terrivel combate.

E o que seria da civilisação moderna, da soberania dos principios, da moralidade, da justiça, e da verdade, nessa lucta tremenda e immorredoura com a phalange devastadora dos preconceitos passados, sem uma arma, uma espada, para defender-se no ardor insano da peleja?

Mas essa espada ella encontrou-a e com ella abre passagem atravez dos caminhos nublados do futuro —é a escóla. E' della que parte esplendida a luz da verdade e da certeza, para illuminar com seus raios divinos a senda infinita do progresso. E' d'ella que nasce imprevista essa força mysteriosa que conduz os povos á conquista de um direito ou de um privilegio ambicionados, porque é della que sahe altiva a consciencia da liberdade, o grandioso sentimento da egualdade e da fraternidade dos homens.

Se levanta-se um povo dos abysmos immensos da barbaria, para erguer-se á altura de seu reservado destino, é que recebeu semduvida, os magicos influxos dos raios puros da verdade, cujo modesto templo é a escóla.

E assim como o marinheiro em pleno oceano e á mercê dos ventos e das vagas, sente renascerem-lhe as forças e avivar-se a confiança á vista do inexplicavel iman que o conduz á terra desejada: assim tambem, tendo por bussola a escóla e por pharol o

progresso, caminha veloz a náo da civilisação dos povos, cortando impavida as ondas enfurecidas dos obstaculos e resistindo sobranceira á tempestade medonha dos preconceitos.

Mas será necessario ainda nos tempos em que vivemos provar-se a utilidade da escóla? Será necessario demonstrar-se aquillo que se nos afigura evidente e que parece impôr-se por si mesmo á crença geral dos homens? Será necessario dizer-se que, educar um povo é dar-lhe a liberdade?

Pois, digámos já que o é preciso, recordando os trabalhos de uma nação americana, que faz da escóla o baluarte de suas liberdades.

II

Está ainda bem vivo na memoria de todos o magno centenario americano de 76. Foi o convite de uma nação aos povos da terra para verem, face a face, os triumphos incontestaveis da liberdade, durante um seculo de pura e completa democracia. Foi a solemne saudação de quarenta milhões de individuos, levantada das plagas occidentaes do Atlantico ás conquistas immorredouras do progresso, e que, atravessando os mares e as montanhas, foi repercutir-se nos échos estrondosos das serranias em cada canto habitado da terra.

Foi acceito o convite, e foi ouvida a saudação. E ao abrir-se o magestoso congresso ao ruido estrepitoso das machinas, confundindo-se com as acclamações enthusiasticas da multidão commovida, vio-se desenhar no semblante dos amigos da democracia o indisivel contentamento de quem contempla o triumpho de uma causa perseguida, ao mesmo tempo que no rosto dos adversarios carregavam-se as côres do despeito, da inveja e do rancor.

Mas d'onde viera esse povo que assim deslumbra-

va o mundo com os prodigios de um segredo inexplicavel? Que raça de homens era essa, tão distincta e tão diversa, que ao espanto aterrador de todos desdobrava sem cessar as maravilhas de sua industria, seu commercio, suas artes e sua sciencia? Que nação era essa que, despresando o prestigio das antigas tradições, havia calcado aos pés as insignias venerandas da realeza, para collocar na cabeça de cada cidadão um simples barrete phrygio?

Era a grande republica norte-americana, nascida de um punhado de homens livres e então respeitada como poderosa potencia do mundo. Era a patria do legendario Washington, o berço do magestoso Jefferson, a terra querida do modesto Lincoln.

Surgindo fatalmente da lucta travada entre a auctoridade e o direito, não podia ella deixar de hastear aos ventos livres da terra de Colombo a bandeira sympathica e protectora da pura e immaculada democracia.

E é justamente em sua origem que se descobre o segredo de sua prosperidade, a rasão de seu maravilhoso adiantamento, a chave verdadeira do enigma:—a republica norte-americana teve por origem uma revolução, porque outra cousa não foi a partida dos peregrinos.

Perseguidos em sua patria por uma familia odiosa e cheia de ambições condemnaveis, não pôde esse pequeno grupo de homens livres tolerar a imposição absurda de uma auctoridade despotica na manifestação espontanea de seus pensamentos, e preferiu aos encantos da terra natal as durezas do exilio, para tão sómente possuir o direito de adorar a seu Deus segundo os dictames de sua razão.

A partida dos peregrinos das plagas européas foi ainda mais do que uma revolução; foi o triumpho esplendido da liberdade de consciencia e do pensamento, que é hoje o dogma fundamental das socie-

dades modernas. E a sua chegada ás terras americanas foi o primeiro facto da vida de um grande povo, um protesto solemne contra os privilegios e absurdos das velhas monarchias theocraticas; porque necessitava, sem duvida, a nova idéa de um paiz tambem novo e virgem, capaz de recebe-la ancioso em seu seio, como a flôr á gotta do orvalho matutino.

Mas, tinham esses homens a consciencia da missão de que os havia encarregado o futuro, ou haviam deixado os carinhos da patria em busca tão sómente da fortuna? Não. Elles não eram de certo aventureiros levados a affrontar os perigos que os aguardavam em paga unicamente de um desejo condemnavel; eram incontestavelmente os fundadores de uma nação. Porque? Porque a sede insaciavel do ouro conduz necessariamente o homem á practica do crime, mas não á practica da virtude; porque o aventureiro cava fatalmente as minas, mas não funda escólas; porque o caçador de fortuna atravessa cegamente as mattas, mas não cuida da sociedade, do direito, da justiça, de Deus.

O puritanismo não era, porém, unica e exclusivamente uma seita religiosa: era tambem a personificação viva de um credo politico, pautado nos mais elevados principios de direito e de justiça, e perfeitamente de accordo com as largas vistas da democracia.

Era a bandeira da religião e da patria plantada no seio virgem de uma terra abençoada, para abrigar em suas dobras um povo que havia de ser mais tarde a imagem pura da liberdade, o symbolo sagrado do progresso, o terror do despotismo antigo.

Adorar profundamente a Deus e á patria; servir ao infinito creador dos mundos e a terra de seus filhos — eis o pensamento unico que preoccupava aquelles homens, o unico sentimento que fazia pulsar aquelles nobres corações.

E eram na verdade peregrinos—romeiros da desgraça—porque á America vinham pedir aquillo que lhes havia negado a Europa—a liberdade. E ao tradicionalismo historico do velho mundo iam oppôr o mais serio dos obstaculos, o mais terrivel dos inimigos—a egualdade politica e social dos homens

Foi assim que uma democracia mais pura do que as que havia sonhado a antiguidade—como disse o eminente auctor da *Democracia na America*—surgira vigorosa e cheia de vida do seio de uma antiga sociedade feudal.

Mas, quem diz democracia, diz liberdade; e quem diz liberdade, diz instrucção, escóla, luz: porque tão impossivel é comprehender-se um povo livre sem escólas, como é impossivel comprehender-se o sol sem luz, o firmamento sem estrellas, o effeito sem a causa.

E a democracia que, surgindo do seio da antiga sociedade feudal, excedia em terra americana a quantas havia sonhado a remota antiguidade em brilho, explendor, grandeza, força e vida, não alcançára, de certo, esse triumpho, senão por haver perpetuado como sua unica fortaleza aquillo que as outras não conheciam quem sabe, nos tempos em que floresceram—a escóla.

Eis d'onde partia sua força, seu poder.

E' que ella havia se estribado no que realmente ha de estavel e permanente nas instituições de um povo—a organisação systhematica do intellecto nacional.

A escóla, a principio no municipio e depois no Estado, veio finalmente a constituir esse maravilhoso systhema que hoje faz o assombro do mundo inteiro, tão simples quão grandioso.

Desde seu berço foi a escóla a unica preoccupação do povo americano, o objecto de seus constantes cuidados, como o verdadeiro baluarte de suas liberdades e seguro preservador da unidade nacional.

Estabelecendo a facil communicação das intelligencias na permuta constante de idéas e pensamentos, por meio da imprensa, que não é mais do que um de seus innumeros corollarios ; traz ella como resultado inevitavel a amalgamação do espirito popular, a fusão dos individuos, a accentuação clara dos caracteres, das tendencias, dos pendores e da vontade da nação.

Havia, entretanto, no systhema de escólas publicas daquelle paiz um lado defeituoso e heretico, ao vêr dos ardentes sectarios da fé catholica-romana : —era a exclusão completa do elemento religioso.

Sectarios de uma religião que tenta por todos os meios collocar acima do Estado a influencia contestada da egreja na direcção de questões puramente temporaes, e na solução de problemas inteiramente fóra do dominio espiritual ; não podia, sem duvida, o clero romano acolher com enthusiasmo uma instituição que vinha claramente definir a attitude verdadeira do poder civil em frente da auctoridade religiosa de Roma. Era inevitavel o combate.

Mas na lucta triumphou o bom senso da nação, e a secularisação do ensino continuou como antes a ser o programma favorito do povo. E tal incremento tomou a questão em face dos partidos politicos do paiz que chegou a attrahir a attenção do proprio presidente, obrigando o general Grant a propor ao Congresso, em sua mensagem de 7 de Dezembro de 75, uma emenda á constituição no sentido da completa secularisação do ensino.

Cessou, porém, a lucta, e mais uma vez mostrou o povo norte-americano o senso practico que possue, preservando contra as infernaes machinações da curia romana uma de suas mais bellas e grandiosas instituições.

Cahiram os adversarios do ensino livre e secularisado, cobertos de vergonha e deshonra ; mas tri-

umphou a vontade nacional. Roma perdeu, perdeu a auctoridade, perdeu o syllabus, perdeu o passado, perdeu a superstição—ganhou a America, ganhou a liberdade, o presente, a luz, e continúa o paiz a gosar os fructos de sua victoria.

III

E na verdade. Um plano geral de instrucção publica tão bem organisado e em tudo capaz de fornecer á democracia os meios indispensaveis para a conquista de seu verdadeiro ideal, não podia, de certo, deixar de provocar no coração das grandes massas populares a manifestação do mais ardente e caloroso enthusiasmo.

Como immensa rede estendida sobre a superficie de todo o paiz, desde as costas accidentadas do Atlantico até ás placidas aguas do Pacifico; o systhema de escólas publicas da grande União Americana não devia ceder o passo á marcha precipitada do romanismo, porque assim o exigia a causa do futuro.

Incalculaveis, sem duvida, seriam os sacrificios para a sua manutenção; mas em vista dos immensos beneficios recebidos e dos grandiosos resultados apresentados, preferiu o paiz inteiro perpetua-lo em frente dos mais serios obstaculos, porque comprehendeu o alcance de tal instituição ao lado das vastas pretenções da democracia.

Formando um todo perfeitamente harmonico e proporcional; constituem as escólas publicas daquelle paiz as peças de um grande e poderoso organismo social, capaz dos maiores e mais assombrosos resultados.

E' prova disto a taboa seguinte, que aqui offerecemos aos leitores como um quadro demonstrativo do estado da instrucção publica naquelle paiz. Referem-se os dados estatisticos ao anno de 1874-1875.

ESTADOS E TERRITORIO DA UNIÃO	POPULAÇÃO ESCOLAR	FREQUENCIAS	ESCÓLAS	PROFESSORES	DESPEZA ANNUAL EM DOLLARS
Alabama	406,270	147,340	3,898	3,999	523,779
Arkansa	184,692	73,878	2,134	2,322	750,000
California	171,563	130,930	2,190	2,693	2,701,863
Connecticut	134,976	120,189	1,642	3,045	1,552,583
Delaware	. . . .	19,881	369	430	. . .
Florida	94,522	32,371	700	796	15,600
Georgia	394,037	156,394	3,669	. . .	. . .
Illinois	958,003	685,676	11,451	21,618	7,389,208
Indiana	667,711	502,362	9,307	13,133	4,530,204
Jova	533,9 3	384,012	9,610	18,145	4,605,749
Kansas	199,986	142,606	3,715	5,383	1,020,101
Kentucky	437,100	228,000	4,894	5,968	1,559,452
Louisiana	274,688	74,846	1,032	1,557	699,665
Maine	221,477	157,323	4,180	6,459	1,313,303
Maryland	276,129	142,992	1,846	2,723	1,641,047
Massachus.	294,708	302,118	5,551	9,216	7,000,000
Michigan	448,784	343,619	5,702	12,467	3,516,782
Minesota	218,641	130,280	1,000	2,963	1,158,447
Mississipi	318,459	168,217	2,275	4,968	1,040,600
Missouri	738,431	394,780	7,387	9,651	. . .
Nebraska	80,122	55,423	1,900	3,091	928,188
Nevada	6,315	4,811	100	115	124.301
N. Hampsh.	76,272	68,715	2,599	3,669	742,854
N. Jersey	312,694	191,731	1,493	3,253	2,340.985
N. York.	1,583,064	1,059,238	11,781	30,013	11601,256
N Carolina	348,603	146,737	4,020	2,690	191,674
Ohio	1,017,726	712,129	11,834	22,492	7,651,956
Oregon	44,661	21518	600	953	5,125
Pensylvan.	1,200,000	890,073	17,092	19,880	9,363,927
Rhode Isl.	53,316	38,554	900	1,056	747,859
S. Carolina	239.264	110,416	2,580	2,855	426.461
Tennessee	426,612	199,058	4,000	4,165	703,358
Texas	313,061	184,705	2,924	4,030	726.236
Vermont	89,541	78,139	2,800	4,406	625,057

Virginia	482,789	184,486	4,185	4,262	1.023,396
W. Virginia	179,897	115,300	3,204	3.461	715,160
Wisconsin	461,829	279,854	5,260	9,451	2,014,157
Arizona	2,508	568	12	14	24,151
Clorado	23,275	12,552	280	377	218,313
Dakota	8,343	14,428	172	208	32,603
Dist. de Col	31,671	8,785	47	293	363,579
Idaho	4,020	3,270	30	. . .	. . . .
Montana	3.822	2.215	76	99	67.147
N. Mexico	. . . .	5,151	138	147	18,890
Utah	35,696	19,278	296	458	183,818
Washingt.	8,350	6,699	219	220	54,720
Wyoming	. . . .	1,222	13	23	16,400
Ter. Indiano	. . . .	3,754	. . .	. . .	. . . .
Total	14,007,522	8,756,659	161,407	249,262	$1923,954

Vê-se claramente do quadro acima que de uma população escolar de 14,007,522, inscreveram-se durante o anno e frequentaram as aulas o subido numero de 8,756,659 alumnos, debaixo das vistas de 249,262 professores de ambos os sexos ; e que funccionaram durante o mesmo anno 161,407 escólas, para cuja manutenção foi empregada a elevadissima somma de 81,932,954 dollars ou, em moeda brazileira, a fabulosa quantia de 163,865:908$000 !

Quando assim se dispõe uma nação a fazer os maiores sacrificios em favor da instrucção publica, é porque, certamente, sabe devidamente avaliar a importancia da escóla, não sómente como meio civilisador, mas tambem como instrumento indispensavel aos governos democraticos e amparo seguro das liberdades conquistadas.

Entretanto, teve o egregio monarcha brazileiro a coragem de dizer, em frente de tão estupendos resultados e tão bem organisado systhema de escólas publicas, que não chegaria a grande republica Nor-

te-Americana a festejar seu segundo centenario; porque repousava sobre bases falsas e não passava de um grande edificio construido sobre arêa movediça!

Nunca foi tão infeliz em seus calculos o illustre representante da familia de Bragança, como ao deixar cahir de seus augustos labios aquelle juizo temerario: foi uma tentativa de proteta a querer fallar ao mundo, devassando os arcanos insondaveis do futuro. Mas o sr. d. Pedro II esqueceu-se de que sua opinião era suspeita, como advogado da parte contraria, e assim destruiu com suas proprias mãos os encantos que podia ter sua profecia. Foi uma partida mal jogada, um grande *blunder* de s. magestade

IV

Vejamos agora o que se passa neste grande imperio. Não é necessario analysarmos com cuidado o estado de nossas escólas publicas, a maneira porque se acham organisadas e a disciplina adoptada em cada uma dellas, para chegar-se á conclusão de que nada representam na economia social do paiz, quer como propagadoras da instrucção, quer como forças propulsoras do Estado.

Dispersas pela superficie de um vastissimo imperio, sem methodo ou proporção alguma, nem guardando certa unidade necessaria a um organismo de tal natureza; nem um beneficio real podem prestar ao povo que as sustenta, servindo apenas de peça de mera ostentação do governo.

E' sabido, entretanto, e repetido pela imprensa de todo o paiz, que o systhema representativo, fundando-se no direito inquestionavel do cidadão de exigir de seus delegados contas estrictas do uzo que fazem do mandato que lhes é conferido, não póde prescindir de modo algum da escóla, cabendo-lhe assim a responsabilidade de organisar e conservar um bom plano de instrucção nacional.

E o proprio sr. José Bento, ex-ministro e secretario de estado dos negocios do imperio—disse em seu relatorio appresentado á assembléa geral, no anno de 77, o seguinte :

« Comquanto não nos possamos ainda lisongear de que a instrucção publica no imperio tenha attingido o gráu de desinvolvimento *compativel com as nossas instituições livres* e com o estado de civilisação do seculo, é certo que ella tem sempre merecido, desde a fundação do imperio, os solicitos cuidados do governo imperial e de seus delegados, mormente nestes ultimos annos, em que temos feito rapidos progressos, quer em relação á instrucção superior, á secundaria e á especial, quer com *mais particularidade* á instrucção primaria. »

Eis ahi. Confessa francamente o ex-ministro que não tem a instrucção publica do imperio attingido o gráu de desinvolvimento compativel com as nossas *instituições livres*, mas que no entretanto tem ella sempre merecido do governo os *solicitos cuidados* de que necessita.

Quanto á confissão do sr. José Bento, é a mesma que fazem todos os dias os orgams da imprensa do paiz e bem assim todos os brazileiros que estudam com alguma attenção os negocios de sua patria. Quanto, porém, aos solicitos cuidados que tem tido o governo imperial com a instrucção nacional, desde a fundação da monarchia ; ainda carecemos de provas, apezar de mais de meio seculo já decorrido, do dia em que se representou em S. Paulo a famosa comedia do Ypiranga. Além disso, encarece o ex-ministro os serviços prestados pelo governo *com mais particularidade* em relação á instrucção primaria.

Ora, vejamos se ha nesta proposição lançada aos ventos da publicidade a expressão fiel da verdade, ou se pelo contrario não passa de uma falsa e vergonhosa insinuação.

Examine o leitor o quadro seguinte da estatistica da instrucção publica no imperio, cujos dados foram tirados do relatorio já mencionado, com exclusão apenas da columna das despezas, e decida por si mesmo.

PROVINCIAS	ESCÓLAS	FREQUENCIA	DESPEZA ANNUAL
Amazonas	57	1,653	58:620$000
Pará	226	9,141	307:740$000
Maranhão	139	5,003	162:090$000
Piauhy	. . .	. . . .	76:483$000
Ceará	236	10,330	217,100$000
R. Grande do Norte	96	2,987	63:610$000
Parahyba	110	2,493	119:693$800
Pernambuco	347	10,566	478:904$166
Alagoas	131	5.414	125:384$000
Sergipe	155	4,881	106:880$000
Bahia	308	16,717	341:097$124
Espirito Santo	. . .	. . . .	64:864$000
Rio de Janeiro	562	15,587	912:477$000
S. Paulo	638	13,192	380:199$330
Paraná	97	1,817	75:620$000
Santa Catharina	107	3,296	68:396$685
Rio Grande do Sul	383	10,301	275:260$000
Minas Geraes	703	21,406	565:550$000
Goyaz	101	2,504	45:250$000
Matto Grosso	34	1,327	27:560$000
Total . . .	4,430	138,615	4:472:779$105

Existiam, portanto até a data que alcançam estes dados estatisticos, em todo o imperio, apenas 4,430 escólas publicas, frequentadas por 138,615 alumnos tendo sido empregada para a manutenção dellas a somma de 4.472:779$105.

E é justamente em frente deste triste resultado que se diz á nação que *prospero e animador* é o estado da instrucção publica entre nós e vangloria-se do *juizo competentissimo e insuspeito do jury da Exposição internacional de Philadelphia, onde a nossa secção especial deste ramo do serviço publico mereceu particular apreço e foi* CONDIGNAMENTE LAUREADA !

Honra, pois, ao governo imperial que assim soube conquistar para o nome brazileiro o logar que lhe competia perante as nações civilisadas do mundo, e que á custa de infatigaveis trabalhos e enormes sacrificios conseguiu para gloria da nação a modesta medalha de bronze do jury de Philadelphia !

Occulte-se, embora, a verdade, encobrindo-se nossos defeitos e as mil miserias que acabrunham este pobre paiz ; é sempre preferivel a mystificação, a mentira, que podem nos salvar da dura sentença que merecemos.

Se é facto que achamo-nos ainda muito atrazados em materia de instrucção publica, devido á insufficiencia numerica das escólas, ao defeituoso systhema de ensino e a outras muitas causas conhecidas ; fujamos, entretanto, da realidade, porque a sua contemplação fria e gelada só póde nos causar profunda e dolorosa magoa.

Mas é necessario arrancar a mascara da hypocrisia e romper de uma vez o véo da mystificação e do embuste, para que conheça o paiz o estado calamitoso a que tem chegado seus mais altos interesses, nas mãos d'aquelles a quem fôra confiado seu destino, e saiba um dia erguer-se á altura de sua di-

gnidade, para com força e energia affirmar o seu direito e a sua usurpada soberania.

Bem reconhecemos a impropriedade da comparação, examinando a triste condição de nossas escólas ao lado das escólas americanas; e não é sem grande pezar que assim o fazemos, confessando os defeitos que acompanham neste paiz este ramo importantissimo do serviço publico, devido quasi tudo á inepcia do bom governo que nos rege e em parte, talvez, ao indifferentismo do povo na direcção de seus proprios negocios.

Não necessitamos, entretanto, estender mais longe nossas considerações; colloquem-se os quadros estatisticos de ambos os paizes, um ao lado do outro e está feito por si mesmo o mais eloquente parallelo.

E' desanimadora, não ha duvida, a linguagem muda e irrespondivel desses algarismos; mas é a verdade dita com toda a sua simplicidade, como convem ser dita ao povo, em resposta ás falsidades officiaes.

V

Concluamos.

Na incompleta exposição que ahi fica do estado da instrucção publica na grande União Americana e bem assim em nosso paiz, não quizemos traçar um parallelo por simples capricho de rebaixar o nivel da instrucção nacional no imperio, para unica e exclusivamente pôr em relevo as bellezas das instituições de um outro povo.

Nossa intenção foi tão sómente collocar em frente um do outro os dois mais poderosos povos do continente americano, como representantes de duas fórmas de governo inteiramente oppostas e antagonicas, e examinar o gráo de adiantamento moral de

um e de outro em relação ao desinvolvimento da educação popular, para tornar bem patentes estas verdades :

Que a republica americana caminha altiva na vanguarda da civilisação moderna, olhando com despreso para os obstaculos e com as vistas cravadas na ridente estrella do futuro, emquanto que no *statu quo* permanece o immenso gigante sul-americano ; porque lá todos os cidadãos sabem ler e escrever, ao passo que entre nós a massa da população é quasi analphabeta ;

Que os norte-americanos de ha muito conhecem o goso da liberdade e vivem felizes debaixo de um regimen puramente democratico, emquanto que nós os brazileiros succumbimos ao peso de um regimen oppressor, que tudo aniquila, esterilisa e mata : porque consideram elles a instrucção do povo como um dogma sagrado e quasi divino, ampliando e desinvolvendo continuamente á custa de admiraveis sacrificios o circulo de operação de suas escólas, ao passo que entre nós tudo definha e morre aos golpes tremendos de uma centralisação funesta.

Sustentam, é verdade, com muito brilhantismo, certos espiritos de reconhecida superioridade no terreno das especulações philosophicas, que dois principios poderosissimos tem concorrido sobretudo, para o espantoso adiantamento d'aquelle povo :— a religião e a raça.

Não temos a criminosa pretenção de contestar aquillo que tem sido dito e repetido por mais de uma voz auctorisada e digna de respeito ; porque parecenos tambem que os caracteres puramente physiologicos de um povo combinados intimamente com os elementos aproveitaveis de uma religião livre e apurada, devem de algum modo influir na marcha da civilisação nacional.

E' necessario, entretanto, muita reserva na appli-

cação desse principio; porque uma affirmação generica e universal conduziria forçosamente a um resultado falso e erroneo.

O povo norte-americano não é o que é simplesmente por ser o protestantismo o credo religioso do paiz, ou por circular em suas veias o sangue anglo-saxonio. Tambem a Suecia é protestante, ao passo que a França é catholica. Quem, entretanto, não conhece a differença que vae da civilisação franceza para a sueca? O mesmo poder-se-hia dizer da Escossia. E assim tambem a respeito da questão de raça. Pois é bem conhecida a obra de Quatrefages, onde elle prova exuberantemente que os prussianos são todos de origem finneza; no entanto que espanta a differença entre a Suecia e a Prussia, em todos os ramos de progresso, quer material, quer moral.

Além disso é incontestavel que os caracteres anatomicos e physiologicos de uma raça perdem-se ou modificam-se, segundo a intensidade das forças externas que a sollicitam, como sejam as condições climatericas do paiz em que habita, o aspecto physico, e outras causas que mais ou menos influem sobre o emprego da actividade do homem a qualquer mister da vida, sobre suas inclinações, tendencias, necessidades, e bem assim sobre sua propria alimentação.

Entretanto o que é facto é que cercados de uma natureza severa e rigorosa, habitando um paiz batido pelos ventos gelidos do norte, puderam os americanos tirar dessa terra, que parecia ingrata, os elementos de sua grandeza e prosperidade; emquanto que nós, rodeados de uma natureza esplendida e luxuosa, prodiga de riquezas e cheia de vida, não temos ainda encontrado em meio de tantos thesouros os elementos que inquestionavelmente ahi residem, capazes de fazer a felicidade de um povo!

E' que a nação americana visa a liberdade desde o berço, emquanto que pesavam em nossos pulsos as algemas do absolutismo portuguez ; é que a America sentiu logo a consciencia de sua personalidade, ao passo que o Brazil foi sempre tratado como escravo.

E as causas de nosso atrazo geral devem ser procuradas talvez no absurdo systhema de colonisação adoptado por Portugal, cujas consequencias ainda perduram e que só á custa de muitos esforços poderão desapparecer.

E' por isso que queremos a escóla, porque é ella que hade fazer a revolução.

Campinas - Junho de 1878.

ALBERTO SALLES.

O Brazil está situado na parte mais oriental da America do Sul e comprehende 1/15 da superficie terrestre do globo, 1/5 do novo mundo e mais de 3/7 da America Meridional.

A sua costa tem a extensão de 1,200 legoas, 7.920 kil.

Segundo a estimativa do barão de Humboldt, é calculada a sua area em 2.311.974 milhas quadradas de 60 ao grau, 7.952.344 kil. quadrados.

A area de S. Paulo é de 10.120 legoas quadradas, 440.827 kil. quadrados.

A uma pulga

Corrido, um elephante,
A' pulga disse :—Oh grande naturesa !
Ha quem de mim se espante !
De que me serve, dize, esta grandesa,
Se vivo nas montanhas
E tu nas mais esplendidas bretanhas ?
Eu de herva me sustento
E tu de sangue humano, alegre vinho ;
Em terra, em mar, em vento,
Vive todo o animal, só tu no arminho,
D'onde espreitas e notas
Do orbe terrestre as cousas mais ignotas...

(Excerpto.)

JOÃO PENHA.

Trova popular

Tudo que é triste no mundo
Quizera que fosse meu,
Para vêr se tudo junto
Era mais triste que eu.

Do céo á terra

Conversavam o Padre Eterno e o apostolo Pedro, quando aos ouvidos de ambos chegou um sussurro desusado

—Não ouves, Pedro, esta vozeria ?

—Ouço, meu Senhor.

—O que será ?

—Por mais que escute e procure enxergar—coisa alguma ouço ou distingo.

—E' celebre, Pedro ; estou curioso por saber o que se passa.

—Si o Padre Eterno ordena, eu vou observar o que ha, ou manda-se o Gabriel.

—Uma idéa : vamos nós... Que dizes, Pedro ?

—Seria ouro sobre azul. Meu Senhor depois que creou o Universo nunca foi vê-lo de perto ; e eu ha que annos o deixei. Imagino que de novidades !

—Está dito, meu Pedro; vamos passéar um pouco. Traz-me a capa e o chapéu e avia-te.

Momentos depois, estavam na terra e achavam-se nas proximidades de Roma.

Ao longe avistava-se uma massa enorme de homens e mulheres, cobertos de pó, descalços, rosario ao pescoço, e *ladainhando*.

—Eis os auctores da vozeria que ouviamos, disse o Padre Eterno. Vae saber quem são.

Pedro foi e voltou logo.

—Estou envergonhado, meu Padre. Aquelles coitados são peregrinos que vêm visitar o *Papa* ou o *padre santo*, como elles o chamam !

—Ora essa ! Não te enganaste ?

—Não me enganei. O que estou é desapontado. Quando exercia este emprego nunca tive taes visitas, nem recebia presentes. Vivia na *onça*. Cá o collega *Pio* tem uma abundancia de tudo, que até aborrece.

—Mas que logro! disse o Padre Eterno. Não tem duvida. Havemos de desforrar-nos. Quando chegar a casa vou pensar no meio de acabar com esta fabrica de fanaticos. Retiremo-nos.

—Padre Eterno, não acha conveniente que demos uma volta por ahi fóra?

—Homem! não pensas mal. Mas eu sinto-me com algum appetite, e não sei si por estes mundos haverá coisa que sirva.

—Lá por isso não se apoquente. Achamo-nos em frente á *Aguia de Ouro*. Aqui deve por força haver com que matemos a fome.

Entraram, e Pedro pediu uma *lauta refeição*. O Padre Eterno começou a observar os arranjos do hotel, e pasmou do luxo e confortabilidade da casa.

—Está admirado do luxo, meu Padre? pois garanto-lhe que o não vae ficar menos em presença das iguarias.

Nisto o criado do hotel avisou-os de que a mesa estava posta e perguntou de que vinho gostavam.

—Porto! disse Pedro; e voltando-se para o Eterno accrescentou:—deve ser uma pinga de truz; porque até os medicos o receitam aos doentes.

Sentaram-se os dous á mesa e bateram por todos pratos como quem não comia ha bons seis mezes.

—Oh! Pedro, sabes que mais, disse o Eterno já á sobremesa, estes *mortaletes* levam uma vida invejavel! E que vinho! Olha! eu estou pasmo com tantas cousas e si não tivesse passado estes reinos a meu filho, creio que viria morar cá para baixo.

—Inda o Padre não viu tudo. Esperemos o café e depois continuaremos o passeio, que temos muito

que admirar. Ei-lo que chega. Sirva-se de uma taça.

O Padre recebeu uma chicara e bebeu dous goles.

—Mas Pedro, isto é um nectar ! E esta gente queixa-se ! Afinal eu tive o trabalho de fazer o mundo, e elles é que o devoram.

—Meu Senhor, o boccado não é para quem o faz... Continuemos nossa romagem, porém, e si me permitte accendo este charuto.

—Tambem se come isso ?

—Não, Senhor; isto saborêa-se : é um vicio agradavel. Si deseja experimentar...

—Não ! agradeço.

Sahiram do hotel e depois de dirigirem-se a novas regiões, chegaram a uma grande cidade e atravessaram uma das mais interessantes ruas—pela variedade de artefactos expostos nas vidraças—emfim uma rua do Ouvidor.

O Padre Eterno extasiava-se ante a paciencia e habilidade humanas, que taes objectos faziam e asseverava a Pedro que nunca lhe passára pela mente um progresso semelhante.

—Pois tudo isto é mesquinho em face do telegrapho electrico, dos caminhos de ferro, dos barcos a vapor...

—O que é isso ? o que é isso ? disse o Eterno, admirado.

—Eu prefiro mostrar-lhe tudo a explicar-lh'o ; porque mesmo não sei si o faria convenientemente. Está perto uma estação de estrada de ferro. Entremos.

Entrados que foram, Pedro mostrou e explicou ao Eterno o fio electrico e sua serventia, bem como a dos caminhos de ferro.

O Padre pôz as mãos na cabeça e balbuciou :

—Estou lograd o !

—O meu Padre logrado? Porque? Falta-lhe a carteira ou algum lenço?

—Não; coisa de mais vulto. Roubaram-me as distancias; confundiram-me as raças; inutilisaram-me o oceano. Distanciei-os por todas as fórmas imaginaveis e elles uniram-se por todos os meios inconcebiveis. Estou logrado! Que finorios!

—Então, está admirado disto?

—Não é só admirado, sinto-me acanhado ante qualquer destes cidadãos de paletot e calças de sino. Olha, Pedro, eu apenas deixei neste mundo um homem confeccionado de barro ordinario e uma mulher feita de uma costella do mesmo homem e para diverti-los organisei uma collecção de bicharôcos de todos os feitios. Hoje vejo estas maravilhas em que nunca pensei e dou o cavaco. Estou logrado, não tem duvida!

—Então saiba que temos coisa mais fina!

—Pedro, tu me assustas. Terei um rival? O que ha então de maior que isto? Avia-te...

—Maior, não digo, mas é pasmoso. O telescopio: um oculo enorme com que observam o que vae lá por nossa casa.

—Nisso não acredito eu.

—Pois vamos ao observatorio astronomico que está perto.

Para lá se dirigiram, subiram e o Padre Eterno encostou immediatamente os olhos no apparelho.

—Então Padre, o que vê?

—Não tanto como dizias, porém mais do que desejava. E' preciso cortar as azas a estes astronomos; si os deixo proseguir em semelhantes descobertas temos a casa devassada dentro em pouco. Mas esta gente não terá que fazer?

—Qual! serviço não lhes falta, mas como são muitos e todos querem sobresahir uns aos outros, cada um inventa sua cousa.

—Pois, meu Pedro, cá por baixo podem elles pintar a manta a seu gosto, lá com as alturas é que não admitto. Toma nota na carteira : é preciso dar com o basta nestas engenhocas.

Emquanto estavam neste dialogo cruzava os ares um enorme balão. O Padre Eterno fictou-o como que aterrado.

—Pedro ! disse elle ; o que é aquillo...Parece que se dirige para os nossos dominios.

—Não chega ainda lá, meu Senhor ; mas quem sabe si dentro em pouco não teremos visitas a bordo daquelle navio !

—Crês que seja possivel ?

—Eu sei lá !... O Padre não tem visto tanta cousa ?...

—Tenho ; e cada vez me reconheço mais logrado. Affianço-te que vou tomar as mais sérias providencias. Estas invenções não devem ir adeante. Que dizes ?

—Eu digo que si o Padre não lhes cercêa os vôos, qualquer dio temos a casa cheia de hospedes.

—Toma nota tambem dos balões, e vamo-nos embora.

Um quarto de hora depois, passavam em frente a uma academia de sabios e philosophos, onde se discutia, entre outras theses, a immortalidade da alma. Pedro parou á porta a escutar, e contou angustiado ao Eterno o que ouvira.

Mais adeante fazia-se uma sessão spirita.

N'outra casa um grupo de livres pensadores discutia a não existencia de Deus.

Pedro cada vez mais confundido, contava ao Eterno o que ouvia.

—Deixa esses tolos, replicou-lhe afinal o Eterno. Dos palradores não tenho eu receio ; os que me amedrontam são os homens dos fios e dos canudos.

Ao terminar esta phrase, caminhavam em frente

a um humilde casebre, de onde partiam vozes abafadas. A porta estava aberta, Os dous espiaram e viram um velho deitado numa pobre enxerga e gemendo, duas creanças choramigando e uma mulher com a cabeça entre as mãos.

—Adeante, disse Pedro, esta casa cheira mal!

—E' verdade, accrescentou o Padre, e está tão desordenada!

Dispunham-se a partir, quando avistaram o theatro da Opera.

—Não quer entrar alli? perguntou Pedro.

—Temos mais telescopio?

—Entremos e depois verá.

Entraram e sentaram-se em suas poltronas.

A prima dona cantava então uma aria quasi divinal. Os dous se enthusiasmaram e applaudiram a artista com incrivel delirio. Pedro estava como allucinado.

—Que diz a isto?

—Pedro, Pedro, não digo nada. Eu tenho medo de perder-me. Assevero-te que o meu desapontamento não tem limites. Esta gente vive a queixar-se e *tem disto*, e nós lá nem sequer uma *viola*. Olha, sabes que mais, vamo-nos embora.

—Mas, Padre, é um crime sahir d'aqui.

—Pedro, repara que somos velhos e estamos nos excedendo. Vamos...

—Mas aquella dançarina attrahe, fascina a gente. Que fórmas! que elegancia! Ah! mortaes! mortaes!

—Anda d'ahi Pedro. Tomemos um sorvete no botequim e ala para casa.

—Cumpra-se a vontade do Senhor, respondeu Pedro, meio amolado, e deitando a ultima olhadella á dançarina.

Ao sahirem do theatro, os vendedores de jornaes correram a offerecer-lh'os.

Pedro comprou o *Apostolo* por lhe parecer que seria o representante de suas velhas doutrinas.

Approximou-se para juncto de um lampeão de gaz e leu em voz alta algumas linhas.

—Basta, disse o Eterno; essa linguagem não é a dos filhos da minha Egreja. Lê os annuncios.

—« Agua milagrosa de Nossa Senhora de Lourdes...»

—O que ?! está isso ahi !

—O Padre Eterno veja.

—Patifes ! como se abusa da credulidade publica, e como se especula com a minha casa.

—No meu tempo, Senhor, não era assim !

—Ao chegar a casa, Pedro, vou fulminar o teu Pio successor e a sua cohorte.

Neste interim um grande rôlo formára-se a pequena distancia e os urbanos corriam, apitando desesperadamente.

—O que temos ? perguntou o Eterno.

—Um rôlo, meu Senhor; o que quer dizer que podemos,—por engano—ir dar com os ossos na cadêa.

—Nesse caso raspemo-nos e mais tarde faremos nova excursão.

E os dous se alaram. Por todo o caminho o Eterno, recordando-se do que vira, ia dizendo :

—Estou logrado ! Estou logrado !

S. Paulo—1878. J. M. L.

Uma mulher de feira assistia a um espectaculo gratis na opera. Ouvindo o côro, bradou :

—Olhem que canalha ! Como o espectaculo é de graça estão cantando todos a um tempo para acabar mais depressa.

* * *

Vem; pelas balsas floridas
Ouve-se o canto das aves...
—O sonho vive dos hymnos,
Nasce dos cantos suaves...

O sol é puro... seus raios
Batem nas serras azues..,
Vem... Brincam as andorinhas
Nos tanques cheios de luz...

Mais pulsa aqui nossa vida
Que tanto fogo nos céus!
—A côrte falla dos homens
—Os campos fallam de Deus!

Vem, pelos bosques se perde
Das mil canções o rumor...
—A alma vive dos hymnos
—Os cantos nascem do amor.

São Paulo—1878.

SANS SOUCI.

Mentira graciosa

Se a mulher espirrasse
Cada vez que nos illude,
Seria o mundo occupado
Só em dizer: Deus te ajude.

Reminiscencias do districto de Campinas em bairro, freguezia e villa

Apezar do *Almanach de Campinas* no primeiro tomo conter uma interessante noticia da creação da freguezia, extrahida do Livro do Tombo da matriz da Senhora da Conceição, restam alguns fragmentos de tradicção ácêrca desses tempos que alli não foram incorporados, e que apezar da sua trivialidade não deixam de possuir interesse para os curiosos.

Nos primitivos tempos os jundiahyanos que exploraram este lado de seu territorio deram ao districto, que medeia entre o Bairro da Rocinha e o rio de Atibaia, o nome de *bairro do Matto Grosso*, em razão da frondosa floresta secular que cobria-o, e que se estendia além até os campos que mereceram ao *actual* Mogy-mirim o nome de *Mogy dos Campos*, cuja área descoberta decerto facilitou alli a formação da povoação com antecedencia a tal successo em Campinas, sendo o primitivo estimulo em ambos os casos o facto de serem pousos para os viajantes de Goyaz e Cuyabá, permittindo Mogy melhores accommodações para o descanso, ou mesmo invernada das tropas.

Nessa época a jurisdicção da estola de Jundiahy estendia-se até o rio Atibaia ; e tal era a tortuosidade do caminho, que se reputava estar a barranca deste rio distante quatorze legoas da Matriz, e apezar desta distancia conduziam-se a Jundiahy os corpos de quem por cá morria ; notando-se que era isto

mui repugnante tarefa em relação aos fallecidos de picadas de cobras, que então abundavam por serem taes cadaveres de mui prompta decomposição ou putrefacção.

Além de jundiahyanos que se aventuravam até este bairro, entravam, para nelle se fazerem de perdidos e esquecidos, os fugitivos do recrutamento, e aquelles que tinham questões a deslindar com a justiça e a quem faltavam padrinhos. Como fugidos do recrutamento póde se apontar o avô de uma familia Lima, que mora na beira da antiga estrada de Belém, hoje—Itatiba—que correu do largo do Palacio, em S. Paulo ; e o avô da familia—Ortiz—moradora na Rocinha.

A'vidos de recursos espirituaes, e desejando approveitar do não infrequente transito de sacerdotes que procuravam as minas de Goyaz, estes primitivos moradores tentaram e realisaram a edificação de uma pequenina capella feita de barrotes e paus roliços e coberta de sapé ; estando á testa do serviço F. Pedroso, vindo da Parnahyba, onde commettêra um homicidio, e neste serviço trabalhou, puxando barrotes nos hombros, Luiz Antonio Carvalho Banhos.

Este Carvalho era moço, e filho de um lavrador que morava nos extremos limites do actual municipio de Indaiatuba encostado ao então territorio jundiahyano.

Sendo designado para o serviço militar no memoravel recrutamento a que se procedia em Ytú, elle refugiou-se no bairro de Matto Grosso, que já se começava a chamar—as Campinas, por motivo que opportunamente darei, e alli foi protegido pelo referido Pedroso.

Passado tempo, e apertando-lhe as saudades do pae, assentou elle n'uma noite de procurar a casa paterna. Infelizmente, choveu ; e no outro dia *capi-*

tães do matto que vigiavam o sitio do velho Luiz de Carvalho Banhos deram com o rastro de pegadas de pé de homem vindo do lado do matto ; conheceram que o filho viera, cercaram a casa, e levaram o moço a Ytú d'onde, seguindo para o sul, regressou depois de longos annos de militança.

A então estrada de Jundiahy ás minas de Goyaz passava por onde era depois o sitio da *Samambaya* e chacara de D. Maria Fausta; e alcançando o logar depois conhecido por *Campinas Velhas*, tomava pelo caminho que corre em frente da chacara hoje do dr. Sampaio Peixoto, até cahir na actual estrada do Taquaral, ou de Mogy-mirim.

No logar—Campinas Velhas—formaram uma clareira onde se fizeram os primeiros ranchos, e onde descançavam os viandantes.

Nessa época o unico logar onde se encontrava verdura para alimentação de animaes de carga e de montaria era no sitio hoje occupado pela cadêa e a Matriz velha, ou de Santa Cruz, á qual por isto chamaram a *Campina*.

Aqui traziam as tropas á tarde e recolhiam-as pela madrugada para seguir viagem. O accesso era, porém, mui difficil, pois que, exceptuando este ponto, e os sitios mais elevados das Campinas Velhas e a fronteira do terreno da estação, o terreno sobre o qual se edificou ao depois as primeiras casas da actual povoação era um brejo ou tremedal que até hoje fórma o sub-solo de grande parte da cidade, em prejuizo de sua salubridade.

Existia, porém, uma estreita vereda que vinha ladeando os terrenos do antigo Cambuizal e Misericordia, e desembocava em algum ponto proximo á actual cadêa, e por ahi se alcançava o logar da pastagem de onde a nascente povoação recebeu o nome de *Campinas*.

O primeiro sitio de cuja posse foi lavrador de al-

guma importancia, do qual tenho noticia, é uma parte do antigo bairro das Anhumas, que abrangia a fazenda que ao depois foi do sargento mór Antonio Ferraz de Campos, sogro do sargento mór José da Rocha Camargo, que já em 1737 era cultivado por José de Souza Antunes, ascendente de todos os campineiros do appellido de *Souza;* cujo sitio se descreve como situado á beira do caminho que váe da villa de Nossa Senhora do Desterro de Jundiahy ás minas de Goyaz, pois, então, nem sombra de povoação mais visinha havia.

Este José de Souza foi sobrinho carnal de um Gabriel de Souza, que jazeu sete annos em prisão no Paraguay, e depois pôde voltar a Ytú, sua terra; tendo sido preso quando fôra em uma expedição de caça de indios em territorio das missões do Paraguay (ou além como se pretendeu) da qual foi chefe Manoel de Campos Penteado, de quem se relata que fôra o homem mais obeso até então conhecido na capitania, e que era parente deste Souza.

Ficando generalisado o conhecimento da productividade das terras de Campinas, começou em augmento de immigração de lavradores, e entre estes veio de Taubaté, cidade então mui florescente, Francisco Barreto Leme, casado, com familia, que situou-se no logar denominado Taquaral.

Crescia proporcionalmente o sentimento da necessidade da organisação da povoação e do districto de que era centro, que já contava mais de quatrocentos fogos, e de dota-la com a regular administração dos sacramentos, que, pela distancia de Jundiahy, estavam praticamente fóra do alcance destes povos.

Começou-se então a sollicitar dos poderes competentes o alvará de criação de pia baptismal e criação de freguezia.

Nesta questão papel importante necessariamènte coube ao parocho de Jundiahy, cujo dominio se pre-

tendia retalhar ; e, oppondo-se elle ao projecto com verdadeiro assanhamento, conseguiu atrapalhar por algum tempo a realisação da vontade popular.

Em uma das informações por este parocho prestadas ao Ordinario, diz elle, que de todos os signatarios do primitivo requerimento só o primeiro delles possuia bens de valor, e que este negava haver assignado ; sendo os mais pessoas miseraveis, sem recursos no presente para sustentar um parocho, e sem esperanças de um futuro mais favoravel.

Nunca pude saber quem era este unico abastado, pois o requerimento não se encontrava mais no Livro do Tombo, quando pela primeira vez o examinei, e por uma descripção que de certo documento me fez o finado José Theodoro da Costa Machado, estou certo que ficou em poder de pessoa da familia Costa Machado, moradora em Santa Barbara, e lá perdeu-se irreparavelmente.

Desconfio, porém, que o reverendo parocho foi facil n'aquillo que asseverou, pois não podia isto ser exacto em relação a Barreto Leme, homem de teres, que até dotou a fabrica da nova parochia com o patrimonio de um quarto de legoa de terreno, que se começou a medir desde um corrego dito de *Barbosa*, do lado do bairro de Santa Cruz, seguindo na direcção da sahida para Jundiahy e Ytú ; e não consta de outro morador de então egualmente potentado.

Tendo lido esta informação do parocho de Jundiahy no Livro do Tombo da matriz de Campinas com outros varios documentos attinentes ao mesmo assumpto, os fiz copiar e fiz presente da copia ao Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro ; o que foi providencia acertada porque d'alli a pouco precisando de novo consultar este livro (que naquelle tempo andava extraviado !) achei-o com falta de varias folhas no principio, nas quaes estavam comprehendidas aquellas que fizera copiar.

Venceram-se alfim os obstaculos, e em Setembro de 1774 foi a parochia inaugurada, e a pia levantada, havendo missa cantada com benzimento da matriz provisoria erecta no logar onde hoje se acha a cadêa, visto que não fôra possivel de, com tempo, concluir o edificio que devia ficar definitivamente servindo.

Entre os sacerdotes que assistiram, estavam frei Antonio de Padua Teixeira, que tendo servido de guardião do convento Franciscano em Ytú fôra encarregado pelo bispo (o grande d. frei Manoel da Resurreição) com o cargo de vigario e creador da nova parochia, e o padre Antonio Ribeiro do Prado Siqueira, vigario collado de Mogy-mirim, sacerdote illustrado, filho de Parnahyba, que já visitára a Europa, tendo ido depois de ordenado beijar a mão a seu tio e bemfeitor o grande paulista padre Angelo Ribeiro do Prado Siqueira (auctor de dous livros asceticos, o *Missionario Apostolico*), a quem veio encontrar na cidade de Tuy na Galiza, cercado de veneração do bispo e do povo e com elle regressou ao Brazil.

O padre Prado depois renunciou a vigararia de Mogy, e residiu por algum tempo em Campinas sendo sem duvida um elemento de civilisação e moralidade para a nova povoação.

Por ultimo elle retirou-se ao Salto de Ytú como capellão, e lá jaz enterrado.

Frei Antonio Teixeira era mineiro, e logo, vendo que terra de promissão era Campinas, escreveu a sua familia, naquella capitania, convidando-a a vir.

Acceitaram o convite os seus paes e irmãos, e estabeleceram-se, uns aqui, outros em Ytú; vindo a fallecer seus paes em Campinas, e são o tronco da familia Teixeira; tendo vindo tambem os paes do fi-

nado notavel campineiro Antonio Manoel Teixeira, de quem mais se dirá opportunamente.

Após algum tempo frei Teixeira recolheu-se a Ytú e foi succedido como parocho pelo reverendo padre Bernardo José de Sampaio, de nobre familia ytuana, irmão do pae do sr. barão de Indaiatuba, e da primeira mulher do capitão Francisco de Paula Camargo.

Depois succedeu pela segunda vez frei Antonio e depois deste ainda voltou o padre Bernardo, e estes tiveram varios successores, vigarios encommendados, e até que proximamente ao fim do seculo XVIII foi collado o padre Joaquim Gomes, de quem é impossivel não fazer-se menção em qualquer noticia desta terra.

O vigario frei Antonio teve um irmão, padre José Teixeira, que foi logo nomeado vigario da vara, e tomou a si a direcção dos serviços necessarios para a conclusão da actual matriz ; no que, sendo auxiliado pelo povo em geral, o foi muito especialmente por José Francisco de Moraes, de quem existe um filho com oitenta e tantos annos de edade—o sr. capitão Manoel Joaquim de Moraes.

O padre vigario da vara (como era conhecido) chegou a conseguir a creação de uma torre na referida matriz, hoje de Santa Cruz, mas como a caipóra por muito tempo acompanhou emprehendimentos desta ordem em Campinas, a torre veio abaixo n'uma tarde em tempo de chuva, e não se tratou mais de elevar outra.

Encontrei velhos que referiram com admiração a paciencia do padre á vista da destruição do ornato da egreja em cuja construcção elle tanto se empenhára.

Foi prosperando o districto cada vez mais, e já entravam a adquirir sitios membros de familias im-

portantes de districtos mais velhos, cujo clima ou terreno era inferior.

Assim veio da Cutia o capitão José de Camargo Paes, que havia servido de ouvidor pela lei em São Paulo no processo do musico Caetano, dramatisado pelo dr. Paulo do Valle, com seus filhos (entre os quaes o capitão mór Floriano) e mais parentes; o padre Joaquim Duarte; o capitão Francisco de Paula Camargo; estes ultimos de Ytú: de Parnahyba, já esterilisado com o longo plantio do algodão, o, ao depois, capitão mór João Francisco de Andrade, o pae do sr. José Fernandes de Oliveira e seu primo Claudio Fernandes de Abreu e outros muitos.

Do lado de S. Paulo, entre outros, o capitão Raposo, João Monteiro, alferes Antonio José de Mattos, etc., etc.

De Santo Amaro os paes do sr. Reginaldo de Moraes e outros muitos; e assim de Ytú muitos; de S. João de Atibaia; de Minas Geraes muitos, e sobre tudo artistas habeis.

Entre os paulistas que se estabeleceram em Campinas em fins do seculo XVIII destaca-se o vulto notavel de Pedro Gonçalves Meira, ytuano que tendo-se illustrado por viagens ao sertão, e residencia em Matto Grosso (então mais adiantado do que S. Paulo) foi attrahido á nascente povoação como offerecendo campo á sua actividade emprehendedora.

Foi elle quem construiu o primeiro sobrado— aquelle que faz esquina no pateo do Rosario e rua Direita; e então, desejando beneficiar a sua immediata visinhança encetou a edificação de uma egreja no logar onde existe hoje o vasto sobrado que foi edificado pelo finado José Francisco de Paula.

Este passo offendeu o então parocho que allegou a incompatibilidade do terreno para tal edificio por estar ainda lodoso e infiltrado d'agua, vestigio do antigo brejo.

Brigou-se muito, e apezar de ser Meira sogro do prestante cidadão Ignacio Caetano Leme, de quem é filha a veneranda esposa do sr. Domingos Teixeira Nogueira, foi pela auctoridade vedada a projectada edificação.

Meira teve a sorte de todos que inopportunamente sobresahem ás mediocridades que dominam moralmente as sociedades.

Desgostos e contrariedades lhe foram proporcionados ; e com grande prejuizo do progresso de Campinas elle recolheu-se a seu sitio em Indaiatuba, e depois a Ytú onde falleceu.

Convem consignar o facto que elle em Indaiatuba (então bairro de Ytú) occupou carro de passeio puxado a quatro burros, sendo este o primeiro carro de conducção de pessoas de que tenho noticia de Jundiahy para o interior.

Foi elle irmão de Joaquim Gonçalves Bicudo que lhe sobreveio longos annos e residia em Indaiatuba, e era notavel como tendo feito com cilindros de madeira o primeiro engenho horisontal para canna, que houve na provincia,—como versadissimo na lingua indigena, e mui conhecedor das virtudes das plantas medicinaes do paiz.

Foi elle tambem um dos ultimos paulistas que foram buscar indios ao matto, apezar da severissima prohibição que havia.

As taipas da projectada egreja se conservaram em pé por muitos annos, e o cercado que formaram foi o primeiro cemiterio de Campinas, onde foram enterrados escravos e pessoas humildes.

Os primeiros enterramentos foram feitos—primeiro na matriz provisoria e no pateo em frente,—secundò, na matriz permanente e em extensão grande do patèo.

O ultimo corpo sepultado na matriz o foi em 1846.

No ultimo decennio do seculo de que se tracta, a população do districto e mesmo da séde da freguezia era grande: e como as casas na sua quasi totalidade (havia todavia excepções) eram de frentes estreitas, uma porta e uma janella, ou quando muito duas, na mesma extensão de rua cabia um numero de casas sem comparação maior do que é o caso agora.

Eram poucas de taipa, e a maior parte de barrotes, e muitas eram cobertas de sapé.

Na construcção só por excepção era o ferro empregado.

Os pregos eram de guarantan, as fechaduras de madeira.

Nesse tempo o jornal de um official carpinteiro era de sessenta a oitenta réis.

Os brazileiros, e os homens do interior especialmente, tinham então maravilhosa habilidade para supprir de recursos proprios quaesquer necessidades.

Todos os sentidos estavam aperfeiçoados pela obrigação imposta de provêr a si mesmo com todo o necessario.

Operações cirurgicas, e sobretudo amputações, que o serviço da moagem da canna em engenhos verticaes tornava de mui frequente necessidade, eram feitas com felicidade por varios curiosos, e especialmente pelo guarda-mór Teixeira, pae do finado Antonio Manoel Teixeira.

Os engenhos de canna eram em grande numero. Já homens de posição em S. Paulo tinham ou comprado terras ou tirado sesmarias, e as cultivavam por socios ou administradores; e a importancia do districto forçou ao governo de conceder sua elevação aos foros de villa, o que teve logar em 1798; apenas 26 annos depois que após de extrema lucta pôde o districto obter ser parochia, e quando realmente sua lavoura

era tão limitada que os direitos chamados de *Estanque* foram arrematados em Jundiahy por 12$300 na primeira arrematação em 1775, em cuja occasião serviu de fiador do arrematante Domingos da Costa Machado, portuguez, que em segundas nupcias havia casado com d. Maria Barbosa, filha do fundador da povoação, Francisco Barreto Leme.

Este Domingos foi pae da primeira creança baptisada na pia da nova freguezia, o major Domingos da Costa Machado, de quem a viuva ainda vive. Irmão paterno do major Domingos, foi José Francisco de Moraes, de quem já se fallou.

Não é sem interesse notar que a morada urbana de Francisco Barreto Leme, foi a casa hoje n. 3, da rua do mesmo nome—entre as casas do major Azevedo e d. Anna de Campos Paes.

Como em Campinas nunca houve indios administrados, a lingua usada era exclusivamente a portugueza, o que não succedia nos districtos de mais antiga occupação, como Porto Feliz (Ararytiguaba), onde de portas a dentro não se fallava senão guarany. Profundo conhecedor desta lingoa foi um genro de Barreto Leme, Sebastião de Sousa Paes, que morreu com cem annos, em memoria de alguns que ainda vivem.

O primeiro Domingos da Costa tambem viveu mais de cem annos, continuando a existir depois de haver attingido tal decrepitude que era carregado em braços.

E' muito de lastimar que pela ignorancia que então havia quanto ás qualidades de terrenos, e pela preferencia que se dava ás terras roxas, embora baixas, muitos dos primeiros povoadores de Campinas ficaram tão mal arranchados que suas familias cahiram em relativa pobreza e obscuridade.

Nesses primeiros tempos o tronco estava collocado no pateo da matriz.

Já o districto attrahia a attenção de um advogado mineiro, formado em Coimbra, dr. José Barboza dos Santos, que morava em casebre no pateo da matriz: teve terras de cuja propriedade a familia foi esbulhada depois de sua morte ; e além do que a respeito —mais adiante terei de contar delle. Elle mal escapou ser pronunciado pela morte de um ytuano (Fabiano Machado) morador em chacara no caminho que vae para as Cabras, pois na vespera da pronuncia e expedição do mandado de prisão, descobriu-se que o homem fôra morto pelos proprios escravos. Eu vi uma neta deste doutor a mendigar vintens pelas ruas de Campinas.

Má estréa teve, pois, aqui a advocacia.

Nesse tempo abundavam todos os animaes de caça, e egualmente as onças, tendo-me contado uma senhora octogenaria, que alcancei, filha de João Monteiro, que nos primitivos tempos da abertura de sitio nas margens de Atibaia, na distancia de duas legoas e meia da povoação, ouvia-se todas as noites o miar das onças.

Quando este Monteiro escolheu o terreno (que obteve por sesmaria) elle, por falta absoluta de caminho, embarcou em canôa no Atibaia no caminho das Cabras e assim foi explorando o terreno margeando o rio.

Duas especies de passaros então abundantes desappareceram do districto,—a Anhuma que deixou recordação no nome do bairro do melhor terreno, e a Tapenna, que era utilissima como devoradora de insectos e pequenos reptis.

Como prova que Campinas já tinha elementos para gozar de privilegio de fôro referirei que o capitão Francisco de Paula Camargo serviu em Jundiahy o cargo de juiz de orphams, e recorda-se que tão activo era que partia de madrugada de sua fazenda, na Ponte Alta, umas tres e meia legoas além de Cam-

pinas ao lado de Mogy-mirim, dava audiencia em Jundiahy e vinha cear em casa.

Passarei agora a dar noticias tradicionaes que se me têm referido em relação ao periodo que começa com a inauguração da villa de S. Carlos em 1798.

(Continuar-se-ha.)

Campinas—1878.

R. G. D.

A MUSICA

NO ALBUM DE AVELINO BRAZILIENSE

Do vago sentimento **do** bello indifinivel
Revivem as canções **si**ngelas do passado
Minh'alma quer subir... **La**cera-a o impossivel :
Falta-me a luz da arte, o **sol** divinisado !

—**Sol** ! dá-me a tua luz **fa**gueira, que illumina
La das regiões ethereas, **mi**nh'alma, o ideal !
Si—lencio ! diz Euterpe ; **re**cebe a luz divina
Do sol dos corações, **do** astro universal...

Santos, 18 de Julho de 1877.

HYPOLITO DA SILVA.

A illuminação publica da capital é feita pela companhia de gaz, e funccionam nas ruas e praças 765 combustores.

ODE

O grato effluvio da paulista Musa,
Que dicta o coração, dicta a amizade,
Em ti demanda, desvellado amigo,
Asilo e sombra.
No sabio peito que a virtude anima
Meu baixo metro recolhei piedoso,
Que é terno filho da amizade pura,
Candida e bella.
Profira embora viperino zoilo :
Que incenso as aras da lisonja feia,
Que no sincero carme só respira
Adulação venal.
Eu calco ás plantas esse monstro fero,
Horrendo aborto do avernal cocito
De cujo insano peito só respira
Tetrica chamma.
De ti não quero, não mendigo e busco
Ingente copia de metaes luzentes ;
Teu coração sincero é o que procura
Teu Vasconcellos.

F. A. Machado de Vasconcellos.

Charada

1—2 Esta fazenda vira nas ruas.

S. Paulo.

J. P.

Uma curiosidade dos bons tempos

Sessão da camara municipal de São Sebastião em 29 de Março de 1786

A requerimento do procurador da mesma, mandou esta que o alcaide notificasse a *Antonio Maciel* —ferreiro desta villa aonde tinha a sua tenda com licença da camara e que sem licença desta se ausentára para a ilha fronteira, ficando o logar sem ter ferreiro, no que experimentava o povo e a *republica* desta villa notavel prejuizo—para dentro de dois dias depois de notificado, recolher-se a esta villa com sua tenda, para trabalhar ao povo pelo seu officio, sob pena de 6$000 de multa e proceder-se contra o dito ferreiro como desobediente, com trinta dias de cadêa, etc.

O ferreiro, que naturalmente já sonhava com—a declaração dos direitos do homem —, que só tres annos depois havia de ser proclamada ao mundo pelos écos da revolução franceza de 1789, respondeu que não vinha trabalhar nesta villa, aonde não lhe pagavam como na ilha; fez mais, disse publicamente que não vinha e queria ver como o fariam vir cá trabalhar; foi pois condemnado ao pagamento dos seis mil réis e recolhido á cadêa, seguindo-se, resa o manuscripto donde extrahimos esta fraca amostra do despotismo do tempo dos capitães móres, « seguindo-se os mais termos juridicos conforme a sua resistencia, visto como absoluto e régulo (o pobre

Maciel !) não fez caso da notificação e nem sequer procurou dar uma satisfação á camara.

Preso o ferreiro, e, á vista de tão convincente *argumento*, desilludido de seus sonhos revolucionarios, pediu que o absolvessem da prisão, e, offerecendo-se pagar os seis mil réis—para o que deu fiador que por elle se obrigou—, assignou termo de ficar com sua tenda de ferreiro nesta villa, em serviço do povo e da *republica* e de não retirar-se sem licença.

Não consta, porém, se os republicanos desta villa continuaram a pagar ao pobre do sr. Maciel os prégos e as foices por menos que os da ilha ; o que é verdade é que não mais tornou-se régulo e absoluto, conservando-se sempre aqui com a sua preciosa tenda.

Em todo o caso, parece que a camara desta villa sempre olhou de esguelha para a preferencia, que muitos davam á residencia na dita ilha ; porque, ainda em Agosto de 1804, decidiu que um Fulano, morador na mesma, fosse obrigado a mudar sua loja para esta villa ; o individuo reclama, allega que não tem escravos para o servir, que não podia vir já, etc. ; a camara dá-lhe 15 dias para o seu transporte ; o intimado aggrava da condemnação, mas depois pede que o absolvam da condemnação, que elle desistirá de aggravo e virá para a villa, no que concordou a camara.

Esses actos, se bem que arbitrarios, demonstram a vitalidade, naquelles tempos, do elemento municipal, hoje quasi completamente aniquillado pela oppressora centralisação administrativa.

São Sebastião, 30 de Julho de 1878.

A. F. G.

Contraste do Brazil com os Estados-Unidos da America do Norte

O enthusiasmo de alguns brazileiros, especialmente paulistas, por todas as cousas da America do Norte, leva-os a esquecerem-se de si proprios, e como se fossem estrangeiros, consideram nosso paiz no maior atrazamento, devido, como dizem, á falta de energia e actividade dos naturaes, ignorancia geral, e outros defeitos. Já houve quem dissesse, que descendemos de uma raça degenerada, incapaz de progresso!

Assim julgados com muita injustica por nossos patricios, embora em grande minoria, levou-nos ao trabalho de instituir um exame sobre a vida dos dous povos, dactando da sua emancipação politica, e veremos, se nos faltam aquelles tão invejados predicados.

Está bem longe de nós o mesquinho sentimento de ciume, e nem somos animados por qualquèr outro, que induza desafeição: ao contrario entendemos que se deve promover por todos os meios a confraternisação dos povos, que habitam este continente, porque deve haver uma politica americana nas relações internacionaes. Consideramos irmãos os cidadãos de qualquer paiz da America, e não duvidamos confessar grande sympathia pelos americanos do Norte.

Escrevendo para o *Almanach Litterario* do sr. José Maria Lisboa, que se mostra mais brazileiro do que muitos nascidos no paiz, não é possivel dar ao as-

sumpto, todo o desinvolvimento que pede, attendendo á natureza do livro, e pondo de parte nossa nenhuma habilitação; é o sentimento nacional que nos leva a tamanho arrojo.

Examinaremos por tanto, em traços geraes os factos, que devem aquilatar os dous povos, e comecemos pela

Colonisação dos paizes

Walter Raleigh descobridor da região a que deu o nome de Virginia, em honra da rainha Izabel (em 1585) obtendo em soberana propriedade aquelle territorio, o primeiro colonisado, recebeu a condição de estabelecer um governo semelhante ao da metropole —*governo constitucional*.

Todos os outros estados que foram subsequentemente colonisados, tiveram instituições livres, com assembléas que neutralisavam as tentativas do despotismo. Accrescente-se a liberdade religiosa de que gosaram, desde a installação do primeiro colono, e que segundo entendem os colonisadores poderosamente concorrem para a grande emigração.

Recebiam portanto as colonias da America do Norte, a civilisação da Europa, as sciencias, as artes já muito aperfeiçoadas na Inglaterra, e uma população laboriosa, sob aquelle regimen de liberdade civil e religiosa.

O Brazil colonisado sob o regimen despotico, foi dividido em capitanias ou territorios, doados a subditos da monarchia, para estes colonisarem á sua custa. Os colonos eram servos dos donatarios, e veio a população a compor-se de aventureiros, criminosos e soldados, com excepção da capitania, hoje nossa provincia de S. Paulo, devido ao seu proprietario o notavel Martim Affonso de Souza, que já tinha trazido na armada casaes de familias distinctas, e que continuaram a vir, motivo porque foi a unica que

logo prosperou, sem comtudo deixar de receber aventureiros e criminosos.

As povoações eram erectas, plantando-se primeiro que tudo um *pelourinho*, columna de pedra armada de pontas e argolas, onde eram atados os criminosos expostos á ignominia, e onde açoutavam homens livres!

A escóla nunca foi considerada cousa necessaria, e se os jesuitas não viessem abrir escólas, e ensinar, 22 annos depois da povoação de S. Vicente, maior seria o nosso atrazo.

Não póde ser contestada a origem que ficou mencionada. Não ha muito que vimos no discurso que o sr. José Horta ia ler na Academia de Sciencias de Lisboa, sobre a civilisação d'Africa, colonia portugueza—que ainda hoje é o que foi Pernambuco, (nossa provincia) no seculo XVII, uma penitenciaria sem idéa philosophica, um desterro inutil, sem consequencias nem moralisadoras, nem repressivas. Que é este o methodo official de colonisação portugueza, criminosos incorrigiveis para constituirem o nervo da colonisação, e logo sobre um tal fundo, que não se recommenda nem por moral, nem por orthodoxo, fóros e regalias municipaes, que só deviam ser o apanagio de agglomerações humanas, quando morigeradas e instruidas. E foi sobre este fundo (ainda mais escuro) que plantamos nossas instituições livres...

E' pois immensa a desigualdade de condições em que se acharam os dous povos, pela colonisação das respectivas metropoles, e por consequencia não se poderá contestar a maior somma de difficuldades, que tinhamos a vencer nós os brazileiros. Diga-se mesmo, com imparcialidade e justiça, que os americanos do Norte possuiam todos os elementos para o desinvolvimento e elevação do paiz; e nós tinhamos a vencer a terrivel barreira opposta pelo despotismo

ferrenho; pela população colonial, composta de aventureiros, soldados e criminosos; pela ignorancia geral imposta e conservada pela metropole, como se verifica pelas seguintes amostras.

O Alvará de 18 de Março de 1605 prohibiu absolutamente o commercio com o extrangeiro. Em 20 de Março de 1736, decorridos 131 annos d'aquella prohibição, foi permittido o commercio com as ilhas, e só com seis navios de quinhentas caixas, para um porto determinado do Brazil, sem poderem trazer generos que não fossem das ilhas, sob pena de confisco e degredo! Em 20 de Fevereiro de 1748 aquella permissão foi elevada ao duplo, *vista a pobreza em que cahiram as ilhas pela restricção do commercio;* (o Brazil era sempre esquecido) e permittindo que levasse generos de outros portos. Mas em 20 de Julho de 1758, foram revogadas as duas concessões e reduzido o commercio a tres e quatro navios de menor lotação, e só para generos das ilhas, e isto para o fim de ser monopolisado o commercio por uma companhia organisada em Portugal com o titulo de Companhia geral de Pernambuco e Parahiba, que foi effectivamente auctorisada um anno depois!! Prohibição para virem colonos para o Brazil. Carta Regia de 22 de Novembro de 1698, e Lei de 20 de Março de 1720.

Prohibição para apprenderem o officio de ourives os mulatos, indios e negros, ainda que forros fossem. Alv. de 20 de Outubro de 1621.

Prohibição para vir dinheiro para o Brazil sem licença, e esta muito limitada em 22 de Abril de 1648.

Prohibição para sahirem de Portugal larangeiras da China, em 30 de Janeiro de 1671.

A chave de ouro é, que, só em 28 de Janeiro de 1808 foi aberto o commercio do Brazil com outras nações, e isto porque a familia real de Portugal ti-

nha chegado ao Rio de Janeiro a 19 do mesmo mez e anno.

E pela mesma razão a 1ª de Abril do dito anno foi revogada a prohibição de haverem fabricas no Brazil!

Tinham decorrido 276 annos da colonisação ou povoamento do Brazil!!

Fixemos as datas que referem-se ao nosso assumpto.

A colonisação dos Estados-Unidos foi iniciada seriamente em 1585, a do Brazil, começando por São Paulo, foi em 1532.

A revolução para independencia teve principio nos Estados-Unidos em 1773, e tornou-se geral em 1776. No Brazil começou em 1822, e foi terminada com o juramento da constituição em 1824.

Situação dos dous paizes

Consideremos os Estados-Unidos quando contavam cincoenta annos de existencia politica ou independencia, e o Brazil apenas dous, dactando do juramento da constituição, isto é, no anno de 1826.

Venham dizer-nos os geographos Casado Geraldes, portuguez, e Mr. Letrone, francez, nos compendios que publicaram n'aquelle anno de 1826: a coincidencia da dacta exclue suspeição das fontes.

Segundo o geographo portuguez a União Norte-Americana já contava naquelle anno 29 Estados, sendo 26 constituidos, e 3 em via de serem.

A população calculada em 1820 era de 10:600:000; e dando um accrescimo de mais 1/10 seria a população em 1825 para 1826 de 11:600:000.

As cidades mais notaveis com população superior a 10:000 almas não passavam de 13, entre estas apenas duas, New-York e Philadelphia continham 130:000; Baltimore 64:000; Boston 50:000; Nova

Orleans 38:000; Charlston 25:000; Washington 20:000 e as outras 10 a 14:000. Haviam capitaes dos Estados-Unidos com 200 e 700 almas, (Mechilimachinac, Kaskiskia), e outras de 1:000, etc.

O geographo francez no mesmo anno calculou a população dos Estados-Unidos, em cerca de 11 milhões, sendo 1:200:000 escravos negros. Menciona as mesmas cidades, menos Nova Orleans, que substitue pela de Richmond.

Não se perca de vista a circumstancia já assignalada, que os Estados-Unidos, desde os primeiros colonos, gosavam de instituições livres, e plena liberdade religiosa, elementos tão preconisados para a emigração, e contando 50 annos de independencia, apenas continham a população que ficou mencionada.

Na mesma época, quando o Brazil apenas tinha sacudido o jugo do ferrenho governo colonial, o geographo portuguez dá-o com 18 provincias e a população de 3:930:000, excluida a Cesplatina e a Guiana; e menciona a cidade da Bahia com 100:000 almas, Rio de Janeiro com 130:000, duas outras cidades com 27 e 23:000, 3 com 10 e 7:000 e as restantes notaveis em numero de 11 sem população.

O geographo francez no mesmo anno, calculou a população do Brazil em dous e meio milhões, sendo 500:000 europeus, e o resto negros, mulatos e indigenas; falla só em quatro cidades sem mencionar a população das mesmas.

Aqui está o que eramos quando nos constituimos em Estado livre e independente.

Agora o contraste dos dous povos.

Independencia

Os Estados-Unidos com instituições livres desde que alli pisaram os primeiros colonos, só puderam

tornar-se independentes da metropole em 1776, decorridos 191 annos.

O Brazil que foi conservado por 276 annos como simples feitoria, ou antes fazenda de escravos, sem commercio e sem industria, apenas decorridos 14 annos d'aquelle em que lhe foi concedido ter commercio e industria, declarou-se independente, mas conservando a legislação da metropole, os habitos do regimen colonial, em grande atrazo a todos os respeitos, porque já vimos que nossa mãe negava-nos pão para o espirito e para o corpo.

Não obstante a immensa desigualdade de condições vamos comparar os Estados-Unidos em 1826 com cincoenta annos de independencia, e o Brazil em 1872 em que contou a mesma existencia de 50 annos de independencia, dactando de 1822, em que teve principio sua revolução.

População

Sem termos o tão preconisado elemento para colonisação a liberdade religiosa, a população do Brazil em 1872 era geralmente estimada em 12 milhões, e o imperfeito senso que obtivemos, veio confirmar que é sem duvida superior a 11 milhões, egual ou pouco menor que o dos Estados-Unidos na mesma época relativa á independencia, segundo os geographos citados.

Cidades

A capital do imperio ha muitos annos que é considerada uma das grandes cidades conhecidas, e a mais de um estrangeiro temos ouvido dizer, que póde collocar-se, quando menos em quinto logar entre as grandes cidades da Europa.

Qualquer das capitaes dos Estados-Unidos, como

já se viu, estava muito longe de ser a mesma cousa, visto que Philadelphia tinha 130:000 habitantes, e Washington 20:000. E a respeito do numero de cidades, ou povoações mais notaveis, que nos Estados-Unidos não passavam de cincoenta e tantas, segundo o geographo portuguez, não necessitamos enumerar as que existem no Brazil para fazer a comparação, bastará lançar-se a vista sobre o quadro dos eleitores pelas parochias existentes no imperio, para verificar, que os Estados-Unidos não possuiam em maior numero cidades ou povoações notaveis.

Orçamento

Segundo o citado geographo Geraldes Casal, a renda geral dos Estados-Unidos em 1823 era de 12.888.000$000, e a despeza 12 960.917$600, occasionando *deficit*. Contavam n'aquelle anno 47 de independencia. Tomemos o nosso orçamento de 1837, o primeiro que merece tal nome, e quando apenas contavamos 15 annos de independencia, e vê-se que a receita foi orçada em 13.663.289$000, e a despeza em 12.730.691$217, e porisso sem *deficit* : já era melhor nossa posição.

Mas no anno de 1872, em que contámos os 50 annos de independencia, nossa renda foi orçada em mais de cem mil contos de réis, somma que exclue toda a comparação com os Estados-Unidos na mesma época relativa. (E' porisso que ficámos prodigos ou esbanjadores.)

E' incontestavel portanto, que nosso commercio, e outras fontes de renda, estavam mais desinvolvidas do que nos Estados-Unidos no mesmo periodo de vida independente.

Industria e artes liberaes

Iriamos muito longe se instituissemos a comparação detalhada. Não se poderá contestar com fundamento, que já possuimos em diversos mineraes do imperio, numerosas fabricas e estabelecimentos importantes.

E considerando mesmo que ainda não sejam tão numerosas e variadas como os dos Estados-Unidos, na mesma época, podemos affirmar, que ainda assim temos feito mais do que fizeram nossos irmãos do Norte, lembrando que fomos prohibidos por mais de tres seculos ter fabricas e commercio, ao passo que alli nos Estados-Unidos recebiam a civilisação e a industria já muito aperfeiçoada da Inglaterra e de toda a Europa.

Nossa agricultura não obstante o immenso atrazo por mais de tres seculos, que legou-nos uma rotina estupida, acha-se inquestionavelmente em melhor pé do que se achava nos Estados-Unidos na mesma época a que nos referimos, e o prova a renda orçada e arrecadada em 1872, que foi oito vezes superior á que ficou mencionada dos Estados-Unidos. E esta differença não póde ser absorvida pela desigualdade que porventura exista, nos impostos e direitos de exportação lançados pelos dous paizes nas respectivas épocas.

Quanto ás artes liberaes contentamo-nos em lembrar o nosso maestro Carlos Gomes, tão admirado na grande festa da exposição e centenario da independencia dos Estados-Unidos ; e assim mais os nossos pintores, que já possuem uma bella reputação na Europa. Se hoje, no adiantamento em que se acham na America do Norte, não poderam oppor-nos em grande numero maiores notabilidades, segue-se que em 1826 não se achavam a este respeito mais adiantados do que nós.

E mesmo quanto ás fabricas dos 29 Estados já existentes em 1826, apenas nove Estados as possuiam sendo mais consideraveis nos de New-York e Pensilvanea, e nos outros pouco desinvolvidas e principiando.

Instrucção e educação publica

Possuiam os Estados-Unidos na época a que nos referimos, e segundo o geographo citado, sómente a Universidade de Cambridg no Massachusset e diversos collegios.

No Brazil apenas formada a independencia, foram criadas quatro Faculdades, e ha muitos annos Escólas militares de instrucção superior, e muitos institutos e collegios, que se não são modelos, não envergonharão, quando se faça comparação com os que possuiam os Estados-Unidos na mencionada época.

E seguramente que alli não appresentavam numerica e scientificamente, homens mais notaveis do que os que possuimos em todos os ramos de conhecimentos. E' escusado declinar nomes; seria mesmo uma injuria aos nossos patricios, suppôr que não conhecem os nossos homens tão conhecidos na Europa. Os proprios Estados-Unidos dão testemunho, reconhecendo o papel brilhante que desempenhou no tribunal de arbitragem com a Inglaterra o commissario brazileiro.

E' tambem muito conhecida a parte importantissima que coube á marinha brazileira, elogiada na Europa, no levantamento da grande carta geographica maritima, e isto ha não poucos annos.

Poderão contestar a asseveração de que em todos os conhecimentos são consideradas na Europa notabilidades do Brazil?

Não desconhecemos o grande merecimento de

Francklin e de Jorge Washington, dous homens que enchem as paginas brilhantes da historia de um grande povo, mas teriamos eguaes, se á testa de nossa revolução não se tivesse collocado um principe, aliás magnanimo, e a quem a historia ha de fazer justiça.

O que concluimos das ligeiras considerações que ahi ficam, é que na época a que nos referimos, quando os Estados-Unidos contavam 50 annos de independencia não tinha progredido, direi mesmo, nem tanto como nós, na mesma edade.

E note-se uma circumstancia muito significativa, que apezar de possuirem aquelles Estados os dous grandes elementos para colonisação, liberdade civil e religiosa, em que tanto se falla; a corrente de emigrantes foi tão nulla naquelles Estados, durante os 50 annos de independencia, como tem sido entre nós no mesmo periodo; e só tornou-se grande, ou como dizem espantosa, quando começaram a possuir outros elementos, que a nosso vêr tem maxima importancia e são: desinvolvimento de todas as industrias, augmento de riqueza, viação aperfeiçoada e instrucção.

Estes elementos já despontaram entre nós e prenunciam o mesmo successo, visto que já se registram, não poucos nucleos expontaneos, facto que auctorisa a affirmativa de que em futuro não remoto, aquella corrente ha de tomar grande incremento, e egualar o movimento d'outr'ora nos Estados-Unidos. Ha um signal evidente, e é a reemigração dos proprios Estados-Unidos.

A conclusão final, irrecusavel que decorre do que temos expendido, com toda a sinceridade, é que, conhecida a immensa desigualdade de condições em que se achavam os dous povos, e por outro lado o progresso egual que fizeram, durante o meio seculo da independencia, torna-se patente que nós os bra-

zileiros temos empregado maior somma de energia e capacidade para progredir, senão mais, pelo menos tanto quanto progrediram aquelles nossos irmãos do Norte, e que o centenario de nossa independencia encontrará o paiz tão engrandecido, que será admirado pelos proprios Estados-Unidos.

Haverá cegueira em semelhante profecia ?

Respondam as seguintes objecções entre muitas que poderiamos externar.

Em 1863 foi abolida a escravidão nos Estados-Unidos, mediante uma guerra civil das mais sanguinolentas : contavam aquelles Estados 87 annos de independencia...

Em Setembro de 1871 deu se entre nós o golpe decisivo na escravidão, sem haver resistencia material, sem correr uma gotta de sangue, e não obstante a falta de braços, de que já se ressentia a nossa lavoura. Contava o Brazil 49 annos de independencia...

Existindo escravos em todas as provincias do imperio, acostumados a olharmos com desprezo esses pobres homens, não obstante, não ha no Brazil a grande prevenção e odio, que existe nos Estados-Unidos contra todos os homens de côr ; ao contrario são muito considerados, e elevados aos mais altos cargos os que têm merecimento.

Sendo tão decantados os feitos dos americanos do Norte para sua independencia, apezar disso, só no centenario daquelle facto, é que se lembraram de commemorar com um monumento, riquissimos como se acham !

Nós com todo o supposto atrazamento e pobreza em que dizem nos achamos, tractamos ha muitos annos de levantar um monumento á nossa independencia, e com certeza existirá antes do centenario.

E, finalmente, considerando-se o Brazil entregue aos ultramontanos, sepultado no phanatismo reli-

gioso, não obstante, ainda não votaram nossas assembléas geraes e provinciaes, leis punindo severamente os que trabalham em domingo, e não forem aos templos, como já fizeram nos Estados-Unidos...

Qual dos dous povos tem mostrado mais energia, actividade e maior capacidade? Qual delles tem-se mostrado mais liberal? Onde está o defeito de nossa raça?

Ytú—1878.

Carlos Ilidro da Silva.

Os primeiros bachareis

Em 21 de Outubro de 1831 deu-se a formatura dos primeiros seis bachareis, que tomaram gráo pelo curso juridico de S. Paulo.

Foram elles:

Antonio de Cerqueira Carvalho da Cunha Pinto Junior, da Bahia.

Antonio Joaquim de Siqueira, do Rio de Janeiro.

Antonio Simões da Silva, da Bahia.

Francisco Alves de Brito, idem.

Manoel Vieira Tosta, idem.

Paulino José Soares de Souza, nascido em França.

Em 1832 o numero dos formados elevou-se a 35, entre os quaes contavam-se 12 paulistas.

Sete palavras com tres lettras

Avô, Avó, Avo, Vôa, Vão, Ova, Vão.

F. M.

População de S. Paulo em 1592

Nos sessenta annos que seguiram-se ao primeiro povoamento da provincia de S. Paulo computou-se a sua população em 186 familias, afóra as dos indios, que excediam em muito ás dos brancos, mas que pelo jugo do captiveiro a prolificação era nelles quasi nulla; e dando pois cinco individuos por familia na primeira raça, e dois na segunda, teremos até o fim dessa época (1592) uma população de 2,500 individuos, que não vem a ser diminuta, attentas as difficuldades que então haviam na transferencia para o Brazil da emigração européa, e a falta de recursos que sôe haver nos primeiros tempos de um povoamento em terra estranha: a mortalidade causada por nova acclimatação; e a retirada dos indios para as mattas a fugir dos flagicios da escravidão.

Brigadeiro Machado de Oliveira.

Graças ao genio particular dos paulistas a direcção do movimento intellectual póde-lhes pertencer ou pelo menos hão de elles dividi-la com o Rio de Janeiro.

F. Diniz.

Pelo balanço do thesouro provincial no exercicio de 1876 a 1877 vê-se que a renda provincial arrecadada foi de 2.070:721$661.

AO YANKEE

Deposito de generos Norte-Americanos

S. Paulo---Rua Direita n. 2 A

209

Neste estabelecimento, unico em seu genero, em S. Paulo, encontram-se as afamadas **machinas de gazolina** para *illuminações particulares*, pára-raios, bombas hydraulicas de todos os systhemas, encanamentos para agua, gaz e esgotos, lampeões de todos os systhemas, cadeiras de todas as qualidades, fogões economicos variados, artigos de ornamentação para jardins, utensis de cosinha, abundante sortimento, caixas de diversas ferramentas, machinas, campainhas electricas e telephones, escadas, apparelhos para gymnastica, lavatorios, e uma grande variedade de objectos de uso domestico, ainda não conhecidos nesta provincia.

Recebem-se encommendas para a Europa e Estados-Unidos

AFFONSECA & C.

SÃO PAULO.

O cravo e a rosa

Eu ousei pedir á rosa
De seu pésinho um botão,
Mas a rosa com enfado
Me respondeu com um—NÃO.

Fui ter então com o cravo
Que estava perto de mim,
E fazendo egual pedido
Elle me disse—POIS SIM.

A rosa então machucada
Pela franqueza do cravo,
Lançou-lhe aos pés a cadêa
Que o tornou seu escravo.

Eis a rasão porque a rosa
E' dos jardins a rainha,
E ostenta-se no peito
Da mais formosa NHASINHA.

São Paulo—1878.

CORRÊA JUNIOR.

Vou fazer-lhe a barba com a navalha que serviu a el-rei d. Joãc IV, dizia um barbeiro a um seu freguez.

D'ahi a pouco estava o homem com as lagrimas nos olhos.

—Porque chora o senhor?

—Choro ao lembrar-me quanto aquelle monarcha soffreu nesta vida.

Francisco Glycerio

Ha individuos que exercem no desenvolvimento de uma localidade acção tão significativa que é bem difficil estuda-los isoladamente e comprehende-los fóra do meio em que vivem. Pertence a esta classe o cidadão Francisco Glycerio.

Collocado em outra cidade, ao certo não seria o que é. Aquella cabeça está para Campinas na mesma relação do fogão para a casa de familia.

F. Glycerio agita, activa, delibera e executa. O movimento alegra-o, attrahe e fascina. Fez-se notavel por isso.

Nenhum homem de trabalho ao chegar á orgulhosa cidade de Carlos Gomes deixa de procurar esse moço de 32 annos que representa alli a hospitalidade intelligente, activa e propagadora dos desejos alheios.

Se apparece em Campinas um artista, leva cartas de appresentação para F. Glycerio. Elle é como que a chave que abre as portas dos theatros e dos clubs ; o «lord protector» que recommenda o recemchegado ao director da orchestra, que vence os embaraços policiaes ; o cartaz que annuncia e engrandece os meritos do hospede nos circulos que frequenta.

E tudo isso elle faz sem pretenção, na certeza de bem cumprir um dever da instituição humanitaria a que pertence e da qual é uma das mais firmes columnas.

Entretanto não se esquece dos negocios que lhe estão confiados, sejam pequenos, sejam grandes.

F. Glycerio é um dos homens que mais trabalham em Campinas.

No fôro, na politica, na instrucção publica, nas obras de caridade, no commercio, na lavoura e na imprensa encontra-se sempre o cunho de sua individualidade infatigavel.

Em tudo que interessa o progresso de Campinas anda ligado o nome popular deste modesto cidadão. Folheai as actas dos clubs de politica e recreio, das irmandades, das sociedades de soccorros, da Santa Casa de Misericordia, da sociedade Culto á Sciencia, do Club da Lavoura, das lojas maçonicas, da sociedade do theatro, e em todas ellas apparece um acto attestando seu patriotismo, sua caridade e o amor ao trabalho.

Solicitador intelligente, habil e honesto, tem sabido crear grande clientelia, um nome respeitado e rodeado de estima e confiança publica.

*

Admiravel contraste! F. Glycerio foi de uma indolencia tal que provocava censuras de seus amigos, e isto durou até 1867, desde quando data seu apparecimento no fôro de Campinas.

Conhecemo-lo na transição de *formigão* para *cascabulho*, ao deixar o seminario para entrar no collegio.

Houve em S. Paulo de 1859 a 1862 uma *republica* a que pertenciam Francisco Quirino, Campos Salles, João Quirino, Jorge de Miranda e o escriptor destas linhas: dous poetas e tres politicos.

João Quirino era um talento docil á influencia da arte; a pintura, a musica e a poesia mereciam-lhe attenção.

Por esses tempos Campos Salles, Francisco Quirino, Jorge Miranda e Belfort Duarte redigiam a *Ra-*

zão, e formavam a redacção do *Futuro* Theophilo Ottoni, Cesario Alvim, João Carlos Moreira e o auctor desta noticia.

Ottoni e Belfort eram quasi cidadãos daquella *republica*, onde as discussões litterarias travavam-se mais entre os Quirinos e Belfort, correndo as politicas de preferencia entre os outros.

Foi ahi que F. Glycerio adquiriu as suas primeiras idéas politicas, aos domingos, nas folgas do collegio. O que apprendia, depois ia ensinar com enthusiasmo aos companheiros, e porisso conquistou no meio delles a fama de conhecedor da politica do paiz.

Seus juizos sobre litteratura eram recebidos como de um oraculo, pois elle fallava tambem em Pedro Luiz e Macedo Soares, e citava as opiniões destes dous litteratos de alta nomeada naquella época academica. Chegou mesmo a ser redactor de um jornal manuscripto, onde publicou varias composições originaes, sendo algumas poesias limadas por João Quirino.

Foi então que perdeu seu pae, o estimadissimo cidadão Antonio Benedicto de Cerquera Leite, fazendeiro em Campinas.

Nas férias de 1862 F. Glycerio foi para a sua terra natal com os irmãos e não voltou a estudar porque a casa ficou compromettida e elles iam luctar com serias difficuldades.

*

Um dia, na intimidade da familia, quem falla deste *illustre plebeu* ouviu a sra. D. Maria Zelina de Cerquera, mãe delle, senhora dotada de uma intelligencia clara e tendo boa leitura, censura-lo por andar constantemente a cantarolar, quando, pobre orphão, não tinha emprego nem renda segura. Ou-

vida attenciosamente a reprehensão feita com bondade e sentimento, Glycerio, affagando a mãe, disse-lhe em tom um tanto petulante: « Deixe estar, mãesinha, tempo virá...»

Era então seu trabalho diario declamar, como sabia, trechos dos discursos dos nossos oradores mais livres e poesias dos contemporaneos. Mezes depois seguiu para o Rio Claro.

Ahi entrou como mestre de meninos em casa do tenente-coronel Francisco de Paula Salles, que era bom chronista da politica do paiz.

F. Glycerio foi para o respeitavel ancião um excellente companheiro na leitura dos jornaes e nos commentarios ao procedimento dos nossos homens publicos.

O joven discipulo da *republica* da rua da Constituição em S. Paulo, achava-se bem na fazenda do velho republicano.

Alguns annos depois os cidadãos daquella republica já eram advogados conceituados em Campinas e tinham extensa clientella.

F. Glycerio quiz apprender com elles jurisprudencia, voltou para essa cidade, fez-se solicitador e casou-se com uma senhora bem educada e de origem franceza, a exma. sra. d. Adelina Masson.

*

Os factos posteriores incumbiram-se de completar o pensamento do menino. Elle hoje é pessôa estimada em sua cidade, tira de sua profissão rendimentos para viver á larga, com independencia, e constituiu-se um dos fócos donde parte o movimento de Campinas.

No trabalho eleitoral Francisco Glycerio é um grande!

Ninguem tem alli mais geito para fallar ao povo, para convence-lo e chamar a si que esse moço de 32 annos, alegre, chão, dedicado e generoso.

Dez homens como F. Glycerio, espalhados por differentes partes da provincia, dariam ao partido republicano muita força.

Esse não é só um soldado valente e enthusiasta, é tambem uma propaganda viva.

Recommendavel por merecimento proprio, com serviços incontestaveis ao seu partido, apparece em toda a parte onde precisam delle e nada pede, nada allega, nada deseja para si: sua unica ambição em politica é vêr a Republica bem defendida pelos melhores talentos e caracteres do paiz e particularmente de sua provincia.

*

Archivando aqui esta noticia sobre um moço, verdadeiro typo popular, e fallando delle com verdade e sem lisonja, lembraremos a muitos a resposta de um publicista que traçára a biographia dos plebeus que se distinguiram na revolução democratica em Portugal.

Um fidalgo de alta estyrpe censurara a esse escriptor por trazer tantos nomes «obscuros» á tona da publicidade, deixando á margem muitos fidalgos. O escriptor respondeu-lhe: «Faço meu dever. Sirvo a verdade estabelecendo a egualdade perante a historia. E' tempo de fazer justiça aos homens uteis.»

S. Paulo, 27 de Agosto de 1878.

R. P.

ELIXIR DEPURATIVO

Approvado pela exma. junta de hygiene e auctorisado por decreto imperial de 1871

Tratamento radical das affecções syphiliticas, cancros, blenorrhagias, bobões, rheumatismo, bobas, ulceras, etc.

Grande purificador do sangue.

Cura infallivel das empingens, dartros, escrofulas, manchas da pelle, espinhas pustulosas, etc., etc.

Optimo restaurador da saude.

Preparado pelo pharmaceutico e chimico

EUGENIO MARQUES HOLLANDA

PROVINCIA DO PIAUHY—IMPERIO DO BRAZIL

Preço de cada vidro . . . . . 5$000—A duzia . . . . . 50$000

A' VENDA NA CASA

A. L. GARRAUX & C. — S. PAULO

36—Rua da Imperatriz—38

A destruição das mattas

Quem percorre alguns districtos das provincias do Rio de Janeiro, Minas e S. Paulo, e com vistas prescrutadoras, examina immensas áreas de terrenos sêccos, descalvados, despidos de vegetação, carbonisados, sem agua, sem vida, e já abandonados como imprestaveis ; e outras que apenas mantêm alguma vegetação ou cultura acanhada, rachitica, e na ultima decadencia ; e vê o desanimo de seus proprietarios, que se atrazam, empobrecem, e alguns, que planejam mudar-se para outro logar, onde encontrem mattas virgens, e recorda-se, n'outros tempos, visto esses mesmos terrenos vestidos de frondosa vegetação, de uma cultura luxuriante, cheia de vida, prodigalisando riqueza ; por certo, como tem acontecido a quem escreve estas considerações, ficará contristado, observando como a ignorancia do nosso povo vae progressivamente arruinando e aniquillando este bello paiz.

Qual a razão porque tem-se estabelecido uma corrente de emigração do sul de Minas, de alguns municipios desta provincia, e da do Rio de Janeiro para o oeste da nossa provincia ? E' simplesmente porque além das boas terras, alli ainda existem mattas virgens em abundancia, e estas de ha muito já desappareceram dos logares d'onde sahe a emigração.

Como procedem muitos lavradores que se dedicam á cultura do milho para a creação de animaes, especialmente suinos ? Procuram estabelecer-se onde encontrem mattas virgens em terrenos vastos, e uma vez alli, o ferro e o fogo começa a sua acção destruidora.

Supponha-se que um desses lavradores planta annualmente 20 alqueires de milho, no fim de dez annos estão os terrenos que comportam 200 alqueires, completamente despidos das seculares mattas virgens; porque, em regra, esses lavradores, emquanto têm mattas virgens, não plantam em terrenos de capoeiras, pela maior uberdade d'aquelles, ricos de humatas, de saes de soda e potassa, e pela não necessidade de carpas ou limpas.

De sorte que um só lavrador, com vinte trabalhadores, em dez annos, tem devastado a immensa área de 200 alqueires.

Isto parece incrivel, mas é uma triste verdade!

Se esse lavrador, porém, soubesse o mal que com este procedimento faz a si proprio, á sua familia e a seu paiz, por certo não praticava tão consequente attentado.

Se elle soubesse que destróe centenares de contos de réis de sua propriedade para obter alguns centos de mil réis!

Se elle soubesse que destróe madeiras preciosas, plantas utilissimas, como a salsa, poaia, bannilha, quina, sipós lactescentes, seus congeneres, e outras muitas, que por si só lhe dariam a riqueza, a elle e a sua familia.

Se elle soubesse que, assim devastando, concorre para a cessação das chuvas, para as sêccas, para o desapparecimento das aguas, dos regatos, ribeirões e rios, para a esterilidade do sólo e completa mudança do clima, para peor, por certo procederia de outro modo.

Se elles conhecessem que ha uma como que permuta de vida entre as plantas e os animaes; que os animaes, inclusive o homem, não podem viver sem as plantas, e estas sem os animaes: que as plantas nos fornecem o puro oxigenio de que tanto carecemos para a elaboração do sangue, para a manuten-

ção da vida, deste sublime apparelho de combustão —o corpo humano, e consomem o gaz carbonico e azote, que expellimos, e que em excesso nos é prejudicial, e nos póde trazer a morte, e a ellas é necessario para a elaboração de suas fibras, tecidos, celulas e vasos, e assim purificam o ar athmospherico tornando-o mais proprio para a vida do homem!

Se elles attendessem que a falta de vegetação fórma o deserto, e que no deserto não se póde habitar!

Se elles comprehendessem que toda a riqueza de nossa provincia, a sua importancia, o logar honroso que occupa no imperio lhe tem vindo especialmente de suas mattas, além de boas terras e energia de seus habitantes, seriam ciosos em conservar aquillo que tem feito a nossa felicidade e grandeza!

Devastae todas as mattas da nossa bella provincia, e vereis em breves tempos a decadencia, o empobrecimento, e as sêccas com todos os seus horrores a extinguir os ultimos restos de vida.

De um Eden tereis feito um deserto!

Pelo contrario, restabelecei as mattas nos logares devastados, empobrecidos e abandonados, livrae-as do fogo, e dentro em poucos annos vereis a felicidade, a vida e a riqueza voltar a esses mesmos logares.

Não quer isto dizer que todos os terrenos sejam cobertos de mattas; não, mas que não sejam todas destruidas, como se tem praticado em muitos logares, e sem criterio algum; porém, que sejam conservadas ou restabelecidas nos logares proprios, que se devem reservar para conservação das aguas, plantas e madeiras uteis, da frescura do ar, das chuvas, do bom clima, dos animaes que vivem nas florestas, da vida emfim: que o lavrador só derribe as mattas dos terrenos, que tem estrictamente de occupar com effectiva cultura, e outros misteres in-

dispensaveis ao seu meio de vida ; porém com criterio.

E' este objecto tão importante que muitas nações da velha Europa, que zelam do seu bem estar, têm Codigos, com penalidade, e leis especiaes, como a França e outras, sobre a conservação e plantio das mattas, e se assim não fosse alguns d'aquelles paizes já não teriam as mattas e animaes que possuem, e que conservam com tanto zelo e trabalho, pela necessidade que ha dellas para a vida dessas nações.

Não destruamos pois, em um só dia, aquillo que a natureza levou milhares de seculos a crear, e nos legou com tanta prodigalidade, e que constitue a nossa primeira riqueza, a grandeza emfim deste paiz.

Seja, pois, um dos primeiros cuidados dos nossos lavradores por seu proprio interesse, a conservação e o plantio das mattas, que, assim procedendo, nunca terão necessidade de vender ou abandonar suas terras, como estereis e imprestaveis, (se adoptarem ao mesmo tempo uma cultura racional e intelligente).

Todo o homem que destróe inutilmente uma arvore commette sempre um attentado !

Pelo contrario, todo aquelle que a planta é sempre um cidadão benemerito !

Escrevendo estas breves considerações só temos em vista a felicidade e engrandecimento desta bella provincia.

S. Paulo.

M. Monteiro Godoy.

A's gerações passadas coube destruir muito e edificar pouco. A's gerações futuras cabe destruir pouco e edificar muito.

Governo absoluto

Em varios escriptos a respeito do Brazil encontra-se a noticia de ter apparecido nesta provincia a idéa da proclamação do *governo absoluto*, em 1825.

Para que se torne mais facil o estudo do facto, acho util a publicação das actas das sessões das tres camaras municipaes, que, influenciadas pelo dr. juiz de fóra, Manoel da Cunha de Azevedo Coutinho Souza Chichorro, se pronunciaram de modo favoravel á idéa.

Vê-se das actas, abaixo publicadas, que a municipalidade, que primeiro se occupou do assumpto, em sessão de 28 de Abril de 1825, foi a da villa de S. Luiz do Parahytinga; a segunda a de Taubaté, em sessão de 1.° de Maio; a terceira a de Pindamonhangaba, a 2 de Maio.

As actas vão integralmente copiadas, menos a da sessão da camara de Taubaté, da qual supprimi a parte que não se refere á questão.

Apesar de ser muito conhecida a portaria que foi motivada pelos *patrioticos sentimentos* das tres camaras, e pela notavel *fidelidade e amor* do sr. d. Pedro I á Carta Constitucional, que elle deu ao Brazil, e que por este foi mui *livremente acceita*, julgo conveniente reproduzir aquelle documento em seguida ás actas, unicamente para completar este ligeiro artigo historico.

S. Paulo, 10 de Setembro de 1878.

A. Braziliense.

Termo de vereança de 28 de Abril de 1825

Aos 28 dias do mez de Abril de 1825 annos, nesta villa de S. Luiz do Pirahytinga em casas da residencia do illm. sr. commendador dr. juiz de fóra Manoel da Cunha Azevedo Coutinho Sousa Chichorro, como presidente e os mais officiaes actuaes da camara e sargento-mór Salvador Gomes de Gouvêa e José Lopes Figueira, e o alferes Manoel Serafim dos Santos e o procurador do anno passado alferes Agostinho Lopes Aroche, por ausencia do actual Ignacio Alves dos Santos, todos juntos em sessão para effeito de se deliberar sobre um despacho do excm. sr. presidente da provincia, proferido em um requerimento do ajudante dizimeiro Joaquim José Ferreira e egualmente mandar-se passar mandado para se pagar ao mesmo sr. commendador juiz de fóra o que esta camara lhe dever do trimestre vencido de Abril, Maio e Junho, e se deliberou sobre o requerimento do dizimeiro, que elle se remetta por cópia com os seus documentos á camara de Cunha para dar sua resposta, e depois ser tudo remettido ao dr. juiz de fóra, presidente desta camara, para em dia convencionado e onde melhor lhe convier se ajuntarem alguns membros desta camara de S. Luiz, com outros eguaes de Pindamonhangaba e Taubaté, e, ahi, de commum accôrdo e á vista da resposta da camara de Cunha convencionar por onde hão ficar os limites invariaveis das ditas villas.

Outrosim expôz o mesmo sr. juiz de fóra presidente que sendo constante que os povos da cidade de S. Paulo pretendem acclamar Sua Magestade Imperial por imperador absoluto do Brazil, e sendo, talvez este o voto geral da nação, queria o dito commendador ouvir esta camara a semelhante respeito, por estar certo de sua grande fidelidade e amor a Sua Magestade Imperial, e unanimemente assenta-

ram que executariam promptamente tudo quanto fosse mandado por Sua Magestade Imperial ou pelo governo da provincia, sendo-lhe participado pelo dito seu presidente, e para constar mandaram lavrar este termo, que assignaram e eu Pascoal Rodrigues Velloso, escrivão que o escrevi.—Chichorro—Gouvêa—Figueira—Serafim—Aroche.

Termo de vereança extraordinaria em 1.º de Maio de 1825

Ao 1.º dia do mez de Maio de 1825 annos nesta villa de Taubaté, em os paços do conselho d'ella, onde se achava o ministro dr. juiz de fóra, presidente, o commendador Manoel da Cunha de Azevedo Coutinho Souza Chichorro, e os vereadores capitão Domingos Ferreira da Silva, o capitão Miguel Rodrigues Monte-Mór e o sargento-mór Francisco Ramos da Silva, ex-procurador transacto o alferes Honorio Corrêa de Toledo, em logar do actual João Custodio de Albuquerque por estar ausente em sua fazenda do sertão, e ahi pelo dito presidente foi proposto que lhe constava, que o povo da cidade de S. Paulo pretendia acclamar a sua Magestade Imperial por imperador absoluto deste imperio, reconhecendo ser este o voto talvez geral dos cidadãos de todo o imperio ; e portanto, elle presidente bem que muito certo da fidelidade e amor desta camara e de todo o povo taubateano, para com a augusta pessoa de Sua Magestade o Imperador, todavia queria ouvir o voto de cada um dos vereadores e procurador da camara, e unanimemente foi respondido e assentado, que queriam como bons e fieis vassallos de tão amavel soberano, que Sua Magestade Imperial governe os seus povos como monarcha absoluto, assim e da mesma maneira que o fizeram seus augustos ante-

cessores reis de *Portugal*, e que está prompta esta camara a acclamar a Sua Magestade Imperial por imperador absoluto, logo que assim lhe seja ordenado pelo mesmo augusto senhor, ou pelo excellentissimo governo desta provincia.....

. . . . . .

Despacharam-se negocios occurrentes e requerimentos do estilo, de que para constar mandaram lavrar esta acta que assignaram, e eu Luiz José Carneiro, escrivão da provedoria e da camara interino, que o escrevi.—Chichorro—Ferreira—Rodrigues—Silva—Toledo.

Acta da vereança de 2 de Maio de 1825 que mandou fazer o dr. juiz de fóra, o commendador Manoel da Cunha de Azevedo Coutinho Souza Chichorro e os officiaes abaixo nomeados e assignados

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1825, quarto da independencia e do imperio, aos 2 dias do mez de Maio do dito anno, nesta villa real de Nossa Senhora do Bom Successo de Pindamonhangaba, em as casas da camara aonde se achavam presentes o dr. juiz de fóra, o commendador Manoel da Cunha de Azevedo Coutinho Souza Chichorro e os vereadores o capitão Manoel Joaquim da Silva, e o sargento-mór Antonio Ferreira da Cunha, o tenente Francisco Salgado Silva, e o procurador do concelho do anno proximo passado, o alferes Miguel Gonçalves Silva, na falta do actual Antonio Vieira do Prado, por se achar doente, e sendo ahi todos encorporados, fizeram camara, e nella pelo dito juiz de fóra presidente foi dito que constando-lhe que o povo da cidade de S. Paulo pretende acclamar a S. M. I. por imperador absoluto deste imperio, reconhecendo ser este o voto talvez geral dos cidadãos do mesmo imperio, elle presidente, bem que seguro

muito certo da fidelidade que a S. M. Imperial professam esta camara e o povo desta villa, queria sempre ouvir a semelhante respeito o voto da mesma camara, e então unanimemente foi respondido e assentado que muito de suas livres vontades e com inexplicavel prazer declaram que ha muito que os seus corações desejam que S. M. o Imperador governe este imperio como monarcha absoluto, legislando e fazendo tudo o que praticaram seus augustos antecessores reis de Portugal: e que portanto está prompta a dita camara a reconhecer e acclamar por tal imperador absoluto em seu nome e no do povo que representa—ao muito alto e poderoso sr. D. Pedro I, e isto logo que reconheça a vontade do mesmo augusto senhor, ou lhe seja determinado pelo excellentissimo governo desta provincia.

E por não haver quem nella requeresse mandaram lavrar esta acta em que assignaram. E eu Antonio Ferraz de Araujo, escrivão que o escrevi.—Chichorro—Manoel Joaquim da Silva—Francisco Salgado Silva—Antonio Ferreira da Cunha—Miguel Gonçalves Silva.

Portaria de 13 de Maio de 1825

Constando a S. M. I. que algúmas camaras da provincia de S. Paulo têm manifestado desejos de vêr substituido ao governo constitucional o da monarchia absoluta, e não querendo, nem devendo o mesmo A. S. desviar-se da firme resolução de manter a observancia da constituição por elle solemnemente jurada, e por todos os povos do Brazil: ha por bem declarar como ordenou, que se fizesse na

data desta ao juiz de fóra de Taubaté, que só quer e ha de governar com aquelle sagrado Codigo, procurando, de conformidade com o que se acha nelle determinado, a felicidade geral de seus subditos, e o alto gráo de prosperidade e força, a que póde chegar a nação por seus poderosos meios, e que em breve a constituirão uma das mais respeitaveis da terra. E assim o manda, pela secretaria de estado dos negocios do imperio, participar ao presidente da sobredita provincia, para que dê a maior publicidade a esta imperial declaração. Palacio do Rio de Janeiro em 13 de Maio de 1825—*Estevam Ribeiro de Rezende.*

ESTANCIAS

(A MINHA MÃE)

Minha Mãe, como foge á pressa a vida!
Abstruz do deserto, mal signala
C'os pés a arêa adusta, sobre a terra
Amargosa ou feliz, passa e resvala.

Da infancia as leves penas se dissipam;
A ardente mocidade chora e esquece,
E a velhice como arvore no outomno,
Olha para o passado e reverdece.

E no riso e no amor,—no humido calix
Das flores da existencia pousa a morte :
Quando ella vem sentar-se á cabeceira
Qu'enfermo diz-lhe : Salve ! com transporte ?

Vagalhão que ora silva, ora soluça,
Bate, arqueja, recúa do penedo ;
As voltas do caminho o homem não conta,
E quando esbarra a lousa tem-lhe medo !

Mãe ! minha Mãe ! depois que o teu regaço
Deu-me affecto, calor, contentamento,
Enxuguei muita lagrima e ha caido
Bastante sombra e luz do firmamento !

Mas do vate a lembrança é facho eterno.
Tantas nuvens de pó, tanta distancia,
As tintas desbotar não conseguiram
D'aquelle quadro angelico da infancia.

Teu rosto vi então, felicidade !
Teu rosto que de mim furtas agora,
Si não te enleiam vibrações d'uma harpa
Volta-te ao menos para ver quem chora.

Ai ! nem tu voltarás, nem a esperança
Que dos outros mortaes calma a agonia !
Senhor, marca-me um leito na floresta
E não me deixes ver o fim do dia.

Ventura para vós, cedros da terra !
Repouso para mim junco do brejo !
Crêde, amantes do sol, vossa partilha
Vale menos que a minha e não a invejo.

Mãe! minha mãe! se á fonte das virtudes
O echo subir da lyra que dedilho,
Se Adonai tem ouvidos, se elle attende
A derradeira supplica de um filho:

Eu heide fenecer á luz d'aurora,
Com fronte escondida no teu seio;
Ave que o caçador feriu no ninho
E morrendo interrompe o seu gorgeio.

1859—Fevereiro.

PAULO EIRÓ.

Lenda do arraial do Ouro Preto

Rezam as chronicas e a tradicção oral de Ouro Preto que ha cousa de quasi dous seculos chegou áquella localidade um padre, talvez da Companhia de Jesus, de nome João de Faria Fialho, que andava sempre munido de um [illegible], o qual duplamente lhe servia de arma de defesa contra os animaes damninhos e reptis venenosos, e de arma de castigo com a qual restabelecia a concordia entre os barulhentos, que disputavam a posse do ouro e outros objectos, pedindo esmola para construir uma capella, onde pudesse desempenhar as funcções de seu santo ministerio.

Conta-se que em uma occasião que elle prégava aos fieis para o auxiliarem, um assistente incredulo

comprazia-se em particularmente combater as idéas e os pedidos do padre, mas que certo ponto da oração do missionario tanto impressionou-o e commoveu-o, que deu-lhe todo quanto dinheiro levava. E' sobre isto que versa a lenda seguinte :

Prégava o padre Faria,
E logo ficou patente,
Que o sermão acabaria,
Pedindo dinheiro á gente.

Eu fui commigo dizendo :
—«Não creio em taes artimanhas ;
Falla p'ra ahi reverendo,
Que nem um vintem me apanhas.»

Meu bolso estava replecto
De cobre, de prata e ouro,
E era com bem affecto
Qu'eu guardava o meu thesouro.

A' medida que o sermão
Se ia desenvolvendo,
A minha resolução
Pouco a pouco ia cedendo.

Fiquei, por fim, commovido
Com a pintura do pobre,
E estava já resolvido
A dar-lhe todo o meu cobre.

Novo rasgo de eloquencia
Fulgiu do padre na bocca,
E envergonhou-me a consciencia
De offertar cousa tão pouca.

Essa eloquencia era fogo
De uma caridade exacta,
Resolvi-me desde logo
A dar-lhe tambem a prata.

Emfim, na peroração
Mostrou tal primor e estudo,
Que dei-lhe de coração
Cobre, prata, ouro e tudo.

Questão de honra

Dois soldados da legião de Antibes, (columna do papado) tiveram uma disputa: um delles era francez e o outro suisso.

Aquelle perguntou a este:

—Porque vieste bater-te pelo papa?

—E tu? replicou o outro.

—Eu, disse o francez, vim bater-me por minha honra, ao passo que tu o fizeste por dinheiro.

—Claro está, exclamou o suisso, cada um bate-se para ganhar o que não tem.

Má é a causa que tem por defensores gente deste quilate.

ENXOVAES
PARA
CASAMENTOS, BAPTISADOS

—

FITAS DE TODAS AS CORES,
LARGURAS E QUALIDADES

—

VESTIDOS FEITOS
Á
ULTIMA MODA

—

ARTIGOS DE PHANTASIA
CHITAS
ALGODÕES
RISCADOS, ETC.
ETC., ETC,

AU PRINTEMPS
G. BERNARD

RUA DA IMPERATRIZ, 23
S. PAULO

—«»—

A mesma casa encarrega-se de apromptar vestidos e chapéus á ultima moda

POR

Preços baratissimos

LUVAS DE PELLICA

Brancas, pretas e de côres
PARA HOMENS E SENHORAS

CHAPÉUS, TOUCAS
SAPATINHOS, ENFEITES

—

FLORES
DE
TODAS AS QUALIDADES

—

GRINALDAS E VÉUS
PARA
CASAMENTOS

—

RENDAS, ENTREMEIOS
TIRAS BORDADAS

—

COMPLETO SORTIMENTO
DE ARTIGOS PARA
HOMENS, COMO
CAMISAS, GRAVATAS,
MEIAS,
PANNOS E CASIMIRAS
ETC., ETC., ETC,

GUARATINGUETÁ

Clinica medico cirurgica

O DR. A. C. DE MIRANDA AZEVEDO

Tendo fixado residencia nesta provincia, offerece aos seus comprovincianos os seus serviços profissionaes, acceitando chamados ou convites para conferencias em qualquer ponto da mesma provincia.

Dirigir-se ao mesmo em

GUARATINGUETA

Primus inter pares

(A SILVEIRA DA MOTTA)

I

Foste o primeiro—sim ! do teu navio
Abriu caminho a lucida carreira ;
Si te esqueceram—pouco importa, a gloria
Brilha inda mais si a lembram derradeira !

Foste o primeiro ! á testa da columna
Junto ás correntes te sorriram magoas :
Que bella morte assim ? !—mortalha o fumo,
Sacerdote o canhão, sepulchro as aguas !

Chuviscam bombas mil, as peças uivam,
O abysmo entôa o cantico agoureiro,
Incendeia-se o ar, ao Céo une-se a terra ;
Brazeiro é o rio, arde o horisonte inteiro !...

Mas tu foste o primeiro ! altivo rindo
De fogo e fumo a horrivel tempestade,
Diceste á morte—passaremos juntos !
Diceste á gloria—alli a eternidade !

E passaste !... na poupa do navio
A fortuna prendeste em bronzeo annel ;
Rei do torpedo—foi-te sceptro a espada,
Throno o convez, e polvora o docel.

II

Quando ao través da rubra labareda
O ferreo monstro sacudiu as patas,
Surgiu-te lindo em tolda de vapores
Teu ninho d'aguia—a serra das cascatas !

A cadeia fundiu-se, na voragem
Prisioneiro o torpedo estremecia ;
Gemeu humilde a bala, o obuz cantava,
Era orchestra festiva a artilheria !

Que scena immensa ! cupulas de fumo...
Os horisontes a tremer de luz...
O soalho das aguas côr de sangue...
E, lá no alto, os braços de uma Cruz !...

A cruz do sacrificio, a cruz da patria,
—Honra e martyrio—amor e redempção !...
A noute, os ares, o ruido, o tempo,
—Tudo fallou n'aquella escuridão !...

III

Foste o primeiro—sim ! alli teu vulto
A muralha de ferro ergueu fremente !
Já não tarda o porvir, as trevas fogem
Serás entre os Barões—Barão da frente !

Barão da frente... é o grito da justiça,
Ha de sel-o tambem da historia um dia :
Repetem-no, ao sussurro da tormenta,
O som do mar e a voz da ventania !

Vem de cima o murmurio... é sobre as ondas
Que a grandeza de Deus brilha sem véo!
Eis surge o infinito, a terra some-se,
A estrella beija o mar, a espuma o Céo.

IV

Quando a fileira negra de elephantes,
De elephantes do mar, correu bufando,
Viu-se nas margens da barranca sombras,
Entre o arvoredo tremulas passando!...

Alli estava Silveira, o grande martyr...
Alli Mariz, a homerica esperança...
Alli, sorrindo alegre o Lima Barros,
Alma gigante em corpo de criança!

Escapo do naufragio - manobrava
Vital, o nobre e heroico marinheiro;
Na titanica luta inda bramiam
Os leões mortos do fatal Esteiro!

Como em chusma dos pantanos se viam
Sangrentos vultos resurgir aos mil...
Este rufa o tambor, aquelle marcha,
Um dispara o canhão, outro o fuzil!

Cavalleiros de pé, a lança em punho—
Voam montados n'aza da metralha;
Sorri-se a morte,—e os rabidos ginetes
Rincham, medindo a estrada da batalha!...

Membros esparsos... corpos mutilados...
O sangue a espadanar na lama impura...
Grita infernal em dansa de demonios...
Rubido lago em vasta sepultura !...

Quando a fileira negra de elephantes,
De elephantes do mar, passou... passou...
Ouviu-se ao longe um brado de victoria
Entre a nuvem de luz que rebentou !

V

Todos foram heroes ;—do patrio-abraço
Heroismo e dever irmãos nasceram !
Mas tu foste o primeiro...—á tua chegada
As cadeias do rio se esconderam !

Guia da morte—audaz ergueste a louza,
Foste a campa medir, marcaste uma hora...
E, entre a borrasca chammejante ouviu-se
O tremendo signal—passae agora !

E passaram .. heroes ! mil vezes salve,
Aguias de luz, em vôo á eternidade !
—Alma do povo-rei, braço da gloria,
Oh coração da Patria, oh mocidade !

S. Paulo.

José Bonifacio.

FIM.

OPODELDOC

DE

GUACO

INVENTADO E PREPARADO

POR

A. G. DE ARAUJO PENNA

prescripto pelos medicos como poderoso e heroico remedio de applicação topica contra o **rheumatismo** agudo e chronico, nevralgias, queimaduras, tumores, etc.

A composição que com este nome foi approvada pela junta central de hygiene publica em 9 de Junho de 1875, e cuja venda foi auctorisada pela portaria do ministerio do imperio de 14 de Junho do mesmo anno, é preparada por A. G. de Araujo Penna, estabelecido com laboratorio pharmaceutico á rua da Quitanda n. 47, e authenticada com a sua marca de commercio, devidamente registrada no meretissimo tribunal do commercio desta côrte em 28 de Agosto proximo findo.

O **Opodeldoc de guaco** do annunciante é preparado com o maior cuidado e escrupulo, e está conhecido desde muito tempo como poderoso remedio contra o rheumatismo, queimaduras, nevralgias, etc. Sua fórmula é segredo que o auctor a ninguem revelou.

Entre os numerosos attestados de distinctos medicos e de pessoas curadas pelo emprego do **Opodeldoc de guaco,** destaca o annunciante alguns que fazem certo quanto affirma sobre o remedio de sua composição, hoje tão preconisado, pois que apparecem á venda outras preparações, sob o mesmo nome, grosseiras imitações vindas do estrangeiro, que não se devem confundir com o **Opodeldoc de guaco,** composição e invenção de A. G. de Araujo Penna, cujos frascos octognos do

sessenta grammas trazem a marca á margem estampada na união da cinta que cobre o frasco, no fundo deste.

Na exposição internacional do Chile de 1875 obteve o annunciante dous premios pela sua composição do **Opodeldoc de guaco,** na exposição nacional do mesmo anno obteve outro premio e na exposição de Philadelphia foi o precioso remedio premiado com uma medalha de honra!

Tal é o merecimento do **Opodeldoc de guaco** que em todas as exposições tem sido devidamente apreciado.

Para evitar as grosseiras e fraudulentas imitações, o annunciante previne aos seus freguezes e em geral ao respeitavel publico que todos os productos manipulados ou vendidos no seu laboratorio levam a sua marca, e contra quem della abusar se protesta usar das acções civeis e crimes, auctorisadas pelo Decreto n. 2682 de 23 de Outubro de 1875.

Cautella! Cautella! com os falsificadores!

47---RUA DA QUITANDA---47

Rio de Janeiro.

AGENTES

Em S. Paulo—O sr. dr. A. J. Monteiro de Mendonça.
Em S. José dos Campos—O sr. Bento Emygdio de Salles.
Em Santos—O sr. Theophilo de Arruda Mendes.

LIVRARIA POPULAR

DE

Abilio A. S. Marques

LARGO DO ROSARIO, — JUNTO A' EGREJA

Esta casa possue um variado sortimento de livros nacionaes e estrangeiros como: romances, litteratura, viagens, religião; direito, medicina e outras sciencias, obras de ensino, etc., que se vendem por preços baratissimos.

Especialidade da casa

Livros portuguezes. — Todos os mezes recebe de Portugal as publicações mais recentes.

Encarrega-se de mandar vir da Europa qualquer encommenda de livros, mediante pequena commissão.

Recebe livros á consignação, e compra obras antigas e usadas.

Assignaturas

Para os grandes Diccionarios *Popular* e *Universal*. Para Jornaes e Revistas Portuguezas: *O Occidente*, *Dous Mundos*, *Museu Illustrado*, *Renascença*, *Seculo*, *etc.*, *etc.*

Gabinete de leitura

Alugam-se livros para lèr, em casa, pela assignatura mensal de 2$000.

Indicador de S. Paulo

Administrativo, judicial, industrial, profissional e commercial

para 1879

SEGUNDO ANNO DE SUA PUBLICAÇÃO

Acompanhado da «Carta indicativa da Divisão Judiciaria e respectivas distancias da provincia de S. Paulo»

ORGANISADO E PUBLICADO POR

Abilio A. S. Marques

Apparecerá nos primeiros dias do mez de Janeiro proximo.

Recebem-se na *Livraria Popular*, Largo do Rosario, junto á Egreja assignaturas para esta publicação.

GUIA MEDICO

OU

RESUMO DE INDICAÇÕES PRACTICAS

para servir aos srs. Fazendeiros na falta de profissionaes

PELO

Dr. Luiz Pereira Barreto

OFFERECIDO

AOS

LEITORES DO ALMANACH

S. PAULO

TYP. DA «PROVINCIA», RUA DA IMPERATRIZ, 44

1878

Lista dos remedios mais usuaes que o Fazendeiro deve ter em casa

Acetato d'Ammonia	100	gram.
Acido Phenico (solução alcoolica) .	60	»
Alumen (pedra humei	200	»
Ammonia liquida (alcali volatil) .	30	»
Antimonio (manteiga de)	30	»
Azotato ou nitrato de prata (em lapis)	20	»
Azotato de potassa (nitro)	60	»
Bismuthe (sub-nitrato de)	60	»
Bromureto de potassio em xarope de H. Müre	500	»
Calomellanos	60	»
Camphora	100	»
Carbonato de magnesia	60	»
Chloral (hydrato de)	100	»
Chloroformio	60	»
Chlorureto de zinco (lapis de) . .	60	»
Citrato de magnesia effervescente .	500	»
Codeina (xarope de)	200	»
Centeio espigado	30	»
Ether (xarope d'ether)	100	»
Ferro reduzido pelo hydrogeneo .	100	»
» (Perchlorureto de ferro) . . .	120	»
Glycerina	200	»
Iodo (tint. d'Iodo)	60	»
Iodureto de potassio	30	»
Ipecacuanha em pó (poaya) . . .	120	»
Laudano de Sydenham	60	»
Sulfato de quinina	200	»
Tartaro emetico	10	»

Observação.—Nas receitas aqui formuladas, todas as vezes que não declaramos expressamente que são para crianças, fica entendido que a dóse é para adultos. Para poderem servir para crianças de 1 para 4 annos, devem ser administradas em dóse 10 a 16 vezes menores.

A palavra *grammo* escrevemos *gram*.

A palavra *centigrammo* escrevemos *centigram*.

Quatro grammos correspondem a uma oitava do antigo systhema.

Cinco centigrammos correspondem a um *grão*.

GUIA MEDICO

Abcesso. — E' o que se chama vulgarmente *tumor*. Chama-se tambem *phlegmon*, *adenite* ou *angua*, conforme a região. E' ordinariamente o resultado da inflammação de um ganglio lymphatico. Segue na sua formação uma marcha invariavel e facil de prever-se, segundo a região do corpo. Quando o abcesso está situado immediatamente debaixo da pelle, o puz forma-se e reune-se em *collecção* no decimo dia, e deve-se abrir o abcesso no undecimo ou duodecimo dia. Nas regiões profundas do pescoço, na axilla (sovaco), na região inguinal (ilharga) dos adultos, na fossa iliaca, não se deve abri-lo antes do decimo quinto ou decimo sexto dia. Nas creanças podem-se abrir as ingoas da região inguinal no decimo ou undecimo dia. No perineo (entre as duas vias), se o abcesso fôr profundo e ameaçar uma grande área, dever-se-ha abri-lo do duodecimo ao decimo terceiro dia. Nas mulheres, quando o abcesso apparece na fossa iliaca (lado do baixo ventre) depois do parto, não se deve abri-lo antes de 20 a 25 dias ; e neste caso o melhor meio de abri-lo é a *pasta de Vienna* seguida da *pasta de zinco*. Este meio, applicado em tempo, póde fazer abortar o abcesso.

Os symptomas são muito conhecidos. Nos tres primeiros dias, o ganglio augmenta de volume, torna-se doloroso á pressão, e apparecem dôres lancinantes. Do terceiro ao oitavo dia, o ganglio cerca-se de uma roda inflammatoria cada vez maior, continúa mais vivo o latejamento, os tecidos circumvisinhos empastam-se, augmenta-se a vermelhidão da pelle (que desapparece sob a pressão do dedo), e na região mais proeminente do tumor percebe-se, emfim, um ponto mais descorado ou amarellado, que indica um adelgaçamento da pelle e a proximidade do puz.

Verifica-se em geral a presença do puz pela palpação, que revela a *fluctuação*.

O tratamento, nos primeiros dias, consiste em cataplasmas, banhos de fumo, fomentações opiadas, sanguesugas e vesicatorios volantes.

Logo que o puz está formado, se o abcesso é superficial, procede-se á sua puncção por meio da ponta de uma lanceta, escolhendo-se de preferencia a parte mais proeminente ou mais declive do tumor, e, tanto quanto possivel, na direcção das rugas naturaes da pelle.

Se o abcesso fôr profundo, ou estiver situado na proximidade de arterias, veias ou nervos consideraveis, o mais prudente é fazer simplesmente a incisão da pelle com um bisturi; e, com um estylete, ou com uma penna de pato mal aparada, ou mesmo um palito, penetrar-se lentamente no fóco da collecção. Uma vez introduzido um estylete, introduz-se immediatamente um segundo, e, procurando-se affastar um do outro, consegue-se em pouco tempo dilacerar as fibras do tecido cellular ou aponevrotico, de modo a alargar sufficientemente a abertura, sem dar logar á hemorrhagia.

Na região axillar (sovaco) dever-se-ha sempre preferir este meio.

Um excellente meio, para os individuos pusilanimes, é a abertura por meio da pasta de Vienna. O modo de applica-la é o seguinte: deita-se uma pitáda de pasta no fundo de um pires, ajunta-se-lhe uma gotta de espirito de vinho ou de agoa de Colonha de primeira qualidade, mexe-se com um palito, e se applica com o mesmo palito sobre a parte do tumor, que parecer mais conveniente. Deve-se o mais que possivel procurar reunir-se toda a pasta em um só grumo sobre o tumor, e evitar que ella se espalhe, afim de que o seu effeito caustico se limite á menor extensão possivel da pelle. Para se conseguir o fim desejado é indispensavel que a pasta de Vienna não seja muito antiga e que seja conservada em vidro hermeticamente fechado.

A estes abcessos abertos de qualquer modo, costuma-se, *quando são muito grandes*, applicar um pequeno tubo de borracha, perfurado em varios pontos, para facilitar a sahida do puz nos dias seguintes: é a *drainage*. Algumas vezes, quando o puz não sahe com facilidade, e que apparece máo cheiro, é preciso praticar na cavidade do abcesso, com uma pequena serynga, lavagens repetidas, com agoa morna e coaltar (uma ou duas colherinhas de coaltar para uma chicara d'agoa). Na falta do coaltar, serve o phenol ou o acido phenico: este ultimo em menor dóse para a mesma porção d'agoa morna. Nos grandes abcessos da fossa iliaca, convém muito uma injecção com

sulfato de quinina (50 centigram. para uma boa chicara d'agoa morna). Quando o abcesso estiver situado na margem do anus, é sempre prudente, depois de se o abrir, cauterisa-lo com o lapis de nitrato de prata, seguido immediatamente de lapis de chlorureto de zinco. Deve-se passear este lapis por toda a cavidade do abcesso, e por espaço de dois minutos. Na falta destes cauterios, deve-se deixar na cavidade do abcesso um pacho de algodão ensopado em phenol puro.

Nas outras regiões do corpo, sendo o abcesso de pequenas dimensões, é bastante, depois da incisão, applicar-se-lhe uma simples mecha untada de glycerina, de banha fresca ou de gemma d'ovo.

A todos estes abcessos, terminados por uma prompta suppuração dá-se o nome de *abcessos quentes*, para distingul-los dos *abcessos por congestão*, e dos *abcessos frios*, que são accidentes extremamente raros, occasionados ordinariamente pela carie de um osso, e da exclusiva competencia dos profissionaes.

Estes abcessos exigem semanas e mezes para se formarem e não podem-se confundir com os outros de marcha rapida.

Emfim, para todo abcesso, quente, frio, ou por congestão, *de vastas dimensões*, ou situado em uma região perigosa, dever-se-ha recorrer ao medico, possivel sendo, que extrahirá o puz, *sem rasgar o tumor:* é o que se consegue por meio de uma simples agulha do *aspirador Dieulafoy*.

A grande vantagem deste meio operatorio está em não permittir a entrada do ar na cavidade do abcesso, e *não produzir uma gotta de sangue*.

Acidez ou **Azedume do estomago.**—Usar das bebidas alcalinas, como a Magnesia Fluida de Murray, as Aguas de Vichy, etc., o Bicarbonato de soda (meia colherinha d'este sal para um copinho d'agua). Na falta de outro recurso, um bom meio de fazer cessar o incommodo é uma colher de cinza do fogão em meio copo d'agua: côa-se em uma ponta de toalha e bebe-se toda a porção.

Amenorrhéa.—Falta de regras. Se fôr proveniente de suspensão, quatro a oito sanguesugas na vulva, sinapismos nas côxas, escalda-pés, banhos de assento quentes, com sal ou mostarda; usar internamente de uma colherinha de Acetato de ammonia em uma chicara de chá de laranja, de duas em duas horas.

Provindo de empobrecimento de sangue (Chlorose) usar de qualquer preparação de ferro, dos quinados, e de uma alimen-

tação substancial. Não se deve combater a amenorrhéa das pessoas que soffrem do peito.

Anemia.—Falta de sangue. Ferro, quina, boa carne, bom leite, ar puro; *vinho do dr. Cabanes.*

Angina.—Inflammação de garganta. Se houver febre, pulso frequente, corpo quente, dôres de cabeça, um vomitorio de tartaro ou de poaya. Gargarejar de seis a oito vezes ao dia com

Ag. distil.	800 gram.
Borax.	20 »
Soluç. alcool. d'ac. phenico. .	9 »
Glycerina	30 »

Muitas vezes póde-se fazer abortar a inflammação, cauterisando-se cedo as amygdalas com o lapis de nitrato de prata. Havendo puz, abrir o abcesso.

Anthrax.—Molestia grave. E' um leicenso grande, rubro-escuro, com muitos olhos. Nos primeiros oito ou dez dias, cataplasmas de linhaça laudanisados, bem quentes; administrar o sulphato de quinina; entreter a liberdade do ventre com a limonada de citrato de magnesia. Do decimo ao duodecimo dia, praticar resolutamente uma incisão profunda, em fórma de cruz, e applicar, em seguida, o lapis de chlorureto de zinco por espaço de meia hora, fazendo-o penetrar por debaixo dos labios da incisão o mais longe possivel, de modo a não deixar fóra do seu alcance recanto algum da cavidade multilocular, caracteristica deste genero de tumores.

Não se deve ter receio algum de applicar este cauterio. Por mais tempo que se o applique, nunca se cauterisa de mais, tal é a textura deste tumor. E, nos dias seguintes, se se perceber que escaparam varios pontos da superficie deste á acção do cauterio, deve-se proceder com toda a energia a uma nova cauterisação. Na falta de chlorureto de zinco, deve-se applicar o accido phenico puro, depois de feita a incisão crucial. Se o tumor fôr enorme, como ás vezes é, uma incisão crucial é insufficiente, e torna-se então necessaria uma incisão em 8, de modo a bem retalhar toda a área gangrenada, e a facilitar assim o accesso do cauterio até ás partes sãs.

Havendo um medico na visinhança, será reclamada a sua intervenção, que deverá consistir neste caso em uma completa destruição de todas as partes gangrenadas: é o que lhe permitte fazer promptamente e sem grande soffrimento para o doente, o thermo-cauterio de Paquelin.

A grande gravidade desta molestia provém da facilidade com que o doente se envenena pela absorpção dos liquidos putridos, gerados pela gangrena dos tecidos sub-cutaneos. E' o puz virulento e retido debaixo da pelle mortificada que causa todas as desordens. Ao contrario do que se passa em um abcesso simples, o puz aqui não se reune em collecção; occupa uma multidão de pequenos compartimentos separados. D'ahi a insufficiencia de uma simples incisão e a necessidade de uma energica cauterisação. Nada de mais perigoso em um anthrax do que uma pequena incisão não seguida de cauterisação. Esta molestia não admitte meio termo: ou tudo ou nada. Ou não se toque no tumor, ou extinga-se de um golpe toda a região contaminada. Com resolução e sangue frio, salvam-se todos os doentes. As hesitações e as meias medidas conduzem-n'os á sepultura.

O curativo consecutivo é muito simples. De manhã e á tarde banha-se com agua morna e aguardente a parte doente. Em seguida applica-se na ferida fios de linho bem ensopados na seguinte pommada:

Glycerina	60 gram.
Amido	4 »

F. ferver no banho Maria, até a consistencia de gomma ordinaria. Ajunte

Coaltar.	10 »

Mixture.

Na falta desta pommada, um simples cataplasma, ou ceroto, ou banha fresca.

Aphthas.—Ligeiras exulcerações da mucosa da bocca. Tocar com um lapis de nitrato de prata, ou com pedra-hume, as excoriações.

Apoplexia cerebral.—Seis sanguesugas atraz de cada orelha, vinte a trinta no anus; purgativos energicos, calomelanos na dóse de um grammo de manhã e á noite; synapismos ou vesicatorios nas pernas; pannos molhados em agua avinagrada na cabeça; travesseiro alto; desabotoar a camisa, as calças e ceroulas. As grandes sangrias pela lanceta, depois da hemorrhagia cerebral ter tido logar, são inuteis. Como preventivo das congestões cerebraes, que dão logar á hemorrhagia, uso seguido das aguas de Friedrichshall e de Carlsbad: um bom copo de mesa, amornado com um pouco d'agua fervendo, de manhã bem cedo; regimen brando.

Ascite.—Hydropesia limitada ao ventre, produzida sempre por uma molestia do figado, ou do coração, ou dos rins, ou da pelle. Combater a causa: purgantes diureticos; uma boa formula é a seguinte.

Agua distil.	1,000 gram.
Cremor soluvel de tartaro . .	60 »
Bicarbonato de soda . . .	2 »
Sub-carbon. de potassa . .	15 »
Acido citrico	12 »
Tartrato de Fer. e Potas . .	0,40 (centigr.)

Tome dous copinhos (de martelo) de manhã cedo, um ao meio dia, e meio copinho á noite, ao dormir.

Asphyxia por submersão.—Soccorros aos affogados, mesmo na beira do rio, longe de outros recursos.

Despir immediatamente o afogado, embrulhar toda a roupa em um só pacote, virar o doente de bruço, collocar debaixo do estomago o rollo da roupa de modo que a cabeça fique repousada com a testa sobre o chão; ajoelhar-se ao lado, e, com as duas mãos collocadas sobre a espinha dorsal, acalca-la com força para baixo, retirar bruscamente as mãos, tornar a calcar, e assim consecutivamente, repetindo este manejo dezeseis a dezoito vezes por minuto. Este processo tem por fim fazer sahir toda a agua dos pulmões e do estomago. No fim de dous minutos, vira-se outra vez rapidamente o doente, collocando-o de costas, com a barriga para cima, põe-se o mesmo rollo de roupa debaixo da espinha, de modo que o ventre fique bem proeminente e a cabeça em nivel mais baixo: um ajudante toma as duas mãos do afogado reunidas palma com palma, ergue-as, e descrevendo um arco de circulo, as abaixa, sempre juntas, até encostar no chão, mantendo os braços bem esticados. Com uma mão ou mesmo com o joelho, o ajudante conserva as mãos e os braços do afogado nessa posição. Com outra mão, tendo o pollegar e o indicador envolvidos em uma ponta do lenço, elle pega a ponta da lingua e a puxa para fóra da bocca, apoiando ao mesmo tempo sobre o queixo para auxiliar a abertura da bocca.

Feito isto, a mesma pessoa que praticou a compressão alternada sobre as costas, ajoelha-se ao lado direito do doente, e, collocando as duas mãos bem abertas sobre a caixa do peito, mais para o lado do ventre, de modo que as munhecas repousem sobre o estomago, e executa o mesmo manejo, porque começou, comprimindo com força, e retirando as mãos bruscamente, repetindo este jogo dezeseis a dezoito vezes por minuto.

Esta posição do doente tem por fim fazer-lhe chegar á força o ar nos pulmões: é um momento capital da operação.

Se houver uma casa na visinhança, para ella se transportará immediatamente o afogado, para nella se lhe dar estes primeiros soccorros, deitando-se então o doente sobre cobertores quentes, applicando-se-lhe nos pés botijas d'agua quente ou saquinhos de arêa quente, emquanto um outro ajudante pratica esfregações com um pedaço de baeta ou com uma escova, pela barriga, pelo peito, pelos braços e pelas pernas, e que um outro procura uma seringa, a encha com fumaça de fumo e lhe applique um clyster de fumaça, repetindo-o tres ou seis vezes, se fôr preciso.

Ainda que o affogado não dê signal de vida no fim de uma ou duas horas, não se deve por fórma alguma cessar estes soccorros, sobretudo o manejo da respiração artificial. Exemplos ha de affogados, que demoraram na agua 7 e 8 horas, e que se conseguiu fazer voltar á vida no fim de cinco e seis horas de esforços.

No caso do affogado voltar á vida, não se dará a tarefa por concluida, mas se terá a maior vigilancia sobre os symptomas de congestão cerebral e congestão pulmonar, de que está ameaçado. Se tal fôr a emergencia, seis sanguesugas atraz de cada orelha, doze a quinze no anus, synapismos nas pernas, dieta severa, um purgativo salino brando, com sal amargo ou citrato de magnesia.

Muito cuidado na alimentação nos dias seguintes.

Asthma.—Tres a cinco pilulas de bromureto de camphora por dia, ou 5 centigrammos (1 grão) de extracto de meimendro e dois de extr. thebaico, ao meio dia e á noite, cigarros anti-asthmaticos de *Lucio*.

Barriga d'agua.—Veja **Ascite.**

Beri-beri.—Veja **Febres.**

Bronchite aguda.—1.° *Simples e branda.* Escalda-pés, chá de sabugueiro, quatro grammos de acetato d'ammonia em chá de folha de larangeira; nos dias seguintes, uma colher de sopa de xarope de Codeina, de Berthé, de manhã, ao meio dia e á noite.

2.° *Intensa* — Um vomitorio de poaya, agua tartarisada, duas colheres de oleo de ricino; dieta severa; uma pilula, á noite, de 5 centigrammos (1 grão) de extrato de meimendro e dois de extracto thebaico. Nos dias seguintes, 10 a 12 pasti-

lhas de Kermes por dia ; uma colher de xarope de Codeina, de manhã, ao meio dia e á noite.

3.° *Chronica*.—Oito a dez capsulas de alcatrão por dia, cincoenta centigrammos de pós de Dower, á noite ; entreter a liberdade do ventre; aguas sulphurosas, de Bonnes, meia garrafa por dia ; flanella no corpo, meias de lã ; hydrotherapia.

Bronchite capillar das crianças. — Molestia grave. Emquanto não chega o medico, uma colherinha de hora em hora da seguinte poção :

Ag. distil.	60 gram
Vinho d'antimonio	1 »
Tint. de meimendro	1 »
Xarope d'Ipecac.	30 »
Ag. de louro cerejo.	2 »

Esta formula é para crianças de anno e meio a dous annos. Para os de maior ou menor edade, augmentar ou diminuir o numero de colherinhas.

Bem passada a febre, uma colherinha de 3 em 3 horas de

Xarope de Ipecac.	50 gram.
Dito de Tolu	40 »
Dito de Codeina	30 »
Laudano de Sidenh.	4 gottas
Ether nitrico	6 »

Bubão.—Veja **Abcesso.**

Camara de sangue.—Veja **Dysinteria.**

Carbunculo.—Mesmo tratamento que para o anthrax, com a differença apenas de se dever proceder á incisão crucial e á cauterisação immediatamente que o mal fôr descoberto.

Cancro venereo.—Lavagens repetidas com :

Agua distil.	600 gram.
Coaltar	20 »
Vinho aromatico	80 »

Applicar em seguida sobre a ferida uma pitada de

Calomellanos	8 gram.
Subnitr. de Bismuth	4 »
Assucar de leite	2 »

F. em pó finissimo.

Outra fòrmula :

Iodoformio	2 gram.
Amido bem secco	3 »

Applique uma pitada sobre cada ferida.

Se houver viva inflammação, banhos mornos e prolongados, cataplasmas de linhaça, laxantes, dieta. Se a cicatrisação se mostrar por demais morosa, tocar as feridas com o lapis de nitrato de prata, vinho quinado ou ferrado nas comidas. Ter bem em mente que o cancro é a porta por onde penetra a syphilis no organismo, e que a syphilis não se cura com menos de dous annos de tratamento pelo mercurio ou pelo iodureto de potassio.

Cephalalgia. — Dôr de cabeça. Póde provir de sangue de mais ou de menos, de plethore ou de anemia, por incommodo de estomago, de nervos, etc., ou como symptoma unico de impaludação, de febre intermittente.

Applicar pannos molhados em agua sedativa, beber café forte; tomar 15 a 20 gottas de tint. de meimendro em 15 a 20 gram. (uma colher de sopa) de xarope de bromureto de potassio á noite, ao dormir; fazer uso seguido de guaraná. Havendo desconfiança de intermittentes, 15 a 20 centigram. (3 a 4 grãos) de sulphato de quinina de manhã, ao meio dia e á noite; augmentar a dóse se não ceder.

Attenção para o lado do estomago e intestinos; corrigir as digestões.

Chlorose.—Veja **Anemia.**

Chorea.—Dansa de S. Guido. Xarope de bromureto de potassio, 3 a 6 colheres de sopa ao dia; gymnastica.

Colicas.—*Intestinaes e d'estomago.* Applicar um vomitorio de poaya, se se reconhecer como causa uma indigestão. Sendo nervosas, administrar de meia em meia hora uma colher de sopa da poção seguinte :

Solução de gomma	100 gram.
Xarope d'Ether	60 »
Espirito de Sylvius	5 »
Tint. de Belladona	3 »
Ag. dos Carmellitas	4 »

Se se repetirem frequentemente as colicas, fazer uso se-

guido das perolas de terebenthina, tomando duas depois do almoço, duas depois do jantar e duas á noite, ao dormir.

Colicas do figado e dos rins (hepaticas e nephreticas). Devidas á formação de calculos ou pedras.

Fazer uso prolongado das aguas Carlsbad e de Püllna.

Convulsões *das crianças.*—Deve-se sempre suspeitar uma indigestão; e, havendo fundamento para a suspeita, administrar um vomitorio de poaya. Sendo devidas á dentição unicamente, dar a respirar á criança de 2 até 10 ou 12 gottas de chloroformio em um pedacinho de esponja, e deixa-la dormir até que appareça uma boa transpiração. Para evitar a repetição dos ataques, administrar de manhã, ao meio dia e á noite uma colherinha do xarope de bromureto de Henry Müre.

Sendo devidas a vermes intestinaes, administrar um vermifugo qualquer. A seguinte é uma boa formula:

Santonina	5 a 10 centigram.
Calomellanos . . .	5 a 10 »
Resina de jalapa . .	3 a 5 »
Assucar	q s.

Tome de manhã cedo, e repita, precisando, dois ou tres dias depois.

Quando se suspeita que as convulsões são devidas á falta de evacuações intestinas, como frequentemente acontece nas crianças de tenra edade, deve-se promptamente administrar um pequeno clyster de uma colherinha de sal refinado, 10 a 15 gottas de vinagre em 2 ou 3 colheres de sopa d'agua fria.

Apparecendo as convulsões depois de ter estado a criança brincando por algum tempo ao sol, sem chapéu, deve-se pô-la immediatamente em um grande banho mórno, de modo que o corpo inteiro fique dentro d'agua, e, [emquanto está no banho, applica-se-lhe sobre a cabeça pannos molhados em agua fria com vinagre. Depois do banho dá-se-lhe de hora em hora 5 ou 6 gottas de tintura de meimendro em uma colher de agua fria, ou uma colherinha de xarope de bromureto de 3 em 3 horas.

Todos estes cuidados devem ser administrados com calma e sangue frio. Os soccorros precipitados, a desordem e a confusão, que reinam nessas occasiões, são extremamente prejudiciaes á criança. Não se deve applicar remedio algum, sem primeiro indagar, com toda a calma de espirito, se a criança comeu ou não alguma cousa indigesta, se ha ou não dentes sahindo, se tem ou não evacuado, se a ama esteve ou não com

ella ao sol, se tem ou não alguma inflammação, alguma ingoa, alguma ferida, etc., etc.

Com este simples modo de proceder, fiquem as mães bem persuadidas de que em 99 vezes sobre 100 os seus filhos não correm perigo algum.

Propositalmente não indico tratamento para as convulsões que annunciam a invasão do sarampo, da escarlatina, da pneumonia, da bronchite aguda, etc.; são, nesse caso, accidentes secundarios que não devem interromper a marcha do tratamento da molestia, de que dependem.

Coqueluche. —Vindo com febre, veja o tratamento da *bronchite*. Sem febre, uma até 6 gottas (conforme a edade da criança) de laudano á noite ao dormir. Para as crianças de peito, de poucos mezes, uma gotta de laudano é dóse por demais forte, e deve ser dividida em 3 ou 4 colherinhas d'agua, para só lhe dar uma ou duas. Durante o dia, tomarão 2, 4 ou 5 colherinhas de xarope de Codeina. Nas 3 ou 4 primeiras semanas, é preciso muito agasalho. Só depois de passado o periodo agudo, convém fazer a criança mudar de ares. E só para o fim da molestia convém recorrer aos choques de agua fria.

Croup.—Não existe o verdadeiro croup no Brazil, só temos o falso croup, molestia relativamente benigna, que cede com o tratamento da angina e da bronchite.

Cystite.—Inflammação do collo da bexiga. 1.° aguda ; 2.° chronica. No periodo agudo, banhos mórnos frequentes e prolongados, repouso na cama, grandes cataplasmas de linhaça bem quentes sobre o ventre, sanguesugas no anus, bebidas frescas e ligeiramente purgativas ou gazozas, citrato effervescente de magnesia, uma colherinha em meio copo d'agua de hora em hora.

No periodo chronico, perolas de terebentina, 8 a 12 por dia ; capsulas de alcatrão, 9 a 10 ; meia colherinha de copahyba de manhã e á noite ; liberdade de ventre, muito pouco exercicio ; flanella no corpo, meias de lã, aguas de Vidago.

Não cedendo a molestia com facilidade, ou voltando ella com pequenos intervallos, com persistencia dos seguintes symptomas : vontade frequente de ourinar ; dôr no fim da ourina, ourinas sanguinolentas ou catarrhaes, viscosas, exhalando máu cheiro, ás vezes limpidas ao sahir, mas logo depois turvando-se e depositando mais ou menos sedimento no fundo do vaso, deve-se suspeitar, ou antes póde-se affirmar que existe ou um estreitamento da urethra, ou uma hypertrophia da prostata, ou pedra na bexiga. E' preciso absolutamente que o doente se sub-

metta a um exame completo pela sonda. Não deverá se impacientar, se o medico exigir 15, 20 ou 30 dias para poder affirmar se existe ou não uma pedra. A preparação do canal deve ser demorada e conduzida com a mais indefessa prudencia. Se os incommodos forem mais intensos de dia do que de noite, é quasi certa a existencia da pedra. Se, pelo contrario, forem mais vivos á noite do que de dia, é mais provavel a existencia de uma hypertrophia prostatica.

Só a sonda de metal póde decidir, com plena auctoridade, do diagnostico; accrescendo que nem todas as sondas metallicas são proprias para um exame de tanta magnitude: é de rigor que a sonda seja de estanho e *de uma curva extremamente pequena*. O doente não deve admittir a sonda de metal, sem estar primeiro muito habituado com as sondas molles de gomma, de calibre gradativamente crescente.

Dartros.—*Empingens.*—O povo dá ordinariamente um ou outro destes nomes a um grande numero de affecções cutaneas differentes. Não existe tratamento especial para *dartros*. Cada molestia da pelle reclama sua medicação particular. O mais que podemos dizer, é que, em geral, o oleo de figado de bacalhao, o ferro, a quina, o arsenico, o enxofre, os banhos sulfurosos, os iodados, a salsaparrilha, a caroba, os banhos de mar, fazem grande beneficio á maior parte destas affecções diathesicas.

Externamente, para os dartros humidos, seropurulentos, com mais ou menos tendencia á formação de crostas, frequentes nas crianças lymphaticas ou escrophulosas, sobretudo na cabeça, nas orelhas e no rosto, se applicará com grande vantagem uma ou outra das seguintes formulas:

Precipitado branco		4 gram.
Sub-carbonato de chumbo . .		1 »
Banha fresca		30 »
Acido benzoico		0,40 (centigr.)

F. uma pommada, a applicar duas ou tres vezes ao dia.

Outra:

Oleo de Cade Bicarb. de soda Alcatrão	ã, ã . . .	4 gram.
Banha fresca	30	»

F. uma pommada a applicar duas ou tres vezes ao dia.

Outra :

Sulfato simples d'Alumine . . .	4 gram.
Glycerina	30 »

A applicar uma ou duas vezes ao dia.

Outra :

Oxido branco de zinco	4 gram.
Banha	30 »

A applicar duas a tres vezes ao dia.

Outra :

Coaltar	10 gram.
Phenol	4 »
Glycerina	60 »

A applicar tres ou quatro vezes ao dia.

Outra :

Iodureto de potassio	4 gram.
Iodureto de enxofre	0,15 (centigram.)
Tint d'iodo	15 gottas
Banha	30 gram.

A applicar duas a tres vezes ao dia nos dartros ulcerosos de máu caracter e chronicos.

Se os dartros forem devidos a uma diathese francamente escrophulosa, administre-se internamente o xarope sulfo-bromo-iodado, de Le Goux, de tres colherinhas a quatro colheres de sopa por dia, conforme a edade.

Delirium tremens.—Hallucinação, loucura succedendo ao abuso de bebidas alcoolicas.

Tratamento :

Xarope de Bromureto de potas. H. Müre. 1 frasco
ajunte

Tint. de Digitalis . . . . . 8 a 10 gram.

tome uma colher de sopa de tres em tres horas, ou menos, se o delirio fôr moderado.

Um grão (5 centigram.) de opio, de manhã, ao meio dia e

á noite, produz tambem excellente effeito nas pessoas não sanguineas.

Dentição. — Veja —**Convulsões.**—Muito cuidado na alimentação da creança. Durante essa phase, o estomago soffre uma transformação profunda, que o torna extremamente susceptivel; e o systhema nervoso se impressiona com a menor irritação gastrica.

Dentes.—*Dores de dentes.*—Um pouco de cloral em pó na cova do dente.

Diabete.—*Glycosuria* ou *Ourinas doces* —O doente ourina muitas garrafas por dia, e as ourinas contêm assucar. Deve abster-se dos farinaceos, como o arroz, e cingir-se á carne, aos ovos, ao queijo, ao peixe, a um prato de hervas e a um pouco de casca de pão. Fazer uso seguido da preparação de ferro e quina; tomar antes da comida um gramma de carbonato d'ammonia; trazer flanella no corpo; tomar choques de agua fria; fazer bastante exercicio a pé e a cavallo.

Diarrhea.—*1.º das creanças*—Póde provir de uma grande debilidade ou de uma irritação de estomago e intestinos. Se resultar, como quasi sempre acontece, de uma indigestão, administrar antes de tudo um laxante brando, como o citrato effervescente de magnesia na dóse de uma colherinha em um copinho d'agua, de hora em hora, até apparecer a conhecida evacuação de purgante. Depois do periodo agudo, se applicará uma qualquer das seguintes formulas:

Para creança de dous a tres annos.

Ag. de canella	60 gram.
Extr. de pau campeche . . .	1 »
Espirito de Sylvius	1 »
Cognac	1 »
Laudano de Sidenh.	0,20 (4 gottas)
Xarope de c. c. de laranjas . .	20 gram.

Tome uma colherinha de hora em hora, de duas em duas horas ou de tres em tres horas, conforme a intensidade.

Outra:

Electuario de Catto	60 gram.

Tome uma colherinha de manhã, ao meio dia e á noite, simples ou com leite.

Outra :

Agua de herva doce	60 gram.
Tint. de noz vomica	0,2 (4 gottas)
Cognac	2 gram.
Xarope de c. c. de laranjas . .	15 »

Tome uma colherinha de duas em duas horas.

Se a creança fizer uso de leite de vacca ou de cabra, ajuntar-lhe duas ou tres colheres de agua de cal para cada chicara de leite.

2.º *Diarrhea dos adultos.*—Em primeiro logar, um laxante de citrato de magnesia ou de oleo. Se não ceder com isto, administrar a poção seguinte :

Solução de gomma	600 gram.
Subnitr. de Bismuth	10 »
Sulfato de morphina	0,05 centigr.

vascolege e tome um calix de tres em tres horas.

Sendo chronica a diarrhea, deve-se suspeitar ou a phthisica mesenterica (e mesmo pulmonar) ou a presença de ulcerações intestinaes resultantes de dysenteria. Quer em um, quer em outro caso, o doente deve procurar o clima das altas serras. Recommendo especialmente os *campos do Jordão*, serra da Mantiqueira, municipio de Pindamonhangaba, como o melhor que se póde desejar neste genero. Veja art. *Phthisica*.

Dysenteria.—O povo confunde geralmente *dysenteria* com *diarrhea*. Entretanto, uma é quasi a negação da outra. E' preciso que se saiba que na dysenteria o symptoma principal é a prisão de ventre. E' porque ha prisão de ventre que o doente vae 20, 30 ou 60 vezes ao dia á banca, extenuando-se em penivеis esforços, para não expellir senão uma insignificante quantidade de mucosidades, um pouco de catharro simples ou com rajas de sangue.

D'ahi resulta a indicação de se applicar antes de tudo um laxante de oleo, de sal amargo ou a poção seguinte :

Ag. distil.	800 gram
Sulfato de magnesia . . .	20 »
Citrato de magnesia effervesc.	30 »
Nitro	1 »
Tint. de meimendro	4 »

tome um bom calix de hora em hora.

Dieta : só caldos fracos de gallinha e sôro de leite.

Outra :

Agua distil.	500 gram.
Magnesia fluida	300 »
Acido Phenico	4 gottas
Magnesia effervescente . . .	20 gram.

tome um calix de hora em hora.

Se a dysenteria se tornar chronica, applicar tres vezes ao dia o seguinte clyster :

Solução concentrada de gomma .	120 gram.
Sub-nitrato de Bismuth . . .	8 »
Acido phenico	2 gottas

para um clyster.

Nas dysenterias mais graves, caracterisadas pela prostração de forças, febre intensa e os repetidos tenesmos (puxos), convem começar por um vomitorio de poaia, e administrar logo em seguida a poção seguinte :

Agua distil.	700 gram.
Sulfato de magnesia . . .	24 »
Sulfato de quinina.	1 »
Acido sulfurico	10 gottas

tome um copinho (de martello) de hora em hora.

Continuar nos dias seguintes pela manhã com a poaia sob fórma de infusão ou chá, assim preparada :

Raiz de ipecacuanha	4 gram. (1 oitava)
Agua fervendo	120 » (4 onças)

Redobrar de cuidado na comida ; evitar sobretudo a gallinha *cozida*.

Dysmenorrhea. — Dôres no momento das regras. Provém, ou de um estreitamento congenito do collo do utero, ou de um polypo, ou de ulcerações do collo, ou de uma in-

flammação dos annexos do utero, etc., etc. Tratamento quasi exclusivamente cirurgico. Na falta deste a poção seguinte:

Xarope d'Ether	60 gram.
Tintura de Castoreo	6 »
Dito de Valeriana.	1 »
Laudano	3 »

Tome uma colherinha de chá de meia em meia hora, até cessação ou grande diminuição das dôres. Deve-se parar com o remedio logo que se manifeste grande somnolencia.

Dyspepsia. —Digestão difficil; sensação de peso, crescimento de estomago, flatulencia, queimação de estomago, azedume; más dejecções. Usar da magnesia fluida de Murray, um calix em agua, e algumas gottas de tintura de Genciana. de Columba ou de myrrha, de manhã, ao meio dia e à noite. Não cedendo com isso, fazer uso da seguinte preparação:

Sub-nitrato de Bismuth . . .	15 gram.
Magnesia calcinada	24 »
Bicarbonato de soda	6 »
Sub-carbonato de Bismuth . .	12 »
Noz vomica em pó	2 »

para dividir em 36 papeis.

Tome um depois do almoço, do jantar e à noite, em um pouco d'agua fria.

Não cedendo com isto, fazer uso das pilulas de pepsina, duas ou tres depois de cada comida, ou do vinho de pepsina e Diastase, de Chassaing, uma boa colher depois do almoço e do jantar. Choques d'agua fria de manhã, seguidos de bom exercicio a pé. Residencia por um a tres mezes nos—campos do Jordão.

Eclampsia. — Ataques de convulsões nas mulheres gravidas. Molestia grave. Mui rara no Brazil. O melhor remedio é:

Xarope de bromureto de H. Müre. .	1 frasco
Chloral	12 gram.

tome uma colher de sopa de hora em hora.

Envenenamento.—Fazer vomitar immediatamente o doente, com uma penna na garganta ou com uma colher de poaia em pó e agua morna; dár ao doente grande quantidade de claras de ovos batidos, ou muito leite, ou farinha de trigo com agua.

Enxaqueca.—Veja *Cephalalgia.*

Epilepsia.—*Gotta.* Usar do xarope de bromureto de potassio de H. Mure por um a tres annos.

Erysipela.—Sendo branda, repouso na cama, dieta; polvilho com camphora sobre a parte doente, ou, melhor ainda, cobri-la de uma boa camada de collodio por meio de um pincel. Internamente, a seguinte poção:

Agua distilada	600 gram.
Nitro.	1 »
Acido citrico	10 »
Sub-carbon. de potassa . . .	12 »
Xarope de limões	20 »
Tint. de meimendro	5 »

tome um copinho de hora em hora.

Sendo mais forte o ataque, começar por um vomitorio de tartaro, e administrar em seguida o sulphato de quinina, na dóse de 30 centigrammos (6 grãos) de manhã, ao meio dia, e á noite. Abrir todas as collecções purulentas. Cobrir as partes doentes com pannos molhados em

Ag. distil.	500 gram.
Sub-acetato de chumbo . . .	8 »
Acido phenico	1 »

Repetindo-se com frequencia os ataques, ou dando logar á inchação (elephantiases) das pernas, mudar de ares, clima de serra.

Febres.—*Não symptomaticas das molestias agudas.* Na Europa e em todas as regiões existem muitas febres distinctas. No Brazil não temos senão *uma febre*, é a *febre palustre*, a febre do veneno dos pantanos, que ora se chama—Febre intermittente—ora—Maleitas—ora—Sezões—ora—Febre typhoide,—ora—Febre perniciosa,—ora—Febre larvada,—ora—Febre biliosa grave dos paizes quentes. Todas estas designações não indicam senão um só e o mesmo facto: o envenenamento do

sangue pela absorpção de plantas microscopicas, geradas nos pantanos.

A febre amarella, molestia especial, que reina nas nossas costas, não é de origem brazileira; a importamos sempre do estrangeiro. E não ultrapassando jámais a serra do mar, não nos occuparemos com ella aqui. O mesmo faremos para com o *Typho* ou *Febre typhoide*, molestia muito commum na Europa mas impossivel entre nós, porque no nosso paiz faltam-lhe absolutamente as condições de origem e da propagação. O que se chama entre nós «Typho» ou «Febre typhoide», não é mais do que a nossa febre palustre «com caracter pernicioso ou larvado, e que só se cura com altas dóses de sulfato de quinina». E não hesitamos em asseverar que os doentes, que aqui morrem de «typho» ou «febre typhoide», morrem simplesmente *por falta de sulfato de quinino.*

A febre palustre entre nós se appresenta sob todas as formas, reveste todas as feições, todas as mascaras, e occasiona assim diariamente graves erros de diagnostico. E' tal a variedade de typos, que póde affectar, de symptomas que póde apresentar, que alguns clinicos julgam poder crear entre nós, com um certo grupo desses typos e symptomas, uma molestia á parte, o «beri-beri». Este epitheto é admissivel, com a condição que se saiba claramente que o «beri-beri» é uma das innumeras formas da impaludação, e que o seu tratamento deve ter sempre por base o maravilhoso principio da casca da quina.

A nossa febre palustre appresenta todos os gráus de intensidade: desde o mais benigno arrepio de corpo, ou a mais leve dôr de cabeça, manifestando-se a uma hora certa, até a mais violenta explosão de um ataque pernicioso. Nenhuma molestia existe no mundo mais traiçoeira. Devemos estar sempre álerta, na cabeceira de qualquer doente, para não deixar escapar o menor indicio de sua presença. E' uma febre de tal ordem que muitas vezes o doente, no estado o mais perigoso, não accusa absolutamente reacção febril alguma, não tem sêde, não tem dôr, não se queixa de cousa alguma. E' uma *febre* sem *febre!* E' a esta forma que se dá o nome de *febre larvada*, que quer dizer mascarada. Neste caso, o mais seguro indicio da gravidade da molestia, é o aspecto de apathia, de indifferença, de irresolução, de grande abatimento moral e physico, que se nota no rosto do doente: é a sua nenhuma vontade de deixar o leito, no qual conserva-se indefinidamente deitado de costas; é, emfim, um tremor mais ou menos pronunciado, que se observa nas mãos, nos braços e na lingua, que é ordinariamente secca, e coberta de uma camada de muco espesso, mais ou menos escuro ou côr de foligem, do mesmo modo que as gengivas, os dentes e os labios.

E' de urgencia accudir a um doente nestas condições com dóses de 4 ou 6 grammos de sulphato de quinina por dia; isto é: nas 24 horas.

Em quasi todas as molestias agudas e febris, entre nós, devemos vêr sempre, occulto no fundo do quadro, o espectro da febre palustre. Esta prevenção é de rigor, sobretudo, nas nossas pneumonias de entrada e de sahida do verão.

Os doentes que morrem de pneumonia, morrem realmente de *febre perniciosa*. A pneumonia franca e simples é uma molestia benigna, da qual ninguem morre. Eis a razão porque, na pneumonia, depois de um suador e de um vomitorio de tartaro ou de poaya, convém immediatamente administrar grandes dóses de sulfato de quinina, 2, 4 a 6 grammos nas 24 horas, conforme a edade e a força do doente evidentemente.

A febre palustre, no seu mais alto grão de violencia, toma o nome de febre perniciosa. Conhece-se um ataque pernicioso pelos seguintes symptomas,—que muito se assemelham e geralmente se confundem com um ataque apoplectico—: depois de alguns dias de ligeira indisposição, de uma intermittente em apparencia branda, ou subitamente, o rosto do doente torna-se congesto, vultuoso, rôxo; os olhos injectados, proeminentes, sem lustro normal; a lingua sêcca, com a apparencia de couro, negra, ou coberta de um muco pegajoso, que agarra aos dentes; a consciencia nulla ou extremamente apagada, os sentidos obtusos e abundantes suores derramando-se pela cabeça, testa e pescoço, até as clavículas (sangrador), «ao passo que o resto do corpo se conserva perfeitamente secco», sem a menor humidade na pelle.

Se o doente puder engolir, é preciso dar-lhe sem perda de tempo, 3 grammos de sulfato em uma limonada de limão, ou em uma chicara de café com assucar. Se não puder engolir, é preciso dar-lhe um clyster d'agua morna com um grammo de sulfato, e repetir a dóse mais duas vezes com intervallo de uma hora.

Do momento em que o doente volte ao estado de consciencia—se lhe não tiver sido dada a dóse de tres grammos—è preciso dar-lh'a sem demora; e, seis horas mais tarde, dá-se-lhe mais uma dóse de um, dous ou tres grammos, conforme a intensidade do ataque. Nos tres dias seguintes se lhe dará um grammo de manhã, um ao meio dia, e um á noite. Ao depois se passará a dar-lhe meio grammo de manhã, ao meio dia e á noite. E, afinal, 30 centigrammos (6 grãos) de manhã, e 30 centigram. á tarde. Nos casos graves, póde-se e deve-se elevar a dóse até 8 grammos nas 24 horas.

Nas febres intermittentes communs, isto é: de intensidade media, e quando se conhece com exactidão a hora do successo,

é mais conveniente applicar uma só dóse de 60 centigrammos a um grammo por dia, tres horas antes do accesso. Não se podendo perceber bem claramente a intermittencia,—o que acontece frequentemente—dá-se de manhã, ao meio dia e á noite, uma dóse de 30 a 40 centigrammos (6 a 8 grãos de cada vez.)

Todas as fazendas devem estar providas de sulfato de quinina. E' a febre palustre que mais mata os escravos. Em todas as molestias acompanhadas de febre, e emquanto se manda chamar o medico, todo fazendeiro prudente deve administrar ao doente pelo menos 60 centigram. (12 grãos) de sulfato de quinina. Havendo febre a quinina approveita sempre, e estando o doente couraçado com uma boa dóse desse bemfazejo sal, ha tempo para se pensar e esperar o medico.

As grandes dóses de quinina produzem a zoada nos ouvidos e o endurecimento do estomago; os doentes parecem surdos e queixam-se de ter o estomago *entaboado*. São effeitos passageiros que não reclamam cuidado algum especial.

Hoje possuimos um excellente meio de administrar o sulfato, sem que o doente perceba o seu sabor excessivamente amargo: *são as perolas de quinina*, do dr. Clertan. Cada perola contém 10 centigrammos (2 grãos) de sulfato. Por consequencia para as intermittentes communs, se administrará de 3 a 4 de manhã, 3 a 4 ao meio dia e 3 a 4 á noite.

Melhor ainda seria que todos os fazendeiros apprendessem a applicar o sulfato em injecção subcutanea por meio da seringa de Pravaz.

Emfim, conjuramos ossrs. fazendeiros para que pezem bem a vida de sua familia e a de seus escravos, e acceitem como um dever de honra e de humanidade a sagrada tarefa de plantar em larga escala, em suas fazendas, a *Quina calisaya* do Perú. Graças aos intelligentes esforços do nosso compatriota, dr. Felippe Lopes Netto, o nosso governo se acha hoje em estado de fornecer sementes dessa abençoada planta a quem quizer. Os que não quizerem se dirigir ao governo podem dirigir seus pedidos a qualquer horticultor ou negociante de sementes, da Côrte. Uma plantação de quina não é só um legado de saude, uma segura arma contra a morte, que se deixa aos filhos e aos netos: é tambem uma fonte certa de renda. O preço do sulfato cresce cada vez mais. Ultimamente chegou a trinta mil réis a onça (!) preço que não está ao alcance da bolsa de milhares e milhares de miseros doentes de todas as partes do mundo. E, por cumulo de fatalidade, não conhecemos um só remedio que possa substituir o sulfato de quinina.

—*Meios hygienicos contra as febres*—Collocar a casa de morada em logar alto, longe de brejos ou pantanos. Não con-

sentir em roda de casa lama, aguas empossadas, chiqueiro de porcos, montes de palhas, ou lixo de qualquer qualidade que possa fermentar e apodrecer. E' preciso queimar todos os montes de palha de arroz (a mais perigosa de todas); fazer o mesmo com a palha de feijão e o bagaço da canna. Não se levantar de madrugada, nem sahir de casa em jejum, nos logares onde reinam mais intensamente estas febres. Aos viajantes e caçadores que frequentam as paragens, onde reinam as sezões, aconselhamos que nunca se exponham aos miasmas das margens dos rios, de manhã muito cedo, sem terem o estomago bem forrado com um espesso café com leite ou com um bom almoço de garfo. Do momento que entra o sol, é preciso observar as mesmas cautelas. Esta molestia não se apanha com o sol fóra: «só se apanha á noite ou de manhã cedo, e com o estomago vazio».

Nos logares malleteiros, além desses cuidados, será de summa prudencia usar-se, como couraça contra qualquer golpe da sorte, de uma ou duas perolas de sulfato, do dr. Clertan, de manhã, ao meio dia e á tarde. Fazer ao mesmo tempo nessas circumstancias, grande uso de café simples e forte.

Febre das crianças de tenra edade.—Succede commummente a uma indigestão ou a um desarranjo qualquer do estomago e intestinos. Administrar um laxante brando como uma colherinha de chá de citrato de magnesia effervescente em um copinho d'agua, de duas em duas horas. Ou 4 a 5 gottas de tintura de meimendro em um pouco d'agua fria, de hora em hora ou de duas em duas horas. Dieta severa. Não consentir que a criança mame demais.

Ferimentos.—Sendo por instrumento bem cortante, o golpe simples, e não havendo hemorrhagia, approximar os bordos da ferida, depois de bem lavada com agua, um pouco de phenol e um pouco de agoardente, e applicar tiras de sparadeapo (depois de aquecidos á chamma de uma vella) para conter unidos os labios da ferida. Havendo muita hemorrhagia, estancar o sangue com um pacho de algodão bem ensopado em perchlorureto de ferro. Havendo contusão, dilaceração de tecidos, esmagamento, depois de lavar bem com agua, agoardente e phenol, cobrir toda a superficie contusa, e com todo o esmero para evitar o contacto do ar, com a seguinte formula:

Glycerina de amido	120 gram.
Coaltar saponinado	16 »

E' preciso applicar varias camadas de algodão, bem ensopado neste remedio, segurar o todo, sem aperto, porém bem justo, com uma tira de morim ou calicot, e não bolir no apparelho por espaço de 4 a 5 dias, a menos de indicação urgente.

Feridas nas pernas.—*Ulceras.* Sendo provenientes de bobas ou syphiles, dar internamente

Xarope de c. c. de laranjas. .	600 gram.
Iodureto de potassio	24 »
Citrato de ferro e quinina . .	1 »
Cognac	30 »

Tome uma grande colher de sopa de manhã, ao meio dia e á noite.

Ou o sublimado corrosivo da formula :

Sublimado corrosivo	20 centigram.
Ag. distil.	500 gram.
Tint. de quina	4 »
Acido hydrochlorico	7 gottas

Tome uma colher de sopa depois do almoço e do jantar.

Ao mesmo tempo trazer a ulcera bem asseada, lavando-a todos os dias com agua e sabão e um pouco d'aguardente, e applicar-lhe duas ou tres vezes ao dia a pommada de :

Precipitado branco	8 gram.
Banha	60 »
Acido benzoico	1 »

Se, como é mais commum, a ulcera fôr proveniente de um temperamento escrophuloso ou lymphatico, tomará internamente o xarope de Le Goux (veja *Escrophulas*), e se applicará em fios sobre a ferida, continuadamente, o oleo phenico camphorado :

Acido phenico	2 gram.
Camphora em pó	5 »
Alcool	0,50 (10 gottas)
Oleo d'amendoas	200 gram.

Aqueça para dissolver.

Se a ulcera fôr muito antiga e coberta de fungosidades, antes de qualquer applicação, é preciso cauterisa-la bem com

o lapis de nitrato de prata ou de chlorureto de zinco, por espaço de dous a tres minutos. Repouso prolongado na cama, com a perna levantada e apoiada sobre um travesseiro alto. Entreter a liberdade de ventre.

Se a ulcera estiver inflammada, antes de qualquer applicação, uma grande cataplasma de linhaça, bem ligada e bem humida, renovada de 12 em 12 horas, durante dous ou tres dias.

Se a ulcera fôr o que se chama um:

Formigueiro.—Cauterisar com o lapis pontiagudo de nitrato de prata ou de chlorureto de zinco todos os *olhos* da ulcera, levando a acção do cauterio o mais profundamente possivel; applicar ao depois o oleo phenico-camphorado. Internamente iodureto de potassio segundo a formula supra.

Furuncolo.—E' o que se chama vulgarmente um «leicenço, cabeça de prego, maldita, etc.» Meio de faze-lo abortar. Do momento que se perceba um pequeno olho, coberto ainda pela epiderme, destaca-se esta com um alfinete ou com o cabo de um palito, e, com a ponta do mesmo palito, bem adelgaçada e enrolada com uma mui fina camada de algodão, que se ensopa em uma ou duas gottas de phenol, cauterisa-se o fóco do pequeno tumor, introduzindo-se a ponta do palito até o fundo, isto é: cerca de um centimetro. Deve-se ter bem o cuidado de enrolar a fina camada de algodão de modo que a ponta do palito fique bem protegida e macia. Assim protegido o palito, cauterisa-se duas ou tres vezes seguidas, molhando-o de cada vez no phenol, com o mesmo algodão ou pondo-se outro.

Este mesmo tratamento é muito util igualmente para os leicenços já maduros. Previne-se, assim, muitas vezes o anthrax.

Gangrena.—Applicar pannos molhados em agua e phenol ou coaltar. Internamente, 30 ou 40 centigram de sulfato de quinina tres vezes ao dia. Na convalescença, fazer uso da quina Laroche.

Gastralgia.—*Dores de estomago voltando por accessos.* Na occasião das dores, administrar como palliativo 10 a 15 gottas de laudano em chá de folhas de larangeira. Como medicação curativa, um calix de «vinho tonico de quina e karuba», de Le Goux. Podendo-se attribuir as dores de estomago a uma fraqueza geral do organismo, á chlorose-anemia, á pobreza de sangue, como frequentemente acontece depois das febres intermittentes, depois de profusas hemorrhagias, ou de

molestias graves : fazer uso seguido do « vinho do dr. Cabanes », que contém quina, lacto-phosphato de cal e ferro e cascas de laranjas amargas. Se a gastralgia provier de indigestão, um vomitorio de poaya ; e, se ainda persistirem as dores de estomago, uma colherinha de xarope d'Ether de meia em meia hora. O doente póde egualmente tirar grande vantagem do uso das « perolas d'essencia de terebenthina » : duas depois de almoço, do jantar e á noite.

Como hygiene, alimentos leves e substanciaes ; não abusar do café ; diminuir muito, ou mesmo cessar inteiramente, o uso do cigarro e do charuto.

Hematuria. — *Ourinas sanguinolentas.* Suspeitar a pedra na bexiga. Veja *Cystite.*

Hemoptyse. — *Escarros de sangue.* Mais ou menos abundantes. Um dos mais seguros symptomas da phthisica pulmonar. O doente deve guardar o maior repouso e não fallar. Administrar-lhe duas ou tres doses, com intervallo de uma hora, da poção seguinte .

Acido sulfurico.	20 gram.
Essencia de terebenthina . .	10 »
Alcool	12 »

Misture lentamente, e com precaução, o acido com a essencia e ajunte o alcool.

Tome 12 a 20 gottas em uma chicara d'agua com assucar ; repetindo, preciso sendo.

Hemorrhagias.— Acompanhando o aborto, repouso absoluto na cama ; duas ou tres dóses de centeio espigado em pó (cada dóse de 50 centigram.); em seguida, uma perola de essencia de terebenthina com uma colher de xarope do perchlorureto de ferro, de hora em hora. Botijas d'agua quente embaixo dos braços ; cobrir bem o peito, os hombros e os pés ; cobrir levemente o ventre. Sendo forte a hemorrhagia, tirar os travesseiros, levantar os pés da cama, de modo que a cabeça da doente fique em nivel mais baixo. Depois do parto as mesmas applicações ; e, demais, comprimir fortemente o ventre com uma cinta larga e um travesseirinho fino. Para as outras hemorrhagias, veja *Ferimentos.*

Hemorrhoides.—Uma colher de sopa, de manhã e á noite, de electuario de enxofre ; pommada de Bagley. Para a cura radical, recorrer á cirurgia, que está hoje apta a practicar a operação, *sem sangue* e quasi *sem dôr*.

Hepatite.—Inflammação ou congestão do figado. Vinte a trinta sanguesugas no anus ; uma colher grande de citrato de magnesia effervescente em meio copo d'agua, de duas em duas horas ; pilulas azues ; dieta.

Hysteria.—Molestia longa e de difficil cura. Caracterisada por ataques de convulsões e por uma multidão de symptomas organicos moraes e intellectuaes, aberrações dos sentidos, etc., etc. Ferruginosos, bromureto de potassio, hydrotherapia ; muito exercicio muscular.

Meios preventivos.—Muito cuidado na educação das meninas e das moças ; dar-lhes occupações serias ; habitua-las ao trabalho util de qualquer genero ; reforma profunda na sua instrucção ; forte dóse de mathematicas e de sciencias naturaes ; musica, desenho, gymnastica nos collegios, passeios longos a pé e a cavallo ; prohibição absoluta de leitura de romances ; contrariar por todos os meios a tendencia para o luxo e para a fascinação das bagatellas ; evitar todas as occasiões de se desenvolver a vaidade, não conduzi-las a bailes antes de 16 annos feitos. Em summa, evitar por todas as fórmas a *ociosidade*, fonte perenne de todos os delirios, de todas as extravagações de imaginação.

Hystero-epilepsia.—Molestia que participa ao mesmo tempo da natureza da hysteria e da epilepsia. Os ataques tomam ordinariamente a fórma tetanica, com delirio ou obliteração passageira da consciencia. Esta molestia é facil de conhecer-se durante o ataque, do seguinte modo : calcando-se com a mão a região dos ovarios. O ataque cessa immediatamente.

E' preciso que todos saibam que nenhuma doente desta molestia se cura no seio de sua familia. E' preciso implacavelmente sequestra-la desse ambiente moral, em que os disvellos, os affagos e os carinhos, em excesso, actuam sobre o systhema nervoso da doente como um perfido veneno, e conduzi-la para o seio de uma familia estranha, que não dê accesso aos paes nem aos parentes ou amigas—e que conheça perfeitamente as regras de se impôr á obediencia.

Ahi será submettida ao tratamento de dous a tres choques d'agua fria por dia. E, á menor quebra de disciplina, á mais

leve manifestação de capricho ou mau humor, á mais ligeira sombra de desobediencia, é preciso puni-la com um choque de agua fria. Sem este rigor a doente está irremediavelmente perdida; acaba louca em um hospicio.

Além desses meios, a sciencia possue hoje um outro agente therapeutico de immenso effeito: é a «metallo-therapia», meio esse que só poderá ser posto em practica por um profissional.

Ictericia. — Amarellidão forte dos olhos, de toda a pelle do corpo, e das ourinas, que tambem podem ser pretas como café. E' indicio de perturbação das funcções do figado. Não havendo febre, limitar-se a laxantes brandos e repetidos, bebidas gazozas, dieta simples. De todos os remedios cazeiros o melhor é o succo fresco de picão, na dóse de meio calix a um calix de manhã, ao meio dia e á noite.

Ileus. — Veja **Colicas.**

Inchação geral do corpo ou **Anasarca.** — Resultando quasi sempre de uma constipação.

Em primeiro logar, um laxante de magnesia ou de oleo; em seguida, uma colher grande de sopa, de hora em hora da seguinte poção:

Agua distillada	150 gram.
Acetato d'ammonia	15 »
Dito de potassa	15 »
V.° emetico (vinho d'antimonio)	6 »
Oximel scillitico	12 »
Cognac	20 »
Espirito de Sylvius	6 »

Esta poção é um poderoso sudorifero. O doente se conservará, portanto, na cama. Nos dias seguintes trará flanellas no corpo e meias de lã. Dieta: leite, caldos de gallinha, canja de arroz.

Incontinencia d'ourinas, nocturna, das crianças. — Fazer uso seguido do vinho do dr. Cabanes. Não dar á criança chá ou café desde o fechar da noite, para evitar a plenitude da bexiga. E' inutil e deshumana qualquer ameaça de castigo.

A enfermidade desapparece por si mesma com os progressos da edade.

Indigestão.—Sobrevindo logo depois da comida; se fôr leve, administrar 4 a 5 gottas de tint. de noz-vomica em uma colher de vinho, ou duas perolas d'Ether, ou uma colherinha de espirito de Sylvius em uma pequena chicara de cha de laranja; ou um chá amargo qualquer, ou de gengibre. Se os symptomas forem mais serios, administrar um vomitorio de poaia ou tartaro. Ao depois tomar uma colher de magnesia fluida de hora em hora.

Sendo habitual ou muito frequente a indigestão, fazer uso da seguinte poção:

Ag. distil.	300	gram.
Quina Laroche	60	»
Tint. de noz-vomica	1	»
Ag. dos Carmelitas	6	»
Espirito de Sylvius	8	»
Licôr de longa vida	10	»
Xarope de c. c. de laranjas. .	30	»

Tome uma colher grande, de manhã, duas depois do almoço e do jantar, e uma á noite.

Nas crianças acontece muitas vezes que a indigestão só se manifesta muitas horas depois do jantar, a uma certa hora da noite, e fingindo perfeitamente um ataque de asthma ou de bronchite; é preciso estar-se previnido, para se administrar seguidamente um vomitorio de poaia á noite. Isto se dá sobretudo nas crianças que tiveram coqueluche; e, cada vez que a criança está com indigestão, parece que lhe voltou essa pertinaz molestia. Ter então muito cuidado com a alimentação da criança; faze-la usar, *ás colherinhas*, de chá, da receita aqui acima indicada, ou do vinho do dr. Cabanes nas comidas.

Insolação. — Chama-se assim um estado morbido, produzido pela acção directa, sobre a cabeça, de um sol excessivo. O doente cahe sem sentidos, o corpo largado, o rosto congesto como em uma congestão cerebral, a cabeça excessivamente quente, e a respiração muito embaraçada.

Administrar immediatamente um clyster com um gram. de sulfato de quinina, repetido duas horas depois, e pannos molhados em agua vinagrada sobre a cabeça.

Insomnia.—Não tomar café nem chá da India, nem matte, á tarde; não ceiar; tomar ao deitar uma ou duas colheres de:

Xarope de bromureto de potassio de H. Müre	250 gram.
Chloral (hydrato)	10 »

Laryngite—*Aguda.*—Tomar um escalda-pés, um sudorifico de: acetato d'ammonia, quatro grammos em uma boa chicara de chá de sabugueiro; sendo muito violentos e muito repetidos os accessos de tarde, tomar á noite, ao dormir 50 centigrammos de pós de Dower no mesmo chá de sabugueiro; mandar assoprar, por um canudo de taquara, uma pitada de taunino na garganta, duas vezes ao dia.

Chronica.—Fumar os cigarros de papel arsenicado.

Leicenço.—Veja **Furunculo**.

Leucorrhea ou **floures brancas.**—Póde provir de uma pobreza de sangue, de uma inflammação interna do utero, de ulcerações do collo, etc., etc. Exame medico pelo especulo; tratamento da anemia; injecções vaginaes adstringentes.

Mordedura de cobra.—Espremer, lavar rapidamente a ferida e cauterisa-la com manteiga de antimonio, ou com solução alcoolica d'acido phenico, ou com tintura de Iodo. Internamente, dar, sem demora, 12 a 15 gottas da mesma tintura de Iodo em meio copo d'agua; 8 a 12 gottas uma hora depois; 6 a 8, duas horas mais tarde. Em seguida uma poção excitante como:

Agua	150 gram.
Acetato d'ammonia.	12 »
Cognac	50 »
Espirito de Sylvius	5 »

Tome uma colher de meia em meia hora.

Na falta de tintura de Iodo, serve com vantagem o alcali volatil: 6 a 8 gottas em um copo d'agua, para beber em tres dóses approximadas.

Se o dente da cobra tiver penetrado profundamente, convém, logo depois da mordedura, rasgar um pouco a pelle com a ponta de um canivete, para dar mais facil sahida ao sangue, que acarreta assim grande parte do veneno. Um remedio popu-

lar e que é realmente bom, é o seguinte: mercurio de matar bichos, meia pitada; caldo de limão, uma pequena chicara: para beber de uma vez. Na falta de todo o recurso, deve-se queimar resolutamente a ferida com uma boa brasa de fogo.

Mordedura de cão damnado. — Lavar bem a ferida e cauterisa-la profundamente com a pedra infernal. Este meio é infallivel, mesmo applicado algumas horas depois do accidente. Tres dias seguidos, um purgante de citrato de magnesia.

Nevralgia. *Da face.*—Quasi sempre é o resultado de constipação e de um dente cariado. Internamente, tomar 30 a 40 centigrammos (6 a 8 grãos) de sulfato de quinina, em pilulas, de manhã, ao meio dia e á noite. Applicar na cova do dente um pouco de chloral em pó e cobri-la com cêra da terra.

Nevralgia intercostal: a mesma dóse de sulfato de quinina e um grande synapismo sobre a dôr. Não podendo o doente dormir por causa da dôr, administrar-lhe á noite, e com o estomago vazio, uma pilula de:

Extracto de meimendro. . . .	10	centigram.
Dito thebaico	8	»
Lactucario	15	»

F. s. a. tres pilulas.

Olhos (molestia de).—*Hemeralopia ou cegueira á noite.* Frequente aqui no Brazil, entre os escravos de roça, e nas pessoas que trabalham todo o dia ao sol. O symptoma mais evidente é a cegueira sobrevindo diariamente, logo depois que o sol entra.

Tratamento: dar a comer ao doente, e em larga escala, figado de boi, de porco ou de carneiro, sob todas as fórmas. Fazer fumigações nos olhos com os vapores quentes de cosimento do mesmo figado, todas as noites, antes de dormir. Tomar, de manhã, ao meio dia e á noite, uma pilula de:

Citrato de ferro e quinina . . .	8	gram.

Para 36 pilulas.

Ophthalmia ordinaria ou **conjunctivite catarrhal aguda.**—Inflammação da conjunctiva, calor e peso nos olhos, com sensação incommoda de grão de areia; pouco depois, grande sensibilidade á luz, corrimento de sero-

sidade mais ou menos purulenta. Muito frequente nas creanças.

Tratamento : pachos de fio molhados em agua fria sobre os olhos; não deixa-los aquecer e molha-los continuamente, de cinco em cinco minutos.

Passados dez dias deste tratamento, applicar nos olhos 3 a 4 gottas da seguinte solução :

Ag. distilada	30 gram.
Sulfato de zinco	0,05 (5 centigr.)

Uma ou duas vezes ao dia.

Não applicar absolutamente remedio algum dentro dos olhos, antes de dez dias.

Opilação.—Para as pessoas delicadas, vinho do dr. Cabanes e pilulas de Vallet, duas antes do almoço e duas antes do jantar. Para os mais, pilulas de Blaud, duas de manhã, duas ao meio dia e duas á noite; vinho quinado depois das comidas.

Esta molestia é causada frequentemente pela presença, no intestino, de certos vermes, taes como o *anchilostoma* e o *dystoma hepaticum*. Nesse caso, antes de todo o tratamento expelli-los com :

Calomelanos	1 gram.
Extracto de fæto macho . . .	3 »
Aloes	0,10 (centigram).

Para 16 pilulas.

Tome, de manhã cedo, duas de 20 em 20 minutos. Ou com seis perolas de essencia de therebenthina, seguidas immediatamente de duas boas colheres de oleo de ricino, de manhã cedo.

Ouvido.—*Dores de ouvido. Otite. Otorrhea.* Para combater as dôres applique o seguinte :

Oleo d'amendoas doces . . .	30 gram.
Laudano de Sydenham . . .	6 »
Essencia de terebenthina . .	10 gottas

Aqueça o vidro em uma chicara de agua quente, e deite no ouvido.

Para combater o corrimento, seringar duas vezes ao dia com :

Agua distil.	100 gram.
Sulfato de zinco	0,30 (centigram.)
Acido phenico.	0,15 »

Para aquecer e seringar com delicadeza.

Ozena.—Ulcera no nariz. Applicar tres ou quatro vezes ao dia, com um pincel macio, o oleo phenico-camphorado, assim composto :

Acido Phenico	2 gram.
Camphora	2,50 (centigram.)

aqueça para dissolver e ajunte

Oleo d'amendoas	200 gram.

Papo ou **bócio.**—Xarope de Iodureto de potassio com cascas de laranjas amargas, de Larose. Applicar externamente tintura de Iodo.

Phtisiase. *Piolhos na cabeça.*—Lavar a cabeça com alcool camphorado.

Phtisica.—Muito antes dos symptomas flagrantes se declararem, póde-se suspeitar a molestia em um individuo, quando este apresenta pouco a pouco um notavel emmagrecimento dos hombros, contrastando com o resto do corpo. Se a este definhamento das espadoas se ajuntar uma pequena tosse sêcca, á especie de pigarro ; se sobretudo apparecerem escarros de sangue, febres e suores á noite, pela madrugada, não resta mais duvida, a molestia está confirmada. E' preciso submette-lo ao uso constante de um milligrammo de arsenico depois do almoço e do jantar, ao oleo de figado de bacalhau, e, quanto antes, envia-lo para os *campos do Jordão*, em Pindamonhangaba. Além das vantagens de um clima sem rival, ahi encontram hoje os doentes os confortos de uma casa de saude, sob a direcção immediata dos drs. Francisco Romeiro e Gustavo Godoy, ambos tão illustrados quão amenos de tracto e dedicados a seus clientes. E' preciso que os doentes ahi se demorem todo o verão, e que para lá voltem nos dous ou tres verões seguintes, conforme a gravidade do caso. Esta molestia engana muito: o doente se suppõe curado e não o está. Para lá devem ir bem munidos de flanella e de bom calçado.

Pleuriz.—E' a inflammação das membranas serosas, que envolvem os pulmões. Esta molestia bastante commum durante os mezes quentes, é ordinariamente confundida pelo povo com a pneumonia. Os symptomas são de facto quasi os mesmos. No pleuriz, porém, não ha escarros de sangue ; a tosse é mais viva, mais impertinente ; a *pontada* do lado é muito mais aguda ; o lado do peito affectado augmenta de volume, arredonda-se por causa do liquido seroso, que se derrama na cavidade da pleura. Quando o derramamento tem logar no lado esquerdo o coração é repellido para outro lado ; e, pondo-se a mão ou o ouvido sobre o seu logar do costume, ahi não o encontramos.

O tratamento geral do pleuriz é o mesmo que o da pneumonia : com a differença muito importante, entretanto : é que a cirurgia muito póde fazer no pleuriz, nos casos graves, pela applicação do *aspirador Dieulafoy*, para extrahir o liquido que comprime os pulmões e ameaça, assim, matar o doente por asphyxia. Deve-se recorrer a este meio todas as vezes que o embaraço da respiração põe a vida do doente em perigo.

Pneumonia.—Inflammação do pulmão propriamente dito. Grande febre, dôr de cabeça intensa, escarros de sangue ou côr de tijolo, tosse e embaraço respiratorio.

Tratamento. Logo no começo, dar um escalda-pés ao doente, e faze-lo tomar immediatamente depois do pediluvio a seguinte poção sudorifica :

Ag. distil	150 gram.
Acetato d'ammonia . . .	16 »
Dito de potassa	18 »
V.° emetico (vinho d'antimonio) .	8 »
Laudano de Sidenh.	1 »
Espirito de Sylvius	4 »
Cognac	15 »
Xarope diacodio.	20 »

tome uma colher de sopa de meia em meia hora.

Durante os cinco ou seis dias seguintes, applique as pilulas de

Sulfato de quinina	4 gram.
Acido sulfurico	2 gottas

para 18 pilulas.

Tome duas de manhã, duas ou tres ao meio dia, e duas ou tres á noite.

Passado o periodo de maior cuidado da febre, administre-se a seguinte poção :

Decocção de polygala	500 gram.
Tartaro emetico	0,10 (centigram.)
Laudano	20 gottas
Xarope de Tolu	30 gram.

tome uma colher grande de hora em hora.

E' preciso zelar-se sobre a perfeita liberdade de ventre ; e necessario sendo, administra-se, de manhã cedo, 4 colheres grandes de citrato de magnesia effervescente em um copo de agua morna, ou uma colher de sal amargo.

Dieta : caldos de gallinha e leite. Havendo febre intensa, deve-se permittir ao doente café simples forte, sendo muito moderada a febre, e o doente fraco, é bom conceder-lhe meio calix de vinho do Porto depois dos caldos.

Para terminar o tratamento, emfim, o doente tomará, de manhã, ao meio dia e á noite, um copinho (de martellinho) da poção seguinte :

Agua de alcatrão	800 gram.
Xarope de Tolu	100 »
Dito de Codeina	100 »
Cognac	50 »
Laudano	1 »

Se a molestia desde o principio, appresentar um caracter pernicioso, dever-se-ha tracta-la, como se fosse uma febre perniciosa simples, isto é : um ou dous grammos de sulfato de quinina de manhã, um grammo ao meio dia e um grammo á noite.

Prisão de ventre.—Uma ou duas pilulas de Ayer' todas as manhãs ; ou, melhor ainda, um grande copo de mesa de agua de Friedrickshall, amornado com um pouco d'agua fervendo,

Prolapso do recto, nas creanças.—Estenda-se sobre um panno o seguinte pó :

Tannino	10 gram
Colophana em pó	8 »
Borax	4 »

Misture e faça um pó finissimo.

e, com o panno assim preparado, faça-se recolher o anus, operando este movimento de modo que a mucosa entre carregada da maior porção possivel do remedio. Depois de recolhido o intestino, demore-se a mão sobre o anus, para impedir que os esforços da creança o façam de novo sahir.

Pustula maligna. Veja **Carbunculo.**—Cauterisação prompta e energica com o accido phenico puro, ou o chlorureto de zinco, ou a manteiga de antimonio, ou o ferro em braza. Internamente, sulfato de quinina, na dóse de 40 centigram. tres vezes ao dia ; e laxantes.

Queimaduras.—Applique-se immediatamente sobre ellas pannos ensopados na seguinte solução :

Bicarbonato de soda	30 gram.
Ag. distillada	150 »

Rachaduras do seio.—Tocar as rachas com um lapis de nitrato de prata por espaço de um minuto. Nos dias seguintes applicar o seguinte unguento :

Glycerina	30 gram.
Acido phenico	6 gottas
Camphora em pó	0,50 (centigram.)
Tint. de Benjoin	2 gram.

Raio.—Póde-se salvar um grande numero de pessoas feridas pelo raio, e que parecem mortas, fazendo-lhes immediatamente fortes esfregações, sobre o espinhaço, de vinagre ou agua de Colonha ; pondo-se-lhe sal na bocca ; applicando-se-lhes sinapismos nas pernas e um clyster de fumaça de fumo, ou de sal, agua e vinagre ; e dando-lhes, emfim, a cheirar vinagre, ou espirito d'ammonia, ao mesmo tempo que um ajudante opéra a respiração artificial, como para os affogados. Veja « asphyxia ».

Retenção de ourinas.—Não temos remedio algum de confiança contra este perigoso accidente, nos velhos com especialidade. O unico recurso é chamar o medico, que extrahirá a ourina por meio da sonda. E, se por qualquer obstaculo do canal não fôr possivel fazer penetrar a sonda na bexiga, deverá sem demora extrahir a ourina pela barriga, por meio do «aspirador Dieulafoy», operação esta que não faz correr o menor risco ao doente.

Rheumatismo articular. Agudo.—Sendo o doente robusto, tomará um copinho (de martellinho) de duas em duas horas, da seguinte poção:

Agua distillada	800 gram.
Acido salicylico	10 »
Bicarbonato de soda. . . .	10 »
Nitro	2 »

Usar deste medicamento durante oito a dez dias.

Chronico.—Tomará o doente de dous a quatro grammos de iodureto de potassio ao dia, em agua fria. Trará flanella no corpo, e usará de banhos sulfurosos.

Ruptura. *Hernia estrangulada.*—Toda a vez que uma hernia se estrangular, não se deverá por fórma alguma tentar recolhe-la. Este cuidado é da exclusiva competencia do medico. A mais leve imprudencia nas tentativas de reducção póde accarretar a gangrena do intestino e comprometter o successo da operação, que póde tornar-se urgente de um momento para outro. Emquanto não chega o medico, administre-se ao doente 10 centigrammos de calomellanos de 15 em 15 minutos ou 10 gottas de laudano ou uma dóse unica.

Sapinhos.—Molestia propria das creanças de peito. Ataca a lingua e todo o interior da bocca, sob fórma de vesiculas brancas, á maneira de grumos de leite coalhado. Combate-se facilmente, tocando-se varias vezes ao dia todas as partes affectadas com um pedacinho de panno molhado na seguinte solução:

Glycerina.	30 gram.
Borax	4 »
Acido phenico	2 gottas

Sarampo.—Symptomas. Depois de tres a cinco dias de febre, vermelhidão dos olhos, defluxo do nariz, tosse, apparece uma erupção de pelle, caracterisada por um sem numero de pequenas manchas vermelhas, ligeiramente salientes, á semelhança de mordeduras de pulgas, separadas umas das outras por pequenos intervallos em que a pelle conserva sua côr natural. A erupção começa pelo rosto e desce successivamente pelo pescoço, peito, braços, costas, ventre e as extremidades inferiores. Algumas vezes a erupção apparece sem febre. Outras vezes custa a mostrar-se e é acompanhada de bronchite forte.

Tratamento. Chás quentes de sabugueiro ou poejo. Havendo muita tosse, uma colherinha da poção seguinte :

Agua de herva doce	60 gram.
Xarope de ipecacuanha . . .	30 »
Acetato d'ammonia	1 »
Vinho emetico	1 »
Laudano	4 gottas
Carbonato d'ammonia. . . .	0,50 centigr.

Agazalhar bem a creança durante e ainda muitos dias depois da erupção, afim de evitar os accidentes secundarios, taes como a albuminuria, a degenerescencia dos rins, a hydropesia, a phthisica, etc., etc.

Quando a descamação da pelle estiver terminada, administrar um laxante de oleo de ricino com leite e canella, que se prepara da seguinte fórma : põe-se um pedaço de canella em casca em uma chicara de leite, faz-se ferver, ajunta-se assucar e uma ou duas colherinhas de oleo emquanto quente, despeja-se tudo em um vidro, vascoleja-se até o oleo desapparecer, e dá-se assim á creança, que o toma com prâzer, suppondo beber uma gemmada.

Sarnas.—Molestia de pelle, produzida pela invasão de um parasita, o *acarus*. Cura-se com facilidade em cinco minutos, do seguinte modo : esfregue-se o corpo do doente com esta pommada liquida :

Oleo d'amendoas	60 gram.
Essencia de terebenthina . .	40 »
Bi-sulfureto de carbone . . .	8 »
Essencia de limão	4 »

Em seguida o doente entra em um grande banho geral, e ensaboa todo o corpo com sabão de cinza. Passa immediatamente para um outro banho d'agua morna simples, e veste roupa *ainda não occupada*. E' preciso, sob pena de voltar a molestia, fazer ferver toda a roupa occupada pelo doente em agua simples ou com cinza.

Sezões.—Veja *Febres*.

Syphiles.—Veja *Cancros venereos*.

Solitaria.—A melhor preparação contra este parasita é a seguinte:

Extracto de fæto macho . . .	3 gram.
Kousseina	0,50 centigram.
Calomelanos	1 gram.
Aloes	0,10 centigram.

para 16 pilulas.

Tome duas de 10 em 10 minutos, de manhã cedo.

Tetano.—Administra-se ao doente uma colher grande, de xarope d'ether, de hora em hora.

Torcicollo.—Provém de resfriamento ou de um mau geito no pescoço. A dôr, ao menor movimento, obriga o doente a conservar o pescoço inclinado para um lado.

Applique-se no pescoço rudes fricções com

Linimento camphorado . . .	400 gram.
Essencia de terebentina . . .	100 »
Ammonia liquido	8 »
Laudano	50 »

para applicar tres vezes ao dia.

Internamente, administre-se uma pilula de manhã, ao meio dia e á noite, da fórmula seguinte:

Extracto thebaico	30 centigram.
Xarope simples Pó d'althea	ã. ã. q. s.

para 20 pilulas.

Tumor.—Veja *Abcesso*.

Typho.—Veja *Febres*.

Ulceras.—Veja *Feridas nas pernas*.

Unheiro.—E' preciso absolutamente arrancar, ou extinguir com o cauterio, todas as porções doentes da unha. Emquanto existir uma pequena raiz affectada, é inutil teimar-se em applicar unguentos e pommadas: o mal não cede senão sob o bistouri ou o thermo-cauterio.

Vermes intestinaes.—Veja a fórmula indicada nas *convulsões das creanças.*

Vomitos.—Se forem provenientes de uma fraqueza simples do estomago, use-se da formula:

Ag. distil.	300 gram.
Quina Laroche	60 »
Ag. dos Carmellitas	4 »
Tint. de noz-vomica	8 gottas
Espirito de Sylvius	6 gram.
Licôr de longa vida	10 »

para tomar meio calix de manhã, depois do almoço, do jantar e á noite.

Vomitos das creanças de peito.—Se forem muito repetidos, se houver, sobretudo alguma reacção febril, ou uma inflammação evidente do estomago, accompanhada ou não de diarrhea, administra-se de meia em meia hora um papellinho, da seguinte fórmula:

Calomellanos	5 centigram.
Carbonato de cal lavado	15 »
Pós de Dower	5 »
Assucar	q. s.

para dividir em dez papeis.

Mas o primeiro cuidado deve consistir em não dar o peito á creança, senão depois de cessada a irritação de estomago. Consegue-se isto dando-lhe de quinze em quinze minutos uma colherinha de cosimento de cevada; ao depois uma colherinha de leite de meia em meia hora; em seguida duas, tres e assim por deante. As mães devem-se convencer que a creança, neste estado, procura a todo o momento mamar, *não por fome, mas sim, por sêde.* Não é, portanto, de leite que precisa, mas tão sómente d'agua. Esta molestia em si não tem a menor gravidade. O que é difficil vencer é a desobediencia das mães aos conselhos do medico. E' por causa desta desobediencia que morrem annualmente centenares de creanças. E' aqui que se mostra em toda a sua grandeza social a vantagem, para as futuras mães de familia, de uma esmerada educação. Nenhum espectaculo é mais doloroso para o medico do que o vêr succumbir uma innocente creança por insufficiencia mental de sua mãe!

FIM.

O MAIOR LABORATORIO HOMŒOPATHICO

DA

AMERICA DO SUL

47--Rua da Quitanda--47

(ANTIGO 53)

RIO DE JANEIRO

PROPRIETARIO E FUNDADOR

A. G. DE ARAUJO PENNA

Unico estabelecimento deste genero premiado nas exposições nacionaes de 1873 e 1875; com dois diplomas na exposição internacional do Chile de 1876; e com medalha de honra na exposição de Philadelphia, pela pureza e perfeição de seus productos, fornecedor da enfermaria homœopathica do SS. Sacramento, creada pela Santa Casa de Misericordia, e de muitos estabelecimentos de caridade e pharmaceuticos, especiaes e mixtos; possuindo valiosos attestados dos mais conceituados medicos homœopathas e elogiado por toda a imprensa da Côrte.

A. G. de Araujo Penna acaba de reformar seu grande laboratorio enriquecendo-o com as ultimas descobertas da sciencia medica homœopathica, tanto com novos remedios importados da Europa e dos Estados-Unidos, como com livros recentemente publicados no paiz e no estrangeiro, podendo fornecer por preços modicos, não só a particulares como a outros estabelecimentos, visto receber tudo em grande escala e directamente do estrangeiro.

Completo sortimento de ricas caixas de todos os tamanhos, contendo medicamentos em tinturas, globulos ou pilulas; tinturas mães e triturações de todos os medicamentos indigenas e exoticos; chocolate homœopathico; livros de medicina homœo-

pathica, em portuguez, francez e inglez : opodeldocs de bryonia, rhus, arnica e guaco, para rheumatismo, e tudo que pertence á homœopathia.

Preços correntes

MEDICAMENTOS EM TINTURAS

1 Frasco de 15 grammas	1$000
1 Botica com 12 medicamentos	15$000
1 Botica com 24 medicamentos	24$000
1 Botica com 32 medicamentos	28$000
1 Botica com 36 medicamentos	32$000
1 Botica com 48 medicamentos	40$000
1 Botica com 60 medicamentos	50$000
1 Botica com 120 medicamentos	80$000
1 Botica com 240 medicamentos	140$000

MEDICAMENTOS EM GLOBULOS

1 Tubo de qualquer medicamento	1$000
1 Botica com 12 medicamentos	10$000
1 Botica com 24 medicamentos	15$000
1 Botica com 32 medicamentos	20$000
1 Botica com 36 medicamentos	23$000
1 Botica com 48 medicamentos	26$000
1 Botica com 60 medicamentos	30$000
1 Botica com 120 medicamentos	50$000
1 Botica com 240 medicamentos	90$000

MEDICAMENTOS EM GLOBULOS GRANDES (PILULAS)

1 Frasco de qualquer medicamento	1$000
1 Botica com 12 medicamentos	12$000
1 Botica com 24 medicamentos	20$000
1 Botica com 32 medicamentos	24$000
1 Botica com 36 medicamentos	28$000
1 Botica com 48 medicamentos	38$000
1 Botica com 60 medicamentos	42$000
1 Botica com 120 medicamentos	60$000
1 Botica com 240 medicamentos	100$000

Uma botica completa com medicamentos em globulos e tinturas, e altas dynamisações, tinturas para applicações externas, vidros e tubos de sobresalente, em rica caixa de madeira de lei, propria para medico ou fazendeiro, 200$000.

Phenolina Penna

Remedio poderoso para dòr de dentes.

Uma gotta faz acalmar immediatamente a dòr de dentes mais desesperada, 1 frasco 2$000.

Obras homœopathicas em portuguez

DR. COCHRANE.—Medicina domestica homœopathica ou guia pratica da arte de curar homœopathicamente ; 6.ª edição correcta e consideravelmente augmentada, 2 grossos volumes bem encadernados com mais de 1,500 paginas 16$000

DR. SABINO —Thesouro homœopathico ou Vademecum do homœopatha. Methodo conciso, claro e seguro de curar homœopathicamente todas as molestias que affligem a especie humana, particularmente aquellas que reinam no Brazil. 3.ª edição consideravelmente augmentada e melhorada ; 2 vols. (formando um só livro) 20$000

DR. BRUCKNER.—Pequeno guia homœopathico, contendo as indicações necessarias para o emprego dos principaes remedios homœopathicos nas molestias mais communs ; vertido do francez e muito ampliado por um medico brazileiro ; 2.ª edição augmentada com a pathogenesia do Cactus grandiflorus 1$000

Descripção e tratamento das febres exanthematicas (bexigas, sarampos, escarlatina, etc.) acompanhada de um artigo sobre a erysipela, lymphatite e preceitos da vaccinação 1$000

Descripção, hygiene e tratamento da febre amarella 500

Obras em francez

Bertholdi—Conseils d'um médecin homœopathique 3$000

BŒNNINGHAUSEN.—Manuel de thérapeutique-homœopathique 7$000

BOJANUS.—L'art medico-chirurgical en Russie 10$000

CATELLAN FRERES.—Almanack homœopathique, 1 vol. enc. 5$000

GUNTHER.—Nouveau manuel de médecine vétérinaire homœopathique 6$000

HARIMANN. — Thérapeutique homœopathique des maladies des enfants, 1 vol. enc. 8$000

HARTLAUB.—Le médecin homœopathique des enfants 1$000

HÉRING.—Médecin homœopathique domestique 7$000
JAHR ET CATELLAN.—Nouvelle pharmacopée homœopathique 7$000
JAHR.—Nouveau manuel de médicine homœopathique, 4 vols. 16$000
PROST LACUSON et H. BERGER.—Dictionnaire vétérinaire homœopathique 6$000
PROST LACUSON—Formulaire pathogénétique usuel 1 vol. enc. 6$000
LANDRY.—L'homœopathie vulgarisée 3$000
LÉON SIMON FILS.—Des maladies vénériennes et de leur traitement homœopathique, 1 vol. enc. 7$000
MOLINARI.—Guide de l'homœopathiste, 1 vol. enc. 3$000
NOACK.—Guid homœopathique 4$000
P. JOUSSET.—Eléments de médecine pratique contenant le traitement homœopathique de chaque maladie, 2 vols. enc. 15$000
T. ORIARD.—L'homœopathie mise á la portée de tout le monde, 1 vol. enc. 5$000
TESTE.—Traité homœopathique des maladies aigues et chroniques des enfants 5$000
WEBER.—Codex des médicaments homœopathiques 6$000

A marca é a mesma do annuncio a p. 23

Todos os productos do laboratorio de A. G. Araujo Penna, levam a sua marca, registrada no meretissimo Tribunal do Commercio, como garantia de sua pureza e salvaguarda contra as imitações fraudulentas.

O almanach Hahnemannianno descreve minuciosamente todos os productos da especialidade de nosso laboratorio; remettemos gratuitamente a quem nos pedir.

Rogamos aos srs. medicos, fazendeiros e em geral a todos os sectarios da nova medicina, que quando tenham necessidade de sortir-se de medicamentos homœopathicos genuinos, dirijam seus pedidos directamente a

A. G. DE ARAUJO PENNA

47—RUA DA QUITANDA—47

RIO DE JANEIRO

AGENTE EM S. PAULO

O sr. dr. A. J. Monteiro de Mendonça.

1878—Typographia da «Provincia de S. Paulo».

011708

Governo do Estado de São Paulo
Governador José Maria Marin

Casa Civil
Secretário Calim Eid
Imprensa Oficial do Estado

Secretaria de Estado da Cultura
João Carlos Martins
Arquivo do Estado

Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo